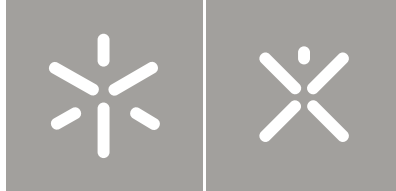


Universidade do Minho
Instituto de Educação

Lara Juliana Vaz da Cruz

(IN)Forma-te, Reflecte, Previne-te!

Lara Juliana Vaz da Cruz (IN)Forma-te, Reflecte, Previne-te!



Universidade do Minho
Instituto de Educação

Lara Juliana Vaz da Cruz

(IN)Forma-te, Reflecte, Previne-te!

Relatório de Estágio
Mestrado em Educação
Área de Especialização em Educação de Adultos e
Intervenção Comunitária

Trabalho efectuado sob a orientação da
Professora Doutora Fátima Maria Bezerra Barbosa

Agradecimentos

A realização deste estágio só foi possível através da força e do apoio prestados por vários amigos e colegas. Assim, queria agradecer imenso a todos eles pela motivação que me deram ao longo do estágio.

Agradeço à Doutora Fátima Barbosa, pela orientação, pela disponibilidade, pelo esclarecimento de dúvidas, enfim, por ter sido sempre incansável ao longo do ano lectivo, por me ter feito crescer enquanto profissional e enquanto pessoa.

À Dra Teresa Sofia Silva, minha acompanhante da instituição, que me esclareceu todas as dúvidas que levantei, pela troca de experiências, por me colocar sempre à vontade, por ter sido sempre receptiva, disponível, compreensiva e incansável, ao longo de todo o meu estágio, por me ajudar a aperfeiçoar, cada vez mais, o meu papel enquanto Técnica de Apoio à Vítima.

Às minhas colegas de estágio e voluntárias na APAV: Diana, Ângela, Margarida, Marta, Raquel e Vera, que reuniram as condições necessárias propícias a que se gerasse um bom ambiente ao longo de todo o estágio.

Às minhas amigas e prima, Helena, Madalena, Daniela e Vera, que sempre muito contribuíram para que eu seguisse em frente nos momentos mais difíceis.

A todos os responsáveis das instituições, nas quais desenvolvi as minhas intervenções, sem a permissão dos quais o meu trabalho não poderia ter sido realizado. A todos eles um muito obrigado pela confiança e oportunidade que me deram.

Aos meus pais, por todo o apoio, principalmente, a nível financeiro, à minha irmã, pela paciência e disponibilidade prestadas e à minha sobrinha, que tornou animados todos os momentos de trabalho intenso.

(IN)Forma-te, Reflecte, Previne-te!

Lara Juliana Vaz da Cruz

Relatório de Estágio

Mestrado em Educação – Educação de Adultos e Intervenção Comunitária

Universidade do Minho

2011

Resumo

O presente trabalho parte de um estágio de natureza profissional, no âmbito do Mestrado em Educação – Área de Especialização em Educação de Adultos e Intervenção Comunitária. O referido estágio foi realizado na APAV – Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, em Braga, tendo por base um projecto de intervenção, assente na Educação de Adultos. Este projecto visa consciencializar e sensibilizar o público-alvo para a problemática da violência, nos seus mais diversificados contextos: violência doméstica, violência contra idosos, violência escolar, bullying, violência familiar e crimes na estrada, que não deixam de ser uma outra forma de violência. Toda esta tentativa de informar, alertar e prevenir comportamentos violentos na população, foi feita, essencialmente, através de campanhas de sensibilização, palestras, distribuição de folhetos informativos e a criação de um blog acerca das diferentes formas de violência. Para além de tudo isto, este estágio também passou pelo atendimento personalizado a todo o tipo de vítimas de crime que pela instituição passaram, numa tentativa de aconselhar, de mudar mentalidades e de apresentar possíveis soluções a cada problema em particular. De forma a conseguir sustentar a informação transmitida através das campanhas, palestras e dos folhetos informativos, baseei-me na consulta de vários estudos feitos sobre os diferentes tipos de violência, aos quais faço referência. Os resultados finais obtidos, fruto da avaliação das acções de sensibilização e prevenção por mim desenvolvidas, resultam da aplicação de inquéritos ao público-alvo, acerca de cada uma das temáticas abordadas sobre a problemática.

(IN)Forma-te, Reflecte, Previne-te!

Lara Juliana Vaz da Cruz

Professional Practice Report

Master in Education – Adult Education and Community Intervention

University of Minho

2011

ABSTRACT

The present work follows a professional internship, carried out as part of a Master's Degree in Education - Specialization in Adult Education and Community Intervention. The aforementioned internship was conducted at APAV - Portuguese Association for Victim Support, in Braga, concerning an intervention project based on Adult Education. This project aims to raise awareness and sensitize the target population to the problem of violence, in its most diverse contexts: domestic violence, violence against the elderly, school violence, bullying, family violence and road traffic crime, which, in reality, constitutes another form of violence. All this effort to inform, alert and prevent violent behaviours within the population was made essentially by means of awareness campaigns, lectures, distribution of informative pamphlets and the creation of a blog about the different forms of violence. Besides all of this, this internship also comprised providing personalized care to all kinds of crime victims that contacted the institution, in an attempt to advise, change mentalities and present possible solutions for each particular problem. In order to support the information transmitted through the campaigns, lectures and informative pamphlets, I have relied on the consultation of several studies conducted on the different types of violence I will be addressing. The final results obtained, fruit of the assessment of the awareness and prevention actions I have developed, are the result of the conduction of surveys within the target population, regarding each one of the approached themes on the issue.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO CONTEXTUAL DE ESTÁGIO.....	3
1.1. Caracterização da Instituição.....	3
1.2. Organograma da APAV.....	8
1.3. Caracterização do Público-Alvo.....	9
1.4. Diagnóstico de Necessidades/Interesses.....	9
1.5. Finalidade e Objectivos de Intervenção/Problema de Investigação.....	10
1.5.1. Finalidade.....	10
1.5.2. Objectivos Gerais.....	10
1.5.3. Objectivos Específicos.....	10
CAPÍTULO II – ENQUADRAMENTO TEÓRICO DA PROBLEMÁTICA DE ESTÁGIO.....	11
2.1. Referência a Outras Investigações sobre o Tema.....	11
2.2. Exploração das Correntes Teóricas.....	15
2.2.1. A Violência nas Relações de Intimidade: Violência no Namoro e Violência Doméstica.....	15
2.2.2. Bullying, Violência Escolar e no Meio Familiar.....	25
2.2.3. Violência contra Idosos.....	35
2.2.4. Crimes Rodoviários: Uma Outra Forma de Violência.....	41
CAPÍTULO III – ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO DO ESTÁGIO.....	46
3.1. Definição do Paradigma de Intervenção.....	46
3.2. Selecção do Método e Técnicas de Intervenção.....	47
3.3. Apresentação do Plano de Tratamento e Análise de Dados.....	50

CAPÍTULO IV – APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DO PROCESSO DE INTERVENÇÃO.....	53
4.1. Recursos Necessários à Intervenção.....	53
4.2. Descrição das Actividades de Intervenção Desenvolvidas.....	53
4.3. Calendarização da Intervenção (Novembro a Junho).....	57
4.4. Discussão dos Resultados Obtidos.....	59
CAPÍTULO V – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	79
BIBLIOGRAFIA.....	82
APÊNDICES.....	86
I. Material sobre bullying.....	87
II. Material sobre bullying.....	90
III. Material sobre violência familiar e escolar.....	95
IV. Material sobre violência familiar e escolar.....	100
V. Material sobre violência doméstica e violência no namoro.....	102
VI. Material sobre violência doméstica.....	107
VII. Material sobre violência no namoro.....	110
VIII. Material sobre crimes na estrada.....	111
IX. Material sobre violência contra idosos.....	115
X. Inquéritos aplicados na APAV.....	122
XI. Gráficos (análise dos resultados).....	125

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1.....	59
Gráfico 2.....	60
Gráfico 3.....	60
Gráfico 4.....	61
Gráfico 5.....	62
Gráfico 6.....	62
Gráfico 7.....	63
Gráfico 8.....	64
Gráfico 9.....	64
Gráfico 10.....	65
Gráfico 11.....	66
Gráfico 12.....	67
Gráfico 13.....	68
Gráfico 14.....	68
Gráfico 15.....	69
Gráfico 16.....	70
Gráfico 17.....	70
Gráfico 18.....	71
Gráfico 19.....	71
Gráfico 20.....	72
Gráfico 21.....	72
Gráfico 22.....	73
Gráfico 23.....	73
Gráfico 24.....	74
Gráfico 25.....	74
Gráfico 26.....	75
Gráfico 27.....	76
Gráfico 28.....	76
Gráfico 29.....	77
Gráfico 30.....	78
Gráfico 31.....	78

Siglas utilizadas

APAV – Associação Portuguesa de Apoio à Vítima

ATL – Actividades dos Tempos Livres

ONU – Organização das Nações Unidas

GAV – Gabinete de Apoio à Vítima

PTSD – Perturbação de Stress Pós-Traumático

DGV – Direcção Geral de Viação

OMS – Organização Mundial de Saúde

GNR – Guarda Nacional Republicana

CIG – Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género

IRS – Instituto de Reinserção Social

DIAP – Departamento de Investigação e Acção Penal

GPS – Sistema de Posicionamento Global

NIAVE – Núcleos de investigação e Apoio a Vítimas Específicas

INE – Instituto Nacional de Estatística

IDT – Instituto de Droga e Toxicodependência

EFA – Educação e Formação de Adultos

PSP – Polícia de Segurança Pública

TAV – Técnico de Apoio à Vítima

INTRODUÇÃO

Com o presente Plano de Estágio, pretendo dar a conhecer o meu papel na passagem pela instituição que seleccionei para a realização do estágio, a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), de Braga.

Sendo a APAV uma instituição que auxilia vítimas dos mais diversificados tipos de crime, e tendo em conta que as vítimas que por lá passam estão muito fragilizadas e nem sempre se encontram dispostas a dar continuidade aos processos de apoio que iniciam, bem como ser uma tarefa difícil cativá-las para aderirem a actividades que as ajudem a ultrapassar os problemas e a reorganizarem os seus projectos de vida de forma autónoma, optei por levar esta realidade, este mundo de violência, aos mais diversificados tipos de público: crianças, adolescentes, jovens e adultos, apostando em acções de sensibilização e prevenção sobre os diferentes tipos de violência, do âmbito de actuação da APAV, em várias instituições: escolas secundárias, ATL, centros de saúde, segurança social, clínicas, entre outras.

Este estágio deu-me a conhecer, não só uma realidade dura, mas também a oportunidade de explorar uma problemática muito complexa e experimentar técnicas e métodos para analisar e dar resposta ao problema. Para tal, apoiei-me num vasto leque de conhecimentos teóricos, ou seja, nas perspectivas dos autores da literatura que me vêm acompanhando ao longo da minha formação académica e não só. Tudo isto deu lugar a uma reflexão mais profunda sobre a problemática da violência, acabando por gerar um conhecimento mais aprofundado sobre a mesma. Por este motivo, este trabalho foi bastante enriquecedor e crucial, pois permitiu-me adquirir muitas competências imprescindíveis para, mais tarde, poder ingressar no mercado de trabalho com mais experiência e maiores conhecimentos, enfim, com uma visão mais madura e crítica sobre o mundo que nos rodeia.

Assim, este relatório encontra-se dividido em cinco capítulos distintos. O primeiro, diz respeito ao enquadramento contextual da instituição, onde desenvolvi o meu estágio. Primeiramente, apresento uma caracterização aprofundada da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima. O tipo de instituição, a quem se destina, quais os seus serviços, como surgiu e a evolução histórica.

Faço também a caracterização do público-alvo e explico a relação da problemática tratada com a área de especialização deste Mestrado. De seguida, procedo ao diagnóstico de necessidades.

O segundo capítulo contempla o enquadramento teórico da problemática de intervenção. Assim, menciono outros estudos feitos, relativos à temática em análise, que tiveram os seus contributo para a minha intervenção.

No terceiro capítulo trato o enquadramento metodológico do estágio. Faço uma apresentação do paradigma de intervenção, dos métodos e técnicas aos quais recorri e explico as formas de avaliação do trabalho. Para além disto, também identifico os recursos que foram imprescindíveis para que as actividades previstas fossem desenvolvidas.

No capítulo quatro, explico as actividades desenvolvidas ao longo do estágio e articulo os resultados obtidos, tendo em conta os objectivos estipulados inicialmente. Procedo, ainda, à descrição das intervenções que realizei e à calendarização das mesmas. Finalmente apresento os resultados obtidos e faço uma breve análise dos mesmos.

O capítulo cinco é dedicado à análise crítica dos resultados e às suas implicações, bem como do impacto que este estágio teve.

CAPÍTULO I - ENQUADRAMENTO CONTEXTUAL DE ESTÁGIO

1.1. Caracterização da Instituição

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) é uma instituição particular de solidariedade social, pessoa colectiva de utilidade pública, que tem como objectivo estatutário promover e contribuir para a informação, protecção e apoio aos cidadãos vítimas de infracções penais.

É, portanto, uma organização sem fins lucrativos e de voluntariado, que visa apoiar, de forma individualizada, qualificada e humanizada, um leque muito diversificado de vítimas de crimes, através da prestação de serviços gratuitos e confidenciais.

A APAV, foi fundada em 25 de Junho de 1990, é uma instituição de âmbito nacional e a sua sede localiza-se em Lisboa.

Para a realização do seu objectivo, a APAV disponibiliza-se a:

- Proteger e apoiar vítimas de infracções penais, principalmente as mais carenciadas, através da informação, do atendimento personalizado e do encaminhamento, do apoio moral, social, jurídico, psicológico e económico;
- Colaborar com as entidades da administração da justiça, polícias, de segurança social, da saúde, bem como as autarquias locais, regiões autónomas e outras entidades públicas ou particulares de infracções penais e, obviamente, com as respectivas famílias;
- Estimular e promover a solidariedade social, através da formação e gestão de redes de voluntários e do mecenato social, bem como através da mediação entre a vítima e o infractor, assim como outras práticas de justiça restaurativa;
- Desenvolver e patrocinar a realização de investigação e estudos sobre os problemas da vítima, para uma maior satisfação dos seus interesses;
- Promover e participar em programas, projectos e acções de formação e sensibilização da opinião pública;
- Contribuir para a adopção de medidas legislativas, regulamentares e administrativas, que auxiliem na defesa, na protecção e no apoio à vítima de infracções penais, com o intuito de prevenir riscos de vitimização e diminuir os seus efeitos;
- Estabelecer contactos com organismos internacionais e colaborar com entidades que em outros países prosseguem fins análogos.

No que toca à visão da APAV, esta acredita e trabalha para que no nosso país o estatuto da vítima de crime seja reconhecido e valorizado. Relativamente à missão, esta é uma instituição que apoia as vítimas de crime, as suas famílias e amigos, prestando-lhes serviços gratuitos, confidenciais e de qualidade, contribuindo para o aperfeiçoar as políticas públicas, sociais e privadas concentradas no estatuto da vítima.

A APAV surgiu na tríade punitiva Estado-Infractor-Vítima, o vértice da Vítima de crime era, e é, o mais frágil. Muito embora o Código Penal, o Código de Processo Penal e a legislação penal avulsa concedessem à vítima um estatuto e direitos ímpares nos sistemas jurídicos comparados, não existia em Portugal nenhuma organização que apoiasse uma vítima de crime nem os seus familiares e/ou amigos.

Assim sendo, no início dos anos 80, alguns países começaram a debater a problemática da vítima de crime nos seus diferentes aspectos: o lugar da vítima no Direito Penal vigente em cada país, a organização das associações e serviços que forneciam apoio à vítima, as questões éticas e os problemas da vítima.

Como sabemos, as realidades jurídicas variam muito de país para país, de cultura para cultura, sendo que as escolhas no que respeita aos serviços públicos ou associações privadas também são diferentes. Contudo, as questões éticas e deontológicas na prestação de serviços às pessoas vítimas de crime são convergentes, assentando em alguns pilares essenciais:

- O apoio à vítima de crime era necessária e fundamental para equilibrar a comunidade e para promover paz no meio social;
- Cada vítima deve ser tratada de forma individualizada, já que a sua reacção ao crime e superação vivencial varia consoante cada caso;
- Os serviços devem ser gratuitos;
- O acesso aos serviços e a qualidade de resposta devem guiar-se pelo princípio da igualdade, não existindo lugar para qualquer tipo de discriminação.

Partindo destes princípios estruturantes, muitas organizações internacionais têm produzido instrumentos jurídicos muito importantes, que têm contribuído para a concretização de um conjunto de direitos indispensáveis da vítima de crime.

Em 29 de Novembro de 1985, a Assembleia Geral da ONU adoptou por unanimidade na sua 96ª Sessão Plenária, a Resolução 40/34 e anexos: Declaração dos Princípios Fundamentais de Justiça relativos às Vítimas de Crimes e de Abuso de Poder. Seguiram-se, então, as Resoluções 1989/57 e 1990/22, do Conselho Económico e Social, relativas à sua aplicação.

O Conselho da Europa adoptou diversas Recomendações durante a década de 80, nomeadamente, as Recomendações N.º Rec(85)11, de 28 de Junho sobre o estatuto da vítima na lei penal e processual penal e a Rec(87)2, de 17 de Setembro sobre a assistência às vítimas e a prevenção da vitimação, produzindo, também, vários documentos sobre o estatuto da vítima de crime.

No âmbito do Conselho da Europa foram celebradas as seguintes convenções entre os Estados Membros:

- Convenção Europeia Relativa à Indemnização a Vítimas de Crimes Violentos, que entrou em vigor na ordem jurídica portuguesa a 1 de Dezembro de 2001;
- Convenção Europeia para a Protecção dos Direitos do Homem e das Liberdades Fundamentais;

Para mais informações consulte: Gabinete de Documentação e Direito Comparado da Procuradoria-Geral da República.

É, pois, num contexto de uma significativa tomada de consciência dos direitos da vítima de crime, tendo por objectivo colmatar a inexistência estruturas de apoio a esta, que, por iniciativa de um grupo de 27 Associados Fundadores, nasceu a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima em 25 de Junho de 1990.

A APAV iniciou, então, a sua actividade, sob a direcção de uma Comissão Instaladora, de 1990 a 1994, ano em que se realizaram as primeiras eleições para a constituição dos seus órgãos sociais. Numa primeira fase da sua existência, apostou-se em duas linhas de acção: por um lado, a criação e manutenção de uma rede mínima de Gabinetes de Apoio à Vítima (GAV), apoiada numa rede de voluntariado social, por outro lado, a sua cooperação com outras instituições públicas e privadas.

Assim, em 1998, após oito anos de existência com sucesso, atingiu-se, com a realização das segundas eleições para os órgãos sociais e com a assinatura do Protocolo de colaboração e financiamento com os Ministérios da Administração Interna, do Trabalho e da Solidariedade e da Justiça (Diário da República, n.º 247/98, II Série, de 26 de Outubro), uma outra fase, a fase de maturidade da vida associativa, reunindo condições para o desenvolvimento e aprofundamento do projecto.

Com a preocupação de preparar a APAV para os novos desafios, surgiu uma necessidade de rever o modelo em vigor e de encontrar os parâmetros de adequação aos novos

contextos de funcionamento e de exigência, de forma a garantir as finalidades estatutárias da Associação e o planeamento de estratégias de desenvolvimento.

Por isso, o Plano Estratégico posicionou-se como um documento fundamental para o planeamento do desenvolvimento da Associação, identificando e consagrando grandes objectivos a atingir num horizonte temporal entre 3 e 5 anos. Esses objectivos que foram estipulados, foram desenvolvidos na vigência anual de cada Plano de Actividades de acordo com a Estratégia adoptada reflectindo-se em Plano Anual de Actividades nesse período, as prioridades constantes e prioridades específicas em cada ano. O Plano Estratégico revelou-se também num valioso instrumento de gestão, de marketing e de política associativa.

O 1º Protocolo com o Governo da República Portuguesa teve a vigência de 5 anos – 1998 a 2002. Os anos de 2003 e 2004 ficaram marcados pela crise financeira vivida pela APAV a propósito à não renovação do Protocolo com o Governo da República. As negociações para a revisão e celebração do novo Protocolo de colaboração e financiamento com o Estado arrastaram-se sem sucesso durante o XV e o XVI Governos Constitucionais. O financiamento proveniente deste Protocolo representa uma grande parcela do financiamento anual da APAV. Porém, a gravidade da crise financeira obrigou a esta instituição, a que em 22 de Fevereiro de 2005, por ocasião do Dia Europeu da Vítima de Crime, fosse anunciado, publicamente, que poderia encerrar até ao fim do mês seguinte. A este apelo público, que mereceu grande e insistente atenção e acompanhamento por parte dos órgãos de comunicação social, de cidadãos anónimos e de assembleias municipais dos vários concelhos onde existem Gabinetes de Apoio à Vítima, respondeu pronta e generosamente a Provedora da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Dra. Maria José Nogueira Pinto, que através da concessão de apoio financeiro no valor de 250.000€, permitiu que a Associação não fechasse as portas e se mantivesse a funcionar até à celebração do Protocolo realizado em Dezembro de 2005.

Quando foi retomado o processo de revisão do Protocolo com o XVII Governo Constitucional conseguiu-se, passados quase dez meses, celebrar a renovação do Protocolo com o Governo da República Portuguesa, através dos Ministérios da Administração Interna, da Justiça, e do Trabalho e da Solidariedade a 19 de Dezembro de 2005, para os anos civis de 2005, 2006 e 2007.

O primeiro Plano Estratégico da APAV (1998-2006) surgiu no oitavo ano de existência da Associação, no âmbito do processo de reestruturação e reorganização da APAV, que visava a transição para um modelo estruturante e de funcionamento no novo contexto inter-institucional e

político-financeiro, proporcionado pelo Protocolo com os Ministérios da Administração Interna, da Justiça, e do Trabalho e da Solidariedade, celebrado em 10 de março de 1998, em jeito de responder à necessidade de rever o modelo organizacional então em vigor (à imagem de um organismo da administração pública) e de encontrar os parâmetros de adequação ao novo contexto de funcionamento e de exigência para garantir as finalidades estatutárias da Associação.

O 2º Plano Estratégico da APAV entrou em vigor em 2008, para o período 2008–2012.

A nota dominante destes últimos anos tem sido a multiplicação das actividades desenvolvidas, tendo sempre como objectivo a sua última finalidade: apoiar as vítimas de crime. Deste modo, a APAV tem-se posicionado em várias frentes, desenvolvendo, no seio da vasta rede de parcerias em que está integrada, um conjunto de projectos.

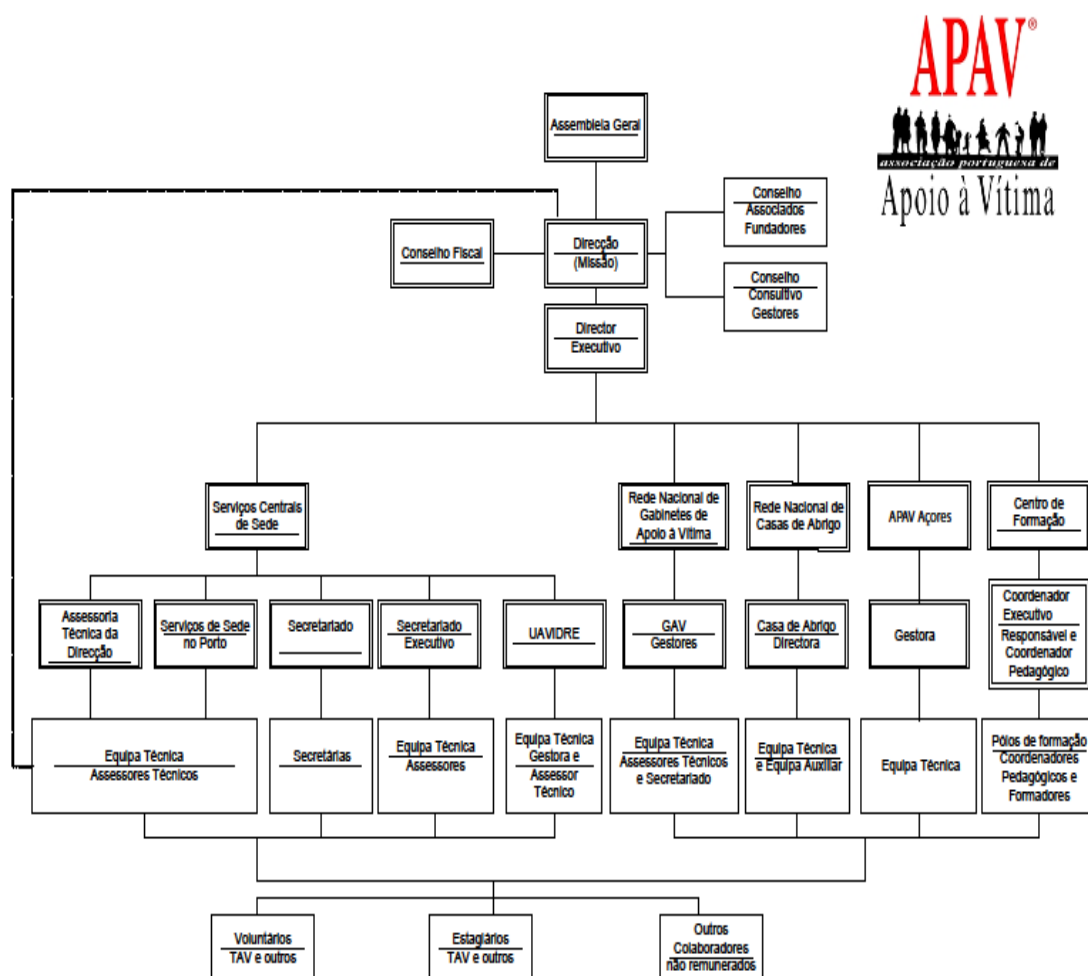
O cumprimento da missão da APAV (apoiar todo o tipo de vítimas de crime) não se esgota nos atendimentos efectuados no dia-a-dia. O seu prosseguimento global e sustentado, pressupõe uma diversidade de actividades que a Associação tem, dentro dos limites impostos pela sua estrutura actual, procurando empreender:

- A formação dos seus recursos humanos (efectivos e voluntários) bem como de técnicos de outras instituições, de modo a que a qualificação deles permita um mais atendimento às vítimas cada vez mais eficiente;
- O desenvolvimento de projectos nacionais e internacionais – nomeadamente no âmbito de programas promovidos pela União Europeia – de investigação e de informação sobre a problemática das vítimas de crime;
- O acolhimento de mulheres e crianças vítimas de violência;
- A difusão da rede nacional de Gabinetes de Apoio à Vítima;
- A realização de campanhas de sensibilização;
- A definição de modelos de intervenção para novas problemáticas de vitimação;
- A monitorização da qualidade dos serviços que são prestados;
- A aposta nas tecnologias de informação e de comunicação;
- A prevenção da vitimação e da violência, sobretudo, junto dos mais novos;
- Entre muitas outras actividades e projectos.

Quanto aos princípios e valores da APAV, esta associação reconhece-se como uma organização de solidariedade social sem fins lucrativos e de voluntariado social; está integrada nas redes internacionais de cooperação à escala Europeia e global; é uma instituição

independente e autónoma quer dos poderes políticos, quer de outras instituições; é apolítica e não confessional; rege-se pelo princípio da igualdade de oportunidades e de tratamento; guia-se pelo princípio da não discriminação e em função do género, raça ou etnia, religião, orientação sexual, idade, condição sócio económica, nível de escolaridade, ideologia ou outros; promove a justiça, bem como práticas restaurativas na resolução de conflitos; presta serviços absolutamente gratuitos, confidenciais e de qualidade a todas as vítimas de crime; centra-se na vítima, enquanto utente, e respeita as suas opiniões e decisões; constitui-se como uma voz activa na defesa e promoção dos direitos, das necessidades e interesses específicos das vítimas; e representa um centro de conhecimento, de investigação e de qualificação nas temáticas das vítimas de crime e de violência.

1.2.Organigrama da APAV



1.3. Caracterização do Público-Alvo

Os destinatários deste projecto de estágio são todos os utentes, quer da instituição APAV, quer das outras instituições que escolhi para fazer a minha intervenção. Desta forma, todos estes utentes podem apresentar características muito diversificadas, desde etnia, faixa etária, classe social, sexo, entre outros.

1.4. Diagnóstico de Necessidades/Interesses

Em conversas informais com a Gestora do Gabinete de Apoio à Vítima de Braga, minha acompanhante na instituição, percebi desde a primeira conversa que tivemos que seria importante o meu contributo no que toca ao atendimento às vítimas de crime. Neste sentido, convidou-me a frequentar um processo de formação inicial, que teve lugar no Porto, durante o mês de Outubro de 2010. Posteriormente e para além disto, chegamos à conclusão que, tendo em conta, não só que o GAV (Gabinete de Apoio à Vítima) de Braga não reunia as condições necessárias para a realização de actividades com as/os utentes, como também estes ainda se encontram muito fragilizados com os seus problemas, eu não iria obter bons resultados com a realização de qualquer tipo de actividade com este público.

Uma vez analisada a complexidade dos processos de apoio e na ilusão que as próprias utentes criam em poder perdoar e voltar a dar mais uma oportunidade aos agressores, sendo muito difícil mudar estas mentalidades, a Gestora de GAV considerou que o meu contributo seria de maior utilidade se tentasse travar a violência presente no mundo actual, prevenindo e alertando, essencialmente, as camadas mais jovens. Discutir valores, regras de conduta, junto das diferentes gerações, com o intuito de que a violência, que se vê hoje em dia, tenha uma quebra significativa num futuro próximo. Portanto, entrei em fase de observação da instituição e dos seus utentes. Aliada a esta fase, comecei a fazer uma análise documental para melhor compreender esta problemática: vítimas de crime e violência. Isto foi realizado através da consulta e análise de alguns documentos pertencentes à instituição, bem como da análise de alguns processos de apoio à vítima. Assim, e após toda esta fase de observação e adaptação a esta realidade, exploração de documentos e conversas informais com a Gestora de GAV, acordamos que o meu projecto de estágio passasse, fundamentalmente, por acções de sensibilização em diferentes locais com todo o tipo de público, de todas as idades, para que pudessem usufruir destas formações, fazendo-lhes chegar a gravidade dos mais diversificados

tipos de violência, bem como os principais contactos das entidades que fornecem apoio a este tipo de problemática. Para tal, criei um blog, abordando vários tipos de violência, com o intuito de manter as pessoas informadas, podendo, através deste, dar a sua opinião e contribuir com a sua experiência ou deixar o seu testemunho. Para além disto, procedi à divulgação da problemática da violência doméstica em instituições estratégicas, como é o caso dos centros de saúde, de clínicas, da Segurança Social, entre outros, através da entrega de prospectos informativos e de cartazes com imagens fortes e alusivas a esta problemática, incluindo nestes, os contactos de emergência, assim como o link do meu blog.

Assim e para poder fazer uma avaliação do meu desempenho e do impacto causado pelo meu projecto, elaborei e apliquei inquéritos, de forma a que o público-alvo me pudesse transmitir o impacto causado por estas actividades, bem como os aspectos que devia melhorar.

O meu projecto de estágio passa, essencialmente, por palestras, campanhas de prevenção e sensibilização sobre esta problemática, assim como a criação de um blog, que aborda os diferentes tipos de violência. Este projecto integra-se na área de especialização do Mestrado em Educação de Adultos e Intervenção Comunitária. Através deste projecto, pretendo intervir junto da população de forma a sensibilizar, consciencializar e fazê-la reflectir sobre as atitudes violentas e a necessidade urgente da mudança deste tipo de comportamentos.

1.5. Finalidade e Objectivos de Intervenção/Problema de Investigação

Finalidade:

- Sensibilizar o público-alvo, ou seja, os utentes das diferentes instituições onde se fará a sensibilização para a problemática da violência.

Objectivos Gerais:

- Sensibilizar o público-alvo para a gravidade desta problemática;
- Promover valores e princípios de convivência, que possibilitem a harmonia individual e social.

Objectivos Específicos:

- Dar a conhecer os serviços, aos quais podem recorrer em casos de violência e de crime;
- Prevenir comportamentos futuros de violência;
- Alertar para tomada de consciência da dor que as vítimas de crime carregam consigo;
- Promover, no público, o espírito crítico, reflexivo e problematizador sobre esta temática.

CAPÍTULO II – ENQUADRAMENTO TEÓRICO DA PROBLEMÁTICA DE ESTÁGIO

2.1. Referência a Outras Investigações sobre o Tema

Foram desenvolvidas várias investigações sobre a temática da violência. Assim sendo, referenciei algumas obras, que considerei interessantes e pertinentes a ter em conta para fundamentar devidamente a minha intervenção neste campo.

Na parte teórica de um desses trabalhos, intitulado “*Violência nas relações de intimidade: estudo sobre a mudança psicoterapêutica na mulher*” (Matos, 2006), são caracterizados os contextos onde a violência contra as mulheres é exercida. Discutem-se não só os principais desafios que enfrenta a investigação nacional acerca desta problemática, como também o motivo que leva os homens a exercerem violência contra as suas parceiras. Exploraram-se teorias que visam compreender os percursos de mudança protagonizadas pela mulher vítima, bem como perceber o contributo e a influência da psicoterapia junto deste público, tendo em conta as potencialidades, os dilemas e os desafios que coloca ao terapeuta e ao investigador que trabalham no domínio da vitimação na intimidade. Foi desenvolvido um estudo sobre a mudança psicoterapêutica na mulher que sofre os maus-tratos do parceiro, de forma a compreender como se faz a mudança nestes casos: qual a taxa de sucesso e insucesso terapêutico, sendo que a maioria dos casos que completaram a intervenção obtiveram resultados muito positivos, pois possuíam condições mais favoráveis à mudança. É, ainda, muito importante frisar o facto de que na maioria das investigações encontramos mais referências à mulher vítima, do que propriamente ao homem vítima. Penso que isto se deve ao facto dos homens terem preconceitos de recorrer aos serviços de apoio. Nota-se, no entanto, que estes preconceitos começam a desaparecer paulatinamente.

Uma outra investigação sobre esta problemática a relevar: “*Violência de género e os discursos circulantes nos cuidados de saúde primários*” (Azambuja, 2008). Nesta obra há um forte apelo a uma urgente reflexão sobre os cuidados que têm sido prestados às mulheres vítimas de maus-tratos. Esta investigação tem como objectivo analisar os discursos circulantes nos cuidados de saúde primários sobre a violência de género, bem como examinar as suas consequências para as práticas de cuidado oferecidas às mulheres submetidas à violência conjugal. Deste modo, pretende-se desconstruir estes discursos e construir práticas de cuidado mais sensíveis às especificidades destas mulheres, promovendo uma melhoria das condições de vida das vítimas. Foram realizados três estudos com o intuito de analisar as diferentes

manifestações do discurso sobre a violência de género. No primeiro estudo (Investigações sobre mulheres e violência em Portugal), fez-se um levantamento dos trabalhos de mestrado e doutoramento realizados nas universidades portuguesas sobre mulheres e violência. Os resultados indicam que este tema é recente e em expansão. No estudo II (Revistas médicas: a invisibilidade da violência de género em publicações nacionais), fez-se uma análise crítica do discurso veiculado na Revista Portuguesa de Clínica Geral e na Revista Portuguesa de Saúde Pública, concluindo-se que a violência doméstica contra as mulheres não tem sido um assunto prioritário de discussão e pesquisa no que toca à saúde portuguesa, resultando na invisibilidade de um grave problema de saúde pública e a adopção de práticas pouco efectivas. No Estudo III (Discurso de Médicos de Família actuantes nos Cuidados de Saúde Primários), entrevistaram-se onze profissionais no município de Braga. Os resultados demonstram a necessidade de integrar novos saberes às práticas destes profissionais.

Em relação à temática da violência escolar, tem-se revelado uma realidade cada vez mais alarmante ao longo das últimas duas décadas. Como tal, o bullying tem sido um tema fulcral para o desenvolvimento de investigações. Assim, é importante referir uma das investigações mais pertinentes sobre esta. Intitula-se: *“Bullying – Estudo das práticas agressivas entre crianças no espaço escolar numa escola básica dos 2º e 3º ciclos”* (Sousa, 2009). O objectivo desta investigação centra-se na análise dos comportamentos de bullying na comunidade escolar. Até que ponto os alunos do 2º ciclo apresentam práticas de bullying na escola, atendendo ao sexo, isto é, se há mais tendência para os rapazes serem agressores ou as raparigas, se as vítimas são, maioritariamente, do sexo masculino ou feminino, e se existe outro tipo de relação entre o sucesso/insucesso escolar e o facto de serem agressores. Deste estudo concluiu-se que o bullying é mais praticado por rapazes do que por raparigas.

As formas de agressão mais frequentes são a agressão verbal e a psicológica. O espaço mais frequente da vitimação é o recreio, sendo que os agressores são, maioritariamente, os rapazes com mais reprovações. Na maioria dos casos, confirma-se que os agressores também já foram vítimas de bullying.

Refiro outra obra importante para o tema: *“Os Professores Face à Conflitualidade e Violência na Escola: implicações para uma estratégia de formação inspirada na Educação de Adultos”* (Ferreira, 2007). Com este trabalho, pretendia-se perceber até que ponto os professores reconhecem o problema da violência nas escolas e a necessidade de desenvolver, juntos dos professores, uma estratégia de formação assente na Educação de Adultos para que

consigam dar resposta à violência e indisciplina dos alunos em contexto de sala de aula. A ideia seria que, durante estas sessões, todos os professores pudessem partilhar experiências e discutir entre si soluções, os melhores métodos e técnicas a adoptar, as melhores formas de lidar e resolver os conflitos. Através desta investigação verificou-se que a indisciplina e a violência constituem, para os professores, o principal motivo de stress e instabilidade profissional. Concluiu-se, que para os professores, o principal motivo de stress se prende com a violência.

Também analisei o estudo: *“Sintomatologia depressiva na população idosa: o papel do abuso, negligência e funcionalidade”* (Esteves 2010). Neste caso, verifica-se que a população em geral está mais consciente desta temática. Aqui percebe-se que a população actual parece estar mais consciente para o fenómeno dos maus-tratos na infância e da violência doméstica, do que propriamente sobre os maus-tratos e negligência exercidos contra pessoas idosas por parte dos seus cuidadores. Refere-se a necessidade de melhorar os serviços prestados por parte dos técnicos e dos familiares. Neste trabalho, encontramos, também, uma revisão deste conceito e uma exploração sobre o mesmo. Por fim, sintetizam-se os principais indicadores e factores de risco para os maus tratos a pessoas idosas. Deste estudo, concluiu-se que a maioria das pessoas idosas, vítimas de abuso ou negligência, passam muitas horas sozinhas. A ausência de interacção e afectividade para com os outros, desenvolve sentimentos de abandono, de desvalorização pessoal, tornando-as mais vulneráveis. Através deste estudo, percebeu-se que os idosos que foram vítimas de negligência e maus tratos, apresentam mais sintomas depressivos e de demência, do que os idosos que não passam por este tipo de situações.

Num outro estudo, também importante, *“Factores de risco e indicadores de abuso e negligência de idosos”* (Ferreira, 2004), refere-se a ideia de que é importante sensibilizar agentes legais, de saúde e de solidariedade social para a necessidade de mudar este cenário. Define-se o conceito de abuso contra idosos, apontam-se alguns dados conhecidos sobre o seu predomínio em vários países e os principais factores de risco para a ocorrência do abuso ou negligência nos cuidados a pessoas idosas. Faz-se uma chamada de atenção à necessidade de demonstrar os resultados obtidos em estudos levados a cabo em outros países e alertar a sociedade para a importância de reportar situações reais ou de suspeita, a instituições especializadas.

Por fim, há duas investigações fulcrais para a temática dos crimes na estrada, mais uma forma de violência que, por vezes, é esquecida. Uma delas, *“Incidência de PTSD nas vítimas directas”* (Pires, 2007), Entre 1987 e 2002, Portugal registou 851025 feridos leves e 161719

feridos graves, vítimas de acidentes de viação (DGV, 2002 in Pires et al, 2004). Apesar dos acidentes rodoviários constituírem um tema actual, em Portugal ainda há poucos os estudos relativos ao impacto físico e psicológico deste tipo de acidentes nas vítimas. Assim, neste trabalho demonstra-se o impacto que os acidentes de viação têm nas vítimas, nomeadamente, o desenvolvimento de Perturbação Aguda de Stress e de Perturbação de Stress Pós-traumático (PTSD). Pretende-se analisar as consequências físicas e psicológicas para as pessoas vítimas de acidentes de viação.

Na investigação, verifica-se que os acidentes rodoviários interferem notoriamente com a saúde física dos indivíduos, que podem ficar com limitações e lesões físicas por um determinado período de tempo ou para o resto da vida. Por sua vez, as análises de incidência de PTSD nestas vítimas, mostram-nos que o número de sujeitos afectados com PTSD é muito elevado. Assim, é necessário e urgente perceber as consequências dos acidentes rodoviários nas suas vítimas, de forma a pôr em prática medidas de intervenção precoce e de promoção de saúde, através de acções de carácter preventivo e educativo. Estas devem ser cuidadosamente planificadas pela estrutura social e política.

Mais uma investigação a considerar: *“Os Acidentes Rodoviários: um problema de saúde pública nos jovens”* (Azevedo et al, 2009) A nível mundial, estatísticas revelam que os acidentes rodoviários matam por dia 3000 pessoas, sendo que em Portugal se registam anualmente cerca de 1000 vítimas mortais e milhares de feridos graves, entre os quais muitos são jovens. Refere-se a necessidade de analisar os programas em prática, definindo as estratégias e procurando melhorar, principalmente no que toca a uma implementação eficiente junto dos jovens. Pode-se dizer que os Portugueses reconhecem a gravidade da situação e estão receptivos à implementação de novas medidas para combater a sinistralidade nas estradas do país. Portanto, atendendo às recomendações da OMS, seria fundamental apostar em estudos piloto, de modo a analisar a eficácia dessas medidas, antes de se avançar para campanhas a nível nacional. Outro factor importante a ter em conta é que a intervenção não pode avançar sem investigação. Assim sendo, é essencial apostar na realização de estudos junto da população portuguesa, uma vez que são muito poucos.

2.2. Exploração das Correntes Teóricas

2.2.1. A Violência nas Relações de Intimidade: Violência no Namoro e Violência Doméstica

Os maus-tratos a crianças, a violência doméstica, contra idosos e a violência nas escolas, entre outras, são atitudes e comportamentos muito graves, que existem em todos os contextos sociais, pondo em causa a integridade física e psicológica do ser humano. Sendo especialista na área da agressividade, este neurobiologista desenvolve um estudo sobre violência, focando, não só o sujeito, mas também o que o influencia ao longo da vida, procurando perceber o que está por detrás das atitudes violentas. (Karli, 2002)

Para educar na sociedade actual, que se tem apresentado tão violenta, é urgente encontrarmos um equilíbrio entre a razão e as emoções. Este não será um caminho fácil, mas bastante árduo. Teremos que enfrentar situações difíceis, de maneira que é necessário um grande esforço, muito trabalho e paciência por parte de toda a comunidade. Mas, não é impossível, a esperança deve permanecer sempre. Há, cada vez mais, um apelo a que toda a humanidade não desista de lutar, de investir o seu tempo e esforço para transformar a sociedade actual num mundo melhor. (Morais, 1995)

Começamos por analisar a violência nas relações de intimidade, um problema que existe desde sempre, mas que só há pouco tempo se tem vindo a tratar. Estudos feitos, revelam níveis de grande preocupação na violência em relações de namoro. (Caride & Machado, 2006 cit. in Santos, 2008)

A maioria das investigações sobre este tema levam a crer que a violência nas relações conjugais já se arrasta desde a fase do namoro, com indícios já violentos. (Matos, 2000 cit. in Santos, 2008) No nosso país, estudos feitos com universitários, revelam que as formas de violência adoptadas pelos agressores numa relação de namoro, é a violência psicológica, seguida da violência sexual e, só depois, a violência física. (Paiva e Figueiredo, 2004 cit. in Santos, 2008)

Apesar da evolução e do progresso em vários campos, as descobertas que se tem vindo a fazer ao longo dos tempos, demonstram que ainda há muito por descobrir sobre a complexidade do ser humano. Isto é, “o ser humano ainda é um grande mistério para si mesmo – o homem continua sendo o maior desafio do homem” (Morais, 1995: 17).

Relativamente aos jovens que agredem as suas parceiras/os, estes apresentam factores impulsionadores para a violência, tais como a raiva, o ciúme e a dor emocional. Este último, é

mais adoptado pelas raparigas, para justificarem a violência exercida, ao passo que os rapazes alegam que a agressão às suas companheiras representa uma forma de controlo sobre elas. (Fosher, Bauman, Linder, Rice & Wilcher, 2007 in Santos, 2008) Tanto o sexo masculino, como o sexo feminino, elegem a agressão como uma forma de auto-defesa. (Foo & Margolin, 1995 in Wolfe & Feiring S.D. in Santos, 2008)

Em uma das obras consultadas, relativas a esta problemática, fazia-se referência ao facto de que “A violência no espaço doméstico é a maior causa de morte e invalidez entre mulheres dos 16 aos 44 anos, ultrapassando o cancro, acidentes de viação e até a guerra.” (*Assembleia Parlamentar do Conselho da Europa, Rec. 1582/2002* cit. in CIG, 2009: 7)

Ora, pode-se afirmar que, segundo Nietzsche, Freud e Hobbes, um dos constitutivos primordiais do ser humano é a violência. Assim sendo, muitos biólogos são defensores de que o ser vivo, seja racional ou irracional, necessita de uma certa agressividade básica para que possa sobreviver no mundo. Isto faz parte do instinto de sobrevivência. No entanto, convém frisar que esta dita agressividade básica, nada tem a ver com o conceito de violência. Ou seja, a violência propriamente dita, implica intenção, requer inteligência, o próprio acto de raciocinar. Daí que os animais não sejam violentos, mas sim ferozes, pois não são racionais, não pensam, não raciocinam, não reflectem. Deste modo, a violência abrange, única e exclusivamente, o Homem. Foi, pois, através da violência que o Homem dominou o nosso planeta e é através dela que os seres humanos se relacionam, muitas das vezes, entre si. Neste sentido, parece haver ainda “algo desconcertante como um estorvo em nossa compreensão da evolução humana: as diversas formas e manifestações de violência que infelicitam este fim de século” (Morais, 1995: 20). No fundo, o ser humano é, por natureza, violento, mas temos mecanismos que nos permitem controlar essa violência, que nos fazem ter a noção dos limites. (Morais, 1995)

Deste modo, são vários os investigadores que se debruçam sobre esta problemática da violência, aprofundando questões como a avaliação, a intervenção com vítimas de diversos tipos de violência, a protecção legal que lhes é atribuída, os meios que propiciam a violência e os modelos explicativos do sofrimento das vítimas em Portugal. Actualmente, têm vindo a ser objecto de investigação profunda, não só as problemáticas ligadas aos maus-tratos e abusos sexuais de crianças, que passaram por rupturas familiares, tal como o divórcio e a retirada da família, como também as consequências decorrentes da adopção destes menores. (Machado, 2008)

Retomando a nossa atenção para a temática da violência doméstica, este tipo de violência é um tipo de comportamento violento continuado, exercido directa ou indirectamente sobre qualquer indivíduo que pertença ao mesmo agregado, habitando em casa comum ou não. Pode, por isso, ser pai, cônjuge, filho, avô, um simples familiar, companheiro ou ex-companheiro da vítima. Esta é a forma de violência mais frequente que as mulheres sofrem. As dificuldades para a ruptura com o casamento são, maioritariamente, os filhos, os bens comuns (as contas conjuntas, casa, carro, etc.), os projectos de vida em comum, o medo, a vergonha, entre outros. Neste tipo de violência, os agressores são, na grande maioria, do sexo masculino e as vítimas do sexo feminino, embora também exista o contrário. Assim, este tipo de violência traduz-se em danos físicos, sexuais, psicológicos, isolamento social, privação económica e dominação da vítima (na violência doméstica há, quase sempre, mais do que um tipo de violência em simultâneo). (Manita, 2009)

Para prevenir este tipo de comportamentos nos mais novos, apela-se, cada vez mais, à implementação de programas que previnam a violência nas relações de namoro. Através destes programas pretende-se alertar os jovens para esta temática, bem como promover a mudança de comportamentos, dotando-os de competências necessárias para viverem em pleno as suas relações de namoro (Santos, 2008).

A violência doméstica, segue dois grandes processos, sendo que o primeiro apresenta 3 fases distintas: a fase do aumento de tensão, a fase do ataque violento (episódio de violência, desencadeando a agressão propriamente dita), a fase de apaziguamento, reconciliação ou de “lua-de-mel”. No que toca ao segundo processo, este diz respeito à evolução em frequência, intensidade e perigosidade. Isto quer dizer que, para estas vítimas, o seu lar não é um lugar conotado de aspectos positivos, muito pelo contrário, é um espaço de medo, insegurança e onde são diariamente violentadas. (Manita, 2009)

Com o passar do tempo, e conforme a intensidade e a frequência destes episódios, a vítima vai sofrer vários tipos de consequências ou até mesmo traumas. Assim, este tipo de violência pode traduzir-se em danos físicos, corporais, por vezes irreversíveis; alterações dos padrões de sono e perturbações alimentares; alterações da imagem corporal e disfunções sexuais; distúrbios cognitivos e de memória; distúrbios de ansiedades, hipervigilância, medos, fobias, ataques de pânico; sentimentos de medo, culpa, vergonha; baixa auto-estima e auto-conceito negativo; isolamento social ou evitamento; comportamentos depressivos. (Manita, 2009) Algo que poderá ajudar a sair deste tipo de relação abusiva, é a independência financeira,

isto é, não depender do agressor para se sustentar, isto poderá ser uma motivação para que consiga sair desta relação. (Jewkes, 2002 in Santos, 2008) Outros factores que constituem factores protectores, são as competências da vítima para lidar com o stress e o conflito (Crittenden e Claussen, 2002 in Santos, 2008), ou também, as competências de negociação e comunicação (Rosen e Bezold, 1996 in Santos, 2008)

É, também, de salientar, alguns mitos que sustentam este tipo de violência: “entre marido e mulher ninguém mete a colher”; “a mulher só é agredida porque merece (associado à crença de que o homem “tem o direito” de bater na mulher)”; “bater é sinal de amor” ou “uma bofetada, de vez em quando, nunca fez mal a ninguém”; “a violência doméstica só ocorre nos estratos económicos mais desfavorecidos”; “a violência doméstica só ocorre sob efeito de álcool ou outras drogas”; “a violência doméstica resulta de problemas de saúde mental”. (Manita, 2009)

Quanto ao perfil dos agressores, estes aparentam ser cidadãos “normais”, como muitos outros. São simpáticos, bem-dispostos, bastante sociáveis e extremamente prestáveis para com toda a população exterior ao seu lar (vizinhos, amigos, etc.). Mas, em contrapartida, são bastante ciumentos, possessivos, controladores e agressivos para com as vítimas.

Tendo em conta a gravidade desta situação, são cada vez mais os apelos a uma consciencialização e sensibilização da população para esta, muitas vezes, trágica realidade. O próprio director da investigação criminal da GNR, Albano Pereira, apela a este tipo de iniciativas. (Jornal de Notícias, Segunda-Feira, 19 de Setembro de 2011)

A violência doméstica é crime (Art. 152º Código Penal) e, ao contrário do que muitos ainda pensam, já é considerada um crime público, isto é, qualquer pessoa pode fazer a denúncia. Assim sendo, o processo criminal depende apenas da denúncia. Logo que o Ministério Público tenha conhecimento deste, o início de um inquérito e a investigação dos factos têm, obrigatoriamente, que prosseguir, mesmo contra a vontade da vítima. Para tal, é indispensável que a vítima ou qualquer cidadão que esteja ocorrente da situação de violência, se dirija a um posto da Polícia de Segurança Pública, da Guarda Nacional Republicana, da Polícia Judiciária ou até mesmo ao Ministério Público (junto do tribunal da área onde ocorreram os crimes), para que possam apresentar queixa-crime contra o respectivo agressor. (APAV, 2005)

Ao Ministério Público compete, não só, receber a denúncia e dar-lhe seguimento, como também, dirigir o inquérito. Relativamente ao inquérito sob direcção do Ministério Público, este

pode levar ao arquivamento, à acusação, ao pedido de indemnização cível e ao julgamento, ou à suspensão provisória do processo. (APAV, 2005)

Para que o processo-crime prossiga e não seja arquivado, é importante que a vítima consiga reunir alguns elementos que constituam prova de crime, elementos esses que terá de apresentar às autoridades. Assim, alguns elementos que podem servir de prova são: bilhetes com ameaças, bens destruídos, exames médicos que comprovem maus tratos físicos, cópias de denúncias antigas e testemunhas. Caso a vítima não consiga reunir nenhum destes elementos, torna-se complicado arranjar provas que indiquem indícios de violência doméstica. Isto irá levar a que haja uma maior probabilidade de que o processo seja arquivado por falta de provas. (APAV, 2005)

Para além disto, é urgente consciencializar para que a seguir a um episódio de agressão, a vítima vá imediatamente a um hospital ou ao Instituto de Medicina Legal, de forma a que seja submetida a um exame médico-legal, para que sejam feitos relatórios médicos que comprovem a existência de hematomas, negras, indícios de violência sexual e demais agressões físicas, de modo a que estes relatórios sejam anexados à queixa-crime, constituindo mais um elemento de prova do crime. (APAV, 2005)

Estudos realizados sobre mulheres vítimas de violência na intimidade, que deram entrada nos Institutos de Medicina Legal de Coimbra e do Porto no ano de 2000, demonstram que as agressões a nível sexual, predominam nas mulheres mais jovens (entre os 18 e os 34 anos). Mulheres essas que não são casadas, mas têm um compromisso assumido com os autores do crime. (Barroso, 2007, in Santos, 2008)

Em caso de perigo iminente e a vítima necessite de sair de perto do agressor, uma vez que o processo pode ser moroso, convém assegurar um alojamento provisório para a vítima em questão. Assim sendo, esta poderá procurar alojamento em casa de amigos ou familiares ou numa residencial/ hotel. Neste caso, deve evitar-se que sejam as vítimas a terem este tipo de despesas, mas sim que estas sejam suportadas por outros serviços ou instituições que as apoiem, pois poderão necessitar do dinheiro que possuem para investirem no seu novo projecto de vida. Em último recurso, poderão pedir encaminhamento para uma casa-abrigo, não esquecendo que estas estão sempre lotadas e, por isso, as vítimas poderão ficar sujeitas a ir para qualquer ponto do país. Para isso, convém que as próprias vítimas estejam dispostas a isso e a recomeçarem uma vida do zero. Cabe, por isso, à vítima, tomar essa decisão. (Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género, 2009)

No que respeita à indemnização da vítima, pode ser requerida, no âmbito do processo judicial, ao próprio ofensor, também se pode requerer ao Estado, através da Comissão de Indemnização às Vítimas de Crimes Violentos, relativamente a bens patrimoniais. No entanto, todo este processo de indemnização só será válido, caso se justifique uma grave carência financeira da vítima, ou então, caso o agressor lhe cause danos físicos ou morais irreversíveis. (APAV, 2005)

Quanto aos direitos das vítimas, estas têm direito à informação, à audição e prestação de provas; ao respeito e reconhecimento em todas as fases do processo penal, isto é, a receber informações e esclarecimentos sobre o decurso do processo penal. Têm, também, direito à assistência específica da vítima, bem como à garantia de comunicação; a fornecerem informações às autoridades responsáveis pela tomada de decisões relativamente ao infractor, assim como ao aconselhamento jurídico, independentemente da sua situação económica. Para além disto, estas vítimas ainda têm direito à protecção, quer da sua privacidade, quer da sua integridade física; a condições de prevenção da vitimação secundária e direito à indemnização e restituição de bens, quer pelo arguido, quer pelo próprio Estado. (APAV, 2005)

No que toca à pena que o agressor poderá ter que cumprir, esta varia muito consoante o caso. Poderá ser punível de 1 a 5 anos com pena de prisão; punível de 2 a 5 anos se o agressor praticar o facto contra menor ou na presença de menor; de 2 a 8 anos, caso haja ofensa à integridade física grave; ou ainda de 3 a 10 anos se da violência doméstica resultar a morte. Refira-se que esta última pena não inclui pena por homicídio. No entanto, também podem ser aplicadas ao arguido penas acessórias de proibição de uso e porte de armas, pelo período de 6 meses a 5 anos, bem como de obrigação de frequência de programas específicos de prevenção de violência doméstica. Na zona Norte do país, quer a Universidade do Minho, quer a Faculdade de Psicologia da Universidade do Porto, trabalham com programas específicos de Intervenção Directa com Agressores. Quanto à pena acessória de proibição de contacto com a vítima, pode obrigar a que o agressor se afaste da área de residência ou do local de trabalho da vítima. Deste modo, o cumprimento desta medida pode ser fiscalizado por meios de controlo à distância, como é o caso das pulseiras electrónicas. Em relação à criança, um indivíduo que cometa o crime de violência doméstica, consoante a gravidade da situação, pode perder o poder paternal ou a tutela por determinado tempo, que pode ir de 1 a 10 anos. (APAV, 2005)

Relativamente a este assunto, é de frisar que, desde o final do ano de 2009, já foram aplicadas 81 pulseiras electrónicas a agressores que cometeram crimes de violência doméstica,

com o objectivo de impedi-los de se aproximarem das respectivas vítimas. (Jornal de Notícias, Segunda-Feira, 19 de Setembro de 2011)

Este instrumento encontra-se em vigor desde Dezembro de 2009. Desde então, os dados estatísticos do Instituto de Reinserção Social (IRS), indicam que os juizes estão a recorrer, cada vez mais, às pulseiras electrónicas para condenarem os agressores deste tipo de crime. Segundo uma sondagem feita pela unidade contra a violência doméstica e maus-tratos a menores, no Departamento de Investigação e Acção Penal (DIAP) de Lisboa, as principais vítimas deste tipo de violência, são mulheres entre os 30 e os 40 anos, casadas, empregadas e, no mínimo, com o 9º ano de escolaridade. Contudo, também é de destacar que a violência nas relações de namoro tem vindo a aumentar significativamente. Convém frisar que a Vigilância Electrónica existe desde 2002, mas apenas em 2009 é que abrange os agressores, proibindo, assim, o contacto ou proximidade da vítima de violência doméstica. Um dos principais objectivos deste instrumento consiste em reduzir o excesso de presidiários, assim como os seus custos e também controlar o cumprimento das decisões judiciais, bem como diminuir a reincidência criminal, limitando, deste modo, o raio de acção dos agressores. (Diário de Notícias in www.apav.pt)

A Direcção-Geral de Reinserção Social (DGRS) pretende incorporar nas pulseiras electrónicas um novo sistema: o GPS. O principal objectivo é controlar os agressores, de modo a impedir que se aproximem das vítimas. O Director Geral dos Serviços Prisionais afirmou que ainda não foi utilizado o GPS para este fim, mas garante que está para breve que este sistema esteja pronto a funcionar futuramente, em pulseiras electrónicas aplicadas a suspeitos ou condenados pelo crime de violência doméstica. Com o GPS incorporado nas pulseiras electrónicas, a central da DGRS saberá sempre a localização quer do agressor, quer da própria vítima em tempo real. Este novo sistema funcionará da seguinte forma: as pulseiras são colocadas no agressor, mas a vítima terá que ter sempre consigo um “pager”, tendo instalada em sua casa uma unidade de monitorização. Assim sendo, esta unidade ao detectar a aproximação da pulseira electrónica, vai emitir um alerta para o dito “pager” e, em simultâneo, para a DGRS. Deste modo, a Direcção-geral de Reinserção Social entrará, de imediato, em contacto com o agressor e avisará, também, as autoridades. No entanto, este sistema apresenta alguns inconvenientes. Caso o agressor se aproxime da vítima de forma involuntária, o alarme voltará a disparar na central da DGRS. (Jornal de Notícias, Segunda-Feira, 19 de Setembro de 2011)

Rui Sá Gomes revela, ainda, que os resultados desta medida se reflectem num sentimento de maior segurança para as vítimas deste tipo de crime. Notou-se, portanto, um decréscimo de mais de dois terços no número de mortes de mulheres, resultante deste crime (de 48, em 2010, para 15, em 2011, até ao final do passado mês de Setembro). Contudo, apesar das inovações e dos progressos nestes sistemas de vigilância, continuam-se a registar muitos casos de violência doméstica, aos quais não são aplicadas quaisquer medidas de coacção sobre os agressores, que permitam afastá-los das vítimas e manterem-nas em segurança. Na verdade, estatísticas revelam que as autoridades podiam evitar algumas destas tragédias. Algumas das vítimas de violência doméstica tinham já alertado a polícia, para a situação que viviam com os agressores, cerca de 2 meses antes do seu fim trágico. No entanto, nunca foram aplicadas quaisquer tipo de medidas de coacção sobre os respectivos agressores, de forma a evitar que o pior acontecesse. Assim, Elisabete Brasil (União de Mulheres Alternativa e Resposta), apela a que se faça uma melhor avaliação do risco que uma determinada vítima corre aquando do pedido de ajuda. (Jornal de Notícias, Segunda-Feira, 19 de Setembro de 2011)

Voltando à questão do agressor, desde que este é constituído arguido até ser julgado, implica todo um processo que varia conforme a gravidade da situação. Podem-lhe ser aplicadas certas medidas de coacção em caso de fuga, de perigo de fuga ou de perigo de perturbação da investigação. Alguns exemplos deste tipo de medidas são: Termo de Identidade e Residência; Caução; Obrigação de Apresentação Periódica ou Prisão Preventiva. No entanto, se houver indícios de prisão superior a 3 anos, o juiz pode obrigar o arguido a não permanecer em determinada área onde tenha sido cometido o crime. (www.apav.pt)

Quando o agressor apresenta algum tipo de distúrbio ou de dependências, pode ser requerido o seu internamento compulsivo por qualquer pessoa, mediante apresentação de relatórios médicos que assim o comprovem e justifiquem, devidamente. O requerimento do internamento é feito no Ministério Público e dirigido ao juiz do tribunal competente, para que este analise cuidadosamente a situação. Assim, o tribunal competente é o Tribunal da Comarca da área de residência do indivíduo que poderá ser internado. Portanto, o requerimento deverá ser por escrito, sem formalidades especiais e devem conter a descrição dos factos que fundamentam o pedido de internamento. Por isso, podem e devem acompanhar o requerimento, elementos que possam contribuir para a decisão do juiz, como por exemplo relatórios clínico-psíquicos. (APAV, 2005)

Para além de tudo o que foi atrás mencionado sobre a temática da violência doméstica, é crucial não esquecer que os episódios de violência conjugal ainda se tornam mais graves e preocupantes, quando envolvem, de forma directa ou indirecta, uma criança.

O impacto da violência doméstica nas crianças e jovens é, de facto, muito preocupante. As crianças podem sofrer vitimação directa ou indirecta por parte dos agressores. Relativamente à vitimação directa, esta acontece quando eles exercem algum tipo de violência contra os mais novos, seja a nível verbal, físico, psicológico ou sexual. No que concerne à vitimação indirecta, esta tem a ver com o facto da criança presenciar os actos de violência entre os seus pais: discussões, cenas de pancadaria, etc. É, neste sentido, que surge uma crescente preocupação em perceber o que as crianças, vítimas de violência directa ou indirecta, pensam e sentem. Ora, isto pode variar muito de criança para criança, pois cada uma tem o seu jeito de lidar com este tipo de situações, uma forma muito própria, muito específica. (SANI et al, 1990)

Também convém chamar a atenção para o facto de que as crianças que sofrem maus-tratos, acabam por ter comportamentos agressivos para com aqueles que as rodeiam, precisamente devido à carência afectiva que têm. Isto irá também reflectir-se no seu desenvolvimento intelectual e sócio-emocional. (Gonçalves et al, 1999)

Estas crianças são afectadas, sobretudo, a nível psicológico. No entanto também sofrem noutros campos, como o social e o físico, mas o mais “atingido” e difícil de trabalhar é, sem dúvida, o psicológico. Assim, as crianças que vivem experiências deste tipo de violência, são muito inseguras, culpabilizando-se, excessivamente, por todos os acontecimentos negativos que surgem na sua relação com os que a rodeiam. Isto verifica-se, principalmente, nas crianças vítimas de abuso sexual. Portanto, irão crescer com sentimentos muito negativos: medos, stress, cognições recorrentes, etc. (SANI et al, 1990) Destas crianças também podemos esperar sintomas depressivos, uma baixa auto-estima, tornando-se em crianças mais tristes e passivas. Também é de prever que venham a ter consequências a nível escolar, como por exemplo, o fracasso nos estudos, o insucesso e consequente abandono escolar. (Gonçalves et al, 1999)

Quando crescem, estas crianças, tendem a transportar o exemplo que têm em casa, para as suas futuras relações de intimidade, ou seja, os jovens assimilam a postura dos pais para os seus futuros relacionamentos, tendo, portanto, atitudes também violentas para com os seus companheiros/as. (Wolfe e Foshee, 2003 in Santos, 2008) Um outro factor de risco, é a dependência interpessoal, que não deixará a pessoa “desligar” do agressor, por mais motivos

que tenham para o fazer (Wolfe et al, 1996 in Santos, 2008), assim como uma redução progressiva da sua auto-estima. (Glass et al, 2003 in Santos, 2008)

A forma como as crianças poderão superar este problema de violência directa ou indirecta que é exercida sobre ela, varia muito de criança para criança, tudo depende da sua consciencialização, da sua vulnerabilidade. Também tem a ver com os recursos adaptativos. Por isso, para ajudar uma criança a ultrapassar este tipo de situações, é necessário muito trabalho de reconstrução cognitiva das narrativas sobre a sua experiência vivida em contexto de violência. (SANI et al, 1990)

É de notar, também, os principais sentimentos que se apoderam da criança no decorrer deste tipo de violência: a responsabilização, o controlo, a competência, a insegurança, a ilegitimidade e a gravidade. No que toca à responsabilização, pode-se dizer que é um sentimento de culpa que a criança tem, como se a sua postura, o seu comportamento ou as suas atitudes interferissem para o desenrolar do episódio de violência. Esta ideia é mais frequente nas crianças vítimas de violência sexual. Outra ideia que está associada a este sentimento, é o facto da criança achar que o momento violento só aconteceu por sua causa, ou seja, considera-se a principal geradora de sentimentos negativos, de revolta nos agentes da violência. Em relação ao controlo, sentem que podiam ter tido alguma atitude, algum comportamento, que evitasse o sucedido. Assim, consideram-se responsáveis pelo que acontece entre o casal, pois pensam que poderiam ter encontrado uma forma de controlar a situação, como por exemplo chamar a polícia. No que respeita à competência, esta está ligada, de certa forma, ao controlo: sentem que não foram capazes, que não tiveram competência para mudarem a situação. Relativamente à insegurança, este sentimento tem a ver com os problemas do agressor: o álcool, as drogas, a doença, que só poderá ser resolvido com o internamento ou a prisão. Deste modo, as crianças sentem-se mais inseguras em casa, que se torna num lugar de risco para si, e perto do agressor, que é o causador de toda a violência. Por isso, estas dão maior preferência aos locais públicos, a ambientes onde se sintam mais protegidas e seguras. Um outro sentimento que encontramos nestas crianças, é a ilegitimidade. A criança cria um juízo de legitimidade, isto é, quanto maior for a relação de proximidade que tem com o agressor, mais lhe custará a aceitar e a entender a violência sofrida, até porque para a criança, não existem motivos que justifiquem tais actos por parte do agressor. Daí que, apesar de saberem que nada justifica esses actos, os mais novos buscam uma resposta para o que está a acontecer. Por fim, a gravidade é, talvez, o mais complexo sentimento de todos, pois quanto mais próximas de si são as pessoas envolvidas

na situação de violência, mais percepção têm de que o que está a acontecer é, realmente, algo de muito grave. Ainda relacionada com a gravidade está a frequência com a qual os episódios ocorrem. Quanto mais vezes se repetem, mais grave e preocupante se tornam para os mais novos. (SANI et al, 1990)

No que respeita às crianças maltratadas fisicamente, estas, na maioria das vezes, consideram que os maus tratos são normais, pois acreditam que são apenas castigos que os pais lhes aplicam. Devido aos seus maus comportamentos, crêem que são merecedoras desse tipo de punições. Uma das possíveis consequências desta crença da criança, é que esta venha a transmitir estes valores e ideias aos seus filhos e assim sucessivamente. Deste modo, as crianças que sofrem maus tratos físicos, têm tendência a revelar défices cognitivos, nomeadamente, na identificação e resolução de problemas. (Gonçalves et al, 1999)

Estudos feitos revelam que 82% das vítimas de violência doméstica que foram identificadas em 2010, eram do sexo feminino. Para além disso, estudos levados a cabo pelos NIAVE (Núcleos de Investigação e Apoio a Vítimas Específicas), entre 2005 e 2009, comprovam que a grande maioria das vítimas estão satisfeitas com o apoio prestado por estes núcleos (entre 82,2% a 97,2%). (Jornal de Notícias, Segunda-Feira, 19 de Setembro de 2011)

2.2.2. Bullying, Violência Escolar e no Meio Familiar

Em relação à problemática da violência nas escolas, há uma grande preocupação em perceber este fenómeno nas escolas portuguesas. Procura-se, sobretudo, caracterizar os comportamentos, os contextos e as pessoas envolvidas em situações de violência. Há, pois, um apelo à crescente necessidade de repensar a organização escolar, apostando em relações mais positivas entre todos os membros da comunidade escolar. (Costa, 1998)

Os comportamentos violentos começam cada vez mais cedo e, muitas vezes, já se verificam nos infantários. Na maioria dos casos, este tipo de comportamentos são a consequência do stress, da ausência de limites, da competitividade, da falta de trabalho, das dificuldades e falta de afectividade no meio familiar (mau ambiente no lar, doença de algum membro da família, etc.) Deste modo, as crianças acabam por ser o espelho dos problemas que os adultos atravessam, do mau ambiente que se gera no seu lar. Neste sentido, o meio escolar pode e deve procurar formas de intervir junto dos mais novos, procurar certas estratégias que venham a formar cidadãos responsáveis e solidários e, simultaneamente, que ajudem a

combater a violência e a exclusão. Deve, também, procurar inteirar-se dos problemas das famílias, uma vez que os jovens são o seu espelho. (Druart et al, 2008)

Começamos, então, por definir o que é um jovem delinquente: "...delinquente juvenil é qualquer criança ou jovem acusado ou considerado culpado de ter cometido um delito." (Gonçalves, 1999:20) O comportamento delinquente é, pois, um acto que violou a lei, ou seja, é quando ocorre um comportamento que pode ter consequências legais, se as circunstâncias em que ocorre fizerem com que seja observado e punido. (Costa, 1998)

Os principais factores que levam estes jovens a apresentarem comportamentos desviantes, podem estar, muitas vezes, relacionados com uma desadequação da educação que é transmitida em casa, problemas, mau ambiente e violência no seio familiar, antecedentes criminais na família, situação económica precária, entre outros. (Gonçalves e tal, 1999)

Todavia, os meios de comunicação social também são responsáveis pelo aumento da violência e da criminalidade. Isto deve-se à "carga diária de imagens e descrições de violência" que transmitem a toda a população. (Morais, 1995: 24) Daí que nos sintamos extremamente impotentes mediante tanta violência que alastra ferozmente por todo o mundo, sem conhecer limites. Assim, encontramos-nos perante um mundo, no qual as famílias parecem ter perdido a identidade, e até mesmo as escolas já não acreditam nas suas competências. Contudo, ainda há quem procure ter esperança na acção educativa. Lamenta-se, então, a falta de exemplos que possamos seguir, onde existam valores e normas positivas, de forma a que através destas se consiga construir um bom carácter nos mais jovens. (Morais, 1995)

Portanto, esta violência que ocorre nas escolas, traduz-se na delinquência, em comportamentos anti-sociais, no vandalismo, na agressividade, no bullying. (Costa, 1998) Este tipo de violência poderá estar relacionada com factores como a pobreza, minorias étnicas, problemas no meio familiar ou com toxicodependência, entre outros. (Gonçalves, 1998) Todavia, os primeiros estudos que foram feitos no Norte da Europa, recorrem mais à palavra "mobbing", que significa "assediar, cercar". Este era o termo mais frequentemente usado entre os profissionais, como forma de expressar as provocações entre os homens, que no dia-a-dia se denomina por bullying. (Serrate, 2009)

Bullying significa "implicar com as pessoas". Consiste em maus tratos entre colegas no meio escolar. O termo bully, significa "agressor ou brigão", sendo que bullying, consiste na "acção de intimidar" (Serrate, 2009: 16) Normalmente, os autores do crime procuram os mais fracos, mais novos, mais sensíveis. Os resultados de grande parte das investigações, revelam

uma tendência para ver o bullying como sendo, principalmente, físico. No entanto, existem diferentes tipos de bullying: o grave, o não grave, o físico e o psicológico. (Sousa, 2009) Para além destas formas de bullying, este também se apresenta a nível verbal, social e sexual. (Serrate, 2009)

O bullying caracteriza-se, portanto, por causar sofrimento (dor física ou perturbação emocional); recorrer à agressão, isto é, existe sempre uma intenção de provocar sofrimento; a agressão pode ser física, verbal ou psicológica; e a sua frequência pode ser esporádica ou ocorrer durante um determinado período de tempo. Os agressores podem ser uma ou mais pessoas, em momentos diferentes. (Costa, 1998)

Para além da agressividade física, o bullying engloba outro tipo de comportamentos, como por exemplo: chamar nomes, espalhar rumores, enviar recados ou dizer coisas desagradáveis ou insultuosas, excluir a vítima de um dado grupo ou isolar-se a nível social, violar sexualmente, danificar bens materiais. (Costa, 1998) Deste modo, estes últimos comportamentos estão mais relacionados com o bullying indirecto. A violência a nível verbal, físico ou psicológico, enquadra-se mais no bullying directo. (Serrate, 2009)

A agressão baseia-se em ameaças, em incomodar, atormentar ou perseguir constantemente e de forma desagradável. Deste modo, a agressividade é um comportamento que consiste em magoar outra pessoa. Segundo alguns autores, a agressividade na adolescência é uma forma de domínio e reforço do ego dos jovens. (Costa, 1998)

O bullying também se pratica através de alguns jogos psicológicos. Estes “joguinhos” têm como objectivo manipular alguém, de forma a conseguir o que se pretende dessa pessoa. Estes jogos podem assumir diferentes papéis, o de intimidar uma pessoa, o de se afirmar como um herói perante alguém, ou até mesmo como forma de se vitimizar perante alguém, com o intuito de causar numa dada pessoa, sentimentos de pena. (Serrate, 2009)

Estudos revelam que os agressores são, na maior parte das vezes, rapazes e as vítimas raparigas e o bullying ocorre entre os 8 e os 18 anos de idade. As vítimas são caracterizadas a nível psicológico, por serem ansiosas, frágeis, calmas, inseguras, baixa auto-estima, tímidas e inofensivas. A nível físico, assumem como principais características a diferença, isto é, podem possuir algum atributo físico que leve os agressores a descriminarem-na, como por exemplo, usar óculos, ser excessivamente gorda ou magra, a cor da pele, algumas deficiências motoras, entre outras. Como características principais a nível social, as vítimas de bullying podem estar relacionadas com dificuldades de relacionamento com os colegas, carência de amigos, pouca ou

nula participação nas aulas, uma fraca interacção com o grupo, uma excessiva protecção por parte dos pais, resultando, no fundo, num crescente isolamento social. (Serrate, 2009)

Por sua vez, os agressores têm comportamentos negativos com os colegas, são impulsivos, dominadores, agressivos e, na maior parte das vezes, fisicamente fortes. (Sousa, 2009) Estes também se caracterizam por terem fracas capacidades de sociabilidade, carência de empatia com a vítima, assim como de culpabilização pelos seus actos, falta de controlo de sentimentos como a raiva, são muito autónomos e têm uma auto-estima muito alta. (Serrate, 2009)

Os agressores podem assumir três perfis diferentes: o activo, o social directo ou o passivo. No primeiro caso, são aqueles que agredem a vítima de uma forma directa. Quanto ao segundo, são os que influenciam e incentivam os colegas para que sejam violentos para determinadas crianças. No que respeita ao último perfil, são aqueles jovens que não agem directamente de forma violenta para com a vítima, mas apoiam, aplaudem e motivam o agressor para dar continuidade aos actos violentos em relação à vítima. (Serrate, 2009)

As vítimas deste tipo de violência escolar são crianças que são gozadas, insultadas e humilhadas pelos colegas. Estas crianças e adolescentes, tendem a tentar encontrar qualquer pretexto, de forma a evitarem o contacto com a escola. Normalmente, os pretextos mais utilizados são as doenças: dores de cabeça, dores de barriga, entre outros, uma vez que omitem dos pais aquilo que realmente se passa. Estas crianças apresentam como principais consequências deste tipo de vitimação, um insucesso escolar e fraca concentração nos estudos, fobia à escola, auto-estima muito reduzida, tendência a depressões, tentativas de suicídio, tornando-se cada vez mais inseguras em todas as áreas. (Serrate, 2009)

As perturbações de comportamento, são comportamentos inaceitáveis, que surgem nos mais diversos contextos: em casa, no meio escolar, em vários locais e contextos da comunidade. Assim, seguem-se alguns exemplos deste tipo de comportamentos: a mentira, o roubo, o consumo de drogas, a agressão física e verbal, a raiva, o mau humor, a desobediência à autoridade, a negligência no desempenho como aluno, os problemas de comportamento na sala de aula, recusar fazer os trabalhos de casa ou os trabalhos na escola. (Costa, 1998)

Falando, agora, do conceito geral da violência, é curioso perceber que existem dois tipos de violência distintos. Por um lado, a violência brutal, que diz respeito à desordem, a cenas de pancadaria propriamente dita, é todo o tipo de violência que é visível aos nossos olhos, à qual os mais fracos recorrem. Por outro lado, temos a mais típica arma dos poderosos, gerando um tipo

de violência mais fria, mas ao mesmo tempo, mais discreta e eficaz, denominada de violência subtil. Este último tipo de violência é aquela que mais se verifica no sistema de ensino. (Morais, 1995)

Neste contexto, Delphine Druart e Michelle Waelput, defendem que cabe à escola ensinar a viver em harmonia com o próximo, estabelecer regras e limites aos mais novos desde muito cedo, desde o momento em que começam a frequentar o infantário. Estas autoras acreditam, pois, que a escola pode levar as crianças a terem uma visão mais crítica do mundo. A partilha de experiências irá fazê-las ganhar uma outra percepção sobre o mundo que as rodeia. Para que tal seja possível, é imprescindível incutir nos mais novos os valores e as regras de conduta fundamentais, para que, através de trabalhos em grande grupo (neste caso a turma), incentivem à cooperação entre todos os elementos, assim como à discussão de diferentes pontos de vista, levando as crianças a criarem a sua própria visão e percepção do mundo. (Druart et al, 2008)

Estudos comprovam que a questão dos conflitos, dos comportamentos violentos e da indisciplina no contexto da sala de aula, levam a um stress e instabilidade profissional permanentes na vida de um docente. E, neste contexto, encarregar apenas a escola pelo combate aos comportamentos violentos dos seus alunos, pode tornar-se bastante desgastante para o professor. Deste modo, para além de afastá-lo das suas funções principais enquanto docente, irá causar neste, sentimentos de ansiedade, de uma certa impotência e mesmo de frustração. (Ferreira, 2007)

Muitas das crianças que agredem os colegas têm dificuldade em perceber que são agressoras. É urgente consciencializar e sensibilizar todos os elementos envolvidos na educação das crianças (pais, educadores e professores), acerca da gravidade e das consequências desta problemática. Somente assim é possível fazer, em conjunto, uma revisão às formas de actuar, de lidar, de combater este tipo de violência. (Serrate, 2009)

Neste contexto é importante que pais, educadores e professores, juntos consigam fazer um esforço por educar os mais novos e dar um contributo para que a mudança seja possível, pois “aprender a cooperação desde a mais tenra idade atenua os conflitos, regula as tensões, assegura uma melhor compreensão do outro, enriquece as interacções sociais e melhora as competências cognitivas das crianças.” (Druart et al, 2008: 15)

Algumas das medidas apresentadas para combater a violência escolar são: as reuniões entre pais e professores, a transmissão de atitudes, de comportamentos e de valores humanos,

incentivar ao trabalho em equipa, debates entre professores e alunos. Neste último ponto, é importante levantar questões pertinentes e actuais, de forma a que todos possam expressar livremente a sua opinião, aprendam a ouvir e a aceitar as perspectivas diferentes das suas, etc. (Serrate, 2009)

É, também, feita uma especial chamada de atenção para o seguinte: tentar incluir na formação inicial do professor, uma forma de os ajudar a enfrentar e a resolver possíveis conflitos entre os alunos, a tratar a indisciplina e a violência no meio escolar. (Ferreira 2007)

É preciso reflectir sobre as diferentes formas de educar e o uso das diferentes pedagogias. A educação consiste num processo muito complexo que pressupõe, consoante os valores que vigoram numa dada sociedade, que os actores sociais saibam viver em harmonia dentro do seu “habitat”. Assim sendo, a educação deve ser um trabalho contínuo, efectuado por todos os agentes sociais. Por outras palavras, digamos que “educar é intervir em vidas, assim como ensinar o é.” (Morais, 1995: 45) Mas, não se confunda este “intervir em vidas”, como uma forma de autoritarismo, muito pelo contrário, pressupõe-se que “intervir” surja como que um convite ao educando para reflectir, para que receba novos saberes. Também é importante distinguir o autoritarismo de autoridade, pois ambos os conceitos são diferentes. A autoridade é fundamental na educação, desde que uma criança nasce, é indispensável para construir a personalidade, de forma a conseguirmos não só estabelecer limites, como também a disciplina, essencial para sabermos viver em harmonia com a sociedade. Em contrapartida, o autoritarismo pressupõe uma violência cruel, desumana e não tem nenhuma função educativa, como é o caso, por exemplo, dos castigos corporais. Por outras palavras, a autoridade baseia-se no respeito mútuo, ao passo que o autoritarismo se constrói numa não relação, onde predomina a falta de respeito. (Morais, 1995)

Assim sendo, Delphine Druart e Michelle Waelput, procuram demonstrar exemplos práticos dos métodos que se podem utilizar para gerar comportamentos cooperativos entre os mais jovens e, ao mesmo tempo, afastar atitudes mais agressivas. Para além destes procedimentos travarem a violência, também acabam por desenvolver as competências e os conhecimentos dos mais jovens. As mesmas autoras focam, ainda, a importância das relações de pares para o desenvolvimento das atitudes sociais da criança, bem como do seu espírito de solidariedade. (Druart et al, 2008)

Todavia, para que seja possível criar um ambiente propício à cooperação da turma, podem surgir três dificuldades principais. Por um lado, quando as crianças têm dificuldades em

criar um espaço de comunicação. Por outro lado, os conflitos que podem daí resultar. E, por fim, o desafio que é para os professores, confrontarem com a violência de uma criança. Para resolverem esta última dificuldade, devemos ensinar as crianças a controlarem a fúria, fazendo-as perceber o significado dos seus sentimentos, aprender a expressá-los e a lidar com eles. Uma outra forma apontada é a aplicação de castigos à criança, conciliando-os com diálogos e relembrando as regras dentro da sala de aula. Também podemos apostar na mediação dos conflitos, através da reconciliação e do jogo, isto é, através da dinamização de pequenos “joguinhos”, actividades que os faça abstrair das tensões do quotidiano. (Druart et al, 2008)

Algumas das melhores formas de prevenção da violência na turma, passam, essencialmente, por criar um clima de segurança, através das interacções e diálogo entre todos os elementos. Para tal, podemos propor algumas actividades, cujo objectivo é a valorização das qualidades dos outros, da procura de soluções para os problemas, em conjunto, entre outras. Conforme estas actividades vão sendo realizadas, quer o professor, quer os alunos, vão fazendo uma avaliação das mesmas, de forma a que possamos perceber como e em quê podemos melhorá-las. A estas actividades podemos associar uma espécie de contratos com os mais novos, com o objectivo de definir o que é permitido e proibido dentro da sala de aula. Assim, estamos a desenvolver neles competências, para que saibam e aprendam a viver em conjunto, bem como a respeitarem determinadas regras que lhes são impostas. (Druart et al, 2008)

Todos estes jogos e actividades cooperativas, têm como principal objectivo levar a que todas as crianças participem, sendo a competição entre todas muito reduzida ou até mesmo nula. Com este tipo de actividades pretende-se captar a atenção deles, através de temas do interesse de todos, fazendo-as libertar as energias negativas e desenvolver a sua imaginação, assim como o seu domínio cognitivo. Por isso, o tipo de comportamentos que aqui se promovem é a socialização e o espírito de ajuda, de solidariedade, de união e de cooperação. Aqui, dá-se importância à participação, à autonomia, ao sentido de responsabilidade, à divisão de tarefas, ao diálogo, à discussão de diferentes pontos de vista, às interacções entre todas as crianças, ao respeito pelo outro, à criatividade, aprender a ter mais confiança em si e a adaptar-se aos comportamentos e ritmos dos outros. (Druart et al, 2008)

É, ainda, dever do professor, ajudar o aluno a perceber que na vida há coisas que podem e devem ser alteradas, assim como a importância de lutar, de agir para que essas mudanças sejam possíveis. No entanto, é necessário alertar acerca do perigo que pode constituir o autoritarismo que o professor pode adoptar. Com esta postura, o educador poderá levar a uma

intimidação dos educandos, o que não os estimulará à criatividade, ao espírito crítico e reflexivo. Assim, tornar-se-á complicado fazer os alunos crescerem, evoluírem intelectualmente e enquanto cidadãos conscientes e responsáveis. (Morais, 1995)

No fundo, deve-se transmitir a ideia de que a criança vai mudando a sua visão do mundo, com a percepção de diferentes situações e circunstâncias, através das experiências que vai vivendo. Pretende-se com isto, promover nos mais novos o seu desenvolvimento social e intelectual, bem como criar uma certa interdependência entre as crianças, de modo a que as “obrigue” a trabalhar em equipa desde sempre. É por isso que esta obra constitui uma mais valia para os profissionais da educação, de onde poderão retirar informações e estratégias de intervenção junto dos mais novos, de forma a evitar comportamentos violentos entre eles. (Druart et al, 2008)

Daí que uma postura de autoritarismo de um professor em relação aos seus alunos, é um exemplo de violência subtil. Por isso, é que, muitas vezes, este tipo de violência passa despercebida, pois não está à vista. Contudo, impedem que a humanidade progrida a nível intelectual. Esta é uma grande lacuna da educação, que se irá reflectir na (má) formação dos alunos, futuros cidadãos. (Morais, 1995)

Porém, muitas vezes, torna-se complicado para um único professor dar resposta a este tipo de situações, porque se sente sozinho no combate a este tipo de comportamentos dos alunos. Daí a necessidade de um trabalho conjunto, um esforço que terá de ser feito e pensado com a união de todos os professores. É, precisamente, neste contexto, que é crucial pensar na possibilidade de integrar-se aqui um modelo de Educação de Adultos, de modo a que se consigam reunir vários professores, que possam partilhar experiências e discutam possíveis métodos e técnicas para atenuar esta realidade tão violenta. Assim, em conjunto, num trabalho em equipa, poderiam construir soluções. Desta forma, os docentes seriam, eles próprios, agentes da sua formação, através da partilha de experiências, da discussão e selecção colectiva das formas mais eficazes para se combater a indisciplina e a violência no meio escolar. (Ferreira, 2007)

No entanto, como já foi referido, não se pode responsabilizar somente a escola para a questão do bullying e dos comportamentos violentos entre os mais novos. Para evitar comportamentos agressivos no meio escolar, é, também, crucial, que os pais se foquem na educação que transmitem aos seus filhos, de forma a que consigam passar-lhes bons valores e regras de conduta, para que consigam uma boa convivência com os outros. Até porque sendo

que a família é o principal agente de socialização primária, cabe a esta transmitir os valores fundamentais do ser humano aos mais novos, desde os primeiros anos de vida. (Serrate, 2009)

É no seio familiar que a criança começa a definir a sua identidade, a sua personalidade, onde lhe são incutidas as primeiras orientações, regras, princípios, definindo os seus limites. Definem-se, portanto, as relações de poder entre os diferentes membros do agregado familiar. Assim, cabe aos pais, educar os filhos, preparando-os para o convívio no meio social, tornando-os cidadãos responsáveis e conscientes, de forma a saberem viver em harmonia com a sociedade. (www.olgatessari.com)

Quando nem a família, nem a comunidade escolar consegue dar resposta a este tipo de delinquência e o jovem se torna cada vez mais perigoso para conviver com aqueles que o rodeiam, tende-se a resolver o problema através do seu encaminhamento para instituições especializadas e competentes para o efeito. Em último recurso, encaminha-se o caso para o Tribunal de Menores. Ou seja, ao invés de se tentar resolver esta situação através da terapia, de um processo de reeducação, da correcção deste tipo de jovens, hoje, parece existir uma tendência para o encaminhamento deste tipo de problemas apenas para a justiça. Portanto, lamentavelmente, estas situações dão lugar a mais um dos inúmeros casos policiais. (Gonçalves, 1999)

Digamos que a violência poderá ser minimizada através dos valores que passamos às novas gerações, seja a escola ou a família a transmitir-lhes estes valores. Por isso é que os pais, os educadores, os professores são todos responsáveis pelo futuro, para que se possa construir um mundo melhor. Desistir não é solução, temos que, em conjunto, lutar e ensinar a batalhar, a agir para um mundo sem violência, pois “quando uma sociedade começa a acreditar que, contra a violência crescente, bastam muros altos, sistemas de alarme, grades e bom policiamento, aí há alguma coisa errada.”(Morais, 1995: 131)

Assim, para que haja um bom desenvolvimento das capacidades sociais de qualquer criança, é fundamental que se estabeleçam dois tipos de relações: uma relação vertical e uma outra horizontal. Por um lado, a relação vertical é uma relação mais voltada para os pais e os professores, educadores, ou seja, um tipo de relação com alguém que tenha maiores conhecimentos, que proporcione aos mais novos uma espécie de protecção e segurança, para que eles se possam sentir mais confiantes. (Druart et al, 2008)

A importância do diálogo aberto entre pais e filhos, professores e alunos, é o ideal para que haja liberdade de expressão, promovendo a participação social, o espírito crítico, a iniciativa.

Daí, que o diálogo seja uma forma de minimizar a violência inter-relacional e a violência subtil, que se encontra, ainda, nas escolas. (Morais, 1995)

Relacionada com esta problemática, uma outra questão a salientar tem a ver com a criminalidade precoce. Esta tem vindo a aumentar consoante o tamanho das cidades: verifica-se que em cidades maiores existe mais violência, mais delinquência do que em meios mais pequenos. Outro factor a ter em conta é a densidade populacional, quanto maior é esta, maior é o stress, logo vai gerar um aumento significativo dos crimes. Daí, um apelo crescente à promoção de programas de prevenção, de forma a controlar e a evitar que este tipo de situações, de comportamentos, de violência, se repitam e continuem a conduzir os agentes sociais pelo caminho da criminalidade. (Gonçalves, 1999)

No entanto, as ocorrências criminais no meio escolar da área da GNR, diminuíram 21,7% no ano lectivo de 2010/2011, relativamente ao ano lectivo anterior. Segundo a GNR, as acções que foram levadas a cabo pelo programa Escola Segura, demonstraram constituir uma mais valia para diminuir os crimes na escola. Assim, os dados fornecidos pela GNR indicam que as ocorrências destes crimes junto às escolas das zonas de acção de responsabilidade por esta corporação, diminuíram cerca de 21,7% no ano lectivo de 2010/2011, em relação ao ano lectivo de 2009/2010. Ou seja, no fundo, registaram-se menos 289 ocorrências relativas a furtos, vandalismo, posse e consumo de drogas, injúrias, ameaças e ofensas à integridade física. Portanto, para que o início do presente ano lectivo corra dentro da normalidade, a GNR vai pôr em prática, a partir do dia 15 de Setembro de 2011, uma operação denominada “Retorno às Aulas em Segurança”. Desta forma, durante oito dias, os militares do Núcleo Escola Segura de todos os comandos territoriais, encontrar-se-ão junto das escolas para darem conselhos sobre segurança e informarem todos os envolventes do meio escolar, sobre o funcionamento deste programa. A GNR afirma, ainda, que no passado ano lectivo realizou cerca de 3289 acções de sensibilização nas escolas. (Diário de Notícias in www.apav.pt)

Para ajudar a combater toda esta problemática, é essencial um trabalho conjunto entre a família e os profissionais. É necessário sensibilizar e consciencializar toda a população para este tema, ajudando desde muito cedo os pais, para que consigam criar um ambiente familiar favorável a um crescimento saudável dos seus filhos. Reunir todos os saberes (antropologia, psicologia, sociologia, etc.) de forma a que se possam desenvolver estratégias que apelem à inclusão e combatam a exclusão. Também se deve dar cada vez mais prioridade a uma terapia

para estes jovens, de modo a ajudá-los a que possam tornar-se em melhores pessoas num futuro próximo, em verdadeiros cidadãos conscientes e responsáveis. (Gonçalves, 1999)

É, por isso, urgente buscar, cada vez mais, um equilíbrio pacífico. Para tal, temos que procurar e experimentar, incansavelmente, diferentes formas, vias, métodos para alcançar o equilíbrio e combater a violência. É necessário combater a violência, para dar lugar à educação construtiva. Tudo isto só será possível se enfatizarmos a verdadeira importância da razão, que constitui uma das características mais importantes do ser humano, promovendo a pacificidade entre os actores sociais. Sendo que o Homem é o responsável pelo mundo que cria e que vive, “lembramos, nenhum tempo é tempo de desistir.” (Moraes, 1995: 27)

2.2.3. Violência contra Idosos

De certa forma, relacionado com esta temática, está o tema da violência contra idosos. Um tema muito delicado e que requer de toda a população uma tomada de consciência e uma reflexão profunda sobre este tipo de crime. Como facilmente se compreende, este é um tema actual, que exige de nós um conhecimento actualizado, uma reflexão séria e uma postura crítica fundamentada. Deste modo, devemos reflectir no bem-estar integral do sénior e, para isso, as perspectivas das diversas áreas disciplinares são fundamentais. Portanto, os contributos que o lúdico e o lazer podem trazer a estas pessoas, constitui a chave do sucesso para um envelhecimento feliz e activo, isto é, o modo como podem os idosos ocupar o seu tempo de forma a não se sentirem inúteis ou postos de lado, de maneira a encerrarem a última etapa da sua vida felizes.

Apesar de não haver uma definição em concreto do que é ser idoso, vamos considerar pessoas idosas os homens e as mulheres com idade igual ou superior a 65 anos, idade esta que, no nosso país, está associada à idade de reforma. Estes limites não são iguais em todos os textos e documentos oficiais internacionais, muitos deles consideram como idosos, todos os indivíduos com 60 ou mais anos de idade. (Castro, 1990)

Assim, para melhor compreender este complexo ciclo da vida, a terceira idade, é de relevar o enfoque psicológico, ou seja, situamo-nos na psicologia do envelhecimento como um ramo importante da gerontologia. É, pois, importante abordar as mudanças que acompanham o processo de envelhecimento, mas também a adaptação da pessoa às várias transformações que vão ocorrendo com a idade, as implicações na personalidade e o processo de adaptação e satisfação em todo o processo. (Castro, 1990)

Embora seja rara a denúncia deste tipo de realidade, as pessoas idosas vítimas de crime, constituem uma realidade significativa na actualidade. A APAV tem o dever de apoiar a nível jurídico, psicológico e social, este tipo de vítimas. Tem, ainda, profissionais qualificados para dar resposta ao problema que lhes é apresentado pela pessoa idosa vítima de crime, em conjunto com outros profissionais, tais como as autoridades, os profissionais da saúde, os assistentes sociais, entre outros. (APAV, 2002)

A terceira idade é, talvez, uma das fases mais importantes da nossa vida, mas chega de forma pouco perceptível. De repente, estamos velhos, ou somos considerados pelas outras pessoas como velhos e não conseguimos identificar bem este momento. O sentimento de envelhecimento é muito diferente de pessoa para pessoa. Há pessoas com mais de oitenta anos que pensam e agem como jovens, e pessoas jovens que são verdadeiros “velhos”. (Castro, 1990)

Assim sendo, o termo “velho” deve ser ignorado, uma vez que apresenta uma carga relativamente negativa. Devemos antes utilizar expressões como idoso ou sénior, uma vez que são designações mais simpáticas. Também o número de idosos cresce percentualmente, dado o aumento da esperança média de vida e a diminuição da natalidade. Os idosos de hoje vivem mais tempo, mas é imprescindível que vivam com qualidade e integrados na sociedade e na família, com garantia dos meios de subsistência e apoios necessários. (Castro, 1990)

No entanto, no nosso país, tem vindo a aumentar, significativamente, o número de pessoas idosas vítimas de crime, nomeadamente, quando já têm uma idade avançada e possuem algumas limitações físicas e psicológicas. Este tipo de vitimação, pode ser ocasional, frequente ou contínua, em diferentes contextos sociais, como por exemplo, no meio familiar, em sua casa (sobretudo quando vive só), em instituições, na rua, etc. (APAV, 2002)

No que concerne ao meio familiar, pode-se dizer que a pessoa idosa sofre crimes de violência doméstica, maioritariamente, por parte dos filhos e netos. Estas tendem a querer gerir a sua vida, a tomar decisões por si, devido ao isolamento relacional, à falta de dignificação pessoal, a uma autonomia cada vez mais reduzida, bem como à sua incapacidade de decisão em assuntos relativos à sua própria vida. Deste modo, os familiares tendem a infantilizar a pessoa idosa, tornando-a num ser mais frágil e dependente, o que vai levar, mais depressa, à vitimação deste tipo de público. (APAV, 2002)

Por outro lado, em instituições de acolhimento, é-lhe reduzida grande parte da sua autonomia e liberdade, pois acaba por ser submetida a regras internas. Portanto, o abandono

por parte da família, a falta de privacidade, a negligência relativamente à toma dos medicamentos ou a nível de saúde, estão relacionadas, em grande parte dos casos, com uma violência emocional e psicológica. (APAV, 2002)

Para uma sociedade que tem a tendência a isolar os idosos e a desenvolver a vertente institucional em detrimento da família, etc., não será difícil concluir que não está a favorecer e a estimular a vontade de viver, nem tão pouco a reduzir a ansiedade. Daí que, mesmo que as críticas não sejam favoráveis a esta teoria, por considerar a adaptação ao envelhecimento demasiado linear, não deixa de chamar à atenção que uma intervenção social eficaz deve passar pela promoção de actividades, que além de ocuparem os idosos, possibilitam o estabelecimento de novas relações sociais. (Hennezel, 2006)

Quando estas pessoas vivem sós, regra geral, não têm visitas diárias de amigos nem de familiares ou de profissionais. Desta forma, o idoso fica isolado da comunidade. Daí que seja, mais facilmente, vítima de crimes: de assaltos, de burlas, de violência física e sexual. (APAV, 2002)

Em relação aos passeios na rua, a incapacidade destas pessoas de se prevenirem e resistirem a este tipo de crimes, pode levar a que os agressores fiquem mais atentos aos seus hábitos quotidianos, nomeadamente, aos seus trajectos habituais, bem como aos objectos de valor que trazem consigo. Tendo em conta tudo isto, os idosos estão mais sujeitos a actos criminosos violentos. A situação de incapacidade deste público pode reflectir-se a vários níveis. Assim, quando não são capazes de gerir a sua vida, os seus bens, de forma autónoma, os familiares e profissionais podem acabar por gerir eles próprios, de forma não legitimada. (APAV, 2002)

Perante o facto do envelhecimento geral da população, que se vai acentuando cada vez mais, a começar pelas regiões mais interiores do nosso país, é necessário reflectir sobre as suas implicações. Não devemos continuar a ignorar a necessidade de dar atenção à velhice nos mais diversificados contextos: institucional, político, económico e também da saúde, pois os idosos têm necessidades próprias e características particulares que devem ser atendidas. (Huizinga, 1996)

Em relação a este assunto do envelhecimento da população, estudos levados a cabo pelo INE demonstram que, entre 2000 e 2009, Portugal registou aumentos significativos na esperança de vida. Actualmente, estima-se que os homens que atingem os 50 anos de idade vivam ainda mais 29 anos. Relativamente às mulheres que alcançam a mesma idade, estas

podem esperar viver mais 33 anos. Desta forma, os homens que atinjam os 60 de idade podem esperar viver ainda mais 20 anos e as mulheres que alcancem a mesma idade podem esperar viver mais 24 anos. Portanto, estima-se que, na actualidade, os homens que atinjam os 65 anos vivam, em média, mais cerca de 17 anos. Em contrapartida, a vida média esperada das mulheres que chegam à mesma idade, sobe para cerca de 20 anos. Portanto, as estatísticas disponíveis no INE, apontam para uma progressão do fenómeno do envelhecimento, notando-se um acréscimo de pessoas idosas, sendo que o número da população mais velha ultrapassa o número de jovens. Assim, o envelhecimento demográfico constitui um dos grandes desafios e oportunidades para a sociedade portuguesa, no sentido de procurar respostas, estratégias e soluções para garantir a coesão social. (www.ine.pt)

Retomando a temática da violência contra este tipo de população, os agressores que “atacam” estas vítimas, normalmente, são pessoas com as quais o idoso se relaciona diariamente: familiares, profissionais de saúde, responsáveis pelos seus cuidados, quando estão institucionalizados, mas também podem ser pessoas estranhas a si, que, muitas vezes, apresentam uma identidade falsa. (APAV, 2002)

Quando são vítimas de pessoas com quem se relacionam no seu dia-a-dia, estas vítimas sofrem fisicamente, pois os agressores impedem ou negligenciam os seus cuidados físicos, médicos, alimentares e de hidratação adequados. Podem, ainda, vitimizá-los através do abuso sexual, da sua imobilização, de feridas ou de queimaduras. (APAV, 2002)

As vítimas sofrem, ainda, a nível psicológico, quando os agressores as humilham, as envergonham, lhes alteiam a voz, as intimidam, as ridicularizam ou infantilizam. Podem, também, utilizar ameaças a nível financeiro, institucional, privando-as de informações ou até falseando-as, desautorizando-as nas decisões pessoais (o que devem vestir, quando devem levantar-se, quando devem ir dormir, etc.). De igual forma, estas pessoas também sofrem a nível social, uma vez que os agressores podem isolar a vítima de todos, como por exemplo no seu quarto, não a deixando participar na vida e reuniões familiares, impedindo que se relacione com amigos e com a própria sociedade. Da mesma forma, podem sofrer patrimonialmente, isto é, os agressores tendem a apropriar-se dos cheques de pensão, a roubar-lhes o seu dinheiro ou bens, a pedir-lhes honorários excessivos pelos serviços prestados ou, até mesmo, a venderem as suas propriedade (móveis e imóveis), sem o seu consentimento. (APAV, 2002)

Por isso há que inverter esta situação. Com o envelhecimento da sociedade, aumenta o número dos mais velhos, o que implica uma maior necessidade de cuidados de saúde e de

apoios mais específicos, de modo a assegurar aos idosos, um bem-estar a todos os níveis. Se a distribuição da população idosa no território português é assimétrica, a mesma assimetria também se verifica com a distribuição de lares e equipamentos sociais nas valências de terceira idade, que não são proporcionais nem em quantidade, nem em capacidade. (Castro, 1990)

Uma vez que a vitimação também é feita por familiares e por profissionais de saúde, em quem as vítimas confiam, gostam e têm um elevado grau de consideração, é complicado para o idoso perceber porque é que isto está a acontecer e não recebem carinho por parte destas pessoas, mas, pelo contrário, fazem-nas sofrer e sentirem-se desvalorizadas. Estes sentimentos agravam mais quando a pessoa idosa tem algum tipo de incapacidade física ou psicológica para gerir a sua vida e os seus bens pessoais. Deste modo, o principal objectivo dos agressores é aceder às questões patrimoniais da sua vida. (APAV, 2002)

Portanto quando os idosos são vítimas de ataques violentos, isso vai afectar-lhe a vários níveis. Quanto ao nível físico, em caso de roubo, por exemplo, o idoso pode sofrer feridas, hematomas ou fracturas a nível físico, como também pode reflectir-se num desequilíbrio de saúde e bem-estar físico. A nível psicológico, é visível uma grande instabilidade psicológica, devido ao pânico, ao medo, às insónias, à insegurança, à depressão, entre outros. No que toca ao campo social, verifica-se um isolamento social e um enorme receio de comunicar com outras pessoas. Assim sendo, o idoso não sai à rua nem permite visitas em casa. (APAV, 2002)

Existem algumas características, aos quais devemos estar atentos, que podem indicar que o idoso está a ser vítima de algum tipo de crime. Contudo, podem ser facilmente confundidas com o processo de envelhecimento ou com certas doenças, daí que seja mais moroso reconhecer a situação de crime. Assim, alguns possíveis indícios de vitimação são: o aparecimento de feridas ou hematomas inexplicáveis, a falta de tratamento de problemas de saúde, a falta de higiene, insónias, má nutrição e alimentação, depressão, aumento da vulnerabilidade física e psicológica, o isolamento social, o corte, a irregularidade ou inadequada administração da medicação, a recusa de apoio, a inibição na tomada de decisões sobre qualquer aspecto da sua vida, a incoerência no seu discurso ou comportamentos, a incoerência no discurso de familiares ou prestadores de serviços, sentimentos de culpa e de medo, a agressividade para com os outros e o receio da mudança. (APAV, 2002)

Por isso, o profissional que lida directamente com este tipo de casos, deve ter sempre em conta que a pessoa idosa pode não ter noção que está a ser vítima de crime. Assim sendo,

aqueles que são mais chegados ao idoso devem estar mais atentos às suspeitas, bem como aos seus comportamentos e atitudes. (APAV, 2002)

No que toca à pessoa idosa, esta é encarada de diferentes formas, consoante a sociedade em que se insere. Nas sociedades ricas, encara-se a terceira idade de maneira bastante prática e objectiva. O idoso tem acesso aos seus direitos e reconhece os seus limites, havendo países em que se procura aproveitar as capacidades profissionais do idoso. Já nas sociedades pobres, há uma tendência a isolar o idoso, ou até mesmo considerá-lo inútil, um verdadeiro peso morto, acabando o idoso por se sentir assim também. Tendo em conta a última situação, torna-se necessário, ou até mesmo essencial, que o idoso “não se deixe envelhecer”, ou seja, se o idoso aceitar o seu estado de velhice mas optar por ter um comportamento aproximado ao dos jovens, nunca se vai sentir inútil, um trapo velho. Daí a crescente importância do lúdico e do lazer na terceira idade, para que através da promoção de actividades deste carácter, se consiga promover um envelhecimento mais produtivo. (Castro, 1990)

Portanto, é urgente incentivar os idosos, mostrar-lhes que ainda são capazes de ensinar e ser úteis. Mesmo que não estejam no seu ambiente, estando num lar, por exemplo, é possível manter sempre a boa disposição, podem dedicar-se ao artesanato, “croché”, estatuetas de barro ou madeira, bonecas de trapos, à realização de passeios ao ar livre, de visitas a vários sítios, ao convívio entre idosos. Ainda há muito que os idosos podem fazer para se sentirem vivos e é, sobretudo, fazendo-os sentir que há muito amor à volta deles, que sentem mais vitalidade. (Huizinga, 1996)

Mas para tal, é preciso saber morrer. E para saber morrer é preciso saber viver, viver em constante ânimo, viver o dia presente com uma luta incessante pela felicidade, ser feliz, fazer os outros felizes e ter, sobretudo, a consciência de que vivemos com amor. Assim, “evitando pensar na morte, evitamos pensar na vida. Toda a tradição insiste nisso: o nosso medo de morrer não é senão o medo de morrer antes de termos vivido verdadeiramente”. (Hennezel, 2006: 66) E nada melhor que evitar este receio se a cada dia que passa tivermos plena consciência de que cumprimos a missão da nossa passagem pela vida. (Hennezel, 2006)

Contudo e infelizmente, o nosso país está entre os cinco piores dos 53 países europeus analisados pela Organização Mundial de Saúde. Cerca de um milhão de idosos são vítimas de violência. No caso de Portugal, o nosso país "integra a lista negra dos cinco países europeus que tratam pior os seus idosos, entre os 53 Estados analisados pela agência de saúde da ONU, ao lado de Sérvia, Macedónia, Israel e Áustria. Dos 39% de idosos vítimas de violência, 32%

sofreram abusos psicológicos, 16,5% foram alvo de extorsão, 12,8% de agressões físicas, 9,9% de negligência e 3,6% de abusos sexuais. Familiares são os grandes agressores." (Diário de Notícias in www.apav.pt)

Neste sentido é importante que tratemos melhor dos nossos idosos, uma vez que passam pela fase terminal da vida. Devemos alertar para a promoção de um final de vida feliz, proporcionando-lhes o máximo de bem-estar, de alegria e de paz interior, fazendo-os sentir que o seu percurso pela vida foi e, ainda, é de extrema utilidade para todos nós. Assim, também podemos ajudá-los a compreenderem que a morte é uma etapa da vida, ou seja, a última. A vida é um caminho que tem um fim e a aceitação de tal destino só permite que tenhamos uma vida feliz. A velhice não é o degenerar lento e doloroso para algo terrível, é apenas uma parte do caminho que todos temos que percorrer. De nada adiantam grandes dissertações, o fundamental é viver o dia presente da melhor forma e não desistir de ser feliz só porque pensamos que o fim está perto. (Hennezel, 2006)

2.2.4. Crimes Rodoviários: Uma Outra Forma de Violência

Uma outra forma de crime que parece estar um pouco esquecida, são os crimes na estrada. A sinistralidade rodoviária é fruto de vários factores. Diariamente morrem pessoas, nas estradas portuguesas, devido ao excesso de velocidade, ao desrespeito pelos sinais de trânsito ou até mesmo condutores sem carta. Os acidentes em passadeiras também são muito frequentes. Em relação a este último, acontece, geralmente, que após o atropelamento, os condutores tendem a pôr-se em fuga sem sequer assistirem as vítimas. (Cordeiro, 1999)

Na Europa, o álcool é responsável por 19% dos ferimentos em acidentes na estrada, assim como 22% das lesões graves e mortes. (www.deco.proteste.pt) Os traumatismos, os ferimentos e as lesões causadas pelos acidentes na estrada são, em grande parte dos países, a principal causa de morte e de internamento. Portugal é dos países da União Europeia com taxas de mortalidade mais elevadas, sendo estas quatro vezes superiores às da Holanda, dos Países Nórdicos, do Reino Unido ou da Austrália. Da mesma forma, em comparação com a Espanha e a Itália, no nosso país, a taxa de mortalidade na estrada é duas vezes superior à destes países. (Cordeiro, 1999)

Ainda em relação à população portuguesa, nos últimos 2 anos, cerca de 75 mil portugueses sofreram acidentes de viação, devido ao excesso de álcool. (www.deco.proteste.pt) Muitos destes acidentes poderiam ser evitados se todos nós tomássemos as precauções

necessárias no dia-a-dia. Deste modo, para que não coloquem as suas vidas nem as vidas dos outros em perigo, devem ter em conta algumas formas de prevenção.

O cinto de segurança é uma das formas de evitar lesões e ferimentos irreversíveis no ser humano. Contudo, apesar de ser uma maneira de proteger o condutor e os passageiros, o cinto de segurança, por si só, não faz milagres. Há embates tão fortes que todas as formas de protecção dos passageiros e do condutor, acabam por não ser suficientes para travar a morte e graves ferimentos. Por sua vez, ignorar o uso do cinto de segurança e exceder o número de passageiros no automóvel, pode agravar esta problemática. Os jovens tendem a “esquecer-se” e a dar menos importância a estes pormenores que podem fazer toda a diferença. Para agravar ainda mais este cenário, os carros que os jovens conduzem são, geralmente, mais antigos, porque são inexperientes e os pais consideram que não precisam de grandes carros para se iniciarem na condução. Deste modo, estes carros são muito pouco seguros e, aliados ao ambiente de insegurança que os mais novos criam, a possibilidade de terem um grave acidente torna-se cada vez maior. Porém, quando surge a oportunidade de conduzirem um carro topo de gama, aí a tendência é acelerarem o máximo que podem, sem limites. (Cordeiro, 1999)

Quando se conduz, também se deve estar consciente de que não se pode beber. (www.ansr.pt) No que toca à condução sob efeito de álcool, não podemos culpar apenas os jovens por misturarem o álcool com a condução. No entanto, verifica-se uma grande tendência para beberem primeiro e só depois pensarem que têm de conduzir. E, infelizmente, este hábito só muda quando os desastres envolvem o próprio condutor. (Cordeiro, 1999) Se tiverem esta consciência, podem combinar com um amigo que leve carro próprio ou que conduza o seu. Devem, pois, reflectir que ao tomar esta decisão estão a zelar, não só pela sua segurança, como também pela segurança dos próprios amigos. (www.ansr.pt) Assim, quanto maior for a concentração de álcool no sangue do motorista, maior a probabilidade de provocar um acidente. Segundo as estatísticas, é a camada jovem que tem mais acidentes de viação. (www.ansr.pt)

Sabe-se, também, que os acidentes em motos e automóveis são a principal causa de morte entre os jovens. O risco de sofrerem ou provocarem um acidente é maior entre os jovens do que em qualquer outro condutor. Isto deve-se, não só à experiência, como também a comportamentos de grande risco na estrada. (Cordeiro, 1999)

Não é demais referir que o abuso das bebidas alcoólicas está relacionado com 30% das mortes por cancro do esófago e fígado, assim como com metade das mortes por cirrose. Deste modo, o álcool é já a terceira causa de morte precoce. (www.deco.proteste.pt) Estudos

demonstram, também, que mais de metade dos grandes consumidores de álcool, afirmam beber para desempenhar tarefas profissionais com maior facilidade ou até mesmo como forma de desinibir os mais introvertidos, com o intuito de aumentar os seus contactos sociais. (www.deco.proteste.pt) Todavia, todos os consumidores de álcool não devem exceder mais do que um copo para as mulheres e dois para os homens. Esta é a dose diária recomendada. Mais de metade daqueles que têm problemas com o álcool começaram a beber antes dos 18 anos. É, também, de relevar que o álcool causa problemas de memória, de concentração e aumenta a probabilidade de conflitos sérios com outras pessoas, assim como de sofrer acidentes na estrada. (www.deco.proteste.pt)

Portanto, para se ser um bom condutor, uma condução exemplar exige duas características essenciais: maturidade e calma. Isto é algo que os jovens não têm na grande maioria das vezes. Estas características são, por isso, cruciais para o condutor conseguir controlar o veículo em situações de perigo. (Cordeiro, 1999)

Alguns dados estatísticos revelam que 40% dos jovens, que começaram a beber aos 13 anos, acabam por enfrentar problemas de dependência, mais tarde. Além disso, estudos comprovam que se observam mais casos de insucesso escolar e de delinquência, entre os jovens que bebem. (www.deco.proteste.pt)

Parte, pois, de todos nós, dar um contributo para atenuar a sinistralidade nas estradas. Neste sentido, os pais têm uma responsabilidade acrescida em transmitir aos seus filhos, bons ensinamentos sobre a segurança na estrada e demonstrar a importância de sermos bons condutores, de forma a que os mais novos sigam o bom exemplo. Se, todos nós, seguissemos à risca as regras de trânsito, quer como peões, quer como condutores, estaríamos a dar um bom exemplo às crianças e jovens, educando-os para esta realidade. (Cordeiro, 1999)

O excesso de velocidade também constitui um factor predominante nos acidentes de viação. Acontece que, muitas vezes, as pessoas tendem a andar a altas velocidades, pois têm pressa de chegar ao seu destino. (www.ansr.pt) Aliada ao excesso de velocidade encontra-se a questão do risco, algo muito característico desta faixa etária. Os rapazes correm mais risco do que as raparigas por uma questão cultural, ou seja, o carro é símbolo de machismo. Assim sendo, o que tende a acontecer é que estes jovens querem demonstrar ao sexo oposto as suas habilidades ao volante. Deste modo, vão colocar em risco as passageiras. (Cordeiro, 1999)

Um outro factor de risco é o sono, muitas vezes, associado ao consumo de álcool ou drogas. Daí que se recomende a paragem de duas em duas horas, em casos de viagens mais

longas e cansativas. Por isso, quando se está a conduzir e o condutor sentir sono, deve-se parar para descansar, nem que seja uma sesta de apenas 30 minutos, pois poderá fazer toda a diferença. (www.ansr.pt) A hora e as condições, nas quais os jovens conduzem, revelam um outro aspecto fundamental, que leva a grandes desastres rodoviários. Se fizermos uma condução durante a noite e a madrugada, devemos redobrar a atenção e os cuidados, pois há pouca iluminação, visibilidade, etc. Por outro lado, o facto de ser uma condução feita já no final do dia, leva a que o cansaço prevaleça sobre o condutor. Desta forma, estudos revelam que a taxa de mortalidade é quatro vezes maior se a condução for feita durante a noite. (Cordeiro, 1999)

Perante estes factos, os pais podem e devem intervir. Devem, pois, manter-se atentos a certos sinais como o isolamento social do jovem, a passividade alternada com agressividade, o afastamento da família, os problemas de raciocínio e de memória, bem como o vandalismo. Estes podem ser característicos da adolescência, como também um indício de dependências alcoólicas ou de drogas. Portanto, os pais devem manter um diálogo aberto com os filhos, relativamente a estes assuntos referentes ao álcool e às drogas. (www.deco.proteste.pt)

Se, sobretudo, os jovens que são o público que provoca mais acidentes de viação, reflectirem e seguirem algumas regras, algumas dicas, poderão evitar-se muitos acidentes. (Cordeiro, 1999)

Para tentar dar resposta a esta situação, o Instituto da Droga e da Toxicodependência (IDT) coordena o Plano Nacional para a Redução dos Problemas Ligados ao Álcool, que está a decorrer até ao final de 2012. Entre as principais estratégias de intervenção, o objectivo é reduzir o consumo de álcool pelos jovens, melhorar o sistema de tratamento desta dependência e reduzir os acidentes de trabalho. Deste modo, pretende-se, ainda, alargar os centros de tratamento a todo o país, através dos médicos de família. (www.deco.proteste.pt)

Em relação aos atropelamentos, algo muito curioso é o facto de que num atropelamento a 50km/h, há vinte vezes uma maior probabilidade de morte, do que num acidente a 30km/h. No entanto, há limites de velocidade nas estradas que não se cumprem. (Cordeiro, 1999)

Em cada ano que passa, quase 500 crianças e adolescentes morrem em acidentes rodoviários, como se caíssem dois aviões. O que acontece com frequência é que, na grande maioria das vezes, perdemos a noção da tragédia e não reflectimos sobre isto. Crianças e jovens perderam uma vida, famílias ficam desgostosas e em profundo sofrimento. (Cordeiro, 1999)

Em Portugal, anualmente, só em acidentes de viação, gastam-se milhares e milhares de euros em serviços de saúde, relativos a danos causados nas pessoas. Todos correm perigo de vida no quotidiano, porque todos nós somos passageiros, peões ou condutores. Então, é urgente prevenir e agir no sentido de reduzir a taxa de criminalidade e mortalidade nas estradas portuguesas. (Cordeiro, 1999)

Centremo-nos, pois, nas crianças, que devem ser as mais protegidas, pois para além de serem passageiros, também são peões. Assim sendo, devemos assegurar quer a segurança máxima enquanto passageiros que são, mas também enquanto peões. Estes cuidados são imprescindíveis para que consigamos reunir as condições necessárias para que circulem calmamente e em segurança na via pública. Uma outra curiosidade sobre os mais novos, é o facto de que só por volta dos 10 - 12 anos de idade é que estes começam a ter percepção de onde vem o som, a velocidade e a distância das viaturas. Portanto, só a partir de então é que são capazes de coordenar toda esta informação. Daí que os atropelamentos aos mais pequenos sejam mais trágicos e frequentes. (Cordeiro, 1999)

“Perdemos a noção da partilha dos espaços comuns e transformamos a rua – que deveria ser afinal a casa comum da sociedade e da vizinhança – num «palco de guerra», num «salve-se quem puder!» e colocamos os nossos filhos nesse cenário.”(Cordeiro, 1999:11) Cabe, portanto, aos condutores portugueses comportarem-se devidamente na estrada ou na rua, para que o nosso país deixe de estar entre os países com a taxa mais elevada de mortalidade nas estradas. Estas precauções devem ser tomadas, sobretudo, perto das escolas, das casas, e sempre que vejamos uma criança no passeio, porque, às vezes, por distração, estas podem ter algum instinto de risco. Assim, mesmo que o acidente se dê, se o embate for com menor velocidade, as consequências serão menores, menos graves. (Cordeiro, 1999)

A educação é um processo muito complexo, pois o acto de educar pressupõe levar o ser humano a uma reflexão, a uma tomada de consciência, que conduza à mudança da sua maneira de estar a vários níveis, da sua visão acerca do mundo. Deste modo, podemos dizer que a educação é das actividades de maior risco para o Homem, e ao modificarmos a nossa forma de estar e agir, enquanto condutores, podemos evitar que, anualmente, milhares de jovens sejam vítimas de acidentes graves, deixando-os, muitas vezes, inválidos para o resto da vida. (Cordeiro, 1999)

Em alguns países, adoptou-se uma espécie de licenciamento gradual, isto é, com a primeira carta de condução, apenas podem conduzir em certas condições e só em determinados

horários. Passados uns tempos, passar-se-ia para outro exame, que daria lugar a condições e horas mais complicadas, exigindo mais cuidados e uma maior concentração. E assim sucessivamente. Uma outra solução apontada para prevenir e diminuir a sinistralidade nas estradas portuguesas, diz respeito à integração de aulas de acidentologia, anatomia e ortopedia, nos cursos de condução, de forma a sensibilizar os jovens para esta dramática realidade. (Cordeiro, 1999)

Ainda relativamente a este assunto, tem-se verificado uma crescente necessidade para formar o condutor, no sentido de o fazer perceber a responsabilidade que tem quando está ao volante. Para além disso, deverá ter consciência de que não circula sozinho na estrada e, por isso, deve respeitar os outros que, como ele, também circulam, sejam eles condutores, passageiros ou peões. Estes princípios são mais fáceis de incutir nos jovens, uma vez que se encontram, ainda, numa fase de definição da sua personalidade e comportamentos. (Cordeiro, 1999)

CAPÍTULO III – ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO DO ESTÁGIO

3.1. Definição do Paradigma de Intervenção

Os paradigmas predominantes no decorrer da minha intervenção são, não só o paradigma interpretativo como, em simultâneo, o paradigma crítico. Os paradigmas baseiam-se na relação entre a natureza, a sociedade, o indivíduo, constituindo, assim, uma forma de analisar a realidade. São, pois, os paradigmas, que dão origem a várias formas de compreender os diversos fenómenos educativos. O paradigma interpretativo é imprescindível para a compreensão da realidade, ao passo que o paradigma crítico vai complementar o anterior, pois visa transformar, mudar a realidade, através da racionalidade crítico-emancipatória. Deste modo, o paradigma interpretativo visa compreender a sociedade, parte da compreensão do próprio indivíduo, ou seja, permite “entrar” no mundo pessoal dos indivíduos num determinado contexto social, com o intuito de compreender e interpretar esse meio, essa realidade. Para que tal seja possível é fundamental analisar a realidade, o fenómeno social, livres de qualquer tipo de preconceitos, descrevendo os factos tal como eles são, interpretando e entendendo a realidade como sendo objectiva. Uma vez que este paradigma visa apenas a percepção da realidade tal como ela é, terei de recorrer a um outro, que me auxilie na transformação da realidade, na mudança propriamente dita. Portanto, para que a mudança fosse possível, foi crucial integrar na minha intervenção, o paradigma crítico. Este permitiu-me transformar a realidade social, pois parte de uma racionalidade crítico-emancipatória. Este paradigma baseia-se, sobretudo, na crítica das ideologias, promovendo a justiça e a igualdade social, dando origem à inovação, à criação de um novo mundo, de uma outra realidade. O fundamental é que, através do paradigma crítico, conseguisse levar o público-alvo a ter uma auto-reflexão, uma tomada de consciência sobre a realidade e o mundo, no qual se inserem, desenvolvendo em neles o espírito crítico, conduzindo à revolução, a uma crescente evolução, ao progresso. (Barbosa, F, 2004)

3.2. Selecção do Método e Técnicas de Intervenção

A análise dos dados é utilizada, como o próprio nome indica, para organizar os dados e apresentá-los de forma a perceber as informações, os resultados obtidos de um determinado estudo. Assim, os procedimentos estatísticos podem ser aplicados a qualquer conjunto de dados.

Para a minha intervenção recorri a uma metodologia, essencialmente, de carácter qualitativo, no entanto, utilizei também uma metodologia de carácter quantitativo. Com a metodologia qualitativa pretendia compreender, reflectir e intervir sobre a problemática em questão: a violência. Por outro lado, pretendia ainda uma análise estatística sobre os resultados obtidos da minha intervenção, pelo que usei também a metodologia quantitativa.

Relativamente à metodologia qualitativa, recorri à investigação-acção-participativa, um método fundamental para que pudesse desenvolver a minha intervenção fora da instituição, ou seja, o meu projecto de estágio. Assim, as técnicas seleccionados para a minha intervenção foram técnicas qualitativas e quantitativas.

No que concerne às técnicas qualitativas, estas são:

Estudo de caso

Foi uma técnica imprescindível para os atendimentos de apoio às vítimas de crime que realizei na APAV. Através do estudo de caso, pude avaliar cada caso em particular, prestar apoio emocional e social às vítimas, ajudando-as a reorganizar os seus projectos de vida. Portanto, esta técnica é utilizada para estudar casos específicos, não podendo ser generalizado. O estudo é feito sobre a situação do individuo num dado momento, consoante a especificidade de cada caso. É, portanto, um estudo sistemático, pormenorizado e intensivo sobre uma situação em particular. No entanto, tem como inconvenientes o facto de constituir um estudo muito complexo, muito moroso e difícil de levar a cabo. (Flick, 2005)

Observação participante

Desde o meu primeiro dia na instituição que utilizo esta técnica, não só para perceber a forma de funcionamento da APAV e as competências que cada técnico deve possuir para fazer um atendimento de qualidade às vítimas, como também para perceber qual a melhor forma de oferecer o meu contributo na instituição. Esta técnica consiste em captar a realidade no momento exacto. Permite ao investigador recolher as informações necessárias sobre um determinado objecto. Assim, é uma técnica fundamental para registar as informações de imediato e de forma detalhada, tomando notas sobre a realidade, de modo discreto e rápido. Uma das grandes vantagens desta técnica, reside no facto de possibilitar ao investigador a obtenção de respostas sem perguntas explícitas, ou seja, não é necessário um diálogo com o

público, para ter as respostas às suas dúvidas. Em contrapartida, um dos maiores inconvenientes desta técnica é a dependência da memória do investigador, que pode não assimilar devidamente toda a informação que recebe. (Flick, 2005)

Conversas informais

Com a gestora do Gabinete e os Técnicos de Apoio à Vítima, com os quais colaboro no dia-a-dia, procuro compreender as maiores necessidades que a APAV tem vindo a sentir ao longo dos tempos e qual a melhor forma de dar resposta a essas mesmas necessidades. Assim, pude perceber como poderia melhorar o seu funcionamento, no âmbito da minha área de especialização.

Análise Documental

Recorri a esta técnica com o intuito de aprofundar os meus conhecimentos em cada temática que tratei. Procurei, sempre, pesquisar e saber mais sobre todos os temas tratados ao longo do estágio, de forma a que pudesse ter um vasto leque de conhecimentos teóricos fundamentais para sustentar e justificar a minha intervenção. Assim, a análise documental é um processo que abrange a selecção, o tratamento e interpretação da informação existente em documentos, com o objectivo de extrair algum sentido. Deste modo, o investigador pode recolher dados, com o intuito de estudá-los, ou mesmo para encontrar informações úteis que lhe possibilitem estudar outros conteúdos. Este tipo de documentos podem ser manuscritos, impressos ou audiovisuais. Podem, ainda, conter texto ou números. (Carmo & Ferreira, 1998)

Em relação à metodologia quantitativa, optei por:

Inquéritos por Questionário

Um questionário é um instrumento de investigação muito útil, pois visa recolher informações sobre um determinado tema, partindo, geralmente, da inquirição de um grupo representativo da população em estudo. Uma vez que pretendia interrogar um elevado número de pessoas, num curto espaço de tempo, optei por esta técnica. Desta forma, o inquérito por questionário é uma técnica de recolha de informação bastante útil, quer para nos auxiliar na recolha das opiniões, quer para perceber o impacto causado pela minha intervenção em cada um dos diferentes contextos.

Esta técnica é uma das mais utilizadas na pesquisa científica, nas sondagens. “Realizar um inquérito é interrogar um determinado número de indivíduos tendo em vista uma generalização.” (Ghiglione et al:2, 1993) Por outras palavras, a aplicação do inquérito visa uma generalização, isto é, permite-nos retirar conclusões mais gerais, mais vastas, do que, por exemplo, uma entrevista. (Ghiglione et al,1993).

Análise Estatística

Relativamente à análise estatística, esta constituiu uma componente importante na recolha de dados para a investigação. Foi muito útil, pois possibilitou reduzir uma grande quantidade de dados para uma forma mais compreensível, tanto para o investigador como para o leitor. A análise estatística dos dados permite criar uma base para a posterior análise e interpretação dos dados recolhidos. Quando os dados recolhidos são numéricos, a descrição destes dados denomina-se por estatística descritiva, ou seja, uma tentativa de síntese matemática dos dados. Para além disso, a incorporação de dados quantitativos numa investigação pode aumentar a sua credibilidade. A análise estatística é muito vantajosa quando queremos perceber a frequência de um dado factor ou a relação entre dois aspectos. (Ghiglione et al,1993)

3.3. Apresentação do Plano de Tratamento e Análise dos Dados

Avaliação

Para preparar ou pôr em prática uma avaliação é necessário, desde o primeiro instante, ter a noção do que se pretende avaliar. Assim, *“A Avaliação qualquer que seja a diversidade de entendimento e de métodos de execução, tem sido considerada um conjunto de procedimentos para julgar os méritos de um programa e fornecer uma informação sobre os seus fins, as suas expectativas, os seus resultados previstos e imprevistos, os seus impactes e os seus custos. Ela é o processo pelo qual se delimita, se obtém e se fornece informações úteis, permitindo ajuizar sobre as decisões futuras e é um aviso sobre a eficácia de uma intervenção ou de um plano que está a ser implementado”* (Guerra, 2002:186).

No meu trabalho procedi a uma avaliação contínua e não apenas final. *“A avaliação acompanha qualquer prática. Ela não se apresenta, simplesmente, na fase terminal, mas através de diferentes avaliações pontuais, que constituem outras tantas avaliações intermédias,*

a prática toma melhor consciência daquilo que faz” (Boutinet, 1996:267). Podemos então dizer que a avaliação funciona como um guia do projecto, como Boutinet menciona *“A avaliação enquanto contrapapel servirá pois de guia para o projecto ao longo de toda a sua realização”* (1996:267), ou seja, a avaliação é contínua e permanente ao longo do projecto.

“Todos os projectos contêm necessariamente um plano de avaliação que se estrutura em função do desenho do projecto e é acompanhado de mecanismos de autocontrolo que permitem, de forma rigorosa, ir conhecendo os resultados e os efeitos da intervenção e corrigir as trajectórias caso estas sejam indesejáveis” (Guerra, 2002:175). O plano de avaliação desempenha um papel preponderante, já que através dele nos vamos apercebendo do rumo da intervenção, permite-nos, pois, encontrar alternativas caso este não seja o caminho pretendido, isto é, ajuda-nos a buscar soluções para problemas que possam surgir.

Deste modo, *“A avaliação no decurso do projecto constitui mais um sistema de acção do que um julgamento sobre a acção. Devido ao seu carácter permanente, operativo, participativo e formativo, trata-se mais de uma dinâmica de serviço, de apoio e de orientação (ou de reorientação) das actividades do que de um processo de controlo”* (Almeida e Nóvoa, 1992:124). Assim, *“Avaliar é sempre comparar com um modelo – medir – e implica uma finalidade operativa que visa corrigir ou melhorar”* (Guerra, 2002:185). Daí a importância da avaliação, pois conseguimos detectar os erros e/ou melhorar alguns aspectos do projecto.

Assim, todas as acções de sensibilização que desenvolvi, bem como todas as actividades que dinamizei no final de cada uma destas acções, tiveram por base uma avaliação prévia das necessidades do público-alvo, de modo a que a minha intervenção pudesse ser a mais adequada possível. A avaliação do impacto das acções e das actividades aqui integradas foi feita através da aplicação de inquéritos, de forma a que me fosse possível compreender o impacto causado no público, o seu grau de satisfação, a pertinência do conteúdo, percebendo o que devia ser alterado e melhorado, caso os resultados obtidos não estivessem a ir de encontro com os objectivos estipulados. Para obter uma primeira impressão do impacto da minha intervenção no público, no final de cada acção e actividades, utilizei como estratégias a observação participante, uma observação mais atenta à população, bem como conversas informais com os elementos do público, convidando-os a expressarem a sua opinião sobre o assunto tratado e a forma como foi exposto e analisado.

Para além de ser avaliada pelo público-alvo, tive sempre o cuidado de consultar quer a orientadora, quer a acompanhante da instituição (APAV), de modo a trocar algumas impressões,

antecipadamente, sobre os preparativos para cada intervenção a realizar, e também no desenrolar das mesmas. Assim, ambas puderam fazer uma avaliação mais concreta do meu desempenho ao longo do estágio, bem como a fazerem observações, correcções e dar sugestões sobre cada intervenção em específico.

Após tudo isto já se reunia a informação mais pertinente que me permitiu tirar ilações finais sobre o meu desempenho, o impacto causado e o grau de satisfação das acções de sensibilização dirigidas a cada público em específico. Do mesmo modo, encontravam-se reunidos os aspectos cruciais que me permitiram fazer uma breve avaliação do meu estágio.

Podemos concluir que este projecto exigiu uma avaliação permanente e contínua, procurando actualizá-lo com frequência para que fosse mais eficaz.

CAPÍTULO IV – APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DO PROCESSO DE INTERVENÇÃO

4.1. Recursos Necessários à Intervenção

Para que o meu plano pudesse ser posto em prática, não pude dispensar determinados recursos, essencialmente, humanos e materiais. Portanto, no que respeita aos recursos humanos, foi imprescindível o público-alvo específico para cada tipo de acção de sensibilização. No que toca aos recursos materiais, foi fundamental para uma boa intervenção da minha parte e adequação a cada contexto em particular: o meu portátil, para a passagem do powerpoint, suporte que utilizei para desenvolver a temática que abordei; um Data Show, prospectos informativos e cartazes alusivos às diferentes temáticas (grande parte deles elaborados por mim), inquéritos, fita-cola, tesoura, mesas, cadeiras, folhas brancas, canetas, recortes de imagens retiradas da internet, patafix, revistas e cola.

4.2. Descrição das Actividades de Intervenção Desenvolvidas

Palestras em Escolas Primárias, Básicas e Secundárias

As actividades previstas nestas instituições não foram levadas a cabo. Sempre que me dirigia aos responsáveis pela autorização da realização destas palestras, as reacções e interesse demonstrado por estes em relação ao meu trabalho, eram muito variáveis. Alguns afirmavam que tinham todo o interesse nas propostas por mim apresentadas, mas sendo que o ano lectivo já tinha “arrancado”, o calendário escolar já estava devidamente preenchido, sendo que este tipo de actividades devem ser requeridas logo no início do ano lectivo, para que possam ser autorizadas e constar, desde logo, no calendário escolar, para que os professores se possam organizar nas actividades a desenvolver com os alunos. Outros, afirmavam que eram actividades que têm vindo a desenvolver em anos anteriores e acabam por se tornar repetitivas para os alunos. Em Escolas Secundárias, chegaram mesmo a afirmar que era muito complicado incentivarem e motivar os alunos para este tipo de iniciativas, pois já estavam muito “massacrados” com este tema. Assim, numa das Escolas Secundárias, apresentaram-me a hipótese de dar palestras aos cursos EFA, que estão sempre muito receptivos a este tipo de iniciativas. Achei esta ideia brilhante, até porque é mais direccionada para a minha área. Para além de tudo isto, a procura de outras escolas para tentar negociar, foi muito mais difícil: uma vez que este tipo de iniciativas são tratadas com os Directores de cada Agrupamento de Escolas,

bastava um simples “não”, que me impedia logo de tentar negociar com cerca de 5 escolas, que estavam integradas no mesmo agrupamento.

Palestra na FRATERNA - Centro Comunitário de Integração e Solidariedade Social

A temática tratada neste centro, relaciona-se com a problemática do bullying. Iniciei a acção com um breve vídeo alusivo à temática em questão, elaborado por mim, de forma a causar um primeiro impacto no público e a captar a atenção deles desde o primeiro instante. Posteriormente, passei em powerpoint alguns tópicos, nos quais me apoiei para desenvolver as temáticas em questão. Após a exposição da temática, dinamizei algumas actividades com as crianças, assim como um debate sobre este tema. Nesta actividade dei oportunidades e incentivos à participação de todos os elementos. Tudo isto foi feito com o intuito de perceberem a gravidade deste tipo de violência, de forma a fazê-los reflectir sobre as consequências das suas acções. Focando sempre que a violência não resolve nada, muito pelo contrário. No final, passei alguns inquéritos para avaliar o grau de satisfação e o impacto causado na população. (Ver apêndices I e II)

Palestra na FRATERNA - Centro Comunitário de Integração e Solidariedade Social

A temática tratada foi acerca da violência familiar e escolar. Iniciei a acção com um breve vídeo alusivo à temática em questão, elaborado por mim, de forma a causar um primeiro impacto no público e a captar a atenção deles desde o primeiro instante. Posteriormente, passei em powerpoint alguns tópicos. Após a exposição da temática a ser trabalhada, voltei a passar um outro vídeo, desta vez retirado do youtube, como forma de resumir aquilo que foi dito. Por fim, dinamizei um debate, através do qual os pais pudessem participar e expor a sua visão sobre a temática abordada. No final, passei alguns inquéritos para avaliar o meu desempenho e a pertinência deste tema. (Ver apêndices III e IV)

Palestras na Escola Secundária Martins Sarmiento

A temática tratada nesta escola focou a violência no namoro/violência doméstica. O público-alvo da palestra era constituído por duas turmas dos cursos EFA. Iniciei as acções com um breve vídeo alusivo à temática em questão, elaborado por mim, de forma a causar um primeiro impacto no público e a captar a atenção deles desde o primeiro instante. Posteriormente, passei em powerpoint alguns tópicos, sobre os quais me apoiei para

desenvolver a temática em questão. Após a exposição da temática abordada, realizei um pequeno exercício. Os alunos formaram pequenos grupos que tentaram dar resposta a problemas que eu colocava. Assim, todos puderam participar, trocar ideias e procurar estratégias para resolver diferentes situações. Posteriormente, passei um vídeo alusivo a esta problemática com imagens fortes, de forma a cativá-los e fazê-los reflectir sobre uma realidade que é preciso mudar com urgência. Para terminar a acção, dinamizei um debate, através do qual os alunos participaram e colocaram dúvidas, questões, e expuseram os seus pontos de vista, para melhor perceberem a gravidade desta situação, alertando para uma necessidade cada vez maior de mudar mentalidades. No final de tudo, passei alguns inquéritos para avaliar o trabalho apresentado e a importância que a temática constituía para eles. (Ver apêndices V,VI e VII)

Aplicação de inquéritos sobre crimes na estrada na Universidade do Minho

A aplicação de inquéritos sobre os crimes rodoviários, teve lugar nas salas de computadores dos dois pólos da Universidade do Minho: Braga e Guimarães. Passei à aplicação de inquéritos a 30 alunos em cada um destes pólos. Com estes inquéritos pretendia perceber até que ponto os alunos da Universidade do Minho saem à noite, levando viatura e, mesmo assim, ingerem bebidas alcoólicas e/ou drogas, colocando em perigo as suas vidas e a dos outros. Depois de recolher os inquéritos, distribuí um folheto informativo, acerca deste tema, por cada um dos alunos. Estes folhetos tiveram como grande objectivo sensibilizá-los e consciencializá-los para este tipo de problemática, fazendo-os reflectir para uma realidade que é preciso mudar com urgência. (Ver apêndices VIII)

Palestras na Biblioteca Lúcio Craveiro da Silva

A temática abordada nesta instituição seria mais direccionada para a problemática da violência doméstica. As actividades programadas para esta instituição ficaram sem efeito, porque após consultar alguns relatórios de estágio na APAV, verifiquei que houve sempre actividades da mesma índole que a minha, desenvolvidas neste tipo de estágio e área de especialização. Ora, a minha orientadora, Doutora Fátima Barbosa, já me tinha alertado para a necessidade de inovar e de não tornar demasiado repetitivos os locais para realizar o meu trabalho. Assim, optei por levar o meu projecto a outros locais e outra cidade, como por exemplo, à cidade onde habito, em Guimarães.

Exposições e palestras no Círculo de Arte e Recreio

A temática tratada nesta instituição foi direccionada para a violência no namoro/ violência doméstica, o bullying, a violência familiar e escolar, bem como a violência contra idosos.

Primeiramente, iniciei diferentes exposições sobre estas temáticas, colocando alguns cartazes, imagens fortes, mensagens e palavras-chave relativas aos temas em questão. Posteriormente, “espalhei” pelas mesas alguns folhetos informativos alusivos a estes tipos de violência.

Após as exposições, foram-me pedindo que desse início às palestras. Passei alguns breves vídeos, elaborados por mim, relativos a cada uma das diferentes temáticas. O principal objectivo da passagem destes vídeos prendia-se com a necessidade de causar um primeiro impacto no público, captando a atenção deles desde o primeiro instante. Posteriormente, passei em powerpoint alguns tópicos, sobre os quais me apoiei para desenvolver todas as temáticas. Após a exposição de todas as temáticas, organizei um debate, no qual o público pôde participar e opinar acerca desta realidade, para melhor perceberem a gravidade desta situação. Para terminar, passei um vídeo, alertando para a crescente necessidade de mudar mentalidades e estar-se atento aos mínimos sinais de uma possível violência, de modo a travar este drama o mais rápido possível. No final de tudo, passei alguns inquéritos para avaliar o grau de satisfação. (Ver apêndices III, IV, V, VI, VII e IX)

Ação de sensibilização no Centro de Reabilitação do Projecto Homem

Tendo em conta que os utentes desta instituição são provenientes de um meio onde o crime e a violência predominam, achei por bem que a temática a ser aqui tratada nesta, seria de maior utilidade, se fosse voltada para os vários tipos de violência e de crimes que existem no meio social. No entanto, acontece que só obtive resposta à minha proposta de intervenção, feita por e-mail, já numa fase terminal do meu estágio. Portanto, com muita pena minha, esta intervenção ficou sem efeito.

Participação numa exposição sobre violência doméstica e bullying, na Escola Secundária de Maximinos

Participei, inesperadamente, numa exposição, na Escola Secundária de Maximinos, que foi solicitada à Gestora de Gabinete da APAV. Assim, dei a ideia de levar, para além do material fornecido pela APAV, alguns dos meus cartazes e folhetos informativos sobre violência doméstica e bullying. (Ver apêndices I, VI e VII)

Criação de um blog sobre violência

Criei um blog que retrata vários tipos de violência: violência doméstica, bullying, violência no namoro, violência familiar e escolar, violência contra os idosos, crimes na estrada, entre outros. Com esta iniciativa pretendia alertar e elucidar toda a população para a prevenção e consciencialização. (<http://extinguiraviolencia.blogs.sapo.pt/>)

Divulgação de material alusivo à violência

Através da elaboração de cartazes e de prospectos informativos com mensagens e imagens fortes e chamativas, pretendia informar, sensibilizar e apelar a uma reflexão sobre a gravidade da violência doméstica, de forma a despertar nos principais destinatários (vítimas deste tipo de crime) a coragem e o incentivo necessários para, não só, fazerem denúncia dos agressores, como também, pedirem auxílio junto das entidades competentes. Para que tal fosse exequível, “espalhei” estes cartazes por várias instituições estratégicas, nomeadamente em postos da PSP, clínicas, Segurança Social e centros de saúde. (Ver apêndice VI)

Aplicação de inquéritos aos utentes da APAV

Também procedi à passagem de inquéritos aos utentes que passaram pelas instalações da instituição, a fim de perceber qual era o tipo de crime mais frequente, o sexo, o grau de satisfação dos serviços prestados, entre outros. (Ver apêndice X)

4.3. Calendarização da Intervenção (Novembro a Junho)

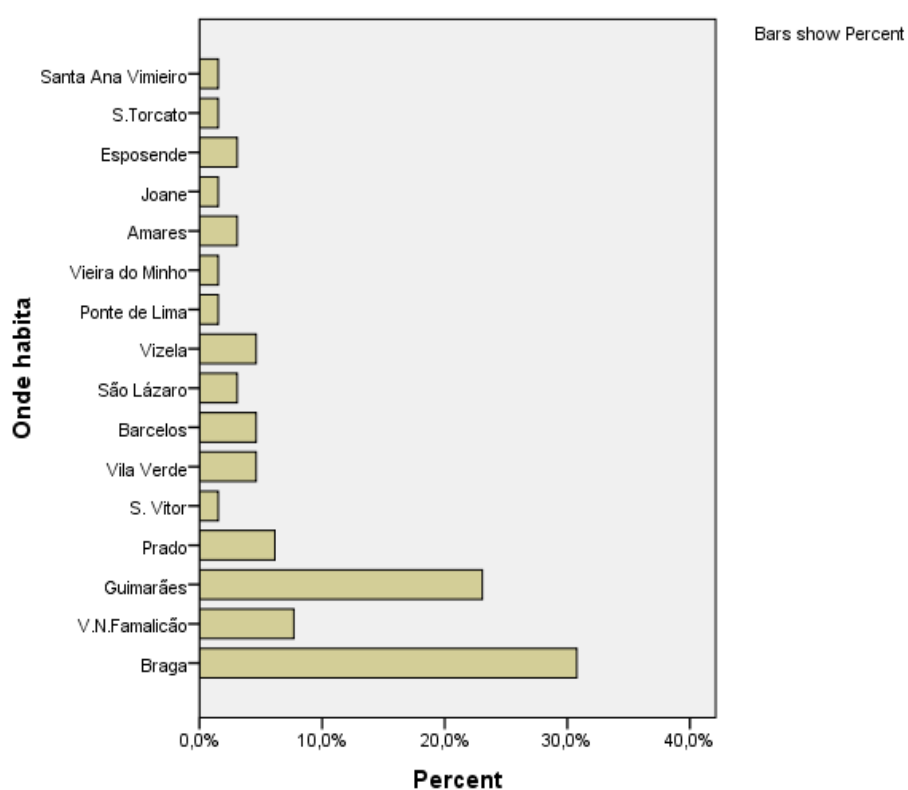
Novembro	<ul style="list-style-type: none">- Criação de um blog, que integra vários tipos de violência;- Distribuição de cartazes e folhetos informativos sobre violência doméstica, numa clínica (FISILAR) e na PSP em Guimarães.
----------	--

Dezembro	<ul style="list-style-type: none"> - Palestra sobre violência familiar e escolar, na FRATERNA – Centro Comunitário de Solidariedade e Integração Social; - Distribuição de folhetos informativos e cartazes alusivos à violência doméstica, em dois Centros de Saúde em Guimarães.
Janeiro	<ul style="list-style-type: none"> - Aplicação de inquéritos na APAV; - Distribuição de cartazes e folhetos informativos no centro de Tomografia em Guimarães.
Fevereiro	<ul style="list-style-type: none"> - Distribuição de cartazes e folhetos informativos na Segurança Social, em Guimarães e em Braga; - Aplicação de inquéritos e distribuição de folhetos informativos, na Universidade do Minho, sobre crimes na estrada (no pólo de Braga).
Março	<ul style="list-style-type: none"> - Distribuição de cartazes e folhetos informativos no Centro de Saúde do Carandá, em Braga; - Aplicação de inquéritos e distribuição de folhetos informativos, na Universidade do Minho, sobre crimes na estrada (no pólo de Guimarães).
Abril	<ul style="list-style-type: none"> - Exposições e palestras no Círculo de Arte e Recreio, em Guimarães, sobre violência no namoro/ violência doméstica, bullying, violência familiar e escolar, violência contra idosos.
Maio	<ul style="list-style-type: none"> - Participação numa exposição sobre violência doméstica e bullying, na Escola Secundária de Maximinos, em Braga; - Palestra sobre bullying na FRATERNA - Centro Comunitário de Solidariedade e Integração Social.
Junho	<ul style="list-style-type: none"> - Palestras na Escola Secundária Martins Sarmiento, aos cursos EFA, sobre violência no namoro/violência doméstica.

4.4. Discussão dos Resultados Obtidos

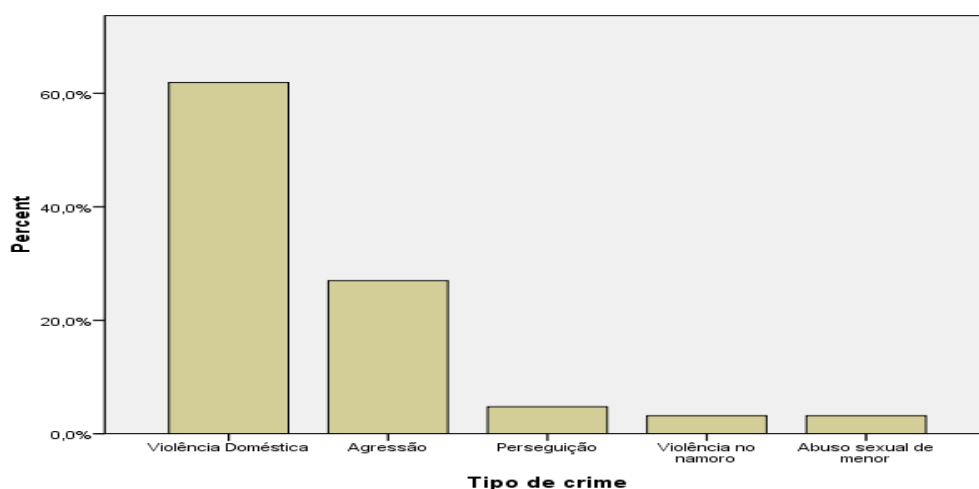
Na análise dos resultados, os gráficos foram remetidos para apêndice. (Ver apêndice XV) No entanto, saliento alguns, nomeadamente, aqueles que concentram os resultados mais pertinentes.

Nos inquéritos aplicados aos utentes que se deslocaram à APAV, continua a predominar o número de mulheres que procuram ajuda. Relativamente aos homens, são 10,3% e às mulheres, 89,7%. Um outro dado que importa realçar é que existe uma maior prevalência dos crimes de violência, nas cidades de Braga e Guimarães, seguida de Famalicão. (Gráfico 1)



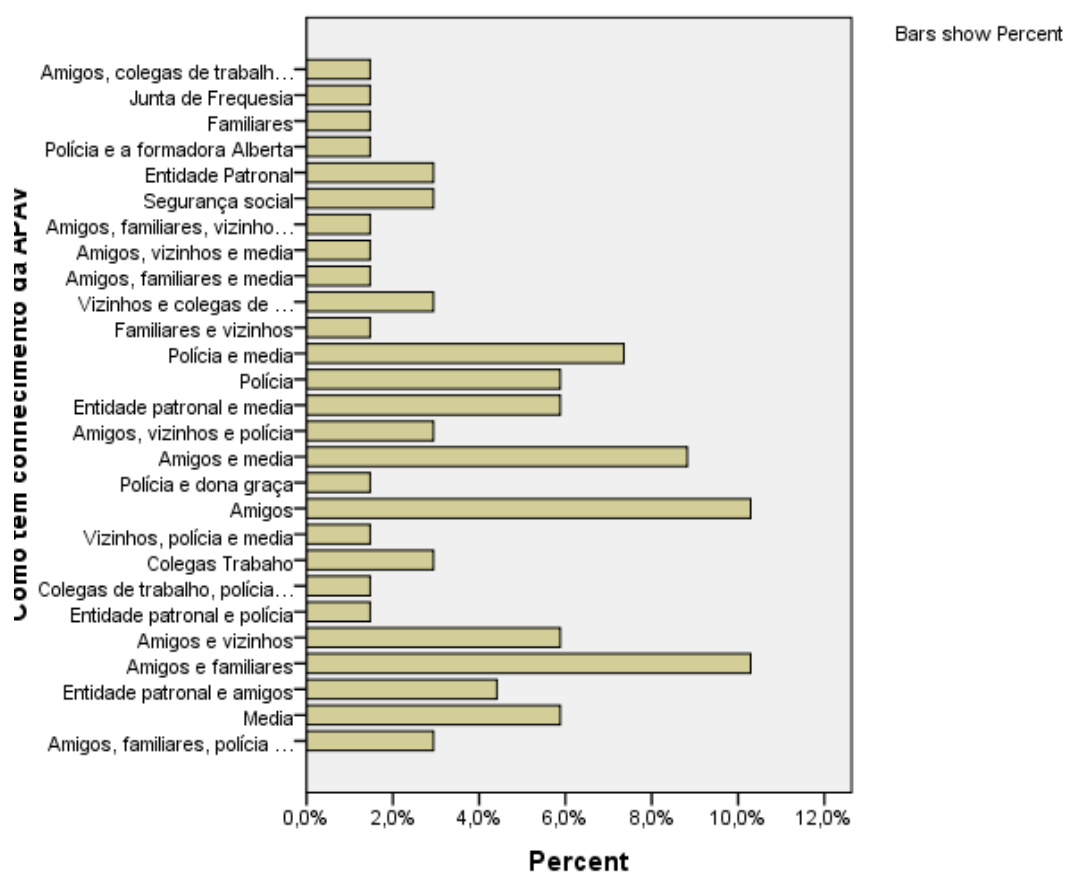
(Gráfico 1)

Quanto ao tipo de crime, como podemos verificar no gráfico 2, a violência doméstica prevalece sobre todos os outros, seguindo-se a perseguição (*stalking*), alguns casos de violência nas relações de namoro e o abuso sexual de menores.



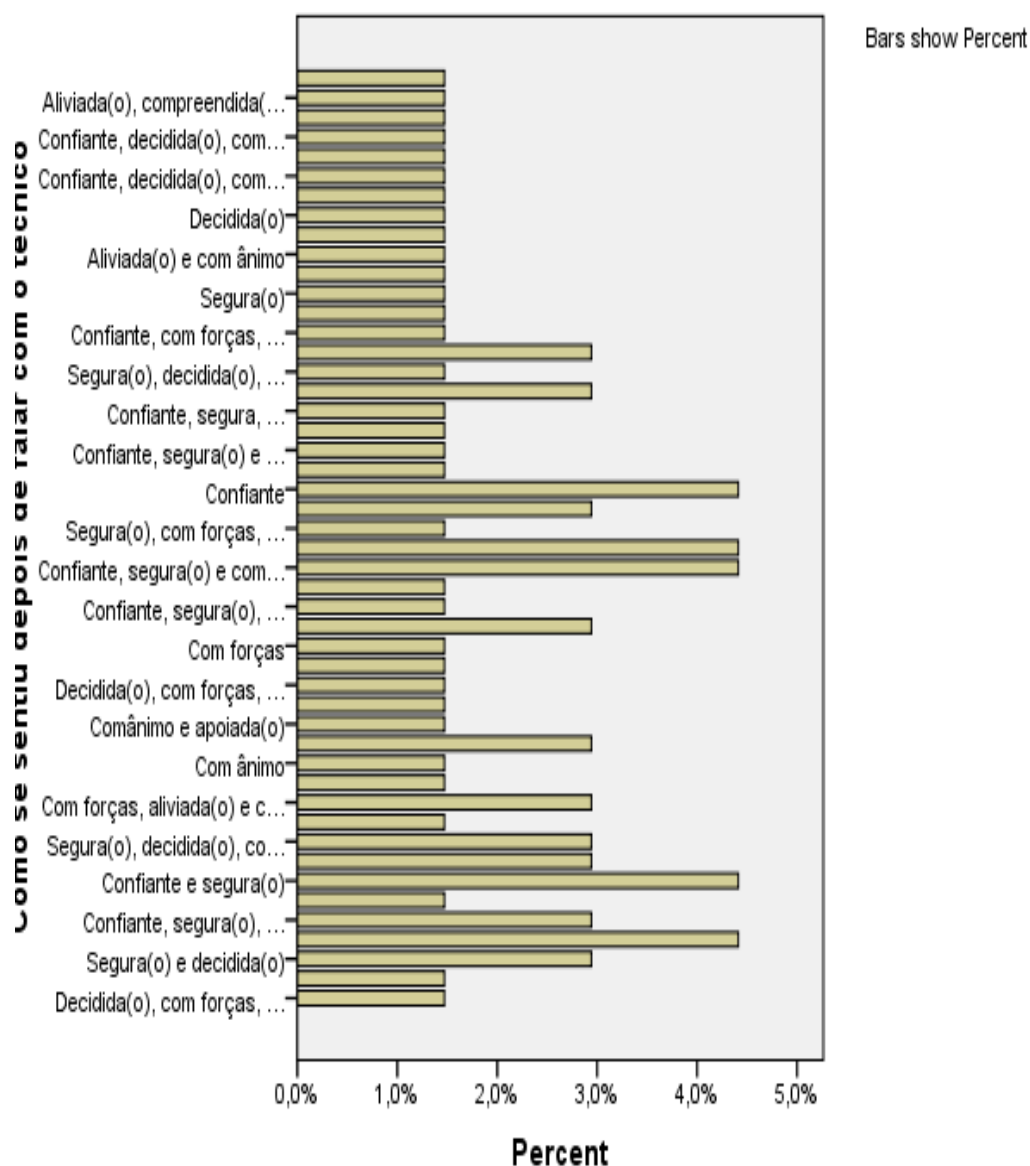
(Gráfico 2)

Todos os utentes consideram ter sido bem recebidos pelos técnicos da APAV. Como se verifica no gráfico 3, no que respeita à questão: “*Como teve conhecimento dos nossos serviços?*”, verifica-se que os amigos, os amigos e os familiares, os amigos e os media, a polícia e os media, se destacam entre os meios de informação/encaminhamento das vítimas para a instituição.



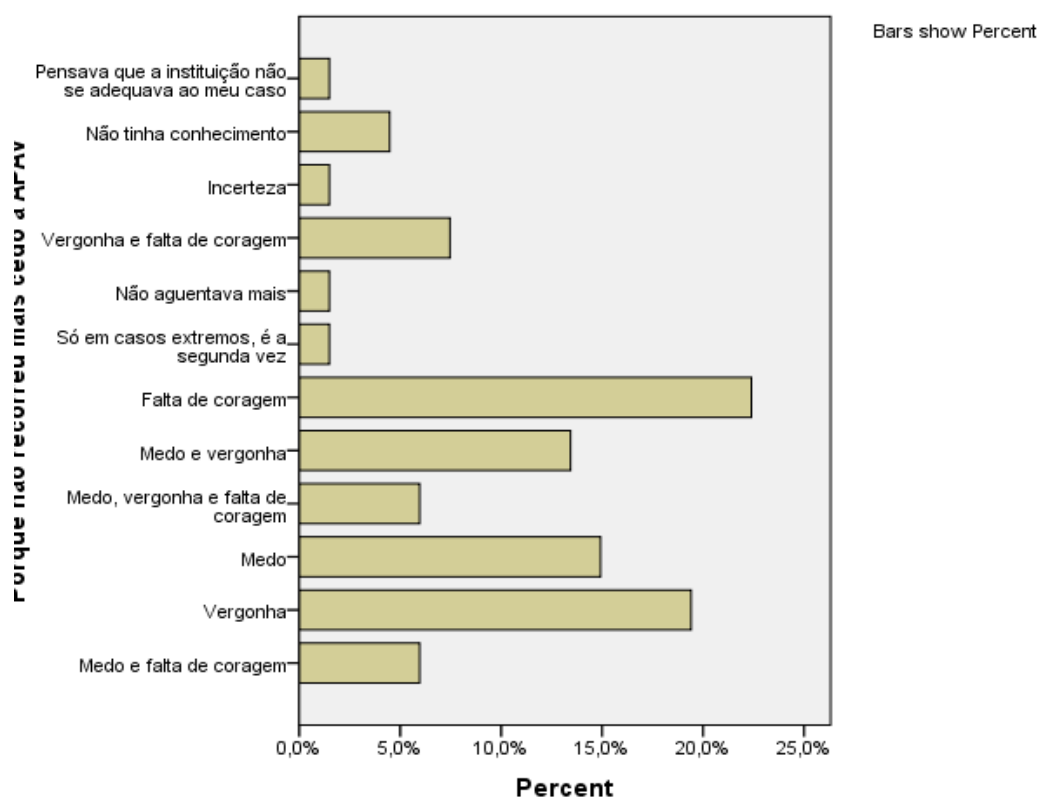
(Gráfico 3)

Apenas 14,7% dos utentes afirmam ter tido alguma dificuldade em encontrar as instalações da APAV. Em relação à questão: “Após ter falado/desabafado com o técnico, sente-se:”, é notório no gráfico 4, que em todos os casos, as vítimas saíram do gabinete com outro ânimo e forças para enfrentarem os seus problemas.



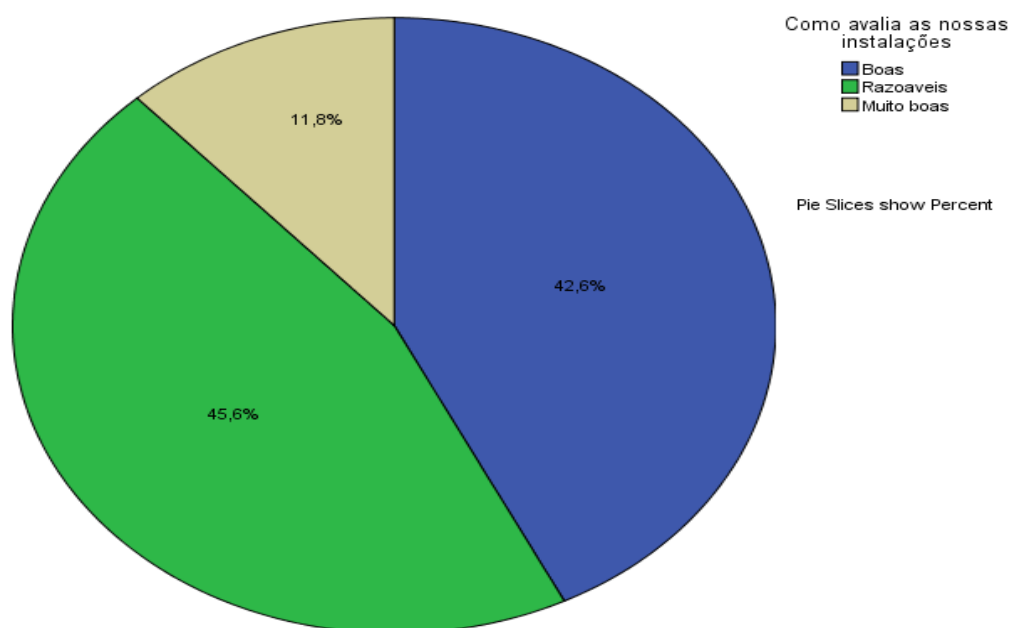
(Gráfico 4)

Tal como podemos ver no gráfico 5, a falta de coragem, a vergonha e um certo receio por parte das vítimas, impediu-as de recorrerem mais cedo a estes serviços.



(Gráfico 5)

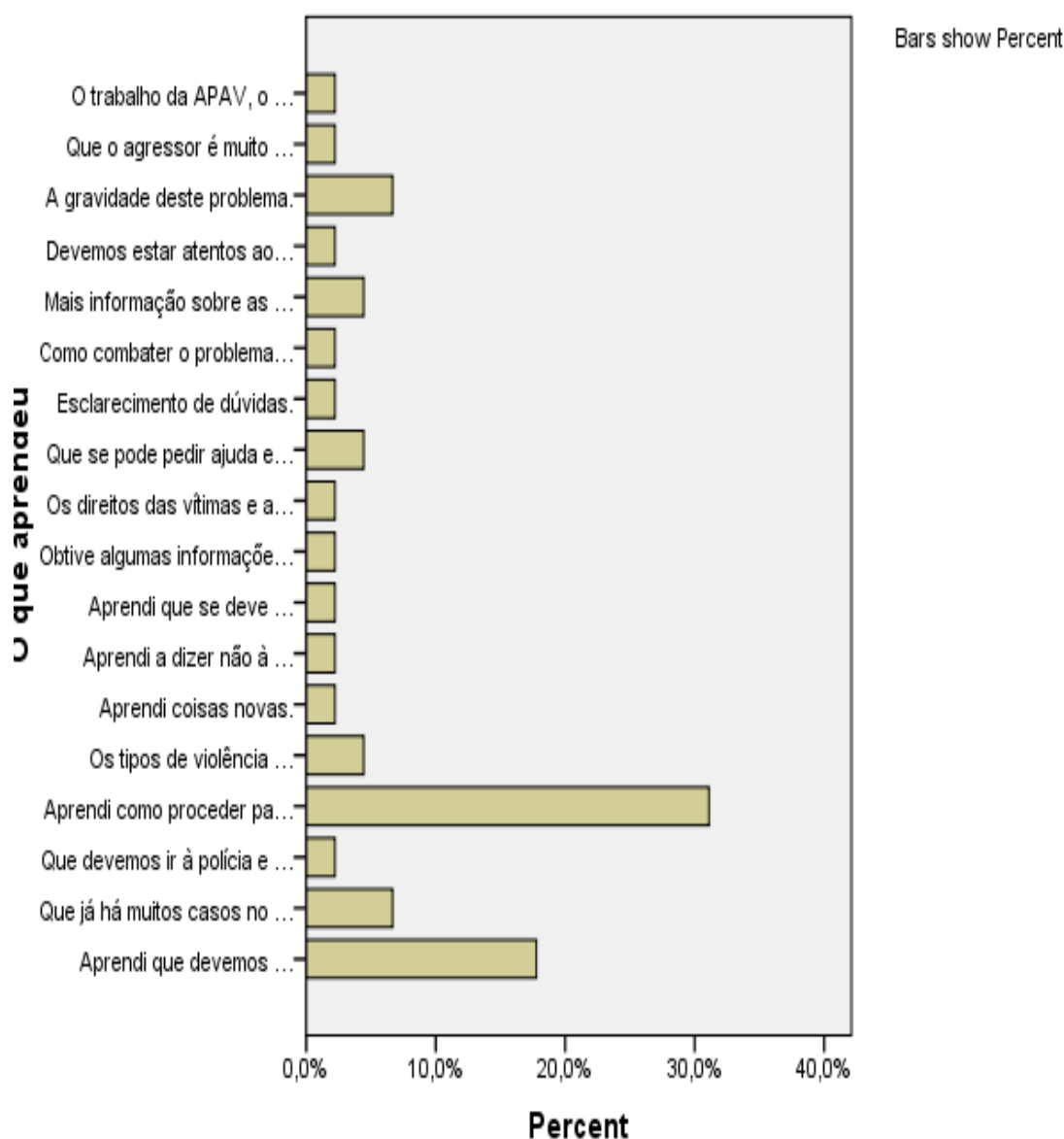
No que toca à avaliação do GAV, como se confirma no gráfico 6, a maioria dos inquiridos afirmam que as instalações são razoáveis, alguns consideram que são boas e poucos dizem ser muito boas.



(Gráfico 6)

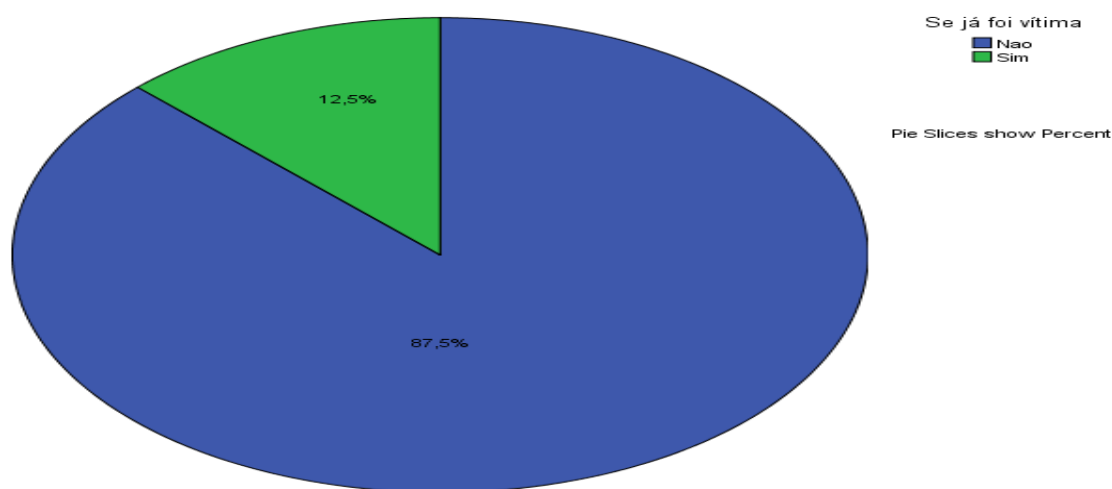
Não foram feitas quaisquer críticas negativas aos serviços prestados pelos profissionais da instituição. Os poucos utentes que deixaram sugestões, fizeram críticas positivas aos mesmos. Assim, a satisfação dos utentes é de 100%.

Nas palestras feitas sobre violência no namoro/violência doméstica, reparamos que a maioria da população residia em Guimarães, Braga e Fafe. Todos os formandos consideraram este tema importante, que a formação teve alguma utilidade e que aprenderam algumas coisas. Concluíram que a violência no namoro precede a violência conjugal. No gráfico 7, nota-se que estas palestras foram úteis para aprofundar conhecimentos sobre as temáticas e esclarecer dúvidas, permitindo ao público-alvo saber o que fazer perante uma situação de violência e onde pedirem ajuda.



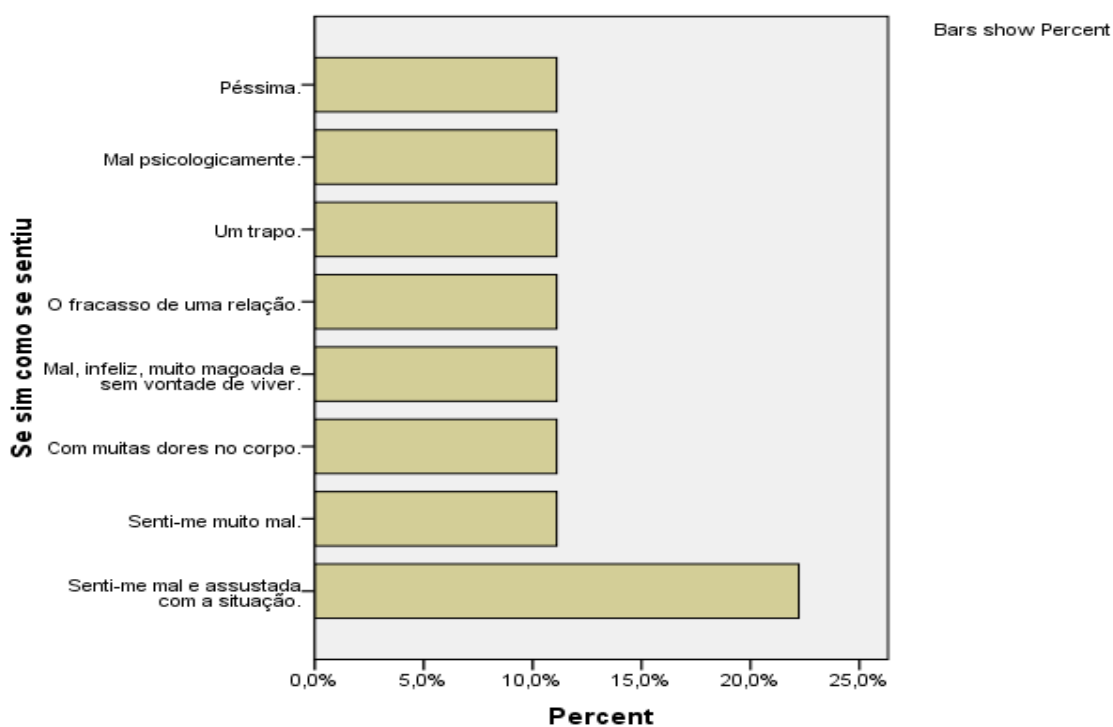
(Gráfico 7)

Também foi importante perceber se algum dos formandos já havia passado por uma situação de violência. Assim, no gráfico 8 encontramos o resultado da pergunta: “Alguna vez foi vítima de violência no namoro ou violência doméstica?”.



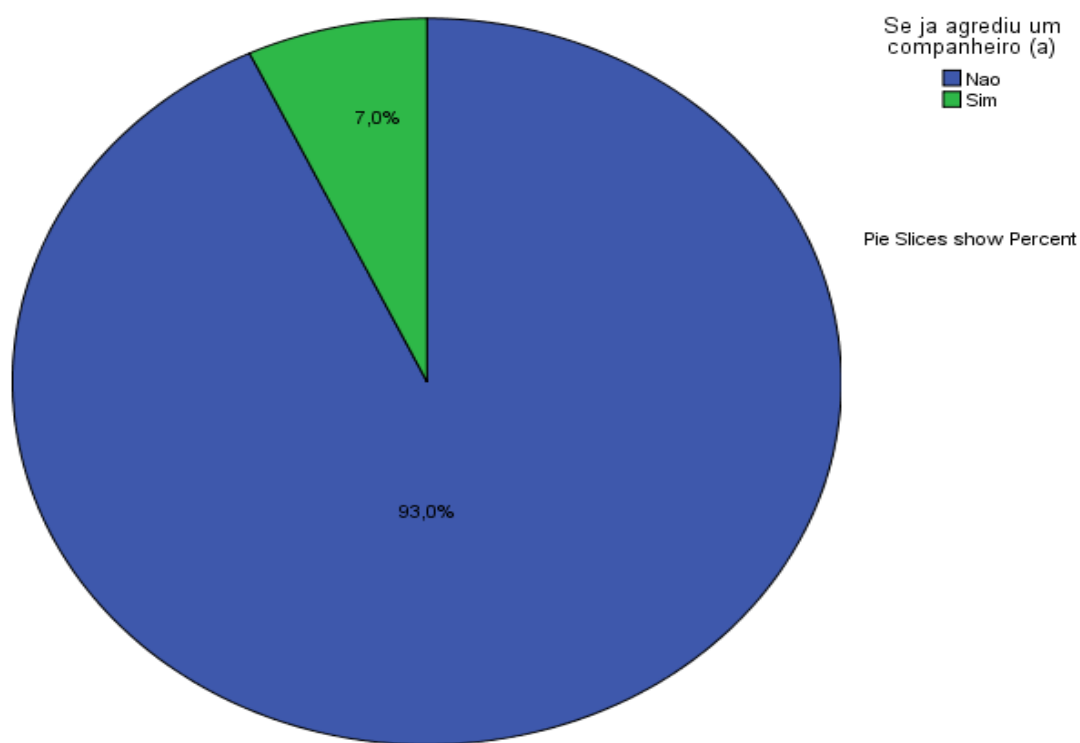
(Gráfico 8)

No entanto, são poucos os que afirmam já terem sido vítimas de algum tipo de violência. Percebemos como reagiram e se pediram ajuda. Tal como é visível no gráfico 9, através dos vídeos passados alusivos à violência, muitos confessaram ter relembrado o passado, explicando os sentimentos que despertaram neles.



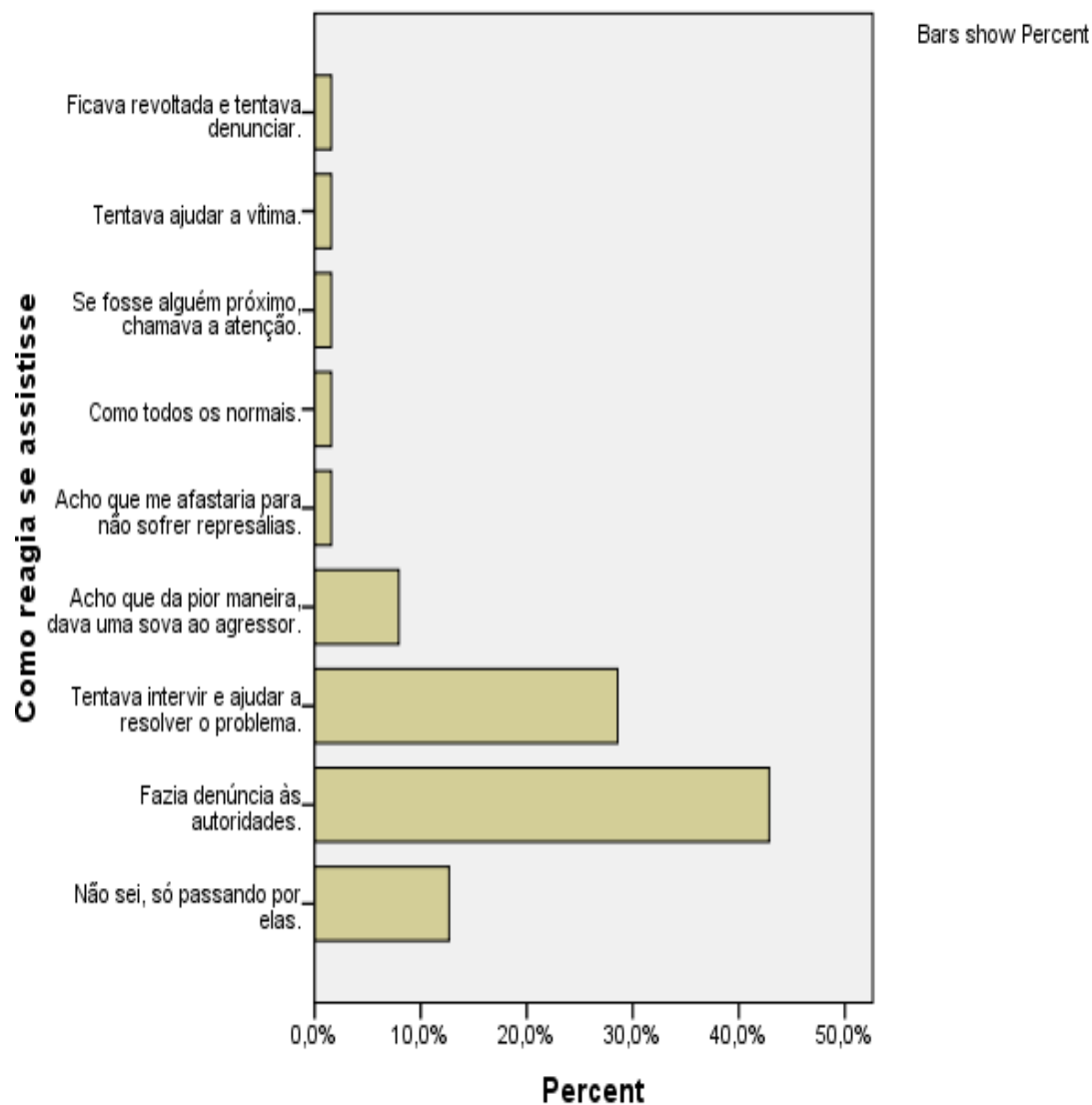
(Gráfico 9)

Quanto à questão: “Em caso de ter sido vítima e não ter contado a ninguém, porque não pediu ajuda?”, todos os que não pediram auxílio para resolver o seu problema, não o fizeram por vergonha. No gráfico 10, podemos verificar que apenas 7,0% dos elementos do público reconhecem já ter agredido um(a) companheiro(a).



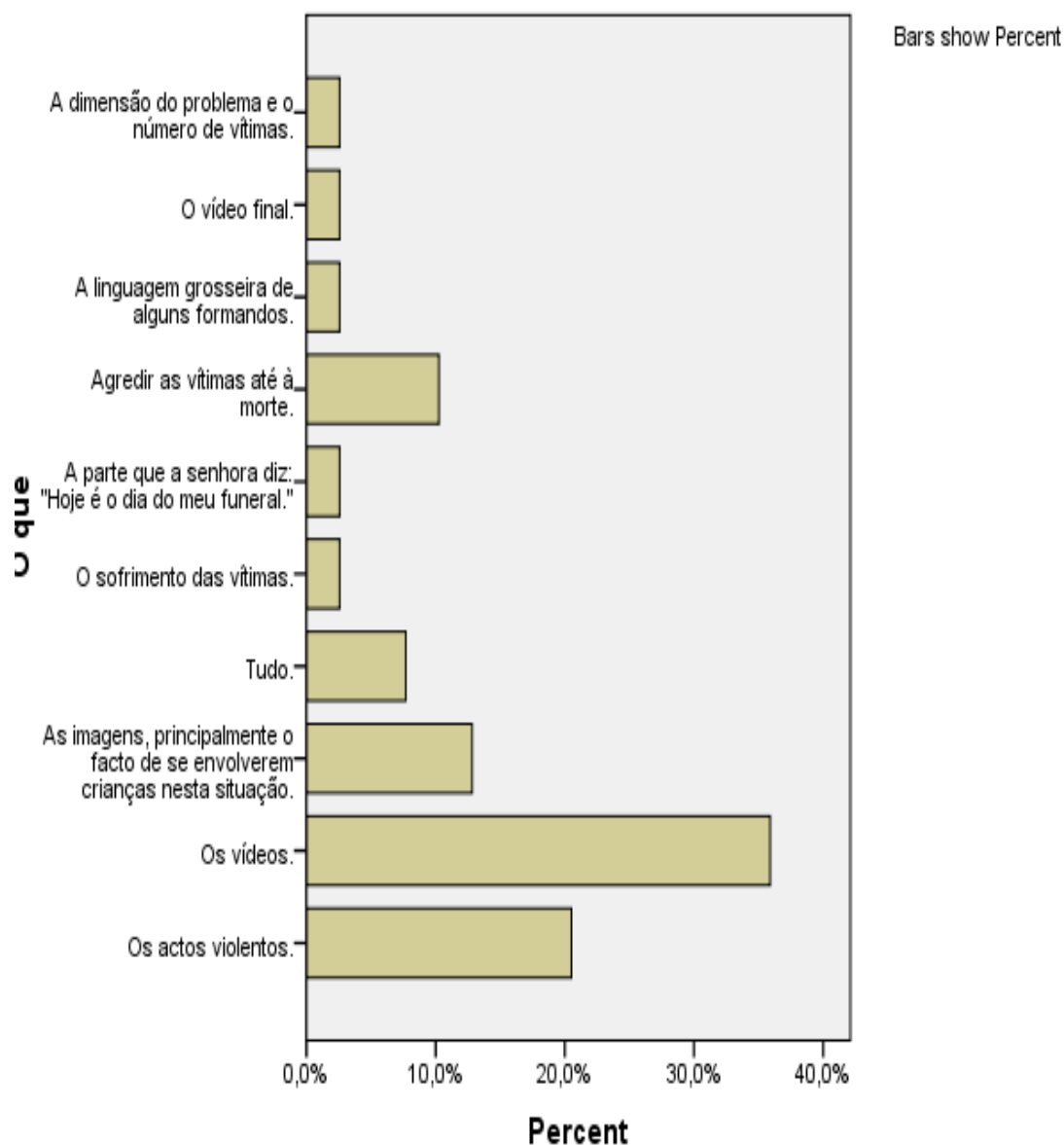
(Gráfico 10)

Após a palestra, também tentaram encontrar as melhores soluções para resolverem uma situação de violência, percebendo, não só a melhor forma de intervir, como a forma de evitar situações violentas. Para tal contribuíram alternativas transmitidas durante a formação. Assim, como podemos ver no gráfico 11, quando deparados com a questão: “*Como acha que reagiria se presenciasse uma situação destas?*”, obtiveram-se diferentes respostas.



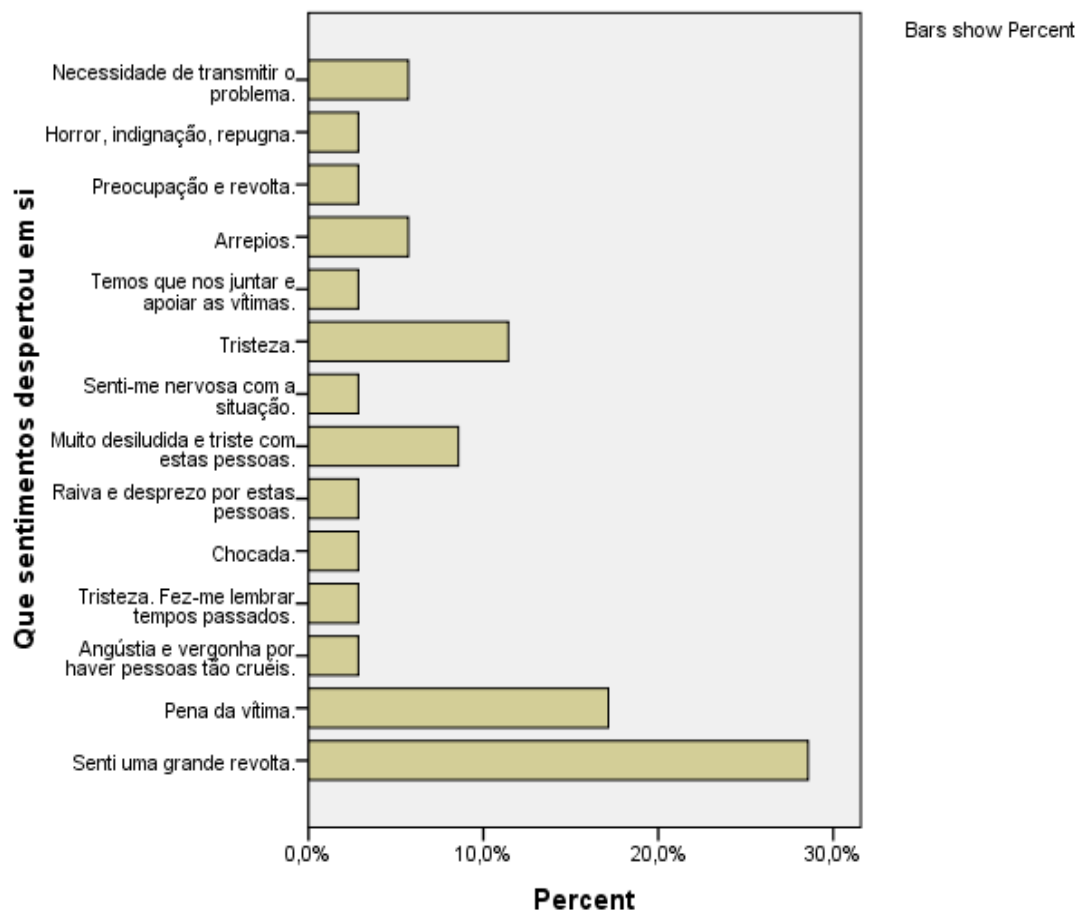
(Gráfico 11)

Em relação à questão: “*O quê?*”, relativa à questão que se fazia anteriormente: “*Ao longo da formação, houve alguma coisa que despertasse em si algum tipo de sentimento ou o chocasse?*”, a nível geral, como é notório no gráfico 12, muitos afirmam que houve alguns vídeos, imagens mais fortes que os chocaram e fizeram reflectir sobre a realidade dos problemas.



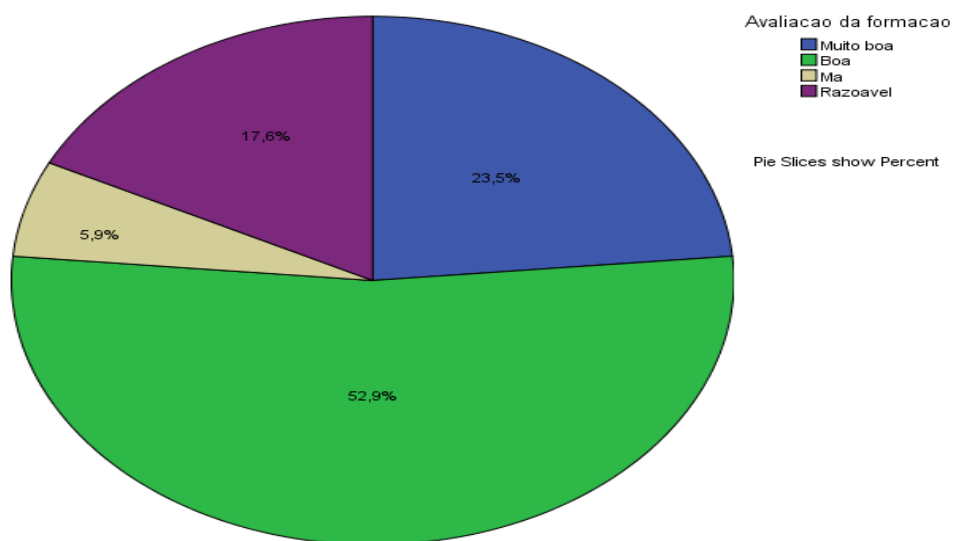
(Gráfico 12)

Como podemos verificar no gráfico 13, no que toca à pergunta “Descreva o que sentiu.”, os sentimentos que se destacam são a revolta, a pena da vítima, a tristeza e a vontade de fazer algo para mudar esta realidade e, assim, combater a violência.



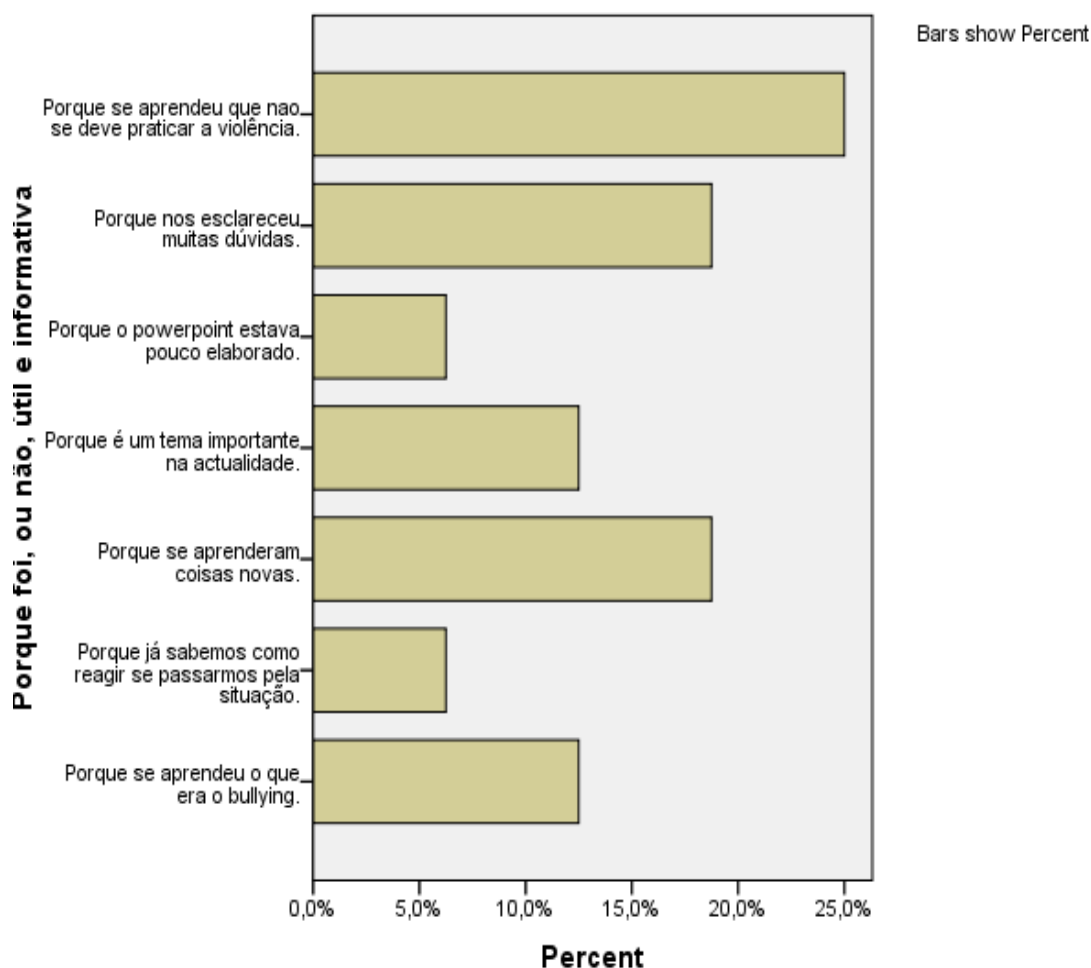
(Gráfico 13)

Relativamente aos resultados da palestra sobre bullying, estes são positivos. De um modo geral, a maioria empenhou-se nas tarefas propostas e fizeram uma boa avaliação da formação, o que é visível no gráfico 14.



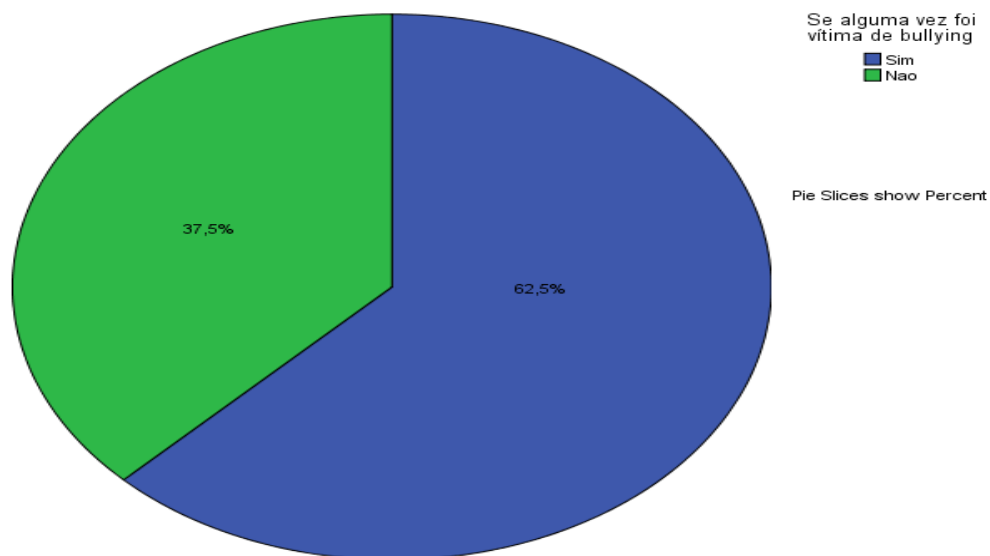
(Gráfico 14)

Relativamente à questão: “Porquê?”, relacionada com a questão anterior: “Achas que esta formação foi útil e informativa?”, a maioria assimilou os valores e comportamentos fundamentais para evitarem situações de violência. Compreenderam o que é o bullying, bem como os sentimentos e as suas consequências nas vítimas. Encontramos as respostas obtidas no gráfico 15.



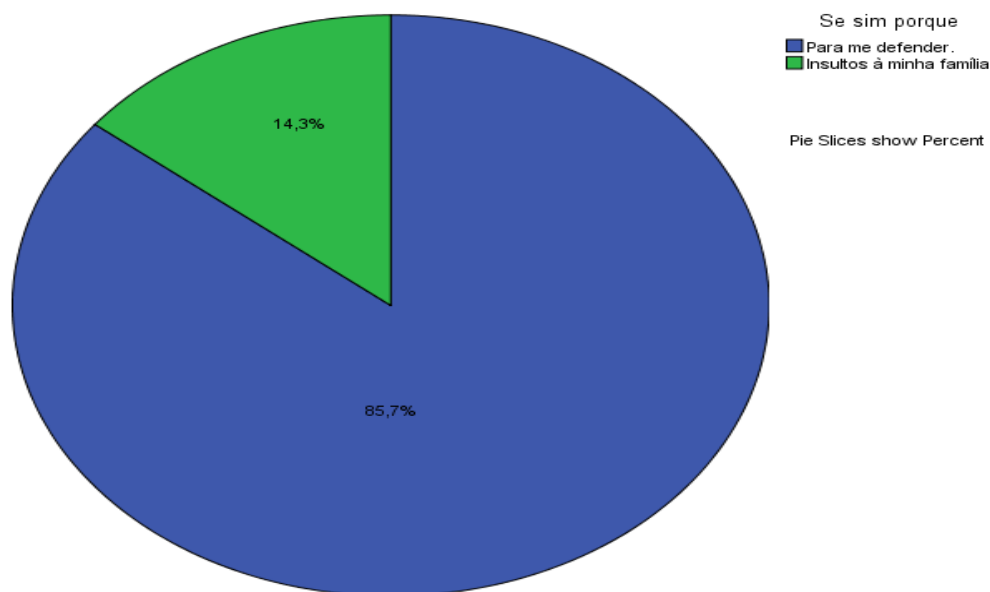
(Gráfico 15)

No gráfico 16, pode-se ver que, no que respeita à questão: “Alguma vez foste vítima de bullying?”, muitos afirmam já terem sido vítimas deste tipo de violência.



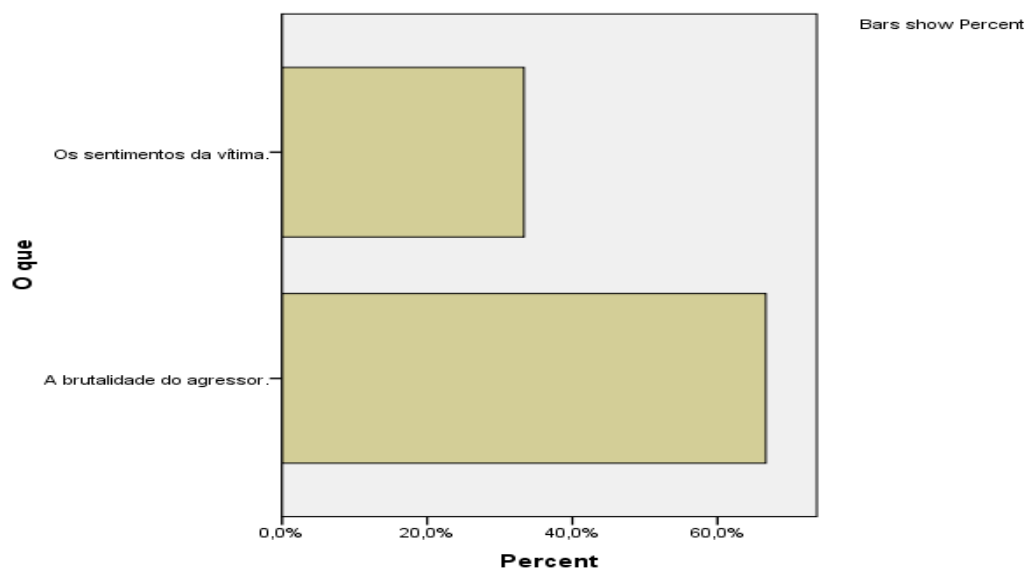
(Gráfico 16)

Como é visível no gráfico 17, relativamente à pergunta: *“Em caso de resposta afirmativa, o que te levou a fazeres isso?”*, relativa à questão: *“Alguma vez ameaçaste ou batestes em alguém?”*, grande parte diz ter recorrido à agressão como forma de se auto defender.



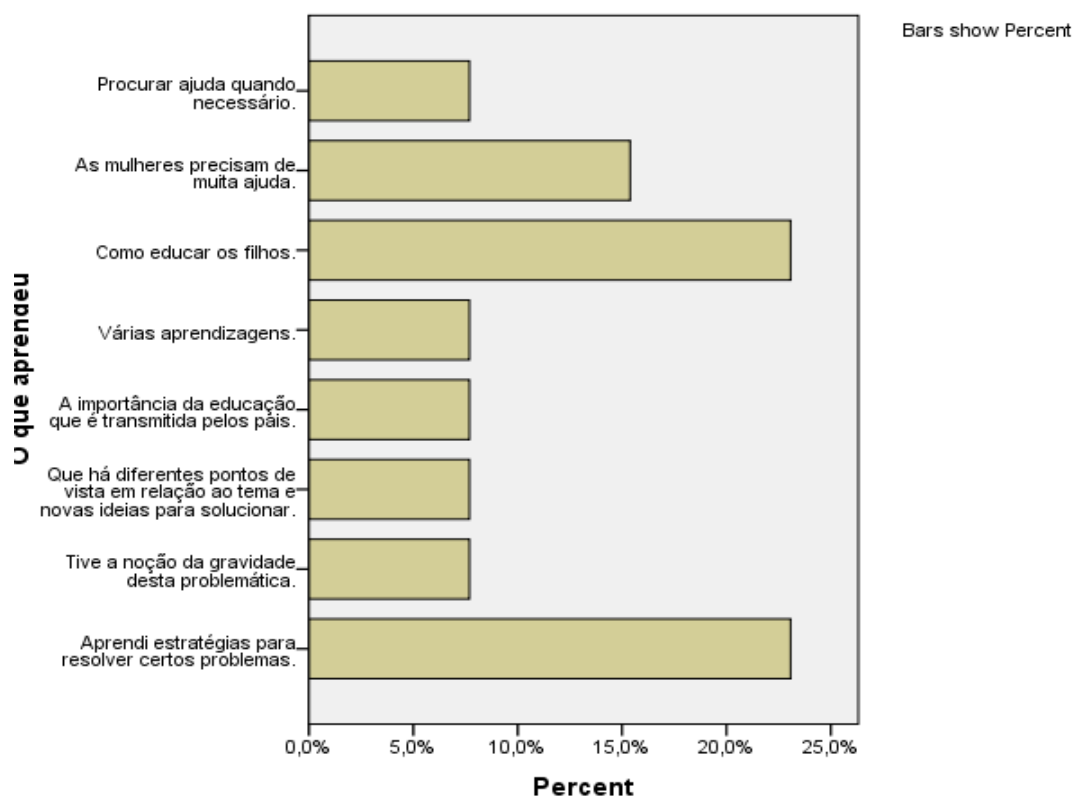
(Gráfico 17)

Quando deparados com a questão: *“O quê?”*, relativa à pergunta: *“Ao longo da formação, houve alguma coisa que despertasse em ti algum tipo de sentimento ou te chocasse?”*, no gráfico 18, notamos que o impacto desta palestra nos mais novos foi notório, fazendo-os reflectir sobre a brutalidade do agressor e os sentimentos das vítimas.



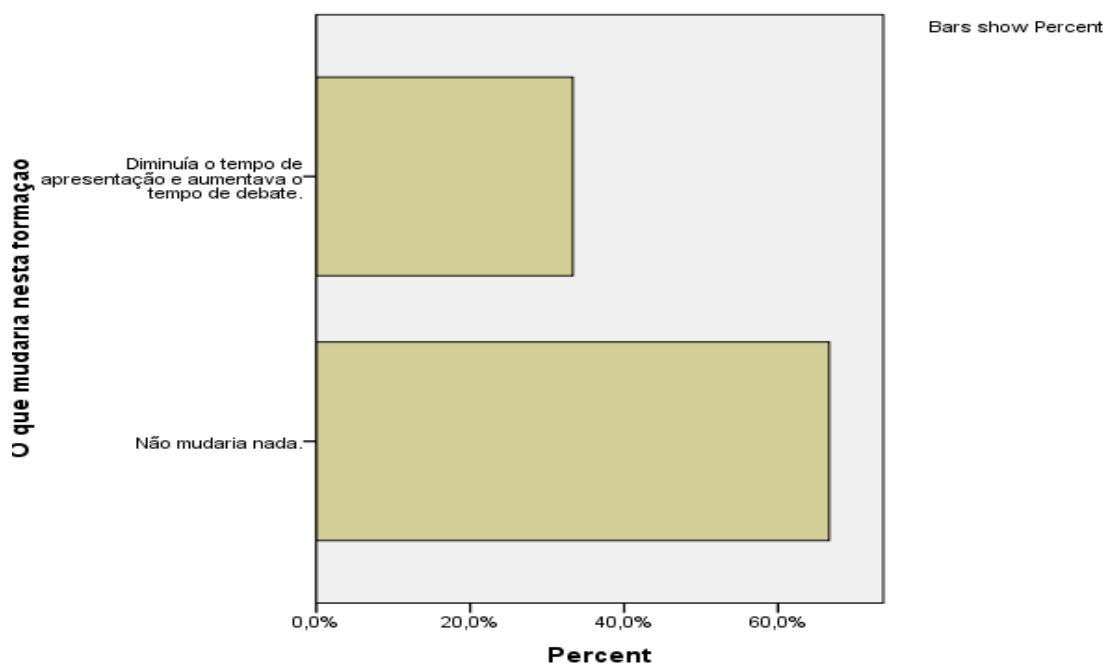
(Gráfico 18)

Quanto às palestras dadas a mães e jovens professores, a maioria da amostra considera que eram temas de interesse de todos e reconheceram ter aprendido várias coisas, nomeadamente como educar os filhos e como resolver certos conflitos. Assim, no que toca à pergunta: *“O quê?”*, relacionada com a questão anterior: *“Acha que aprendeu algo de novo?”*, obtiveram-se as respostas que podemos ver no gráfico 19.



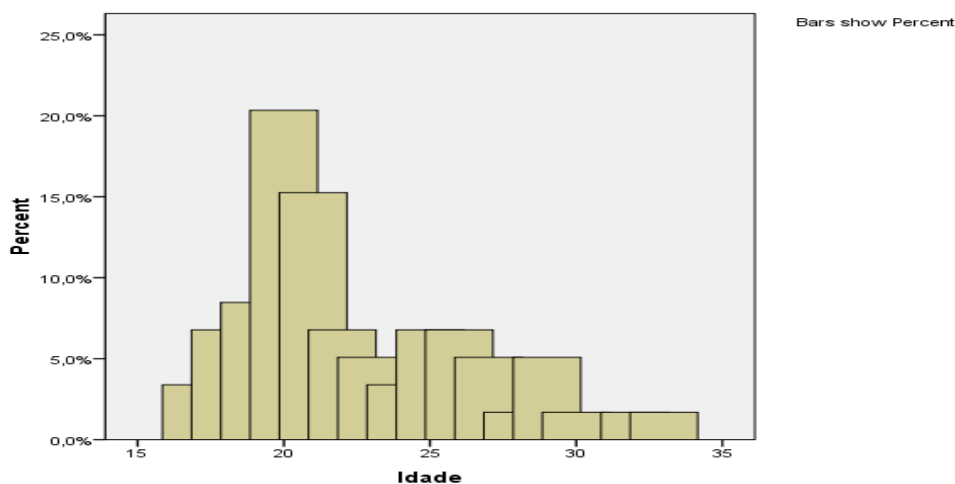
(Gráfico 19)

Puderam, ainda, esclarecer dúvidas, alertar, tomar mais consciência sobre este problema e trocar ideias, apontando soluções para combater o problema. No geral, a avaliação foi boa, poucas críticas fizeram à formação. No que respeita à questão: “Se pudesse mudar alguma coisa nesta formação, o que mudaria? Porquê?”, podemos analisar as respostas no gráfico 20.



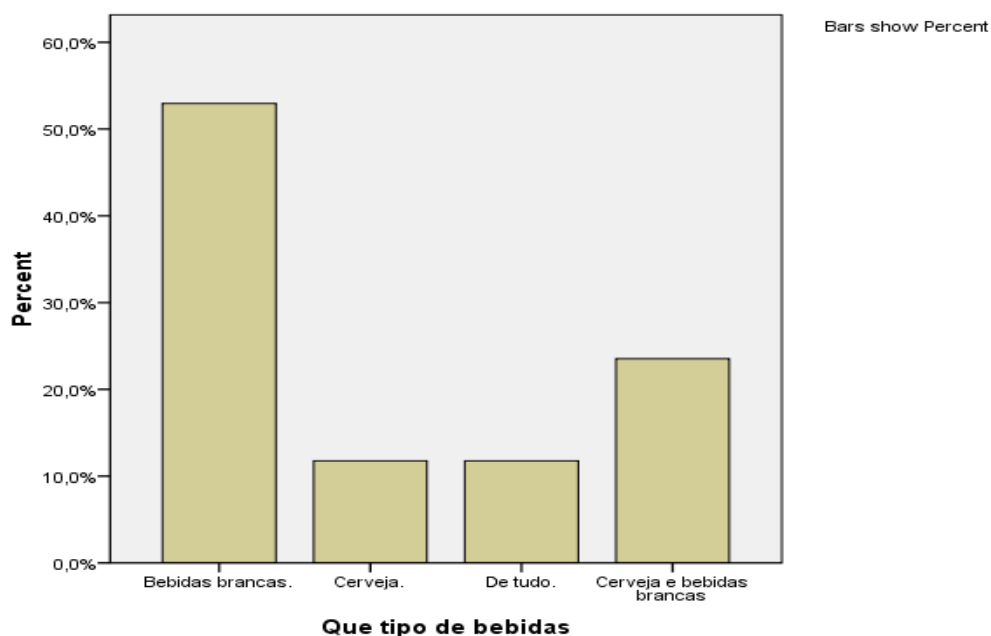
(Gráfico 20)

Relativamente aos inquéritos aplicados aos alunos da Universidade do Minho, nos dois pólos universitários (Braga e Guimarães), verificamos no gráfico 21, que as idades destes variam entre os 17 e os 33 anos, sendo que a maioria têm idades compreendidas entre os 19 e os 21 anos de idade.



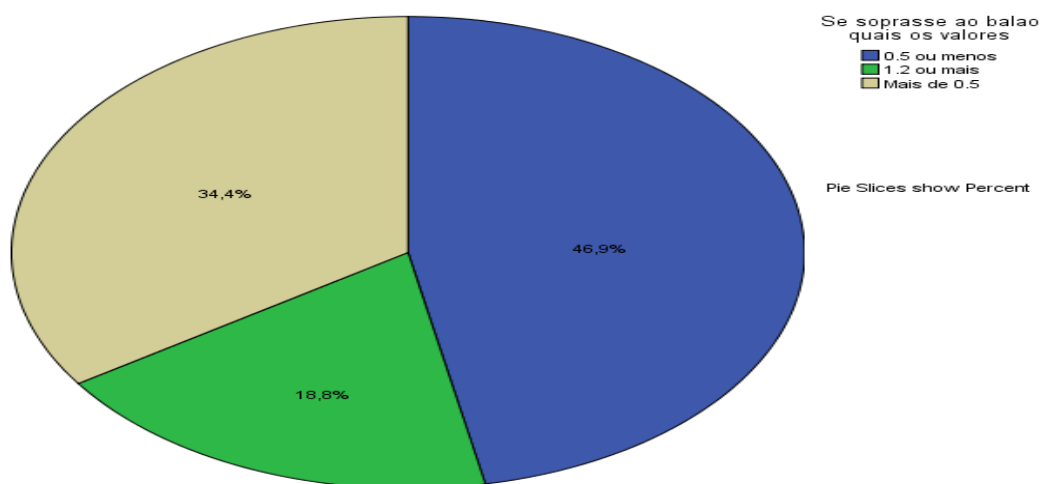
(Gráfico 21)

Quanto à questão: “*Costumas sair à noite?*” 85% dos inquiridos dizem k sim e 52% destes afirmam levar carro, quando confrontados com a pergunta: “*Levas carro?*”. Assim, 66,7% deles afirmam ingerir bebidas alcoólicas, sendo que as bebidas brancas se destacam mais, como podemos ver no gráfico 22.



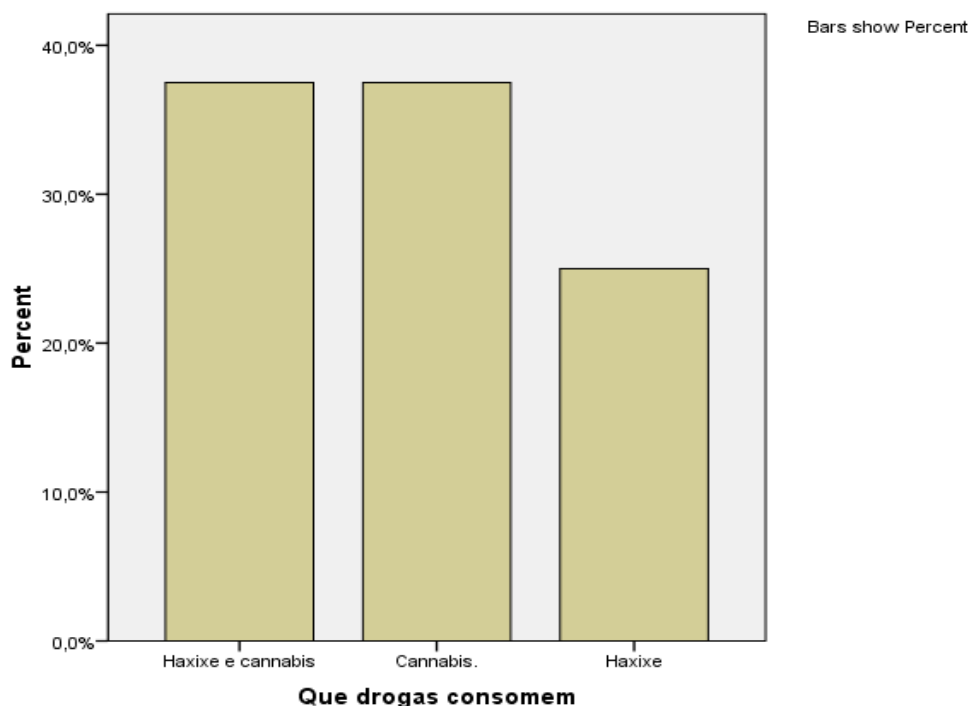
(Gráfico 22)

Relativamente à pergunta: “*Se encontrasses uma operação stop e te pedissem para soprar ao balão, regra geral, que valores achas que acusaria?*”, a maioria considera que a quantidade de álcool no sangue rondaria a taxa de alcoolemia de 0.5. Verificamos no gráfico 23, que uma percentagem relativamente elevada pensa que acusaria mais de 0.5, seguida dos que admitem rondar os 1.2 ou mais.



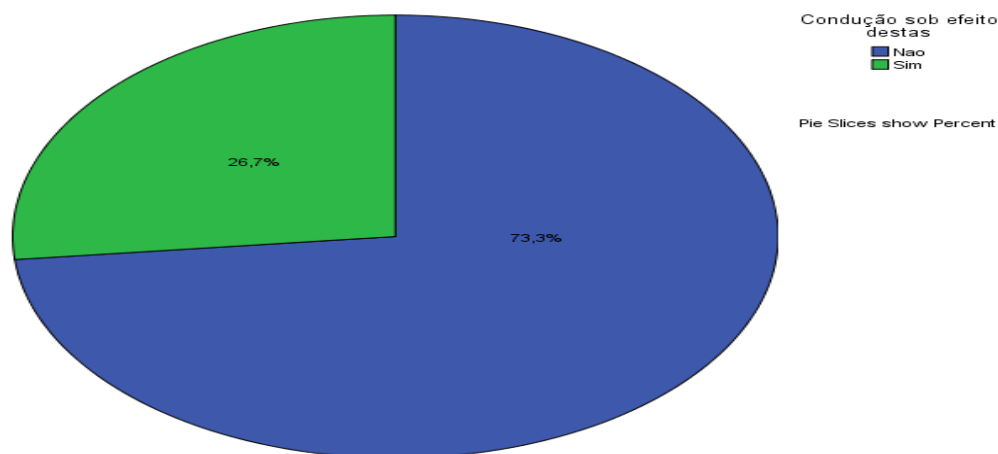
(Gráfico 23)

Quanto ao consumo de drogas, uma pequena percentagem (14,3%) dos que afirmam consumir este tipo de substâncias, referem recorrer a drogas leves, o haxixe e o cannabis, tal como encontramos no gráfico 24.



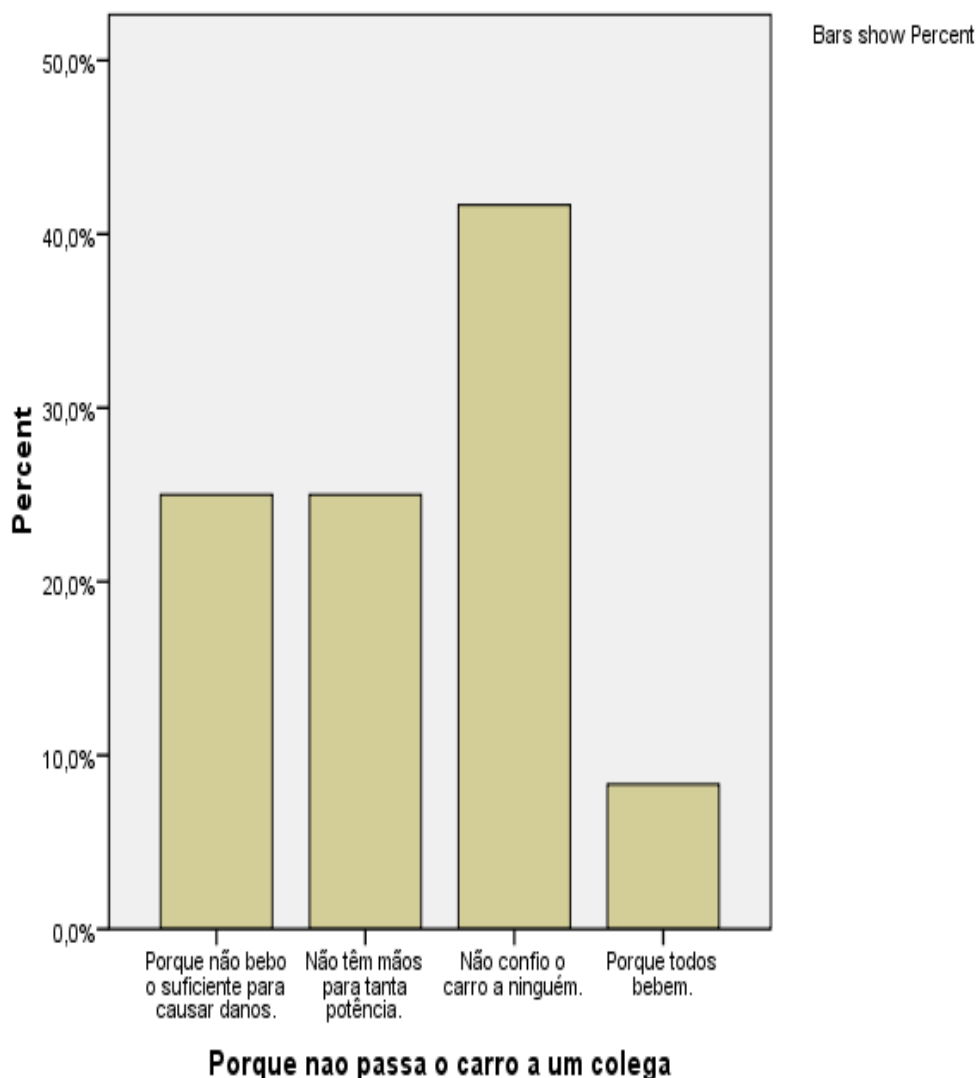
(Gráfico 24)

No que respeita à questão: “Mesmo tendo em conta que bebes e/ou recorres a outro tipo de drogas, conduzes sob efeito destas substâncias?”, grande parte dos inquiridos refere não conduzir sob efeito de álcool ou outro tipo de drogas, tal como se verifica no gráfico 25. Daqueles que conduzem sob efeito destas, todos reconhecem o perigo que correm e as vidas que põe em risco.



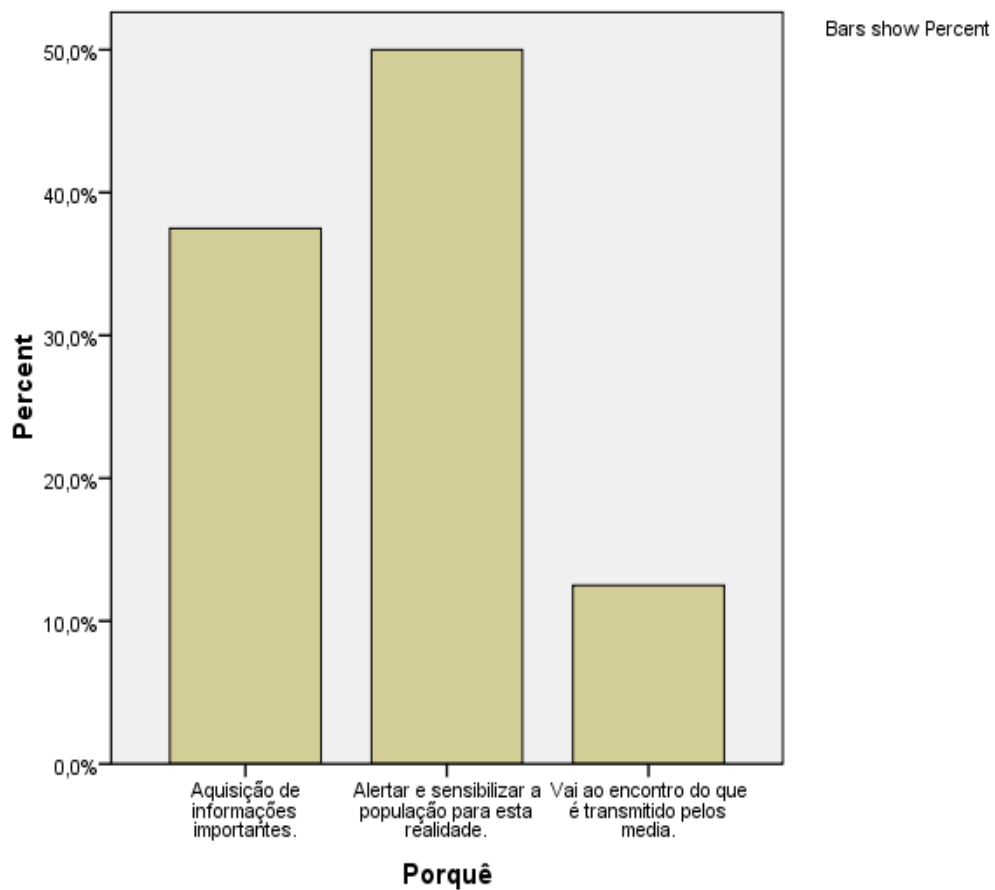
(Gráfico 25)

Aqueles que bebem e levam viatura própria, admitem que não entregam o seu veículo a ninguém, por vários motivos. Relativamente à pergunta: “Porque não passas o carro a um colega que não tenha bebido?”, obtiveram-se as respostas que podemos verificar no gráfico 26.

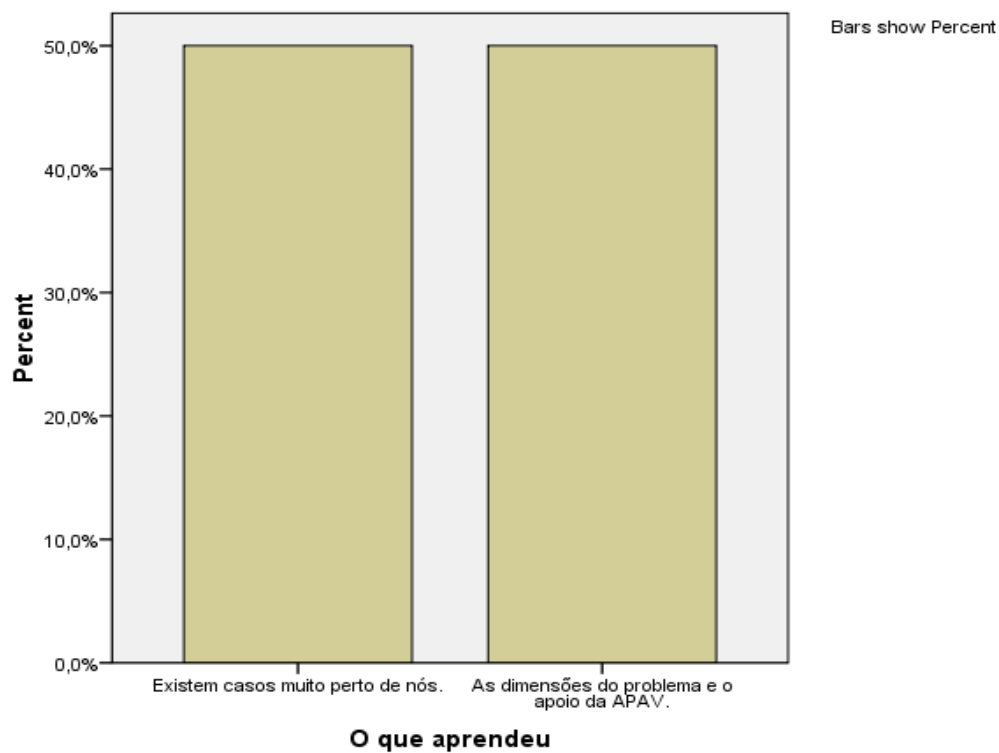


(Gráfico 26)

Em relação à palestra sobre violência contra os idosos, todos os participantes (100%) consideraram que esta foi útil e informativa. A maioria respondeu que foi crucial para alertar e sensibilizar para esta realidade. Como se nota nos gráficos 27 e 28, muitos reconheceram ter aprendido que existem muitos casos perto de nós, as dimensões reais deste problema e o apoio que é prestado pela APAV.

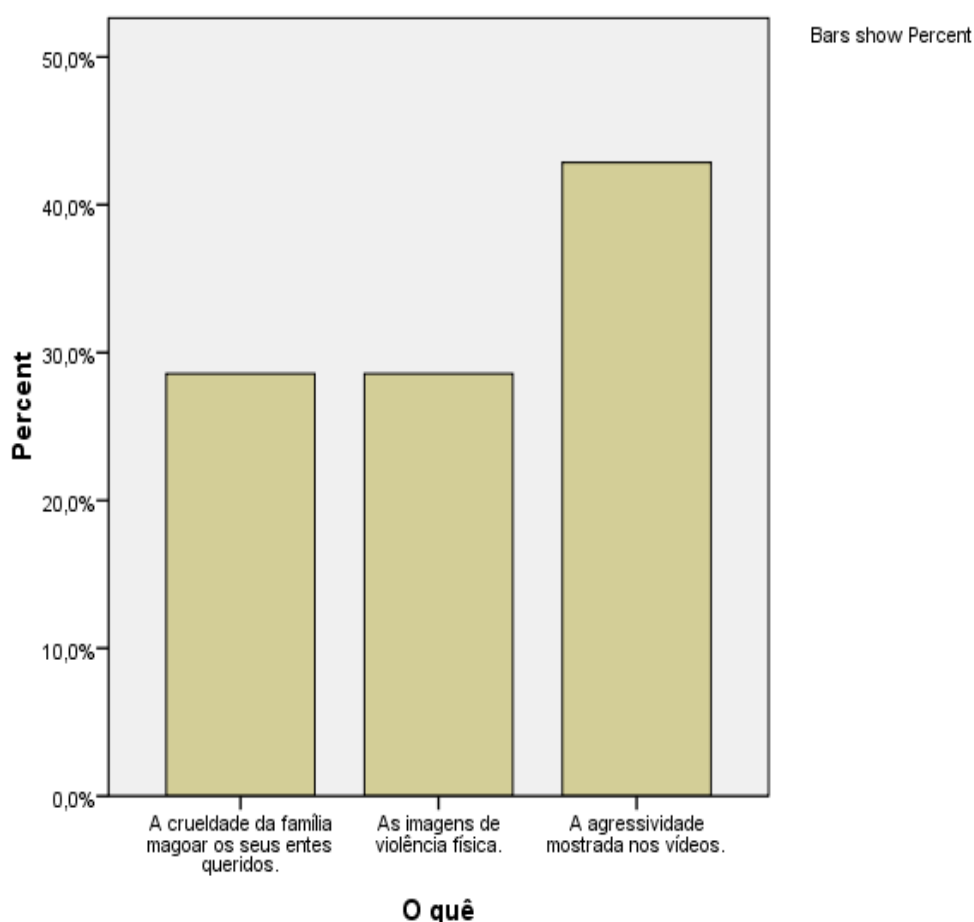


(Gráfico 27)



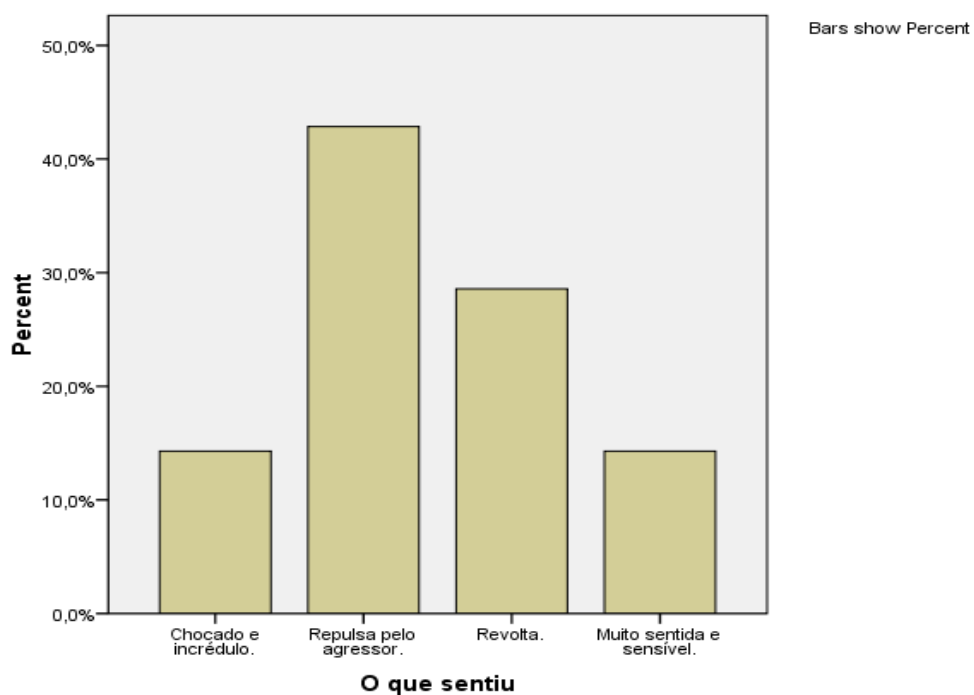
(Gráfico 28)

A totalidade do público (100%) admite que tinha noção desta problemática e as dimensões que estava a atingir. Nenhum destes elementos conhece algum caso de violência contra idosos próximo de si. Todos reconheceram ser um tema de extrema importância na actualidade. Deste grupo de pessoas grande parte (77,8%) considera que houve algo durante a formação que os chocou, nomeadamente, a crueldade das famílias para com os idosos, as imagens de violência física e a agressividade mostrada nos vídeos seleccionadas para exemplificar casos reais. Assim, quando se questiona: “O quê?”, relativamente à questão anterior: “*Ao longo da formação, houve alguma coisa que despertasse em si algum tipo de sentimento ou o chocasse?*”, obtiveram-se as respostas que podemos ver no gráfico 29.



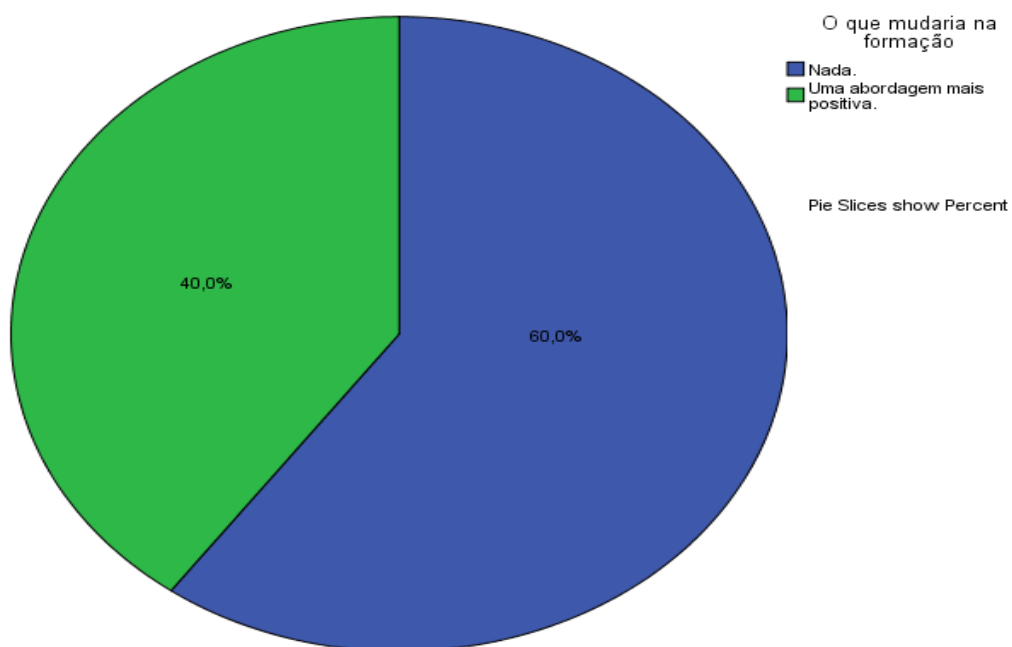
(Gráfico 29)

Tal como é notório no gráfico 30, no que toca à questão: “*descreva o que sentiu.*”, os sentimentos que tiveram perante estas imagens passam pelo choque, pela incredibilidade e sensibilidade. É de salientar a repulsa e a revolta perante o agressor.



(Gráfico 30)

No que respeita às mudanças que deviam ser feitas, alguns elementos do público (40%) apelaram a uma abordagem mais positiva do idoso, como verificamos no gráfico 31.



(Gráfico 31)

CAPÍTULO V – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sem dúvida que deste projecto de estágio, tirei o maior proveito a vários níveis: a nível pessoal, institucional e de conhecimentos nesta área de especialização.

A nível pessoal, posso dizer que cresci muito. O facto de ter assumido um papel activo enquanto Técnica de Apoio à Vítima (TAV) numa instituição que recebe, apoia e orienta todo o tipo de vítimas de crime, fez-me perceber que, por vezes, os problemas que temos, que consideramos gravíssimos e que são uma dor de cabeça para nós no dia-a-dia, comparados com os destes utentes, não são nada. Às vezes, achamos que o mundo vai desabar, que não conseguimos resolver um problema, que não iremos conseguir ultrapassar um dado acontecimento, uma má fase das nossas vidas,... enfim, fazemos uma “tempestade num copo de água”. Lidar com vítimas de crime é algo que nos elucida e consciencializa para a urgência de soluções, para os problemas sociais que existem. Pode-se dizer que todos os dias são uma nova lição de vida: há pessoas que realmente vivem sérios e graves problemas, suportando-os à sua maneira, muitas vezes, sozinhas, durante semanas, meses, anos, tentando encontrar estratégias para lidar com a situação, num silêncio e numa dor que ninguém pode imaginar. O facto de durante o estágio adquirirmos competências para ajudar, orientar, mudar comportamentos, apelar ao bom senso, procurar estratégias para dar resposta a estes problemas, é um desafio. É bom saber que o simples facto de sermos ouvintes, de sabermos escutar, já é para a vítima um alívio, já nos vêem como confidentes, alguém com quem desabafar é já uma grande alegria nas suas vidas.

No campo institucional, é gratificante saber que a instituição dá valor ao nosso trabalho, ao nosso esforço. Muitas vezes, fui convidada pela responsável da instituição a fazer umas horas extra estágio, para ajudar, para assumir cargos de maior responsabilidade, como ter que ficar sozinha na instituição de vez em quando. O simples facto de me terem confiado um cargo, uma chave, uma responsabilidade, é algo muito bom, pois significa que o nosso esforço, os nossos conhecimentos e o nosso contributo é importante para o bom funcionamento da instituição. No fundo, é bom saber que o nosso papel enquanto profissionais de uma determinada área, é imprescindível para o sucesso dos serviços prestados pela instituição a todos os utentes que por lá passam.

No que respeita ao nível de conhecimentos na área de especialização, posso afirmar que passei da teoria à prática. Isto quer dizer que todos os conhecimentos que fui adquirindo ao longo da licenciatura e do mestrado, todas as pesquisas e suportes teóricos foram cruciais.

Durante os nove meses de estágio, pude aplicar ao contexto de trabalho os conhecimentos teóricos que me foram transmitidos ao longo do curso: aprendi a pôr em prática métodos, técnicas, perceber quais se adequam melhor a determinadas situações, aperfeiçoar as estratégias de intervenção, analisar tudo cuidadosamente, ao pormenor, antes de tomar alguma decisão.

Passo, agora, a fazer um balanço geral dos aspectos positivos e negativos do meu estágio. Para além dos atendimentos a vítimas de crime no Gabinete de Apoio à Vítima, entendi que devia alertar e sensibilizar a sociedade para este problema. Daí a escolha das palestras, em várias instituições estratégicas, como forma de alertar e sensibilizar a população para a problemática.

Apesar de ter a consciência de que as palestras não são a melhor forma de Educação de Adultos, recorri a estas pelo elevado número de elementos do público-alvo. Tornava-se, pois, muito complicado encontrar outra técnica para sensibilizar este tipo de população. Para além das palestras, também apostei numa espécie de campanha de sensibilização/prevenção sobre violência doméstica, em instituições estratégicas, onde grande parte das vítimas se deslocam com maior frequência. Assim, procedi à afixação de cartazes alusivos a esta temática, assim como à entrega de folhetos informativos sobre a mesma.

No que toca às palestras realizadas, faço uma breve análise de alguns aspectos. A avaliação foi, maioritariamente, positiva. Algumas observações ajudaram-me a perceber o que melhorar em futuras situações. Penso que, no geral, os objectivos inicialmente definidos foram concretizados, ou seja, conseguiram-se transmitir as principais ideias, chamar a atenção para a gravidade da violência, levar a população a uma reflexão sobre este tipo de situações que vêm aumentando significativamente na sociedade. O impacto dos temas abordados foi significativo, tiveram um carácter sensibilizador e reflexivo para a população a que se dirigiam, alertando para a necessidade de agir, de forma a combater a violência.

Em relação aos inquéritos aplicados na APAV, houve algumas surpresas. Esperava uma maior percentagem de utentes que referissem que tiveram dificuldades em chegar até à APAV, o que não se verificou. Nota-se, também, que há ainda muitos preconceitos na nossa sociedade em relação às vítimas de violência doméstica do sexo masculino.

Relativamente às palestras sobre violência doméstica/violência no namoro (Cursos EFA), as opiniões dividiam-se: uns consideraram que estava tudo bastante explícito e esclarecedor. Outros, no entanto, consideraram que a formadora devia falar mais alto. Isto foi importante para

poder ter em atenção a projecção da voz, quando falar para um grande grupo. Também à projecção de imagens, devo ter mais atenção às legendas dos vídeos.

Na formação dada no Círculo de Arte e Recreio, houve quem referisse que a apresentação dos temas foi demasiado exaustiva. Estes exemplos mostram que, futuramente, devo ter mais atenção ao controlo do tempo da apresentação e ao espaço onde decorre a acção para que não se torne tão cansativo.

Houve, também, quem sugerisse levar uma ex-vítima de violência no namoro/violência doméstica, para dar o seu testemunho. Isto foi algo que me ocorreu, mas no contexto dos atendimentos, apercebi-me que era muito difícil encontrar uma vítima que se disponibilizasse a “dar a cara” e falar abertamente da sua experiência, porque é algo muito pessoal.

Outra conclusão a que cheguei, relaciona-se com uma maior transmissão de conhecimentos e de informações sobre o tema, nos cursos EFA. Isto deve-se ao facto dos inquiridos que participaram na palestra do Círculo de Artes e Recreio, possuírem uma maior diversidade de habilitações literárias e um nível de cultura diferentes.

No geral, verifica-se que a maioria do público que assistiu às diferentes formações, ficou satisfeito com os conteúdos das abordagens.

Embora, como já referi, os comentários da grande maioria fossem positivos, todas as críticas foram essenciais para mim. De facto, a prática é muito importante e é com os erros que podemos reflectir e mudar o nosso desempenho.

Por outras palavras, a minha passagem pela APAV foi uma experiência muito positiva, gratificante e enriquecedora, fazendo-me crescer enquanto pessoa e enquanto profissional de Educação.

BIBLIOGRAFIA

ALVES, José Ferreira (2004). *Factores de risco e indicadores de abuso e negligência de idosos*. Coimbra: Coimbra Editora.

APAV – Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (2002). *Manual Títono. Para o Atendimento de Pessoas Idosas Vítimas de Crime Parte I: Compreender*. Lisboa: APAV.

APAV- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (2005). *Manual de Procedimentos dos Serviços de Apoio à Vítima de Crime na APAV*. Lisboa: APAV.

APAV – Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (2005). *Direitos das Vítimas de Crime na Europa*. Lisboa: Ciência Gráfica, Lda.

AZAMBUJA, Mariana Porto Ruwer (2008). *Violência de género e os discursos circulantes nos cuidados de saúde primários*. Braga: Universidade do Minho.

AZEVEDO, Vanessa [et al] (2009). *Os Acidentes Rodoviários: Um Problema de Saúde Pública nos Jovens*. Braga: Universidade do Minho.

BARBOSA, Fátima Maria Bezerra (2004). *A Educação de Adultos. Uma Visão Crítica*. [S.l.]: Estratégias Criativas.

BOUTINET, J.-P. (1996). *Antropologia do Projecto*. Lisboa: Piaget

Carmo, H. & Ferreira, M. (1998). *Metodologia da Investigação*. Lisboa: Universidade Aberta.

CASTRO, Angel de (1990). *La tercera edad: tiempo de ocio y cultura: proyecto y experiencias de animación cultural*. Madrid: Narcea.

Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género (2009). *Violência Doméstica: Encaminhamento para Casa de Abrigo*. Lisboa: Presidência do Conselho de Ministros.

CORDEIRO, Mário (1999). *ABC da Segurança na Estrada*. S.l.: Pais & Filhos.

COSTA, Maria Emília [et al] (1998). *A Violência nas Escolas*. Linda-a-Velha: Instituto de Inovação Educacional.

DRUART, Delphine [et al] (2008). *Cooperar para prevenir a violência*. V.N. Gaia: Edições Gailivro.

ESTEVES, Anabela de Jesus (2010). *Sintomatologia depressiva na população idosa: o papel do abuso, negligência e funcionalidade*. Braga: Universidade do Minho.

FERREIRA, Fernando Rogério Gomes (2007). *Os Professores Face à Conflitualidade e Violência na Escola: implicações para uma estratégia de formação inspirada na Educação de Adultos*. Braga: Universidade do Minho.

FLICK, Uwe (2005). *Métodos Qualitativos na Investigação Científica*. Lisboa: Monitor – Projectos e Edições.

GONÇALVES, Rui Abrunhosa [et al] (1999). *Crimes: Práticas e Testemunhos: Actas do Congresso “Crimes Ibéricos”*. Braga: Universidade do Minho.

GHIGLIONE, Rodolphe [et al] (1993). *O Inquérito: Teoria e Prática*. Oeiras: Celta Editora.

GUERRA, Isabel (2002). *Fundamentos e Processos de Uma Sociologia de Acção – O Planeamento em Ciências Sociais*. Cascais: PRINCIPIA - Publicações Universitárias e Científicas.

HENNEZEL, Marie de (2006). *Morrer de olhos abertos*. Lisboa: Casa das Letras.

Jornal de Notícias, Segunda-Feira, 19 de Setembro de 2011.

HUIZINGA, Johan (1996). *Homo Ludens*. S. Paulo: Editora Perspectiva.

KARLI, Pierre (2002). *As Raízes da Violência*. Lisboa: Instituto Piaget.

MACHADO, Carla [et al] (2008). *Violência e Vítimas de Crimes*. Coimbra: Quarteto.

MANITA, Celina [et al] (2009). *Violência doméstica: compreender para intervir, guia de boas práticas para profissionais de instituições de apoio a vítimas*. Lisboa: Presidência do Conselho de Ministros.

MATOS, Marlene Alexandra Veloso de (2006). *Violência nas relações de intimidade: estudo sobre a mudança psicoterapêutica na mulher*. Braga: Universidade do Minho.

MORAIS, Regis de (1995). *Violência e Educação*. Brasil: Papyrus Editora.

NOGUEIRA, Maria da Conceição de Oliveira Carvalho (2008). *Violência no género e os discursos circulantes nos cuidados de saúde primários*. Braga: Universidade do Minho.

PIRES, Tânia Sofia Fernandes [et al] (2007). *Incidência de PTSD nas Vítimas directas*. Braga: Universidade do Minho.

SANI, Ana Isabel [et al] (1990). *As Realidades Experienciais de Crianças Vítimas e Testemunhas de Violência*. Braga: Centro de Estudos em Educação e Psicologia da Universidade do Minho.

SANTOS, Bárbara Luís Mendes dos (2008). *Prevenção da violência no namoro: Implementação e avaliação da eficácia de um programa com adolescentes em risco*. Braga: Universidade do Minho.

SERRATE, Rosa (2009). *Lidar com o Bullying na Escola. Guia para Entender, Prevenir e Tratar o Fenómeno da Violência Entre Pares*. Sintra: K Editora, Lda

SOUSA, Cristina de Oliveira e (2009). *Bullying – Estudo das práticas agressivas entre crianças no espaço escolar numa escola básica dos 2º e 3º ciclos*. Braga: Universidade do Minho.

www.apav.pt

www.deco.proteste.pt

www.ansr.pt

www.olgatessari.com

www.ine.pt

APÊNDICES

"Bullying..."



***...a arte de maltratar
o próximo!"***

Alguns mitos sobre as vítimas de bullying:

Se essa pessoa fosse:

- Difundida de relacionando com os colegas;
- Tranquila;
- Basta não o estressar;
- Difícil de lidar de interação com o grupo;
- Tendência para se isolar dos outros.

Como se relaciona com o agressor?

Tem comportamentos negativos com os colegas:

- é impulsivo, dominante, agressivo e, por isso, forte.



Quem é o caso de bullying?

Conta a um professor, diretor de turma ou a um funcionário. Não tenha medo que te chamem de "queixadinho", também te estás a praticar uma boa ação.

NÃO DE BULLYING
RESPEITO SEM EU CUSTO

a a contribuir para um mundo melhor, sem violência! Se todos dermos o nosso contributo, vamos contribuir para uma melhor!



Já dizia Martin Luther King:

"O que me preocupa não é o grito dos maus, é o silêncio dos bons..."

extinguiravioelencia@loqesapo.pt

"Bullying..."



...a arte de maltratar o próximo"



O que é o bullying?

Bullying é aquilo que fica "implicar com as pessoas". Consiste em maus tratos entre colegas no meio escolar. Normalmente, os autores procuram aqueles mais fracos, mais novos, mais sensíveis. Os resultados da grande parte das investigações, revelam uma tendência para ver o bullying como sendo, primeiramente, a nível físico. No entanto, existem diferentes tipos de bullying: o grave, o não grave, o físico e o psicológico.



O bullying caracteriza-se por:

- Causar sofrimento (dor física ou perturbação emocional);
- Recurso à agressão, isto é, existe intenção de provocar sofrimento;
- A agressão pode ser física, verbal ou psicológica;
- A sua frequência pode ser esporádica ou ocorrer durante um dado período de tempo;
- Os agressores podem ser uma ou mais pessoas, em momentos diferentes.



Para além da agressividade física, o bullying engloba também, outro tipo de comportamentos, como por exemplo:

Chamar nomes, espalhar rumores, enviar recados ou dizer coisas desagradáveis ou insultuosas.




Excluir ou isolar socialmente, violar sexualmente ou danificar bens materiais.

Estudos revelam que:

- Os agressores são, na maior parte das vezes, rapazes e as vítimas raparigas.
- O bullying ocorre entre os 8 e os 18 anos de idade.




Material sobre bullying




Instituto de Educação
Universidade do Minho

“BULLYING: A ARTE DE MALTRATAR O PRÓXIMO”



Em que consiste esta preocupante violência que ocorre nas escolas?

Traduz-se na delinquência, em comportamentos anti-sociais, no vandalismo, na agressividade, no **bullying**.



Bullying

Significa “implicar com as pessoas”. Consiste em maus tratos entre colegas no meio escolar. Normalmente, os autores procuram aqueles mais fracos, mais novos, mais sensíveis. Os resultados de grande parte das investigações, revelam uma tendência para ver o bullying como sendo, principalmente, físico. No entanto, existem diferentes tipos de bullying: o grave, o não grave, o físico e o psicológico.

O bullying caracteriza-se por:


- Causar sofrimento (dor física ou perturbação emocional);
- Recurso à agressão, isto é, existe intenção de provocar sofrimento;
- A agressão pode ser física, verbal ou psicológica;
- A sua frequência pode ser esporádica ou ocorrer durante um dado período de tempo;
- Os agressores podem ser uma ou mais pessoas, em momentos diferentes.

Para além da agressividade física, o bullying engloba outro tipo de comportamentos, como:

- Chamar nomes;
- Espalhar rumores;
- Enviar recados ou dizer coisas desagradáveis ou insultuosas;
- Excluir ou isolar socialmente;
- Violar sexualmente;
- Danificar bens materiais;
- A agressão é desencadeada por ameaças, por incomodar, atormentar ou perseguir repetidamente e de forma desagradável.

Estudos revelam que:

- Os agressores são, na maior parte das vezes, rapazes e as vítimas raparigas;
- O bullying ocorre entre os 8 e os 13 anos de idade.



Caracterização das vítimas:

- Dificuldades de relacionamento com os colegas;
- Insegurança;
- Baixa auto-estima;
- Dificuldades de interação com o grupo;
- Isolamento social.



Caracterização dos agressores:

- Têm comportamentos negativos com os colegas;
- São impulsivos;
- Dominadores;
- Agressivos;
- Fisicamente fortes.



Se conheces alguém ou tu mesmo és vítima de bullying, não hesites em denunciar! Não tenhas medo ou vergonha, quem pratica o bullying tem que ser punido pelos seus actos de irresponsabilidade! Faz queixa a um professor, ao director de turma, ou até mesmo a um funcionário! Eles podem ajudar-te e tu podes ajudar a tornar o mundo melhor! Com a ajuda de todos, vamos criar um mundo sem violência! 😊

Na tua escola, já deves ter conhecido algum caso de bullying. Na tua opinião, quais são os motivos que levam os teus colegas a exercerem tal comportamento com os outros colegas?'



“O que me preocupa não é o grito dos maus, é o silêncio dos bons...”

Martin Luther King

Queres saber mais sobre bullying?
extinguiraviolencia.blogs.sapo.pt

O presente inquérito insere-se no âmbito do Projecto de Estágio do Mestrado em Educação, Área de Especialização em Educação de Adultos e Intervenção Comunitária. Os dados deste destinam-se única e exclusivamente a tratamento estatístico, garantindo absoluta confidencialidade. Deves responder com honestidade, de acordo com aquilo que pensas, de modo a que os resultados possam ser avaliados com fiabilidade. Obrigado pela tua atenção e colaboração.

(Universidade do Minho - Instituto de Educação, Mestrado em Educação: Área de Especialização em Educação de Adultos e Intervenção Comunitária)

1- Sexo:

Feminino ☐1 Masculino ☐2

2- Localidade:

3- Achas que esta formação foi útil e informativa?

Sim ☐1 Não ☐2

3.1- Porquê?

4- Achas que aprendeste algo de novo?

Sim ☐1 Não ☐2

4.1- Em caso de resposta afirmativa, o que aprendeste?

5- Tinhas noção deste tipo de realidade?

Sim ☐1 Não ☐2

6- Tinhas noção da gravidade desta problemática?

Sim ☐1 Não ☐2

7- Conheces alguém que tenha sido vítima de bullying?

Sim ☐1 Não ☐2

7.1- Em caso de resposta afirmativa, que escola frequenta?

8- Alguma vez foste vítima de bullying? (Em caso de resposta negativa, passa à questão 9)

Sim ☐1 Não ☐2

8.1- Em caso de resposta afirmativa, como te sentiste? (Em caso de resposta negativa, passa à questão 8.3)

8.2- Contaste a alguém?

Sim ☐1 Não ☐2

8.2.1- A quem?

Pai/mãe ☐1

Professor(a) ☐2

Amigo ☐3

Funcionário ☐4

Outro ☐5

Qual? _____

8.2.2- Apoiaram-te?

Sim ☐1 Não ☐2

8.2.2.1- De que forma?

8.3- Porque não contaste?

Medo ☐1

Vergonha ☐2

Falta de coragem ☐3

Outro ☐4

Qual? _____

9- Alguma vez ameaçaste ou batestes em alguém?

Sim ☐1 Não ☐2

9.1- Em caso de resposta afirmativa, o que te levou a fazeres isso?

10- Depois desta formação e de tudo o que ouviste aqui, achas que eras capaz de agredir ou ver alguém agredir um colega teu?

Sim ☐1 Não ☐2

11- Como achas que reagias se presenciasses uma situação destas?

12- Ao longo da formação, houve alguma coisa que despertasse em ti algum tipo de sentimento ou te chocasse? **(Em caso de resposta negativa, passa à questão 13)**

Sim ☐1 Não ☐2

12.1- O quê?

12.1.1- Descreve o que sentiste.

13- Se pudesses melhorar alguma coisa nesta formação, o que mudarias? Porquê?

14- Como avalias esta formação?

Má ☐1

Razoável ☐2

Boa ☐3

Muito boa ☐4

Obrigado pela tua disponibilidade e colaboração!😊

Material sobre violência familiar e escolar

Os nossos filhos são o nosso espelho, o reflexo da educação que recebem dos pais.



Uma criança que aprende o respeito e a honra dentro da própria casa e recebe o exemplo dos seus pais, torna-se um adulto comprometido em todos os aspectos, inclusive em respeitar o planeta onde vive...



Na escola em 1969 e em 2009...



"Todos pensam em deixar um planeta melhor para os nossos filhos... Quando é que pensarão em deixar filhos melhores para o nosso planeta?"



Os principais factores que geram atitudes violentas:

- > Uma desajustação da educação transmitida em casa;
- > Problemas, mau ambiente e violência no seio familiar;
- > Antecedentes criminais na família;
- > Situação económica precária;
- > Minorias étnicas;
- > Problemas com toxicodependência.



Afinal, qual é o papel da escola?

- > Procurar formas de intervir junto dos mais novos, estratégias que formem cidadãos responsáveis e solidários, de forma a combater a violência e a exclusão;
- > Estabelecer regras e limites aos mais novos, ensinando-os a viver em harmonia com o próximo.



Autoritarismo = Barreira para um crescimento intelectual Humano saudável.

E qual é o dever da família?

Cabe à família apoiar as crianças e dar-lhes segurança. No entanto, os pais devem estabelecer certos limites aos filhos, caso contrário, mais tarde, podem trazer-lhes consequências graves. É no meio familiar que a criança começa a definir a sua identidade, a sua personalidade, sendo-lhe inculcadas as primeiras orientações, regras, princípios, definindo os seus limites.



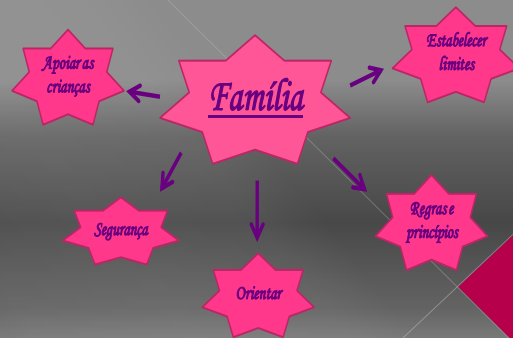
que a criança

começa a definir a sua identidade, a sua personalidade, sendo-lhe inculcadas as primeiras orientações, regras, princípios, definindo os seus limites.

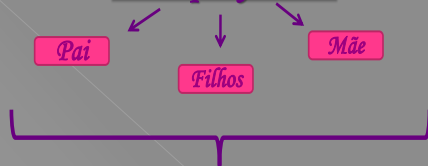
Violência familiar e no meio escolar



É no meio familiar que a criança começa a definir a sua identidade, a sua personalidade.



Hierarquia familiar



Relações de poder entre os diferentes membros do agregado familiar

❖ Bom exemplo no meio social: cidadãos responsáveis e conscientes - viver em harmonia com a sociedade.

❖ Consequências graves

Dentro de uma família podem-se distinguir dois tipos de relações

Relação entre os pais (entre marido e mulher)

Relação entre os pais e filhos



*Bom ambiente familiar
Crescimento saudável das crianças*

Evitar discussões

Promover uma boa educação

❖ Tendo em conta que os filhos são o espelho dos pais, é muito importante que os pais saibam dar o exemplo a seguir, pois os filhos tendem a seguir o exemplo que têm em casa.



❖ Desta forma, se o pai for agressivo, a criança tende a adotar o comportamento do pai, porque vê o pai como um herói, como sendo o seu ídolo.

A infância...

Criança

Obediência
Dependência

↳ Os mais pequenos não têm quereres



Adolescentes ↔ Pais

Os adolescentes começam a definir o "eu" e querem alcançar autonomia nas tomadas de decisão.

A adolescência ...

Na adolescência, os filhos já não vêem os pais como heróis, mas sim começam a aperceber-se de que eles possuem defeitos e qualidades.

Existem 2 tipos de pais

Liberais

Demasiado acentos e distraídos com a educação dos filhos, dando-lhes razão mesmo quando têm atitudes e comportamentos graves para com os que os rodeiam

Autoritários

Controlam de forma muito exagerada a vida dos seus filhos, querendo saber todos os passos que dão, acabando por não lhes dar privacidade

E, ainda, embora mais raros, os ditos "pais democratas":

Estes, sabem impor ordens, regras, incentivando os mais novos a uma interação com a família, aconselhando-os, escutando-os e respeitando as ideias das crianças.

- ◉ Mais autonomia e independência nas escolhas que fazem;
- ◉ Maior reflexão sobre os seus actos e consciência das suas consequências.

Estas crianças acabam por se tornar em cidadãos conscientes, curiosos e sociáveis.

Ambos os casos podem levar a uma educação menos imprópria dos seus filhos, levando a uma indisciplina destes muito grave, traduzindo-se em atitudes violentas e comportamentos demasiado inadequados em vários contextos sociais (escola, família, entre outros). É assim que se instala um verdadeiro conflito de poder entre os pais e os filhos.

Aplicação de castigos

Diálogo



Equilíbrio



O papel da escola...

❖ A escola pode e deve procurar formas de intervir junto dos mais novos, procurar certas estratégias que venham a formar cidadãos responsáveis e solidários e, ao mesmo tempo, que ajudem a combater a violência e a exclusão, levando as crianças a terem uma visão mais crítica do mundo.

Autoritarismo = Barreira para um crescimento intelectual humano saudável.

❖ Um trabalho conjunto entre pais e professores: revisão as formas de actuar, de falar, de combater este tipo de violência.

→ Possíveis soluções para combater a violência escolar

→ E se o meu filho/filha é vítima de bullying?

Correspondência escola ↔ família

De Encarregado da Tutela Data 27/04/09

Para Professor [redacted]

Mensagem Fecho o favor de não mandar mais trabalhos à Tatiana porque ela anda cansada também. Eu sei que as crianças não são obrigadas a trazer trabalhos de casa. E eu não me posso enervar, obrigada

Assinatura [redacted]

Tomei conhecimento. Em 28/04/09 [assinatura]

O referido trabalho de casa, é este que aqui consta.....

5. O irmão do Tiago é mais velho e estuda duas horas por dia. Quantas horas estuda por semana? (ele não estuda ao sábado e ao domingo.)

Apêndice IV

Material sobre violência familiar e escolar

O presente inquérito insere-se no âmbito do Projecto de Estágio do Mestrado em Educação, Área de Especialização em Educação de Adultos e Intervenção Comunitária. Os dados deste destinam-se única e exclusivamente a tratamento estatístico, garantindo absoluta confidencialidade. Deve responder com honestidade, de acordo com aquilo que pensa, de modo a que os resultados possam ser avaliados com fiabilidade. Obrigado pela Sua atenção e colaboração.

(Universidade do Minho - Instituto de Educação, Mestrado em Educação: Área de Especialização em Educação de Adultos e Intervenção Comunitária)

1- Sexo:

Feminino ☐1 Masculino ☐2

2- Localidade:

3- Acha que esta formação foi útil e informativa?

Sim ☐1 Não ☐2

3.1- Porquê?

4- Acha que aprendeu algo de novo?

Sim ☐1 Não ☐2

4.1- Em caso de resposta afirmativa, o que aprendeu?

5- Tinha noção deste tipo de realidade?

Sim ☐1 Não ☐2

6- Tinha noção da gravidade desta problemática?

Sim ☐1 Não ☐2

7- Como avalia a qualidade desta formação?

Má ☐1

Razoável ☐2

Boa ☐3

Muito boa

☐ 4

8- Se pudesse melhorar alguma coisa nesta formação, o que melhoraria? Porquê?

Material sobre violência doméstica e no namoro



Como reconhecer a violência nas relações de namoro?



- ✓ Através de violência física, psicológica e/ou sexual, no contexto de uma relação de namoro.
- ✓ Existe, por parte do agressor, a intenção de controlar ou dominar o(a) parceiro(a), de forma excessiva.

Mitos sobre a Violência no Namoro

- ✓ “Os Insultos são normais entre um casal de namorados”
- ✓ “Se o/a meu/minha namorado/namorada tem ciúmes é porque gosta muito de mim”
- ✓ “Os amigos não devem meter-se no meio das discussões dos namorados, mesmo quando há violência”
- ✓ “Precisamos saber tudo o que o nosso(a) namorado(a) faz”

Factores que influenciam a vítima a continuar nas relações de namoro

- ✓ Medo das consequências da separação;
- ✓ Dificuldade em tomar decisões;
- ✓ Não gostar de si nem acreditar nas suas capacidades;
- ✓ Esperança na mudança de comportamento;
- ✓ Falta de apoio;
- ✓ Vergonha.



Violência no Namoro



Violência Doméstica



- ✓ A Violência Doméstica é, muitas vezes, precedida por violência nas relações de namoro.

“A VIOLÊNCIA NO ESPAÇO DOMÉSTICO É A MAIOR CAUSA DE MORTE E INVALIDEZ ENTRE MULHERES DOS 16 AOS 44 ANOS, ULTRAPASSANDO O CANCRO, ACIDENTES DE VIAÇÃO E ATÉ A GUERRA.”

ASSEMBLEIA PARLAMENTAR DO CONSELHO DA EUROPA, REC. 1582/2002.



Em que consiste a Violência Doméstica?

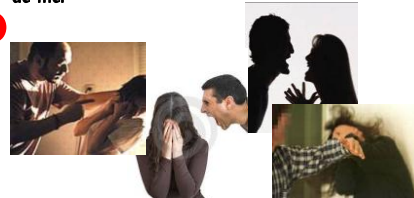
- ✓ A Violência Doméstica é qualquer tipo de comportamento violento continuado, exercido directa ou indirectamente sobre qualquer indivíduo que pertença ao mesmo agregado, habitando na mesma casa ou não.
- ✓ As dificuldades de ruptura com o casamento são, maioritariamente, os filhos, os bens comuns (as contas conjuntas, casa, carro, etc.), os projectos de vida em comum, o medo, a vergonha, entre outros.





O ciclo da Violência Doméstica apresenta 3 fases distintas:

- ✓ Fase do aumento de tensão
- ✓ Fase do ataque violento (episódio de violência, desencadeando a agressão propriamente dita)
- ✓ Fase de apaziguamento, reconciliação ou de "lua-de-mel"



Impacto/consequências traumáticas na vítima:

- ✓ Danos físicos, por vezes irreversíveis;
- ✓ Alterações dos padrões de sono e perturbações alimentares;
- ✓ Disfunções sexuais;
- ✓ Distúrbios cognitivos e de memória;
- ✓ Medos, fobias, ansiedade e vergonha;
- ✓ Ataques de pânico;
- ✓ Baixa auto-estima;
- ✓ Isolamento social ou evitamento;
- ✓ Comportamentos depressivos.



Mitos da Violência Doméstica

- ✓ "Entre marido e mulher ninguém mete a colher";
- ✓ "A mulher só é agredida porque merece (associado à crença de que o homem "tem o direito" de bater na mulher)";
- ✓ "Bater é sinal de amor" ou "uma bofetada, de vez em quando, nunca fez mal a ninguém";
- ✓ "Só ocorre nos estratos económicos mais desfavorecidos e apenas sob efeito de álcool ou outras drogas".

O que fazer?

Qualquer pessoa pode e deve fazer a denúncia junto das autoridades competentes.



Elementos de prova

- ✓ Bilhetes com ameaças;
- ✓ Bens destruídos;
- ✓ Exames médicos que comprovem maus tratos físicos;
- ✓ Cópias de denúncias antigas;
- ✓ Testemunhas.



Todos estes elementos são fundamentais para apresentar às autoridades.

Contactos

- 707 20 00 77 (APAV)
- www.apav.pt
- apav.braga@apav.pt
- Rua de S.Victor, nº 11 (no 3º piso do edifício da junta de freguesia de S. Victor), Braga
- extinguiraviolencia.blogs.sapo.pt

Obrigado pela atenção! ☺

O presente inquérito insere-se no âmbito do Projecto de Estágio do Mestrado em Educação, Área de Especialização em Educação de Adultos e Intervenção Comunitária. Os dados deste destinam-se única e exclusivamente a tratamento estatístico, garantindo absoluta confidencialidade. Deve responder com honestidade, de acordo com aquilo que pensa, de modo a que os resultados possam ser avaliados com fiabilidade. Obrigado pela sua atenção e colaboração.

(Universidade do Minho - Instituto de Educação, Mestrado em Educação: Área de Especialização em Educação de Adultos e Intervenção Comunitária)

1- Sexo:

Feminino ☐1 Masculino ☐2

2- Localidade:

3- Acha que esta formação foi útil e informativa?

Sim ☐1 Não ☐2

3.1- Porquê?

4- Acha que aprendeu algo de novo?

Sim ☐1 Não ☐2

4.1- Em caso de resposta afirmativa, o que aprendeu?

5- Tinha noção deste tipo de realidade?

Sim ☐1 Não ☐2

6- Tinha noção da gravidade desta problemática?

Sim ☐1 Não ☐2

7- Conhece alguém que tenha sido vítima de violência no namoro ou de violência doméstica?

Sim ☐1 Não ☐2

8- Alguma vez foi vítima de violência no namoro ou de violência doméstica? **(Em caso de resposta negativa, passe à questão 9)**

Sim ☐1 Não ☐2

8.1- Em caso de resposta afirmativa, como se sentiu?

8.2- Contou a alguém? (Em caso de resposta negativa, passe à questão 8.3)

Sim ☐1 Não ☐2

8.2.1- A quem?

Familiar ☐1

Amigo ☐2

Colega de trabalho ☐3

Outro ☐4

Qual? _____

8.2.2- Apoiaram-no?

Sim ☐1 Não ☐2

8.2.2.1- De que forma?

8.3- Porque não pediu ajuda?

Medo ☐1

Vergonha ☐2

Falta de coragem ☐3

Outro ☐4

Qual? _____

9- Alguma vez agrediu algum(a) companheiro(a) seu/sua? (Em caso de resposta negativa, passe à questão 10)

Sim ☐1 Não ☐2

9.1- Em caso de resposta afirmativa, de que forma?

Fisicamente ☐1

Verbalmente ☐2

Psicologicamente ☐3

9.2- O que o levou a ter essa atitude?

10- Depois desta formação e de tudo o que ouviu aqui, acha que era capaz de agredir ou ver alguém agredir um companheiro(a)?

Sim ☐1 Não ☐2

11- Como acha que reagiria se presenciasse uma situação destas?

12- Ao longo da formação, houve alguma coisa que despertasse em si algum tipo de sentimento ou o chocasse? **(Em caso de resposta negativa, passe à questão 13)**

Sim ☐1 Não ☐2

12.1- O quê?

12.1.1- Descreva o que sentiu.

13- Se pudesse melhorar alguma coisa nesta formação, o que mudaria? Porquê?

14- Como avalia esta formação?

Má ☐1

Razoável ☐2

Boa ☐3

Muito boa ☐4

Obrigado pela sua disponibilidade e colaboração!😊

Material sobre violência doméstica

E se pudesse mudar esta realidade?...



Você pode!!!

Ponha fim ao silêncio, denuncie este drama!

“O que me preocupa não é o grito dos maus, é o silêncio dos bons...”

Martin Luther King

Basta pegar no telefone:

**707 20 00 77 - Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV)
Rua de S. Victor, nº 11 (no 3º piso do edifício da junta de freguesia
de S. Victor), Braga.**

**Contacte-nos também via e-mail:
apav.braga@apav.pt**

**Mais informações em:
www.apav.pt
extinguiraviolenca.blogs.sapo.pt**



O que é a violência doméstica?

As condutas de que muitas pessoas, a violência doméstica, ocorrem quando se produzem de comportamentos violentos entre os membros da família.

A violência doméstica é qualquer tipo de comportamento violento cometido em relação a uma pessoa ou pessoas, incluindo a violência física, psicológica, sexual, económica, social ou cultural. Pode ser cometida por um indivíduo, grupo ou grupo de indivíduos, incluindo a violência doméstica cometida por um indivíduo ou grupo de indivíduos.

Entre, tipo de violência doméstica, violência física, sexual, psicológica, económica, social ou cultural, incluindo a violência doméstica cometida por um indivíduo ou grupo de indivíduos.



Impacto/consequências traumáticas na vítima:
Danos físicos, corporais, por vezes irreversíveis;
Alterações das padrões de sono e perturbações alimentares;
Alterações da imagem corporal e disfunções sexuais;
Distúrbios cognitivos e de memória;Distúrbios de ansiedade, hiper-vigilância, medos, fobias, ataques de pânico;Sentimentos de medo, culpa, vergonha;Baixa auto-estima e auto-conceito negativo;Isolamento social ou evitamento;Comportamentos depressivos.

Alguns mitos que sustentam a Violência Doméstica:

"Entre marido e mulher ninguém mete a colher";

"A mulher só é agredida porque merece (associado à crença de que o homem "tem o direito" de bater na mulher)";

"Bater é sinal de amor" ou "uma bofetada, de vez em quando, nunca faz mal a ninguém";

"Só ocorre nos estratos económicos mais desfavorecidos";

"Só ocorre do efeito de álcool ou outras drogas";

"Resultado de problemas de saúde mental".

A Violência Doméstica segue dois grandes processos: o ciclo da violência doméstica e a evolução em frequência, intensidade e perigosidade.



O ciclo da Violência Doméstica

É um ciclo que apresenta 3 fases distintas: a fase do aumento de tensão (ou qual o agressor arranja um pretexto para partir para a discussão com a vítima), a fase do ataque violento (o episódio de violência, desacomodando a agressão propriamente dita) e a fase de apaziguamento, reconciliação ou de "lun-de-nal" (quando o agressor demonstra à vítima que está arrependido, se pede desculpa e garante que não se voltará a repetir). Entre as três vai tornando-se viciosa, pois a vítima tende a acreditar que o agressor vai mudar, conduzindo a um outro processo.



A evolução em frequência, intensidade e perigosidade

Neste processo, vai aumentando cada vez mais a frequência dos episódios violentos, a sua intensidade e o grau de perigo que a vítima corre. Isto quer dizer que, para estas vítimas, o seu lar não é um lugar cercado de aspectos positivos, muito pelo contrário, é um espaço de medo, insegurança e onde são diariamente violentadas.

Violência no namoro?...



Não, obrigado!

Material sobre crimes na estrada

Curiosidades...

Um copo para as mulheres e dois para os homens é a dose diária recomendada.

Num atropelamento a 50km/h há vinte vezes maior probabilidade de morte do que a 30km/h.

Um choque a 45 km/h equivale a uma queda do 4º andar.

Os traumatismos, ferimentos e lesões nos acidentes de viação são a maior causa de morte, de doença, de internamento, de entradas nos serviços de urgência e de incapacidades temporárias e definitivas.



Agir é urgente! E mudar pode estar nas tuas mãos!



Para reduzir as taxas dos crimes na estrada precisamos da tua ajuda! Apenas com um maior empenho por parte dos cidadãos, é que Portugal poderá deixar de ser um país onde este tipo de crime é ainda muito elevado.

Contactos:

www.apav.pt
apav.braganca@apav.pt
extinguirrevolencia.blog.sapo.pt

Crimes na Estrada

E tu? Conduzes sob o efeito de álcool ou drogas? Ainda assim, tens tendência a conduzir a altas velocidades?



Nos últimos 2 anos, cerca de 75 mil portugueses sofreram acidentes na estrada por causa do excesso de álcool.

Reconhecer o problema é o primeiro passo.



Como acabar com os crimes na estrada?

Diariamente morrem pessoas nas estradas, devido a excesso de velocidade, desrespeito pelos sinais de trânsito ou até mesmo, condutores sem carta.

O excesso de velocidade constitui um factor predominante nos acidentes de viação. Muitas vezes, as pessoas tendem a andar em altas velocidades, pois têm pressa de chegarem ao seu destino. Além do a este tipo de acidentes está o sono, muitas vezes, associado ao consumo de álcool ou drogas.



A maturidade e a calma são duas características essenciais, que um bom condutor deve possuir, para controlar o veículo em situações de perigo.

Dicas para não colocares em risco a tua vida, nem a dos teus amigos:

Se conduzi-
res não
bebas! Não é
por não
beberes que
não te vais
divertir. Faz
um esforço e nega o consumo
de álcool ou de drogas! Caso
contrário, passa a tua viatura a
um amigo que não beba!



Se fores a conduzir e tiveres
sono pára. Faz uma pausa e dor-
me, mesmo que sejam apenas
30 minutos, poderão fazer toda
a diferença!

Pensa que ao tomares esta
decisão estás a zelar pela segu-
rança dos teus amigos!

**Quais as consequências
do consumo de álcool?**



O álcool causa problemas de
memória e de concentração;

Aumenta a probabilidade de
conflitos sérios com outras pes-
soas e de sofrer acidentes na
estrada;

Estatísticas revelam que 40%
dos jovens que começaram a
beber aos 13 anos, acabam por
enfrentar problemas de depen-
dência, mais tarde;

Estudos comprovam que se
observam mais casos de insu-
cesso escolar e de delinqüên-
cia, entre os jovens que bebem.

O presente inquérito insere-se no âmbito do Projecto de Estágio do Mestrado em Educação, Área de Especialização em Educação de Adultos e Intervenção Comunitária. Os dados deste destinam-se única e exclusivamente a tratamento estatístico, garantindo absoluta confidencialidade. Deves responder com honestidade, de acordo com aquilo que pensas, de modo a que os resultados possam ser avaliados com fiabilidade. Obrigado pela tua atenção e colaboração.

(Universidade do Minho - Instituto de Educação, Mestrado em Educação: Área de Especialização em Educação de Adultos e Intervenção Comunitária)

1- Sexo:

Feminino ☐1 Masculino ☐2

2- Pólo da Universidade:

Guimarães ☐1 Braga ☐2

3- Idade:

4- Costumas sair à noite? (Em caso de resposta negativa, o teu inquérito termina aqui.)

Sim ☐1 Não ☐2

5- Levas carro?

Sim ☐1 Não ☐2

6- Tens por hábito ingerir bebidas alcoólicas? (Em caso de resposta negativa, passa à questão 8.)

Sim ☐1 Não ☐2

6.1- Em caso de resposta afirmativa, que tipo de bebidas consomes quando saís à noite?

Cerveja ☐1

Bebidas Brancas ☐2

Outras ☐3

7- Se encontrasses uma operação stop e te pedissem para soprar ao balão, regra geral, que valores achas que acusaria?

0.5 ou menos ☐1

Mais de 0.5 ☐2

1.2 ou mais ☐3

8- Tens por hábito consumir outro tipo de drogas? (Em caso de resposta negativa, passa à questão 9.)

Sim ☐1 Não ☐2

8.1- Em caso de resposta afirmativa, quais?

Haxixe ☐1

Cannabis ☐2

Outras ☐3

9- Mesmo tendo em conta que bebes e/ou recorres a outro tipo de drogas, conduzes sob efeito destas substâncias? (Em caso de resposta negativa, **o teu inquérito termina aqui.**)

Sim ☐1 Não ☐2

9.1- Em caso de resposta afirmativa, tens noção do perigo que corres e das vidas que pões em risco?

Sim ☐1 Não ☐2

9.2- Porque não passas o carro a um colega que não tenha bebido?

Obrigado pela tua disponibilidade e colaboração!☺

Material sobre violência contra idosos



Não permita que este cenário persista no nosso cotidiano...

Ausultatos

Tristeza

Abandono

Desespero

Solidão

Denuncie!! Ajude-nos a travar este drama! Todos podemos dar um contributo para mudar esta realidade!



Violência contra idosos



Ajude a promover um envelhecimento saudável e feliz!



Alguns indícios de vitimação:

*Aparentamento de feridas ou hematomas inexplicáveis;
Falta de tratamento de problemas de saúde;
Falta de higiene;
Má nutrição e alimentação;
Depressão;
Aumento da vulnerabilidade física e psicológica;
Isolamento social ou físico;
Corte, irregularidade ou inadequada administração da medicação;
Recusa de ajuda;
Quilificação na tomada de decisões;
Incoerência do seu discurso ou comportamentos;
Incoerência do discurso ou comportamentos de familiares ou prestadores de serviços.*

"O que me preocupa não é o grito dos maus, é o silêncio dos bons..."

Martin Luther King

Contacte-nos:

707 20 00 77 (RJPAV)

www.apav.pt

apav.braga@apav.pt

*Rua de S. Victor, n.º 17 (no 3.º piso do edifício da Junta de Freguesia de S. Victor), Braga
artlinguita@violencia.blogg.sapo.pt*

Violência contra idosos



***Por um envelhecimento
saúdável e feliz... todos
podemos dar um contributo
para mudar esta
realidade!***



Violência contra Idosos

Na actualidade...

- > As pessoas idosas são vítimas de crime em vários contextos, principalmente quando já têm uma idade avançada e possuem algumas limitações físicas / ou psicológicas.
- > A vitimação pode ser ocasional ou contínua em diferentes contextos: familiar, em casa (quando vivem sozinho(s), em instituições, na rua, etc.
- > Como a vitimação, muitas vezes, é feita por pessoas que lhe são queridas e em quem confia, é complicado perceber porque fazem isto e não lhe dão o carinho, fazendo-os sentirem-se desvalorizados.

Quem são os agressores?

- > Pessoas com quem o idoso se relaciona.
- Familiares:**
Pessoas responsáveis pelas suas cuidados;
- Pessoas estranhas que, normalmente, apresentam uma identidade falsa.

Qual o apoio prestado pela SPDP?

- Apoiar a nível jurídico, psicológico e social este tipo de vítimas.



Quais as consequências da vitimação?

- > **Físicas** - Feridas, hematomas, fracturas, desequilíbrio de saúde.
- > **Psicológicas** - Qualidade psicológica devido ao pânico, ao medo, às insónias, à depressão e à insegurança.
- > **Sociais** - Isolamento social e recato de comunicar com outras pessoas, não sair de casa, nem permitir visitas em casa.



Violência contra idosos



O que é a terceira idade?

Ser idoso é:

- Homens e mulheres com idade igual ou superior a 65 anos;
- A entrada na reforma e saída da vida activa.



Distinção entre sociedades:

- Em algumas, tenta-se aproveitar as capacidades profissionais do idoso.
- Noutras há uma tendência a isolar o idoso, ou até mesmo considerá-lo inútil, acabando o idoso por se sentir assim também.



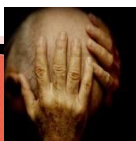
Até que valorizar a pessoa idosa

- Ocupando os tempos livres com algumas actividades;
- Demonstrar-lhes que ainda são capazes de ensinar e ser úteis.



Até invés disto, na actualidade...

- As pessoas idosas são vítimas de crime em vários contextos, principalmente quando já têm uma idade avançada e possuem algumas limitações físicas e/ou psicológicas.
- A vitimação pode ser ocasional ou continua em diferentes contextos: familiar, em casa (quando vivem sozinhos), em instituições, na rua, etc.



Vários contextos do crime:

- Meio familiar
- Em instituições
- Em sua casa
- Na rua
- Em situações de incapacidade

Quem são os agressores?

➤ *Pessoas com quem o idoso se relaciona.*



- ✓ *Familiares;*
- ✓ *Pessoas responsáveis pelos seus cuidados;*
- ✓ *Pessoas estranhas, que, normalmente, apresentam uma identidade falsa.*

Reacção do idoso

➤ *Como a vitimação, muitas vezes, é feita por pessoas que lhe são queridas e em quem confia, é complicado perceber porque fazem isto e não lhe dão carinho, fazendo-os sentirem-se desvalorizados.*



Consequências da vitimação:

- *Físicas*
- *Psicológicas*
- *Sociais*

Características das vítimas:

➤ *Podem ser confundidas com o processo de envelhecimento ou certas doenças. Daí que seja mais difícil reconhecer a situação de crime.*



Alguns indícios de vitimação:

- *Aparecimento de feridas ou hematomas inexplicáveis;*
- *Falta de tratamento de problemas de saúde;*
- *Falta de higiene;*
- *Insónias;*
- *Má nutrição alimentar;*
- *Depressão;*
- *Aumento da vulnerabilidade física e psicológica;*

Alguns indícios de vitimação:

- *Isolamento social e recusa de apoio;*
- *Corte, irregularidade ou inadequada administração da medicação;*
- *Inibição na tomada de decisões sobre qualquer aspecto da sua vida;*
- *Incoerência do discurso ou comportamentos do idoso ou familiares;*
- *Sentimentos de culpa e de medo, agressividade para com os outros e receio da mudança.*

Contactos

- 707 20 00 77 (APAV)
- www.apav.pt
- apav.braga@apav.pt
- Rua de S. Victor, n.º 11 (no 3.º piso do edifício da junta de freguesia de S. Victor), Braga
- extinguiraviolencia.blogs.sapo.pt

Obrigado pela atenção! ☺

O presente inquérito insere-se no âmbito do Projecto de Estágio do Mestrado em Educação, Área de Especialização em Educação de Adultos e Intervenção Comunitária. Os dados deste destinam-se única e exclusivamente a tratamento estatístico, garantindo absoluta confidencialidade. Deve responder com honestidade, de acordo com aquilo que pensa, de modo a que os resultados possam ser avaliados com fiabilidade. Obrigado pela sua atenção e colaboração.

(Universidade do Minho - Instituto de Educação, Mestrado em Educação: Área de Especialização em Educação de Adultos e Intervenção Comunitária)

1- Sexo:

Feminino ☐ 1 Masculino ☐ 2

2- Localidade:

3- Acha que esta formação foi útil e informativa?

Sim ☐ 1 Não ☐ 2

3.1- Porquê?

4- Acha que aprendeu algo de novo?

Sim ☐ 1 Não ☐ 2

4.1- Em caso de resposta afirmativa, o que aprendeu?

5- Tinha noção deste tipo de realidade?

Sim ☐ 1 Não ☐ 2

6- Tinha noção da gravidade desta problemática?

Sim ☐ 1 Não ☐ 2

7- Conhece alguém que foi ou é vítima de violência contra idosos?

Sim ☐ 1 Não ☐ 2

8- Como avalia a importância do tema aqui abordado?

Sem importância ☐ 1

Indiferente ☐ 2

Importante ☐ 3

Muito importante ☐ 4

9- Ao longo da formação, houve alguma coisa que despertasse em si algum tipo de sentimento ou o chocasse? **(Em caso de resposta negativa, passe à questão 11)**

Sim ☐ 1 Não ☐ 2

9.1- O quê?

9.1.1- Descreva o que sentiu.

10- Se pudesse melhorar alguma coisa nesta formação, o que mudaria? Porquê?

11- Como avalia esta formação?

Má ☐ 1

Razoável ☐ 2

Boa ☐ 3

Muito boa ☐ 4

Obrigado pela sua colaboração!☺

Apêndice X

Inquéritos aplicados na APAV

O presente inquérito insere-se no âmbito do Projecto de Estágio do Mestrado em Educação, Área de Especialização em Educação de Adultos e Intervenção Comunitária. Os dados deste destinam-se única e exclusivamente a tratamento estatístico, garantindo absoluta confidencialidade. Deve responder com honestidade, de acordo com aquilo que pensa, de modo a que os resultados possam ser avaliados com fiabilidade. Obrigado pela sua atenção e colaboração.

(Universidade do Minho - Instituto de Educação, Mestrado em Educação: Área de Especialização em Educação de Adultos e Intervenção Comunitária)

1- Sexo:

Feminino ☐1 Masculino ☐2

2- Localidade:

3- Tipo de crime:

4- Tem conhecimento da linha telefónica da APAV?

Sim ☐1 Não ☐2

5- Como teve conhecimento dos nossos serviços?

Entidade Patronal ☐1

Amigos ☐2

Familiares ☐3

Vizinhos ☐4

Colega de trabalho ☐5

Polícia ☐6

Media (TV, jornais, revistas, etc.) ☐7

Outro ☐8

Qual? _____

6- Teve dificuldades em encontrar as nossas instalações?

Sim ☐1 Não ☐2

6.1- Em caso de resposta afirmativa, onde ou a quem pediu informação para chegar até à APAV?

7- Considera que foi bem recebida(o) pelo técnico?

Sim ☐1 Não ☐2

8- Sente-se mais esclarecida(o) em relação às dúvidas que tinha?

Sim ☐1 Não ☐2

9- Após ter falado/desabafado com o técnico, sente-se:

Confiante ☐1

Segura(o) ☐2

Decidida(o) ☐3

Com forças ☐4

Aliviada(o) ☐5

Com ânimo ☐6

Compreendida(o) ☐7

Apoiada(o) ☐8

Outro ☐9

Qual? _____

10- O técnico foi atencioso e sentiu que a/o tentou reconfortar?

Sim ☐1 Não ☐2

10.1- Colocou-a/o à vontade para desabafar?

Sim ☐1 Não ☐2

10.2- Sentiu-se, de alguma forma, intimidada pelo técnico?

Sim ☐1 Não ☐2

10.2.1- Se respondeu que sim na questão anterior, indique o motivo.

11- Porque não recorreu mais cedo aos nossos serviços?

Medo ☐1

Vergonha ☐2

Falta de coragem ☐3

Outro ☐4

Qual? _____

12- De uma forma geral, como avalia as nossas instalações?

Más ☐1

Razoáveis ☐2

Boas ☐3

Muito boas ☐4

13- Durante o atendimento houve algo que a/o incomodou ou que não a/o deixasse tão à vontade?

Sim ☐1 Não ☐2

13.1- Se na resposta anterior respondeu “sim”, descreva o motivo pelo qual se sentiu incomodada(o).

14- Sendo este um serviço de apoio a vítimas de crime, pretendemos fazer um atendimento de qualidade às/aos utentes que por aqui passam. Se acha que podemos melhorar os nossos serviços, bem como a qualidade dos nossos atendimentos, por favor, não deixe de contribuir com a sua opinião.

Obrigado pela sua disponibilidade e colaboração.

Estaremos sempre ao seu dispor!

Apêndice XI

Gráficos (análise dos resultados)

Análise dos inquéritos aplicados na APAV

Gráfico1:

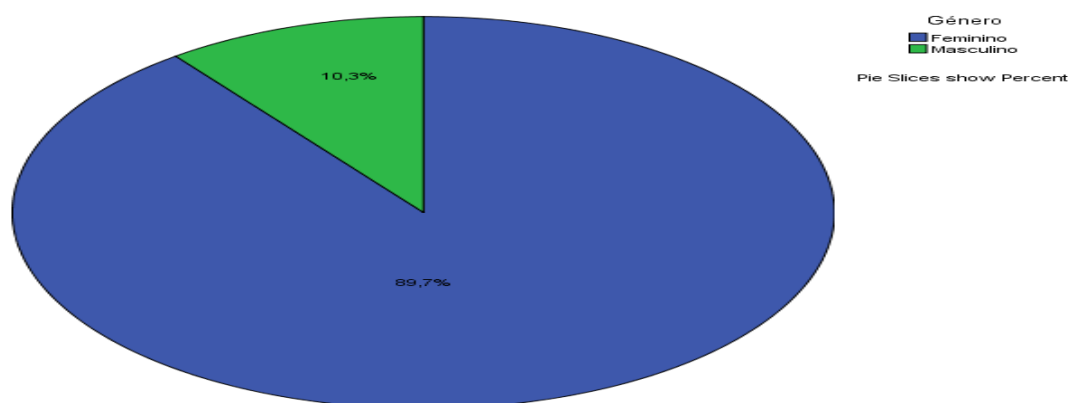


Gráfico 2:

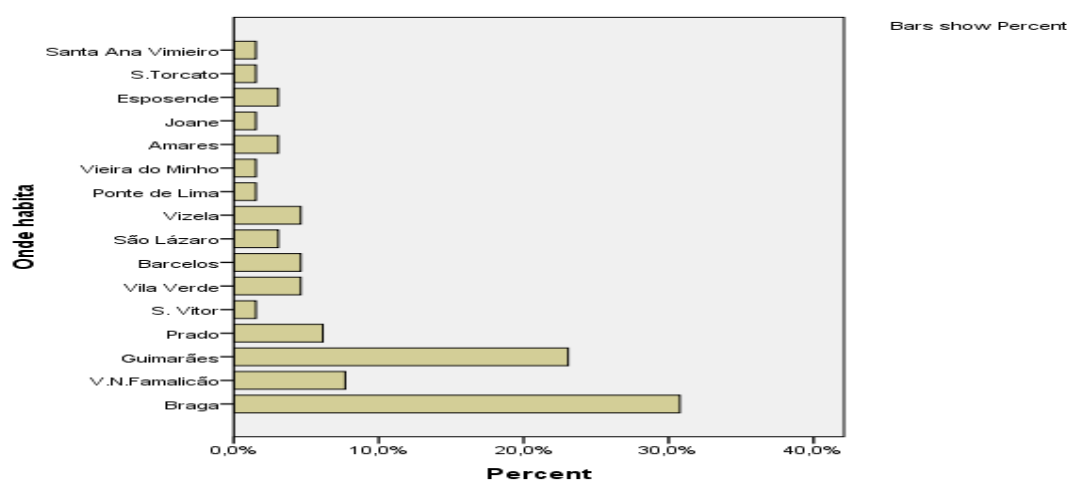


Gráfico 3:

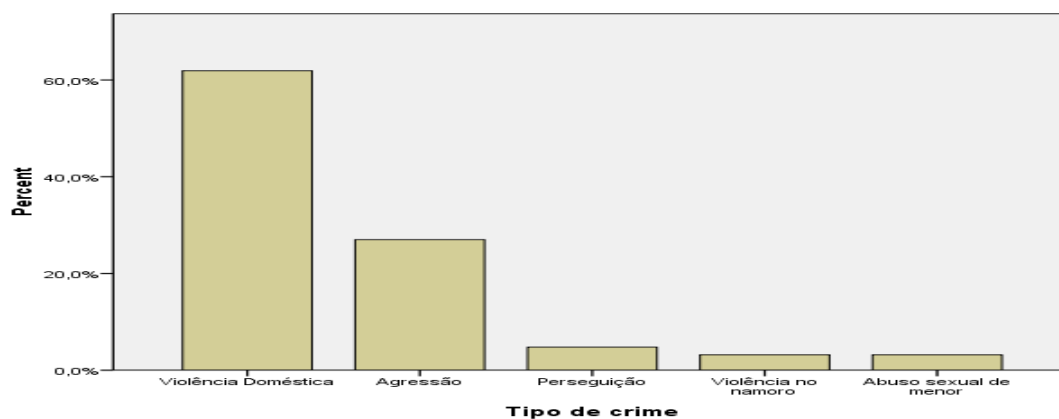


Gráfico 4:

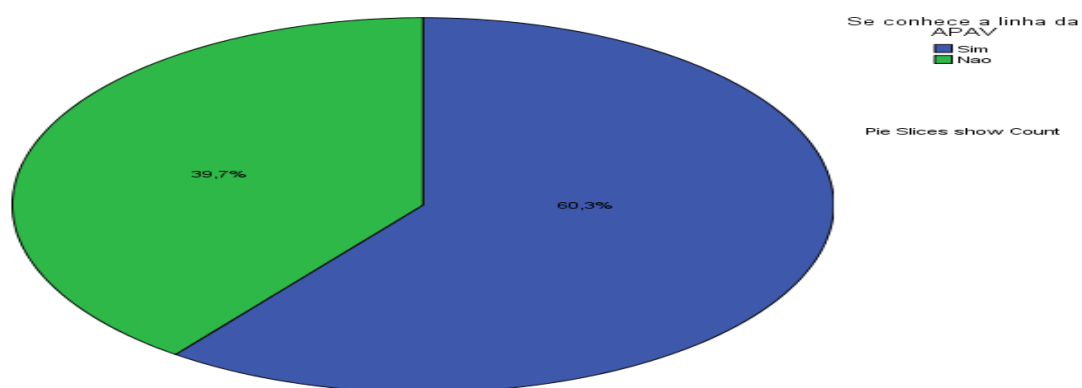


Gráfico 5:

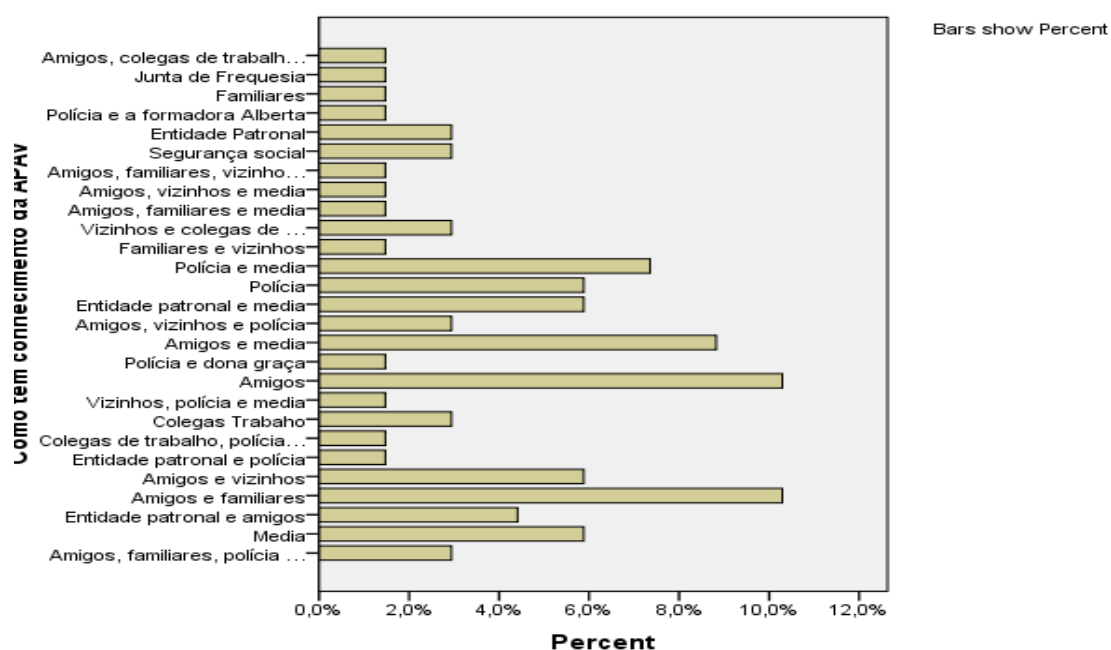


Gráfico 6:

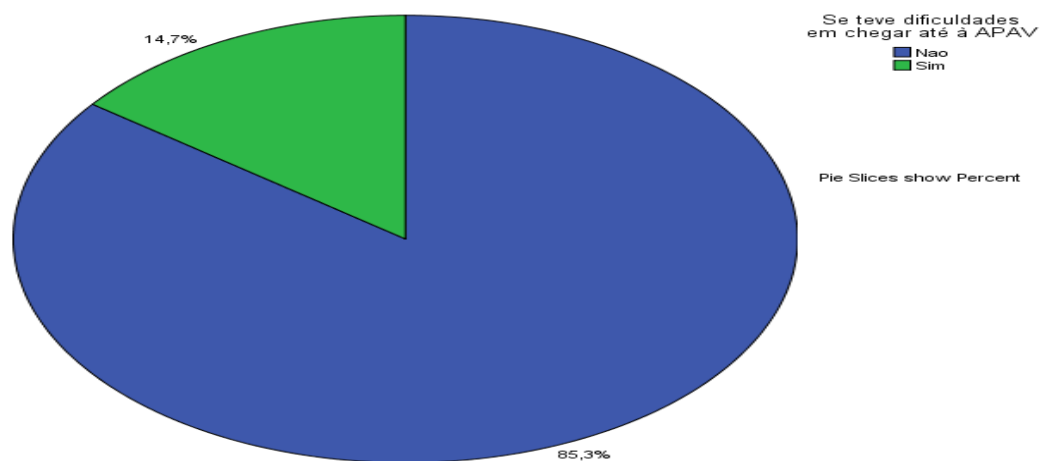


Gráfico 7:

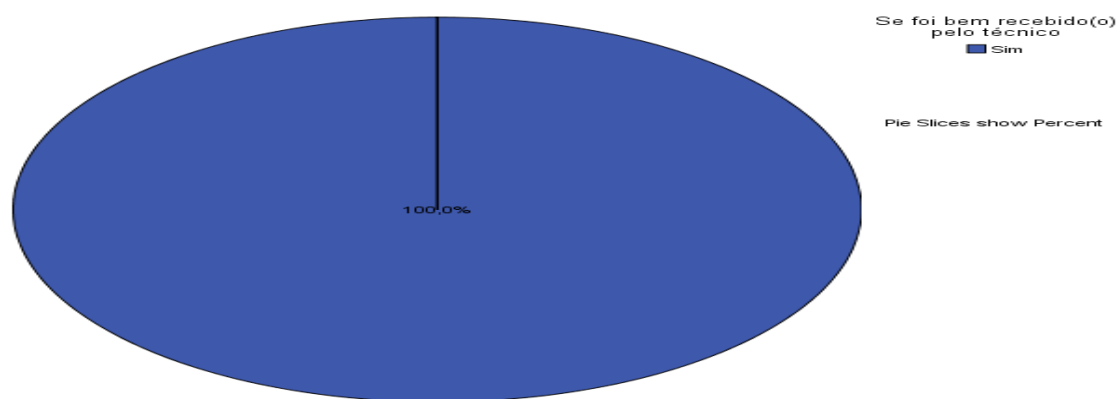


Gráfico 8:

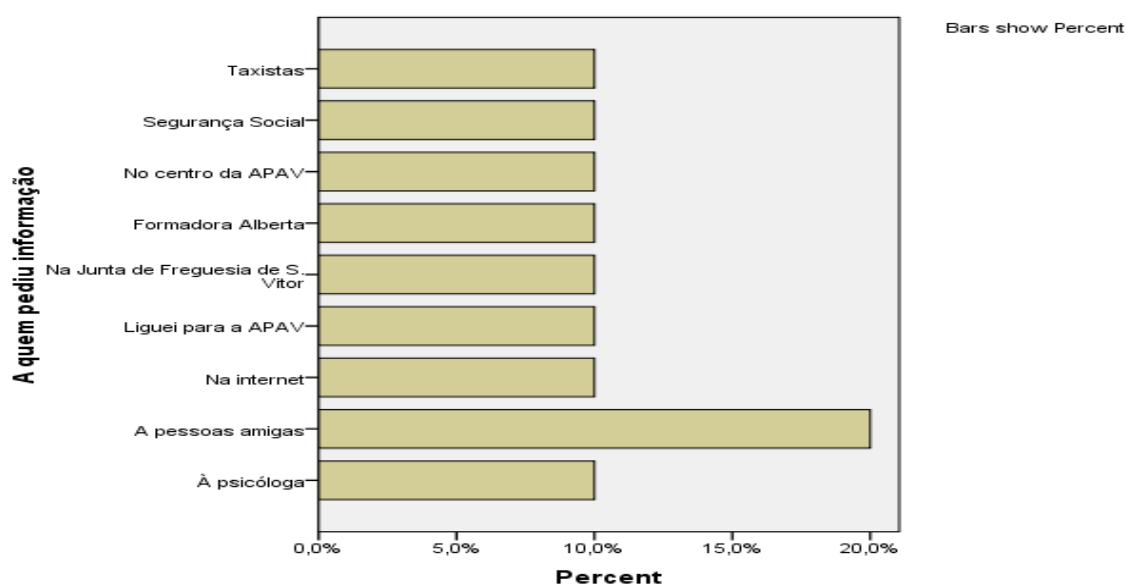


Gráfico 9:

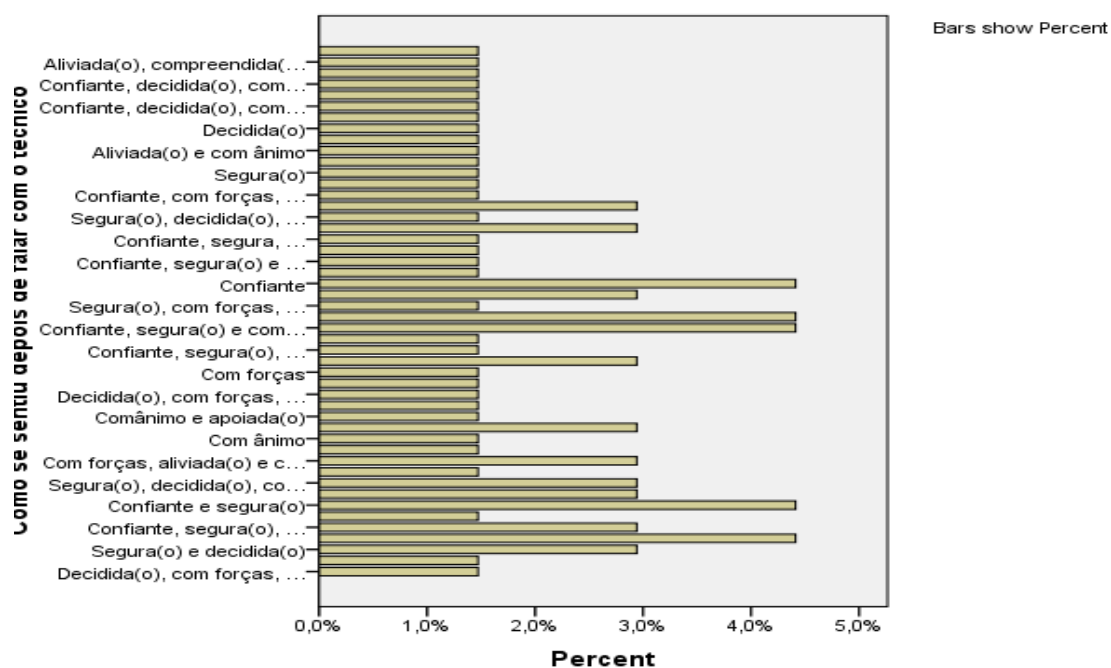


Gráfico 10:

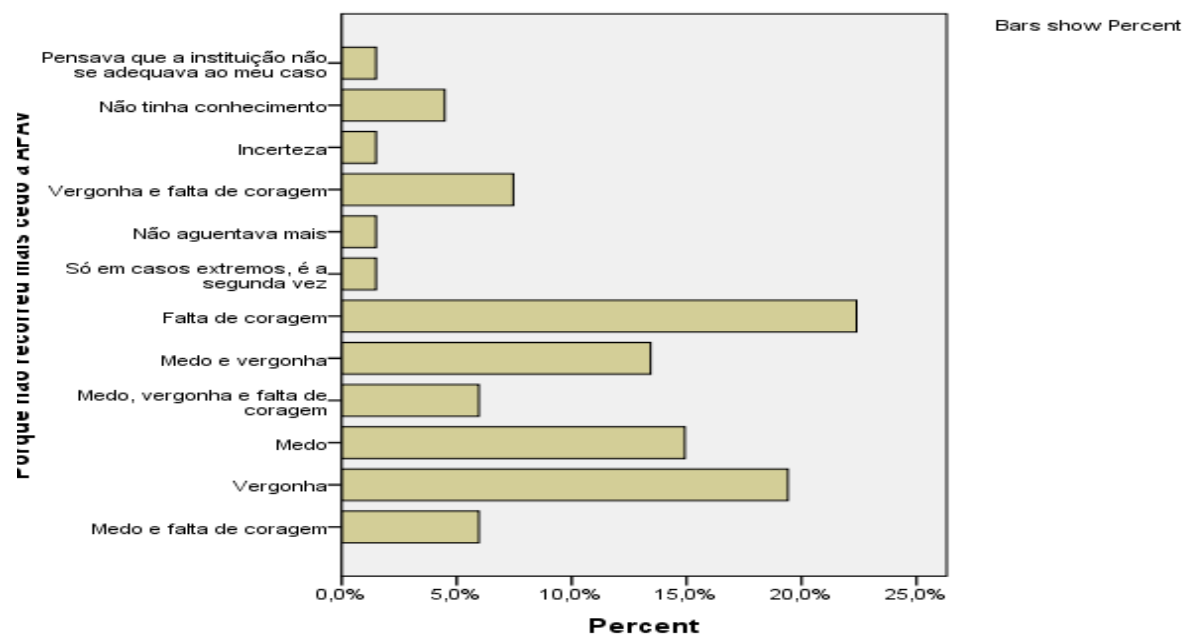


Gráfico 11:

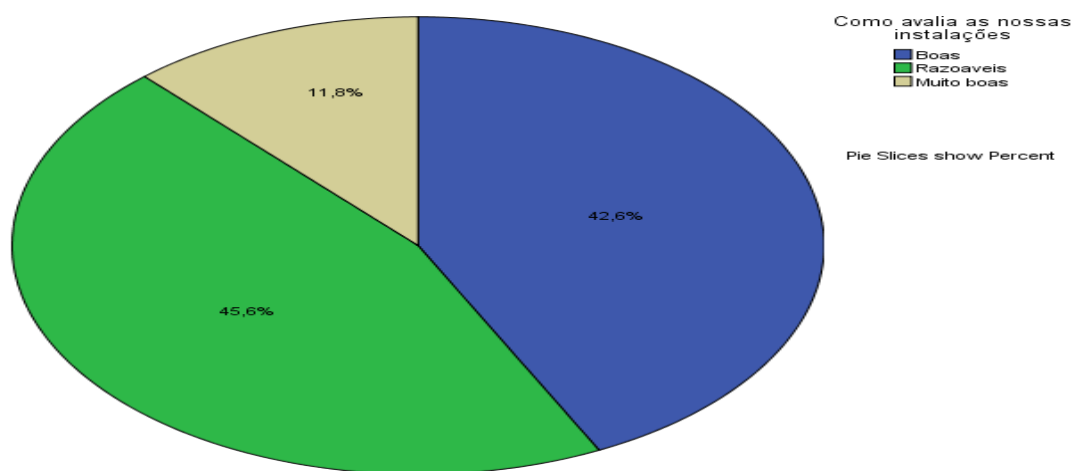
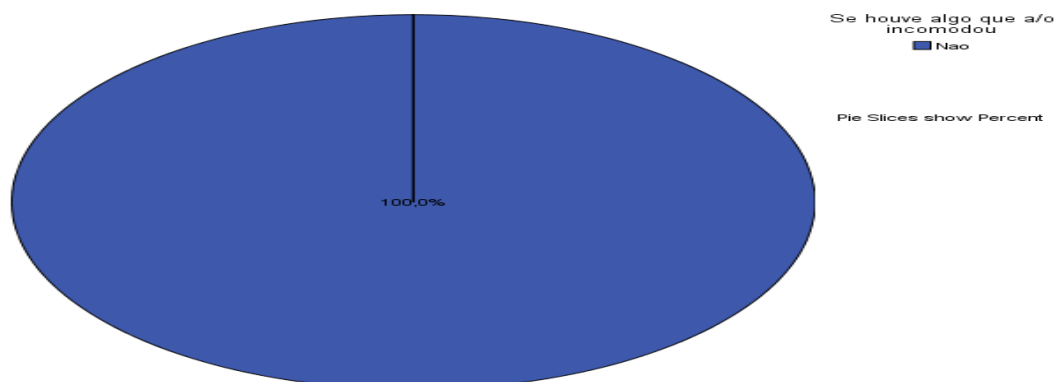
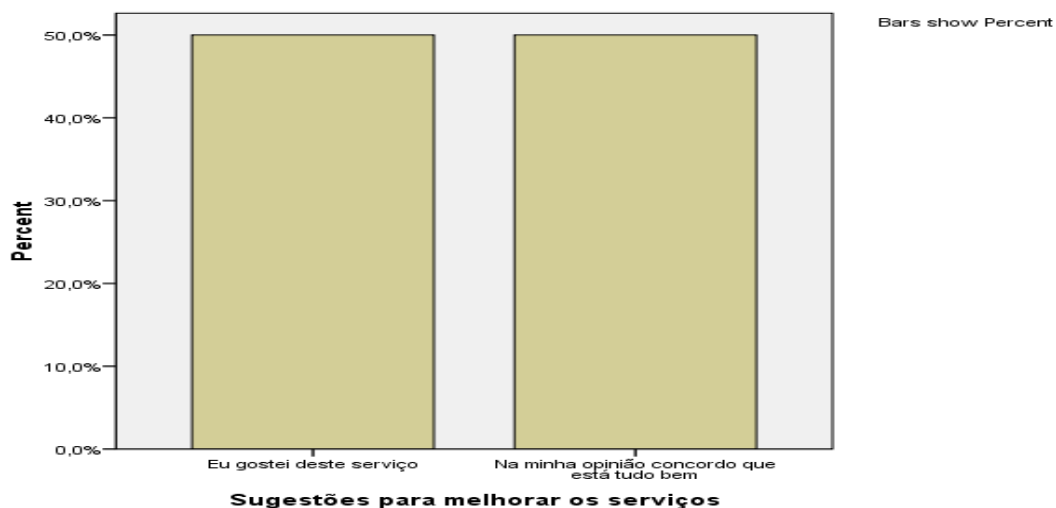


Gráfico 12:





Análise dos inquéritos Cursos EFA 1

Gráfico 14:

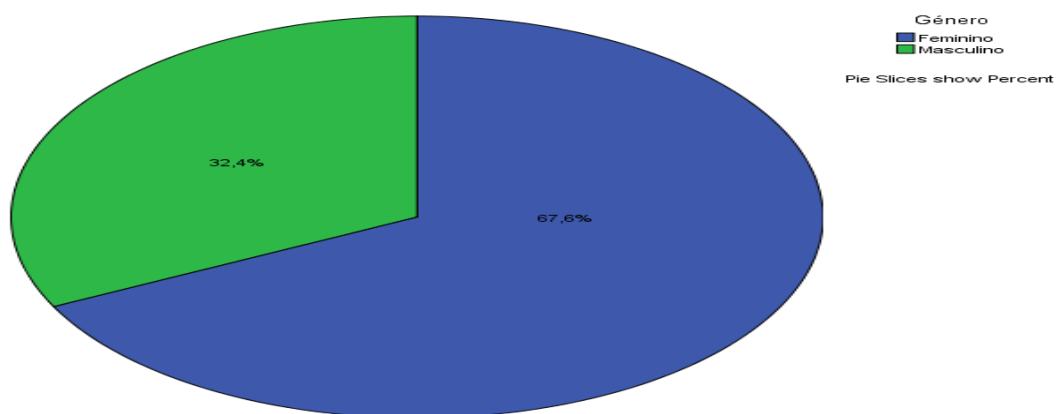
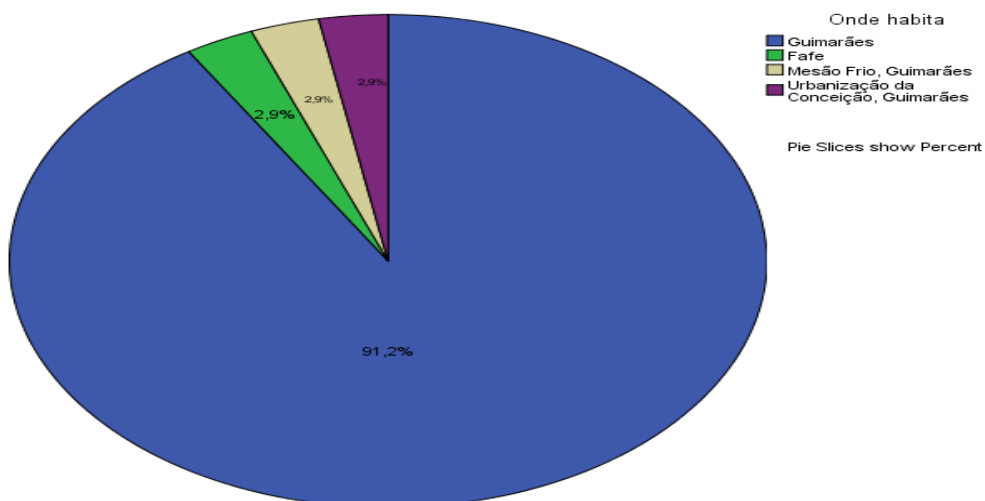


Gráfico 15:



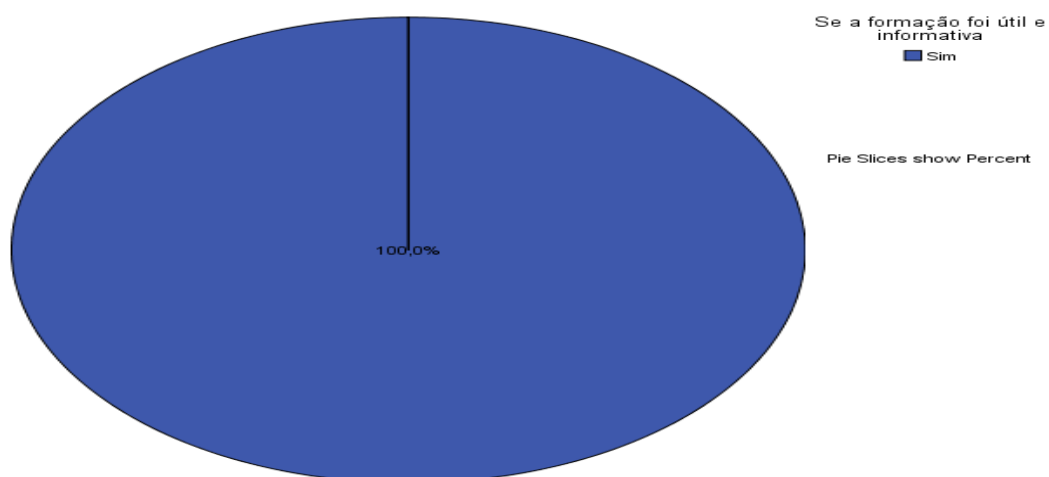


Gráfico 17:

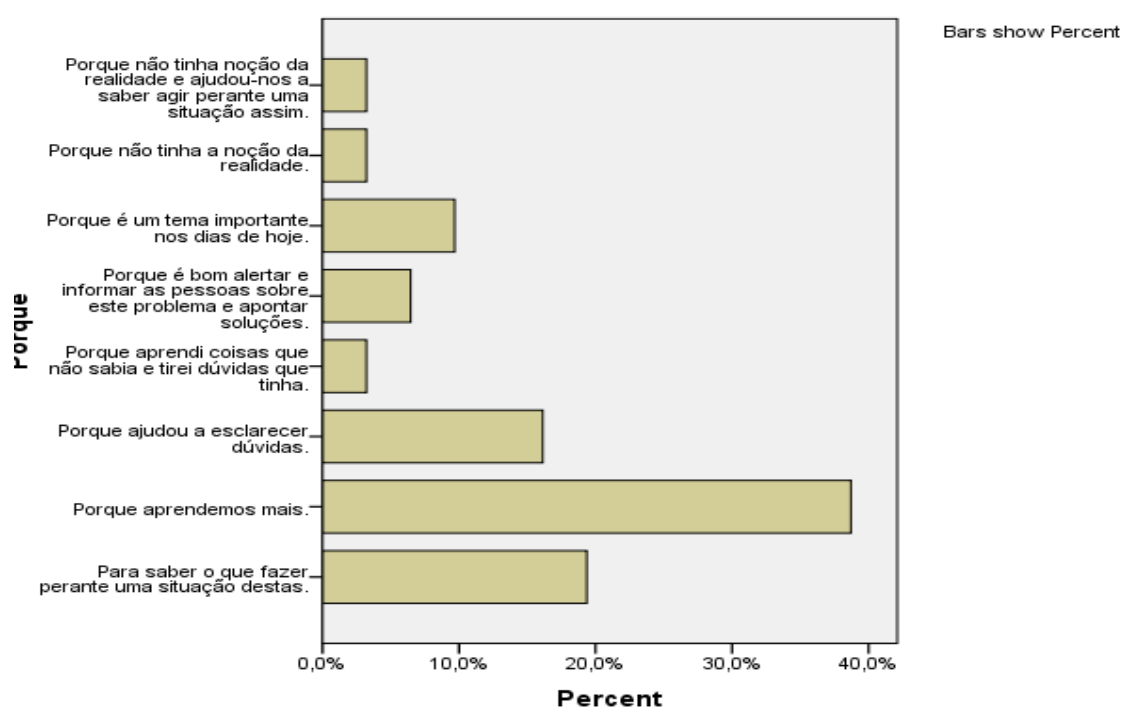


Gráfico 18:

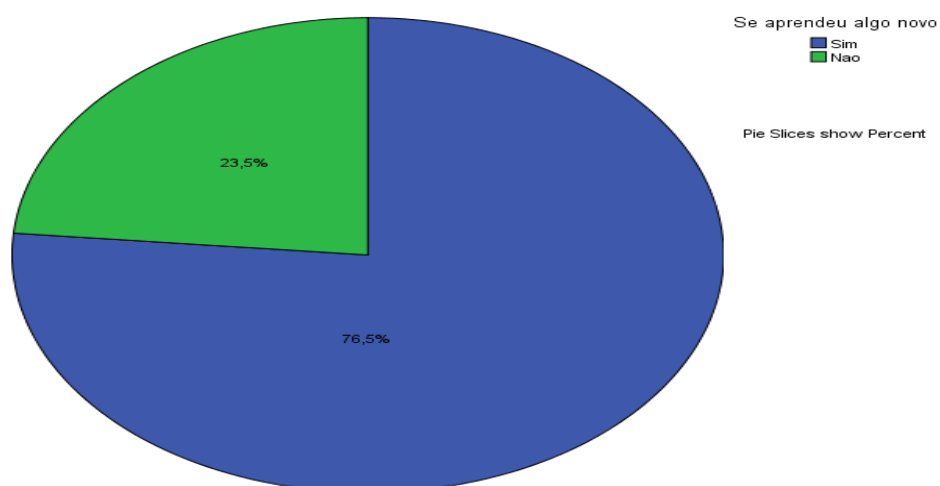


Gráfico 19:

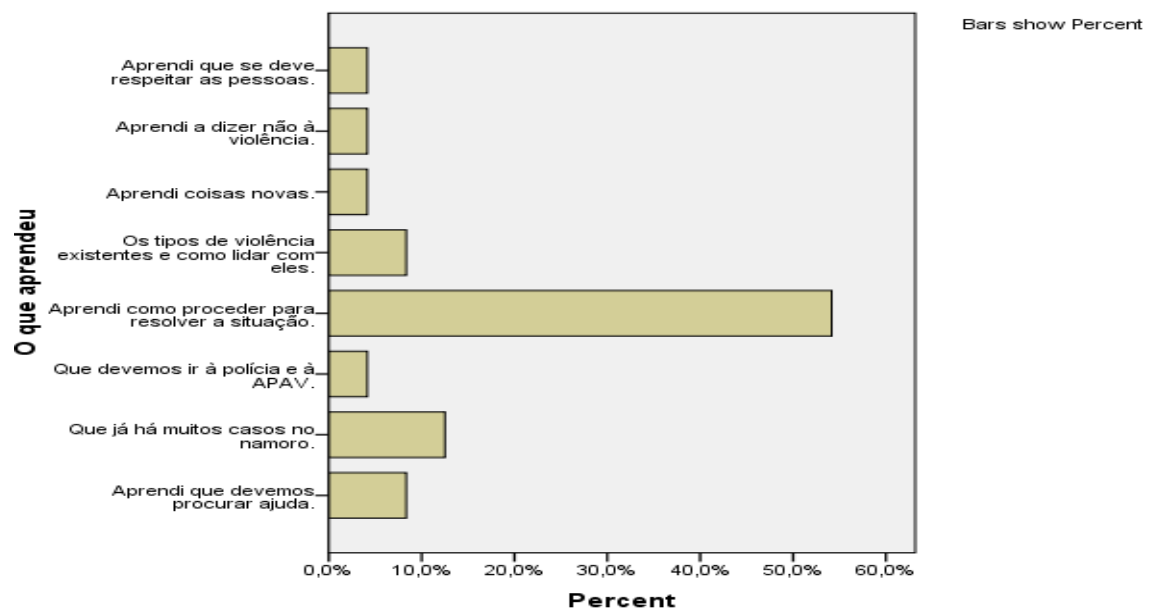


Gráfico 20:

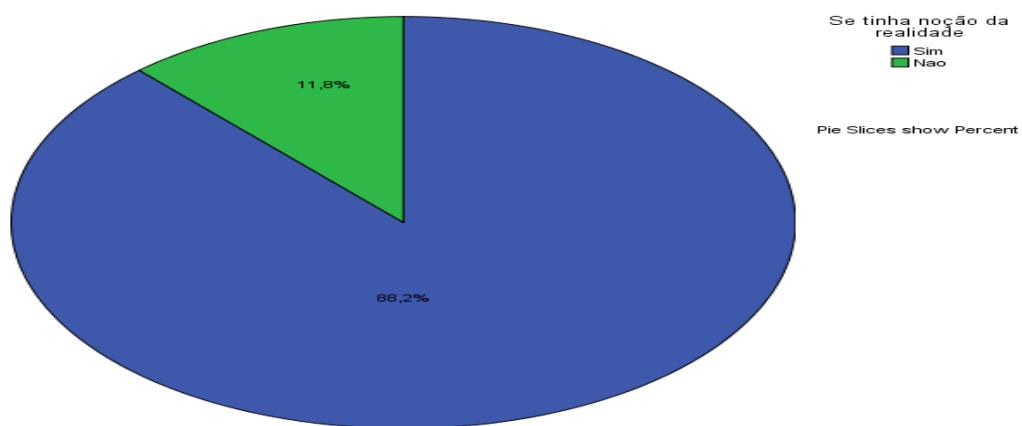


Gráfico 21:

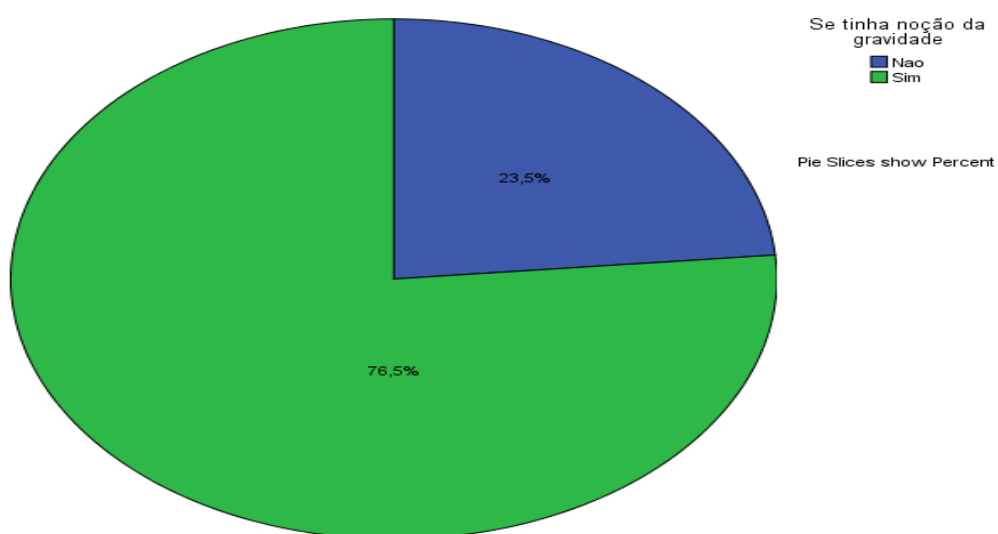


Gráfico 22:

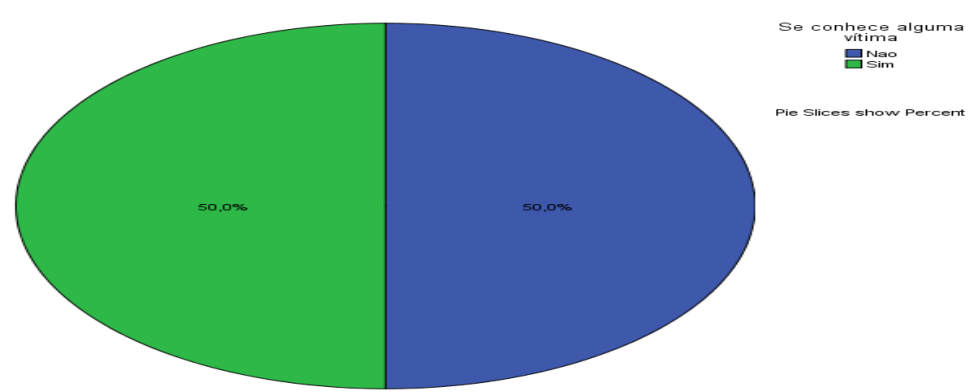


Gráfico 23:

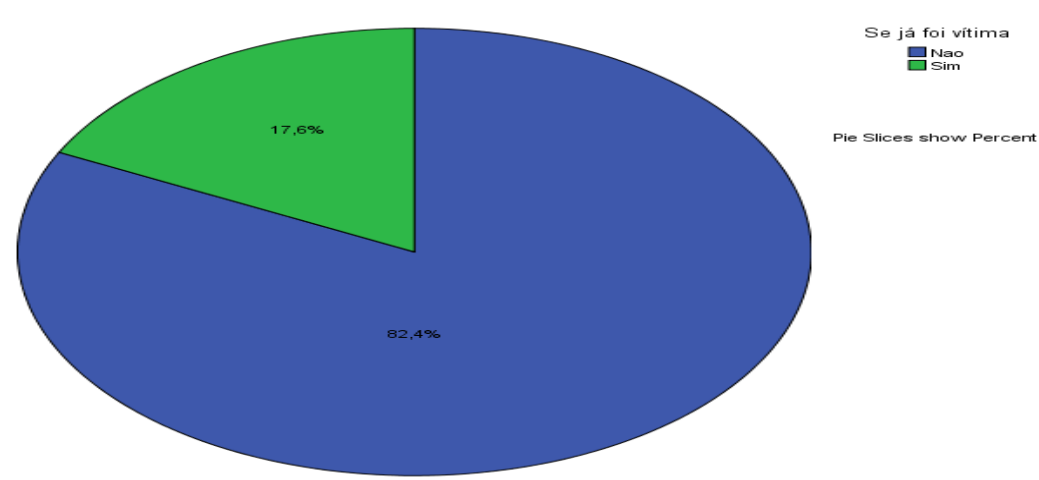


Gráfico 24:

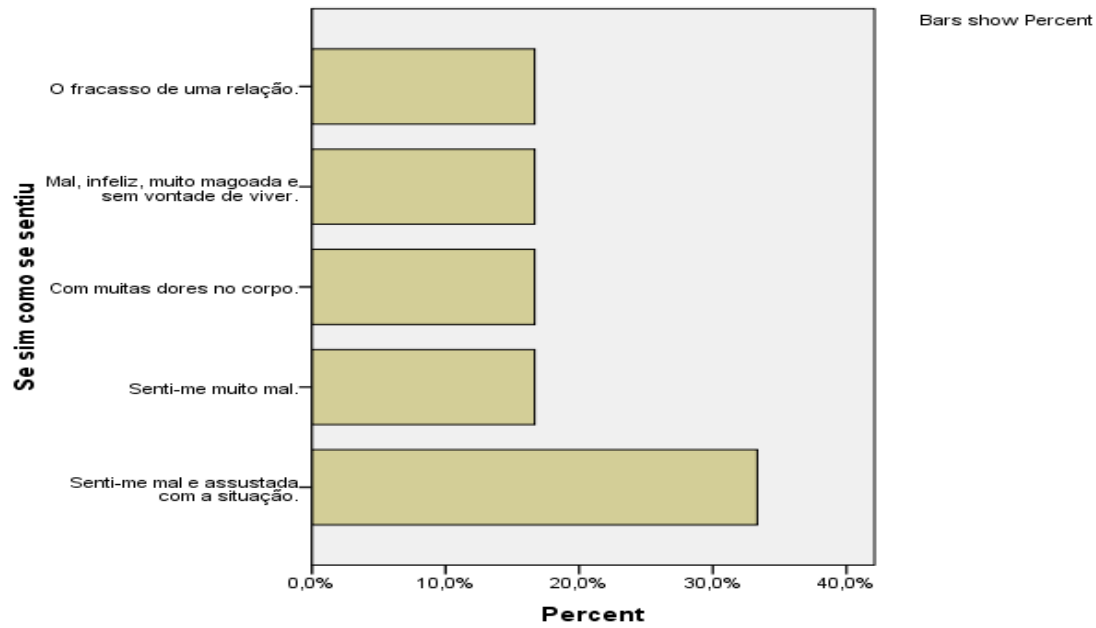


Gráfico 25:

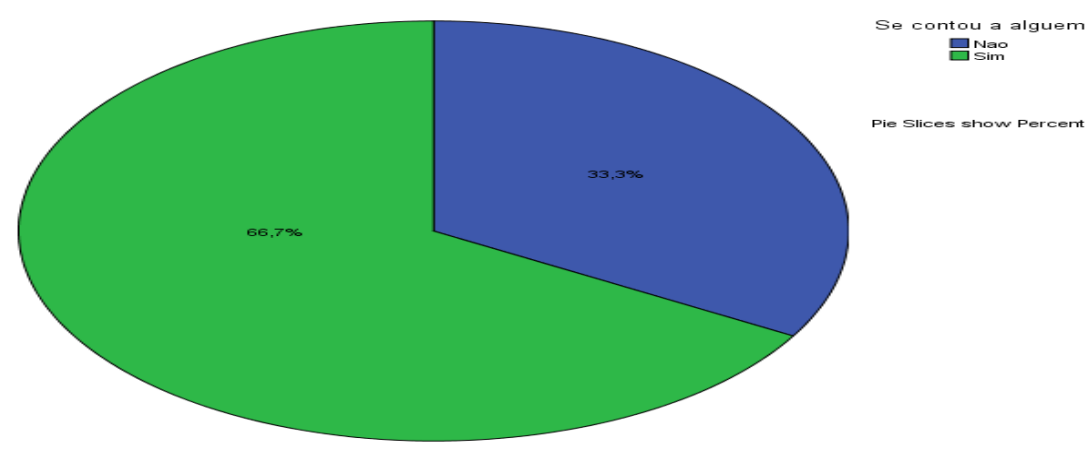


Gráfico 26:

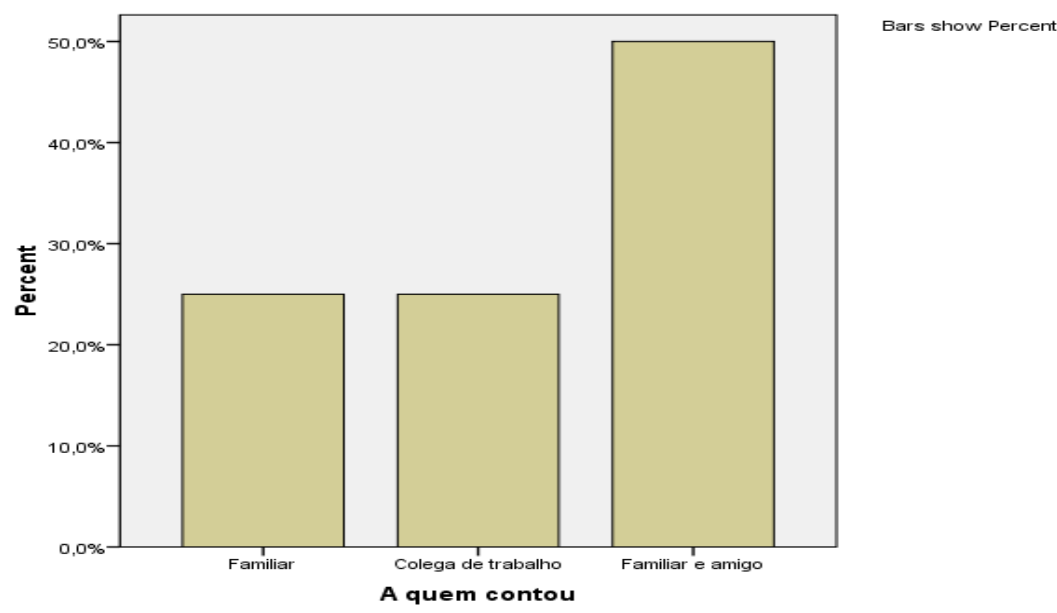


Gráfico 27:

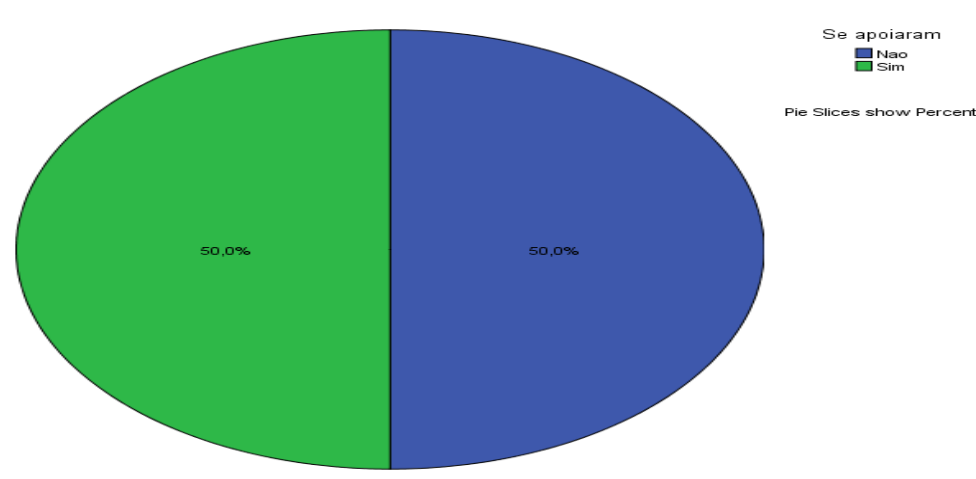


Gráfico 28:

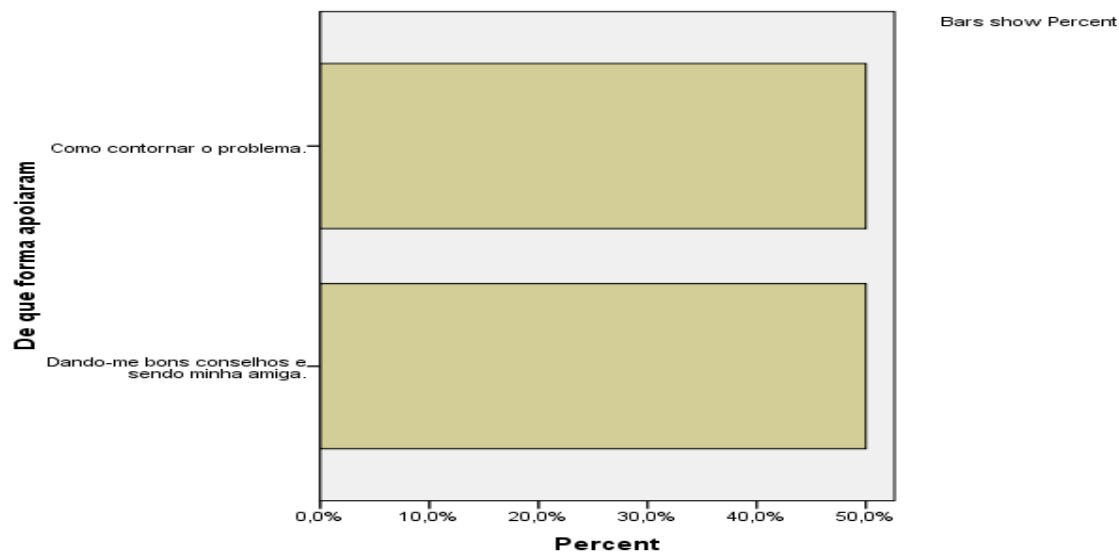


Gráfico 29:

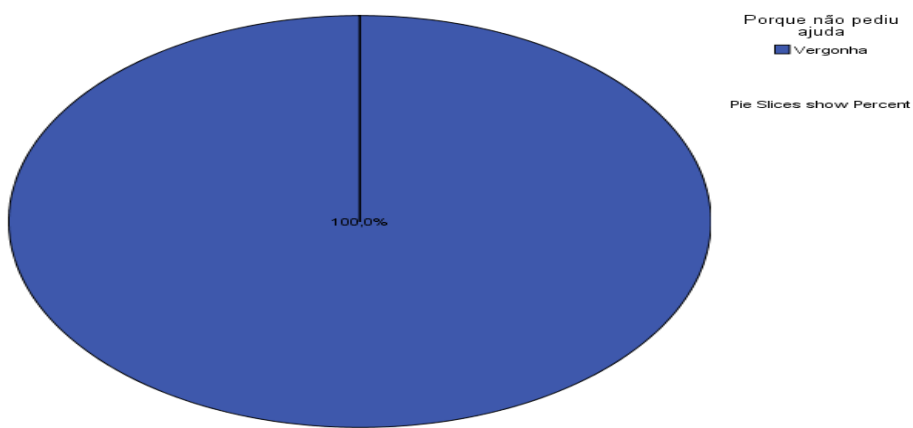


Gráfico 30:

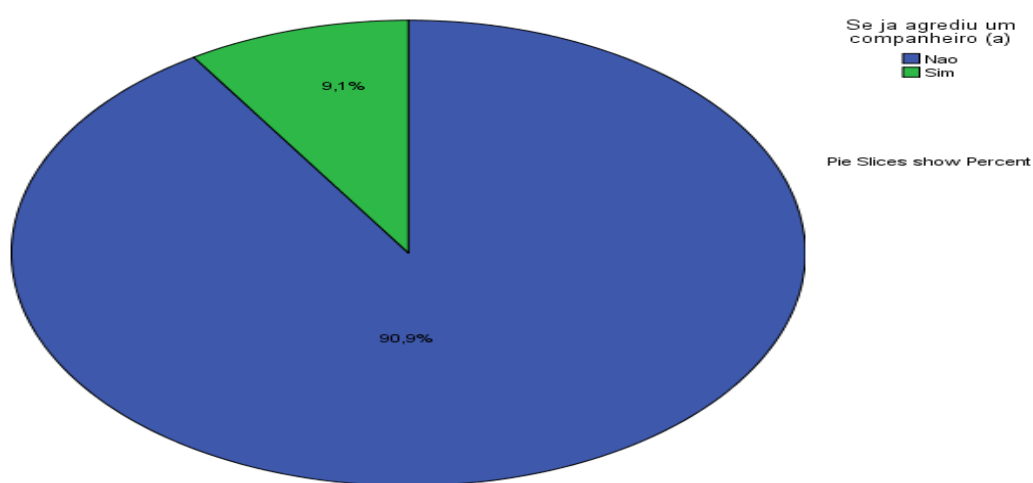


Gráfico 31:

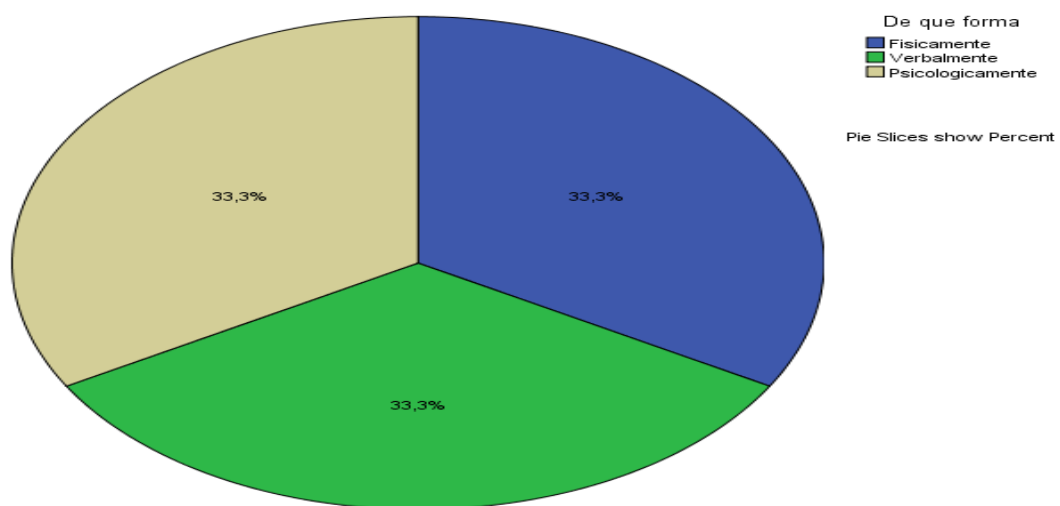


Gráfico 32:

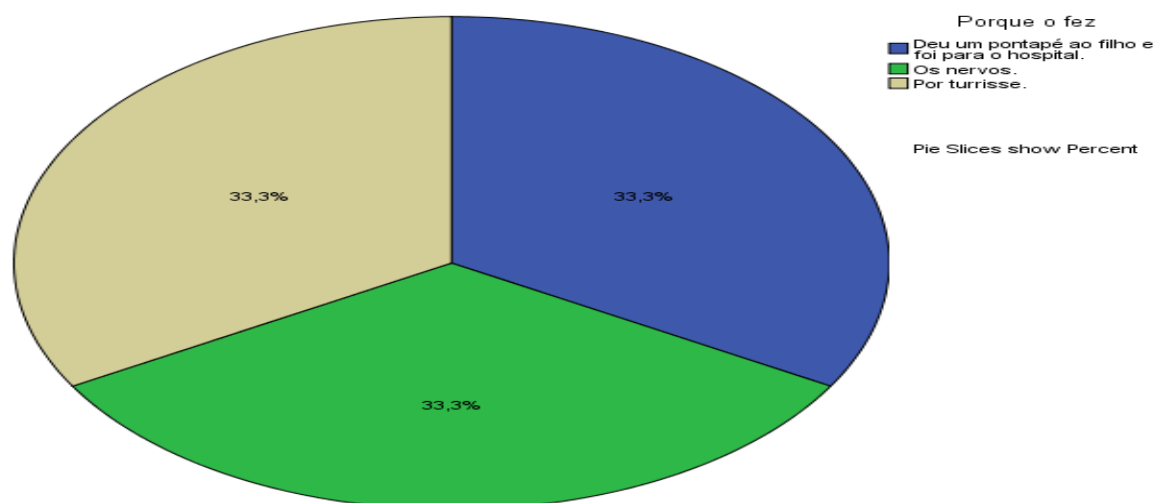


Gráfico 33:

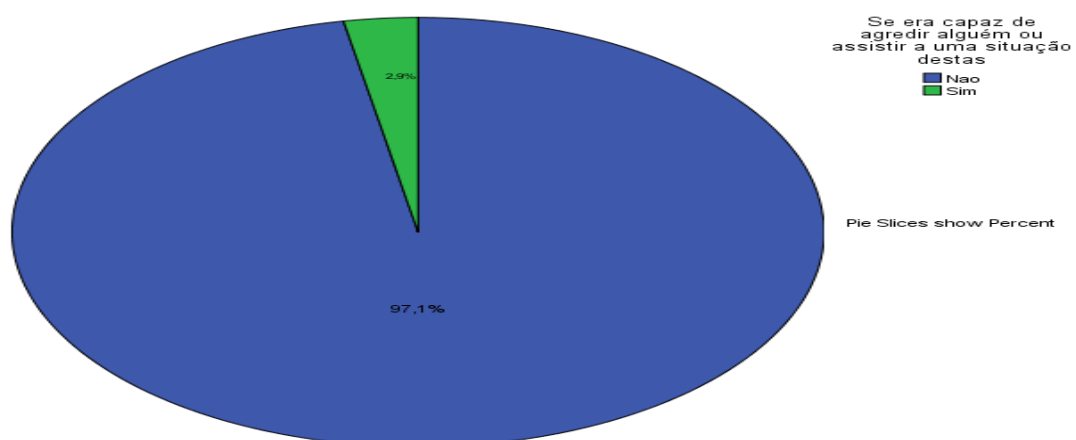


Gráfico 34:

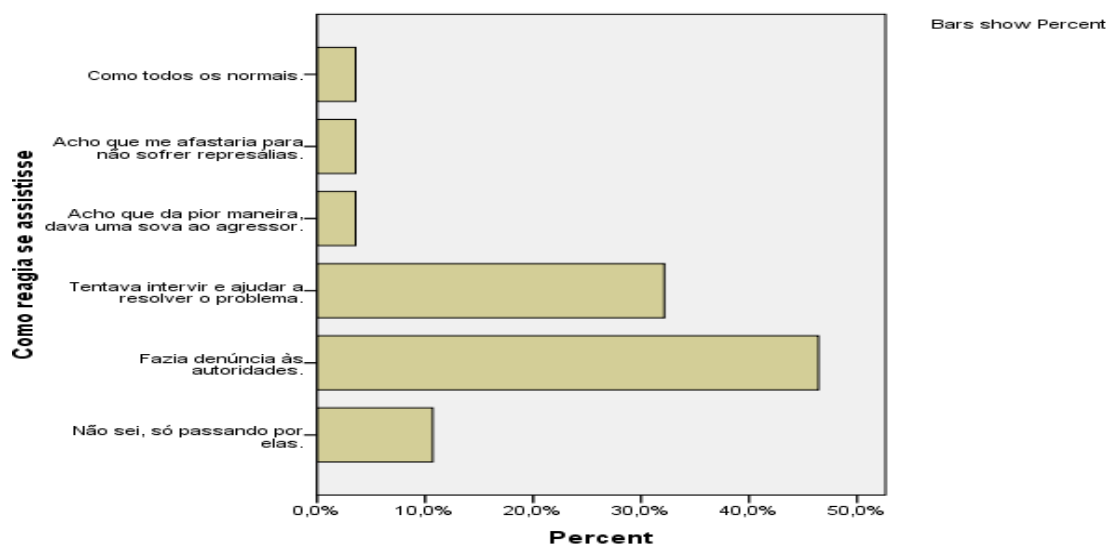


Gráfico 35:

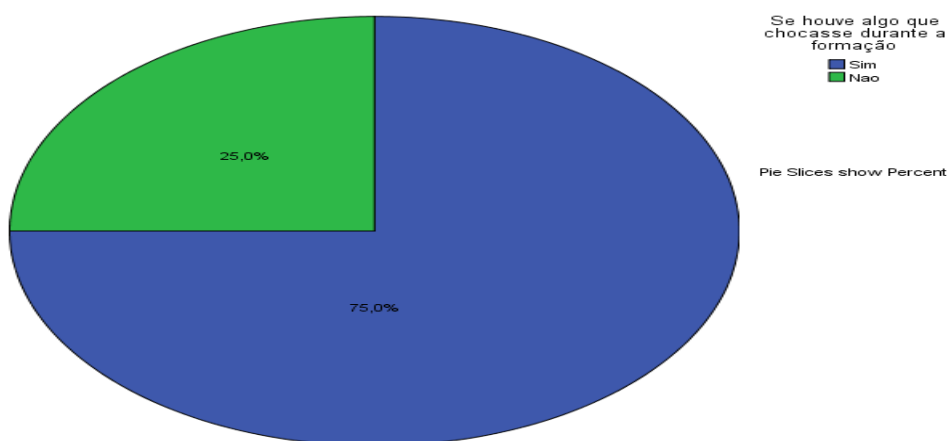


Gráfico 36:

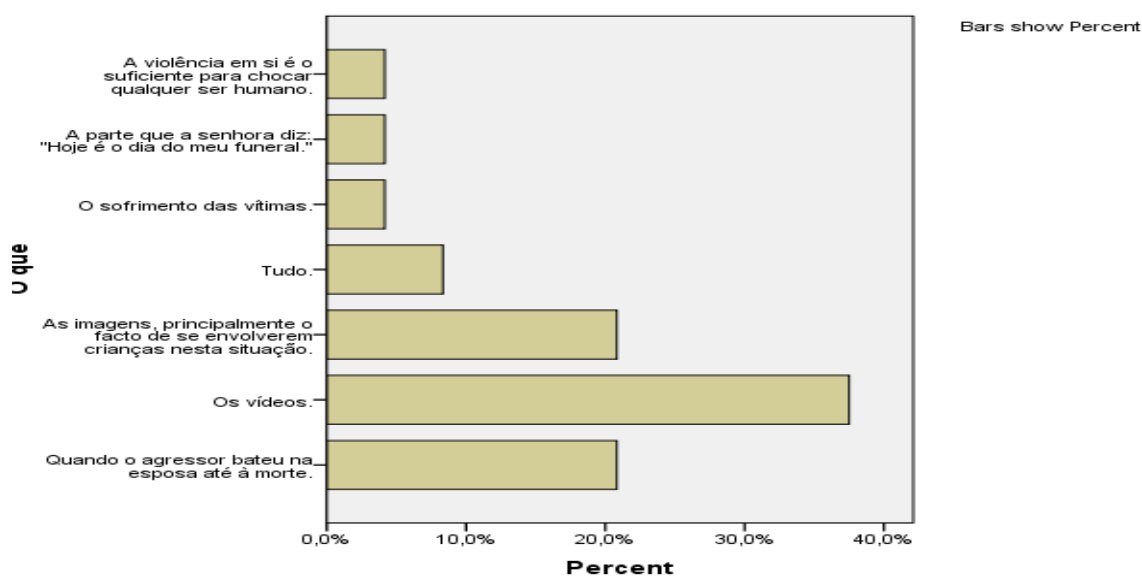


Gráfico 37:

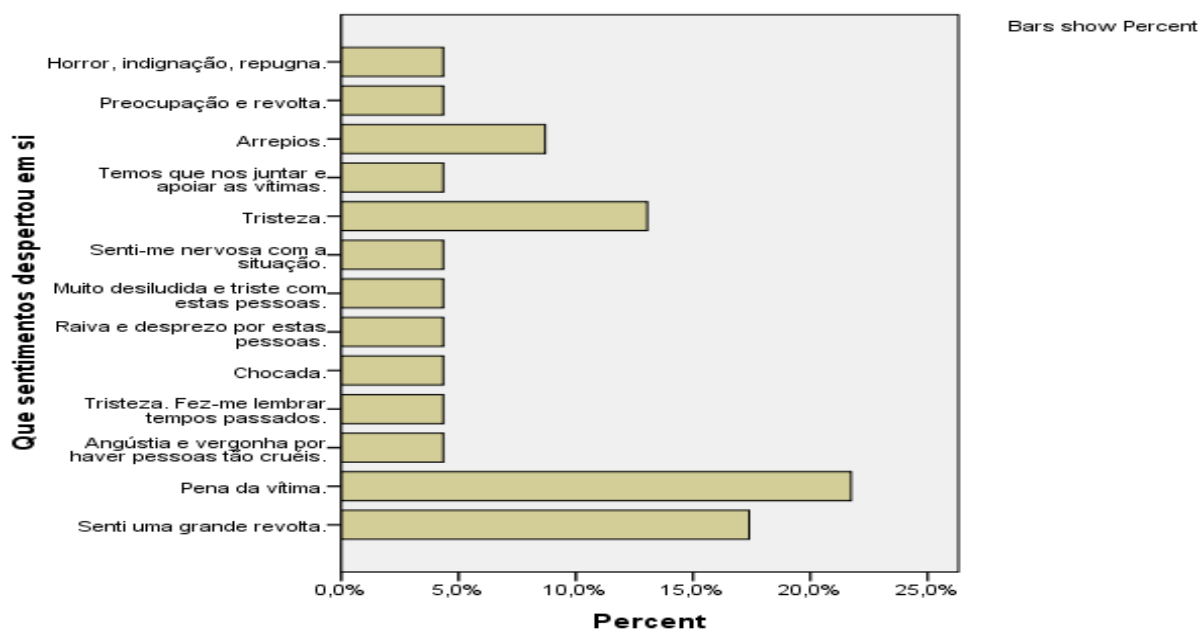


Gráfico 38:

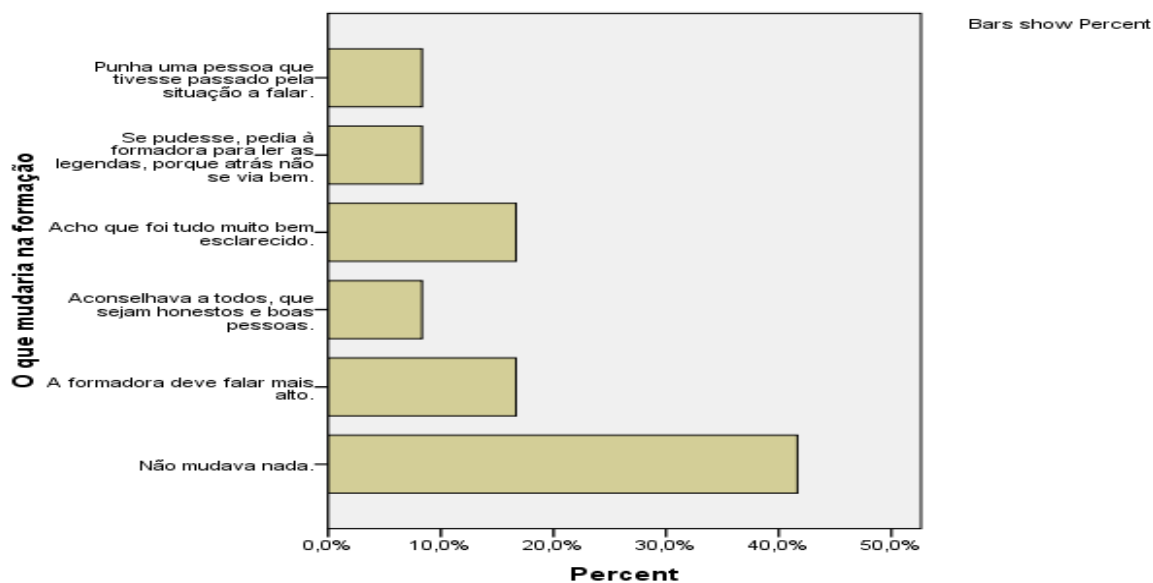
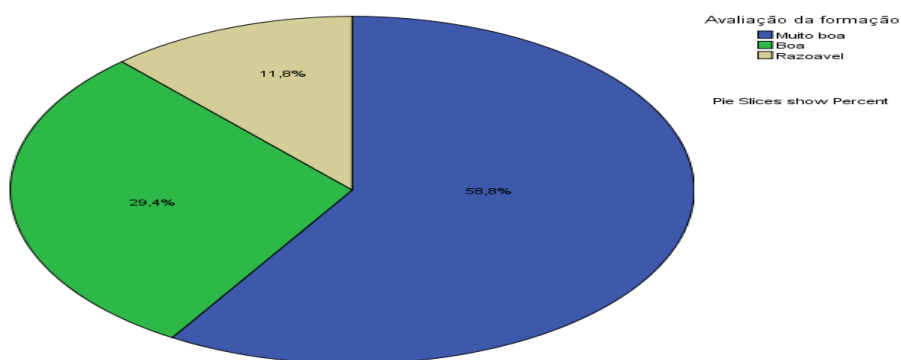


Gráfico 39:



Análise dos inquéritos Cursos EFA 2

Gráfico 40:

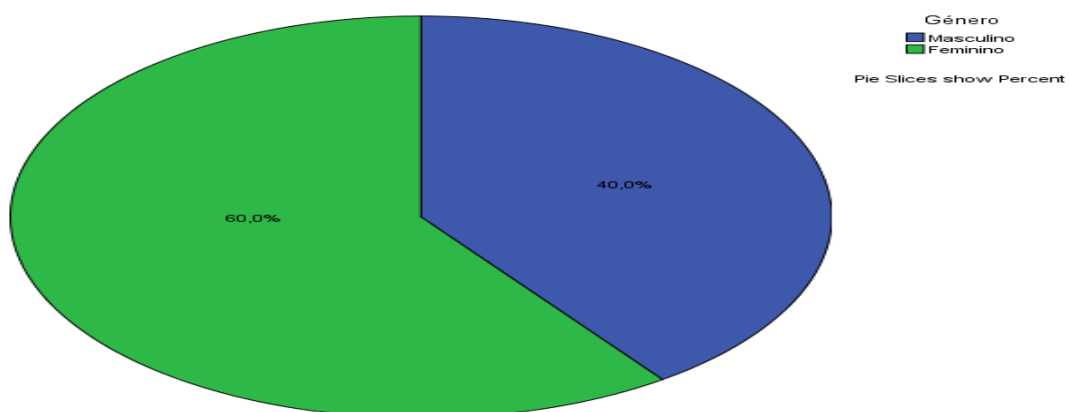


Gráfico 41:

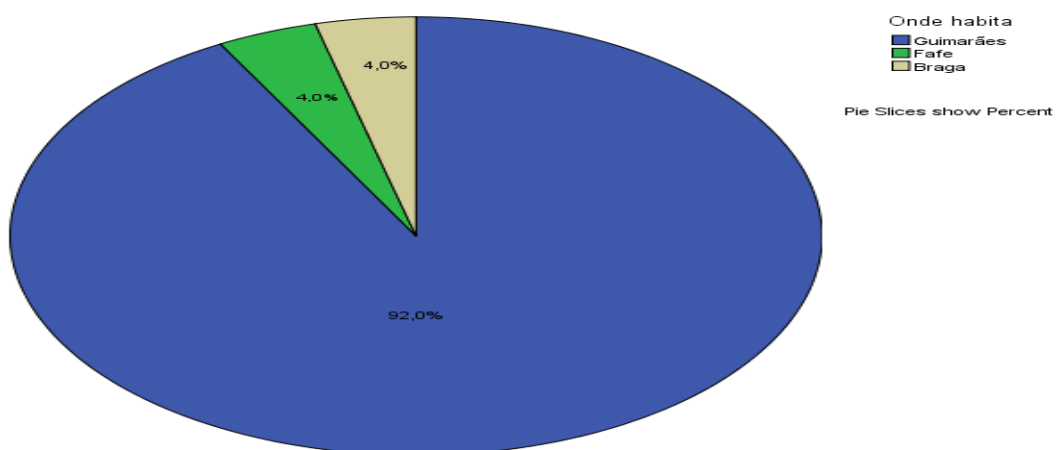
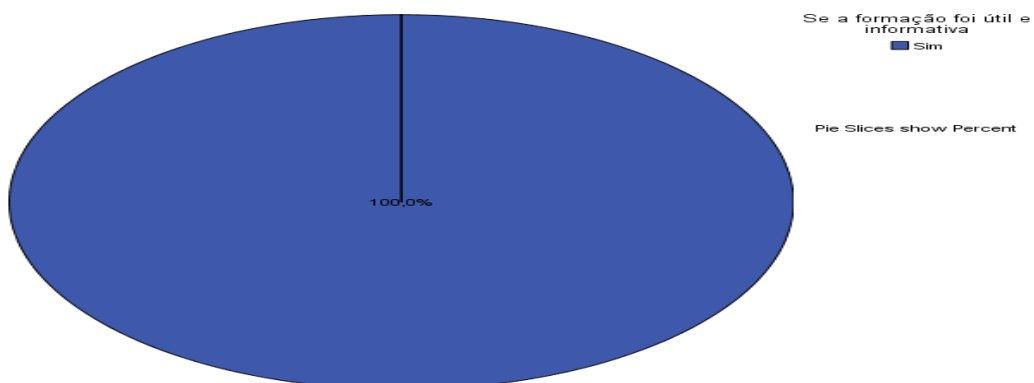


Gráfico 42:



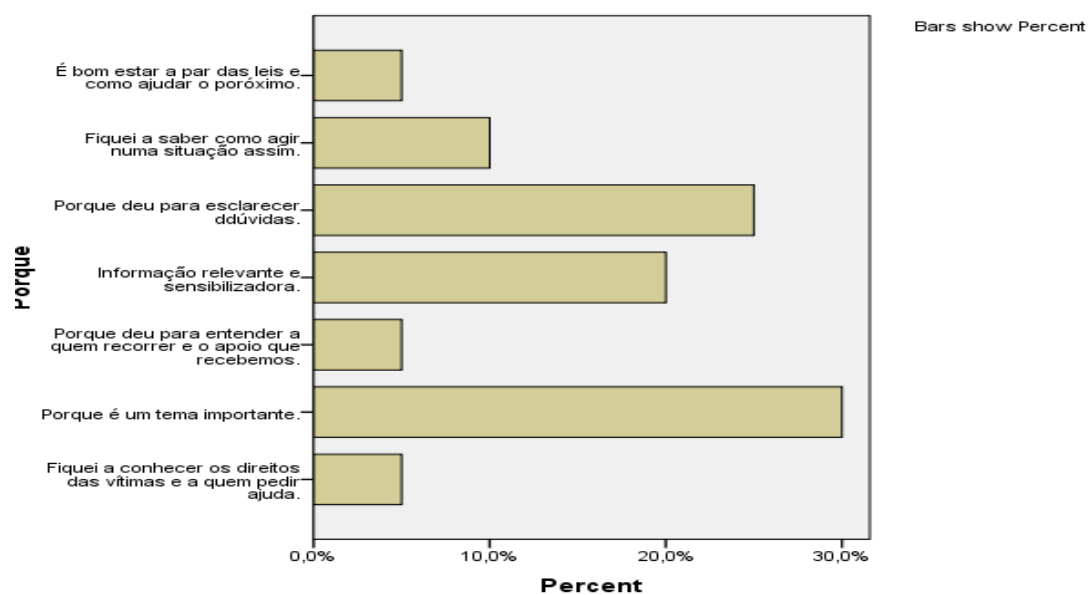


Gráfico 44:

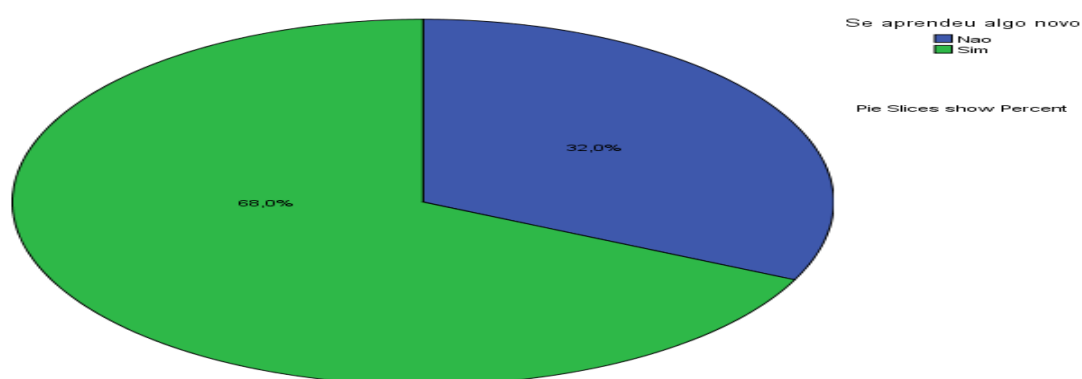


Gráfico 45:

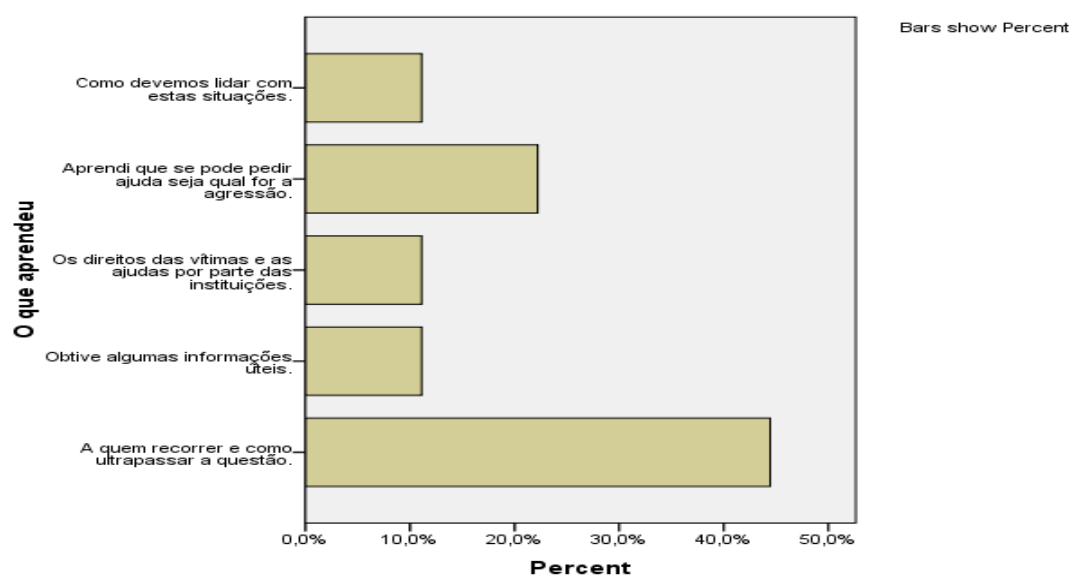


Gráfico 46:

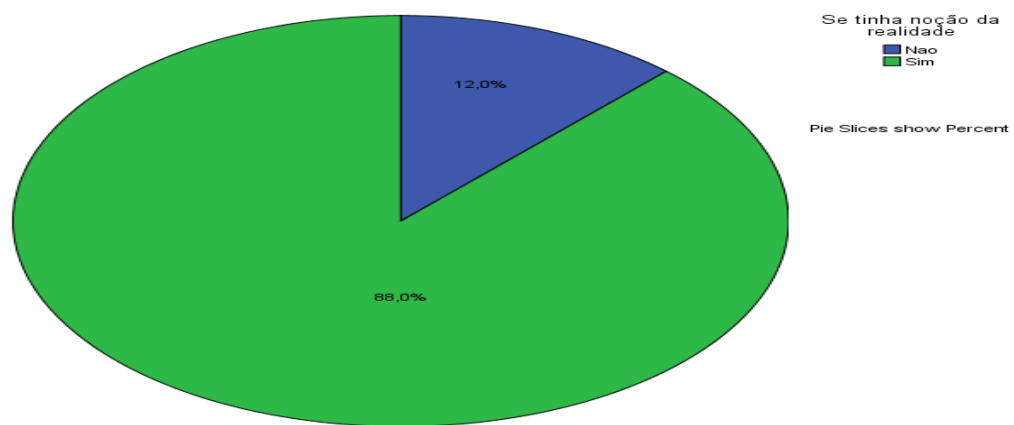


Gráfico 47:

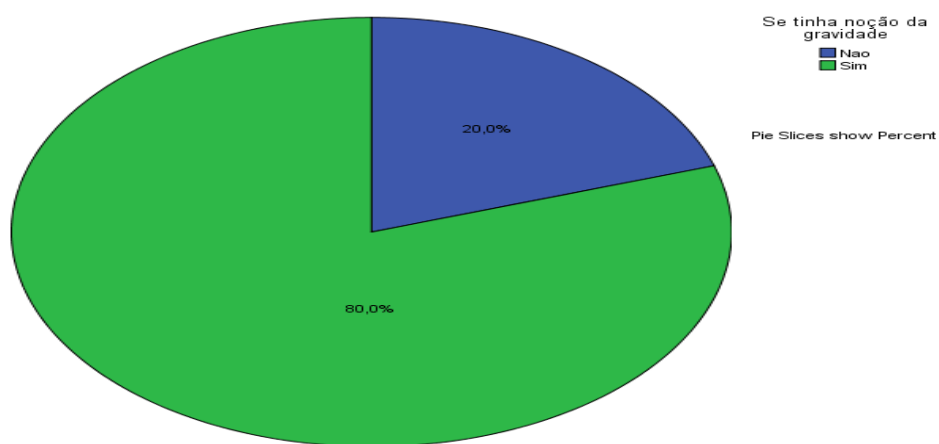
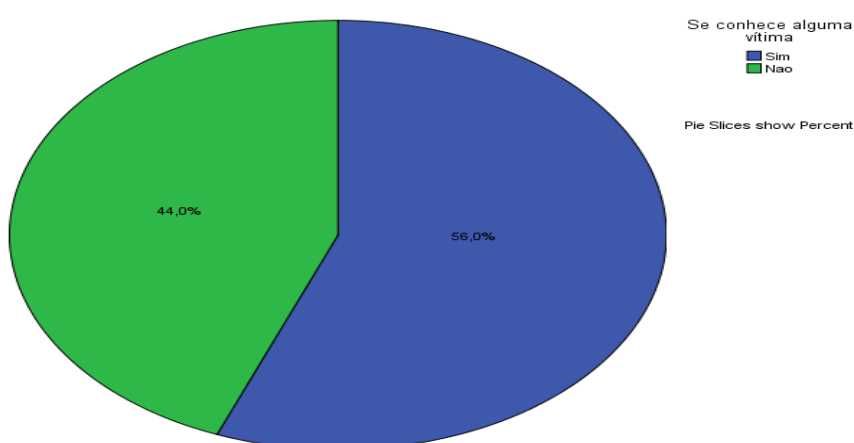


Gráfico 48:



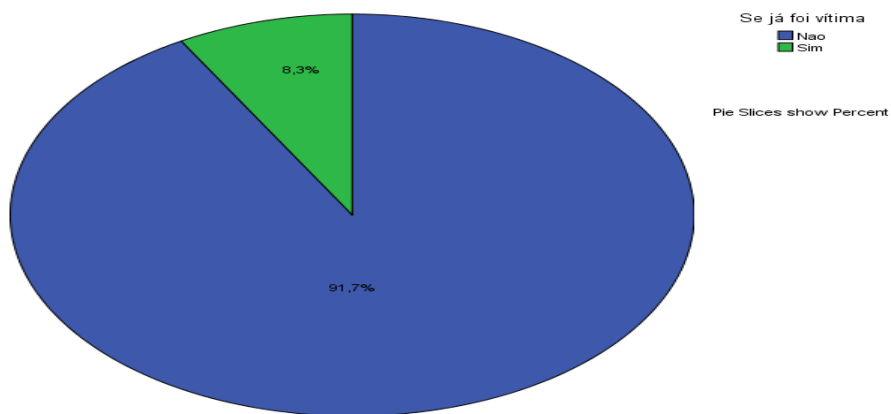


Gráfico 50:

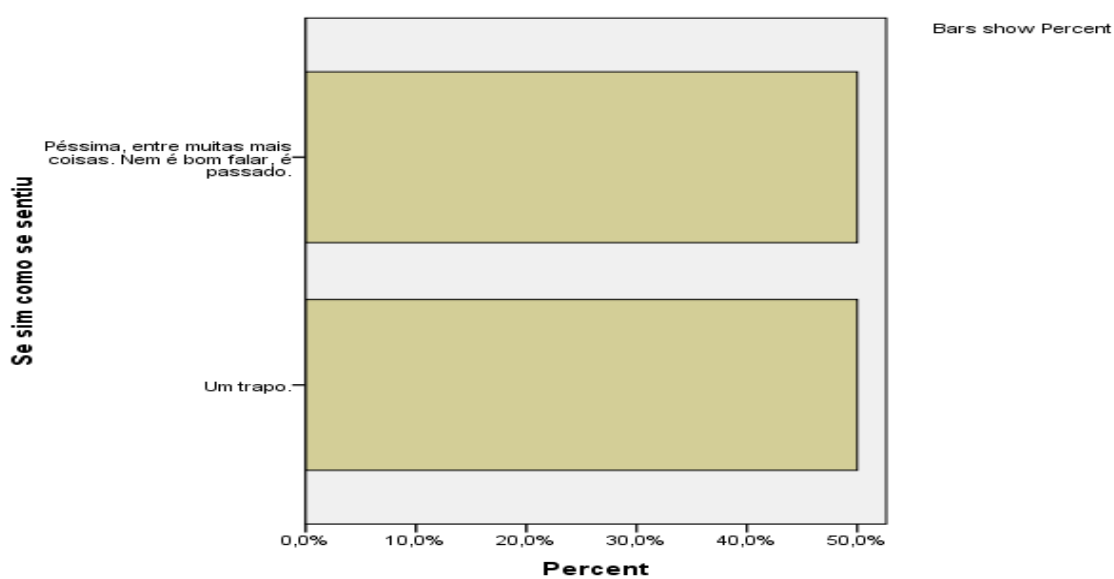
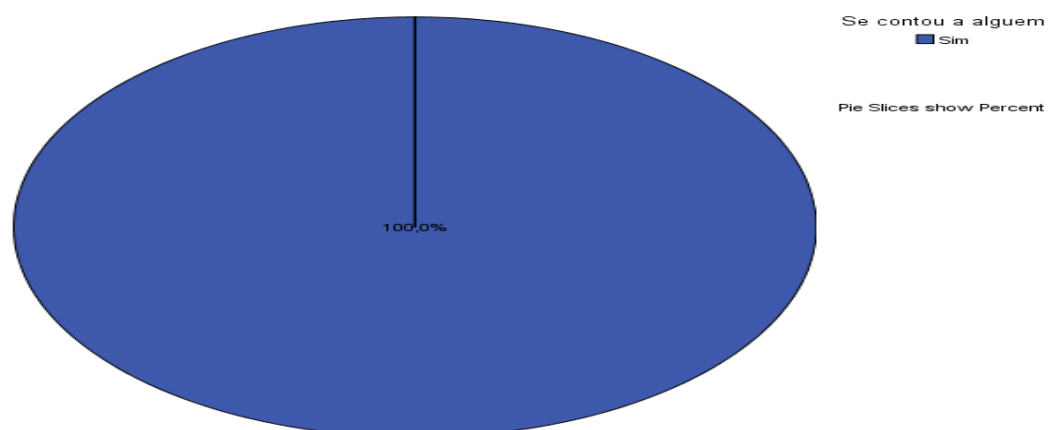


Gráfico 51:



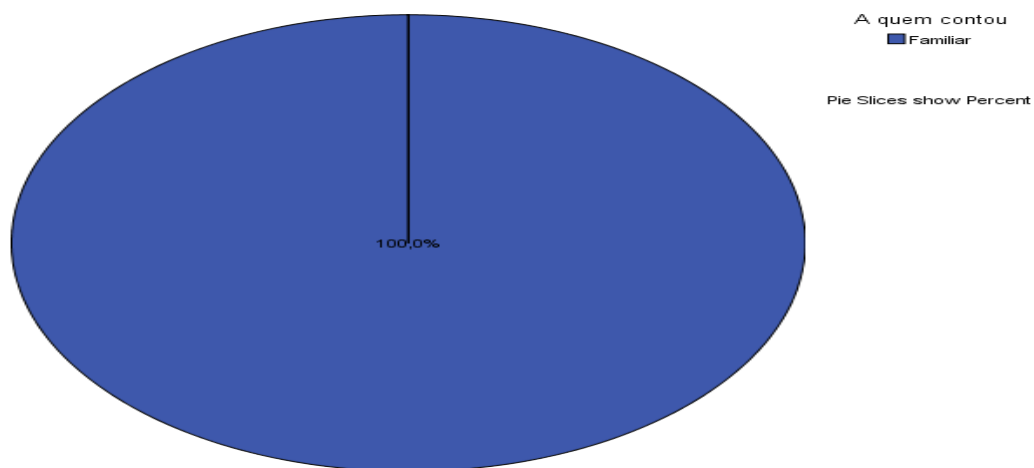


Gráfico 53:

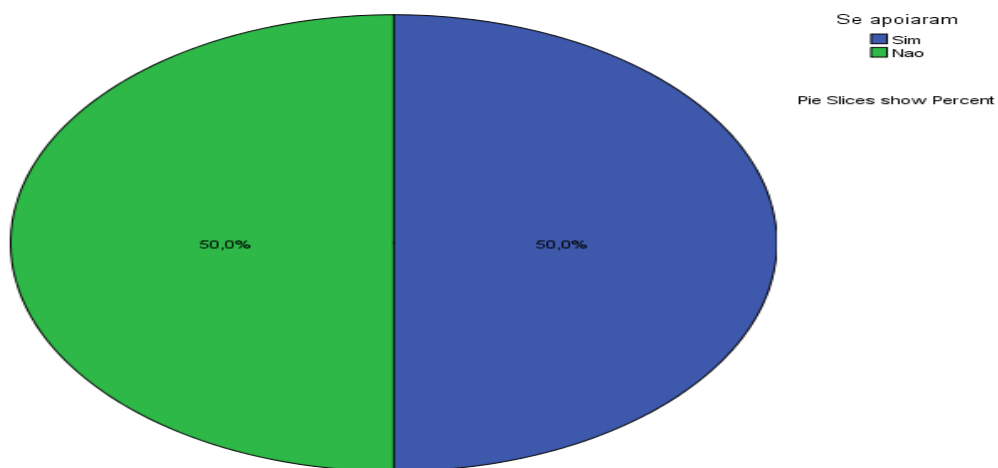


Gráfico 54:

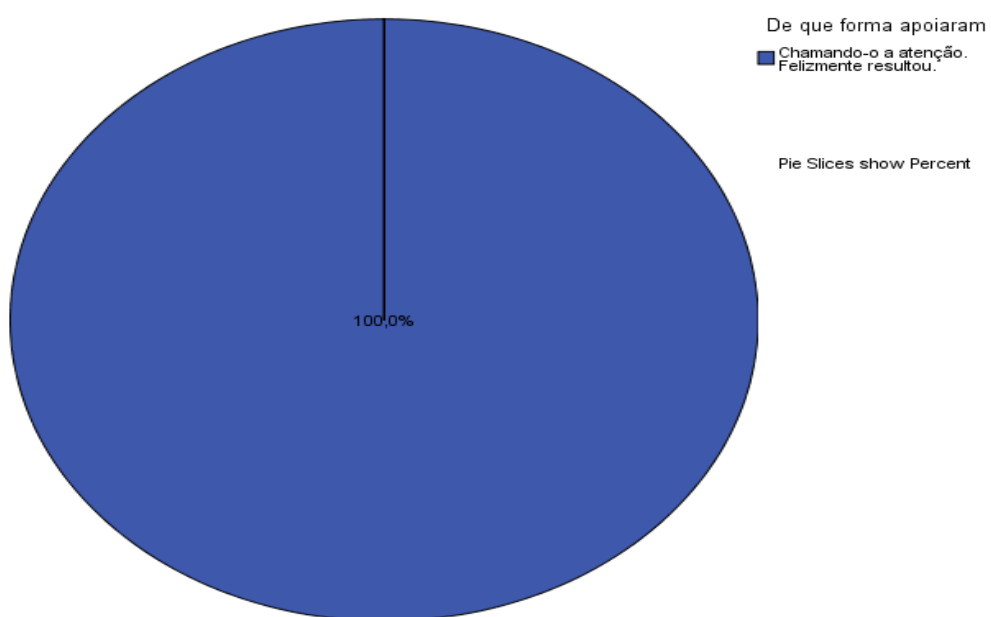


Gráfico 55:

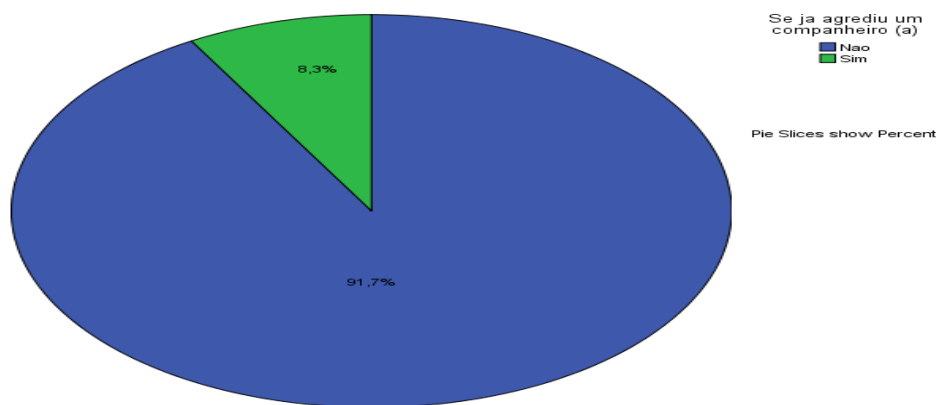


Gráfico 56:

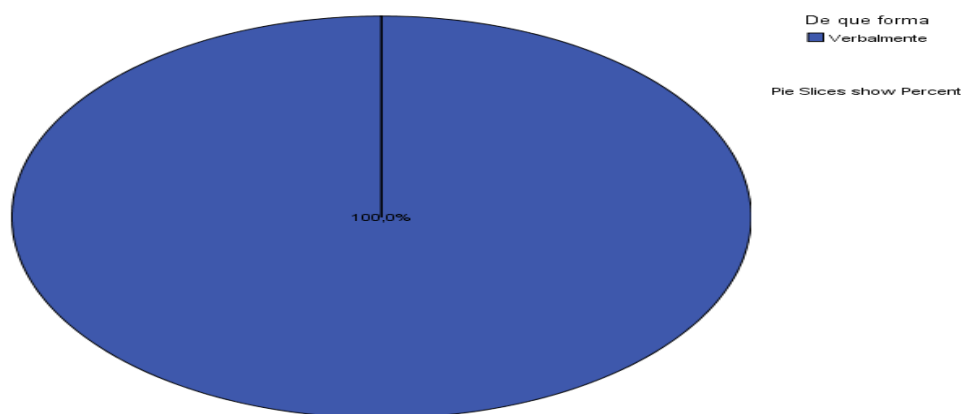
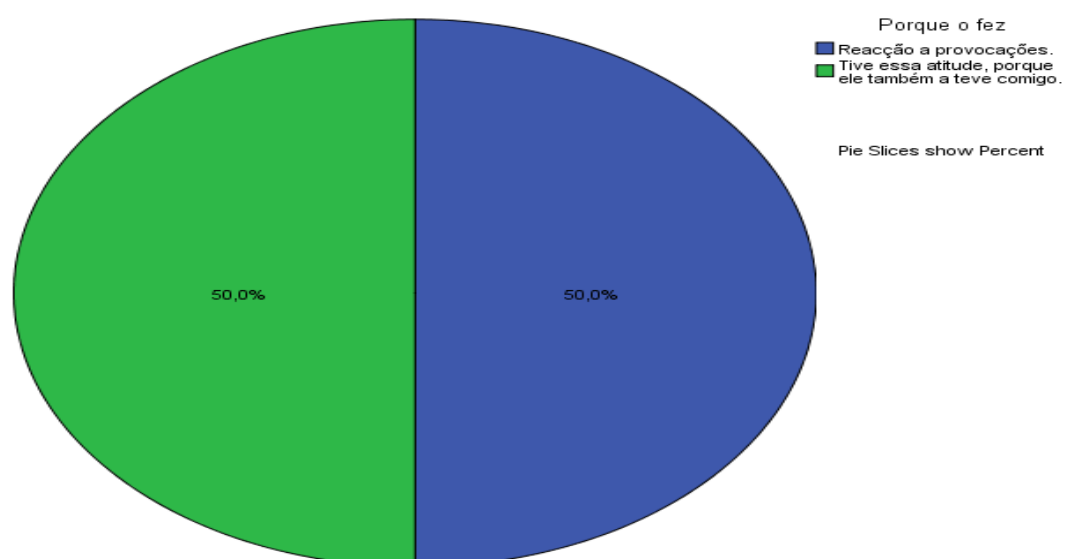


Gráfico 57:



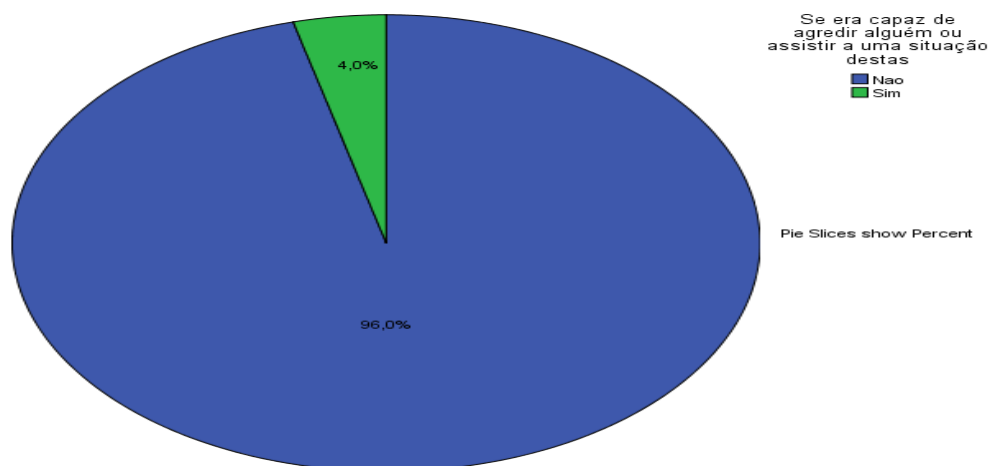


Gráfico 59:

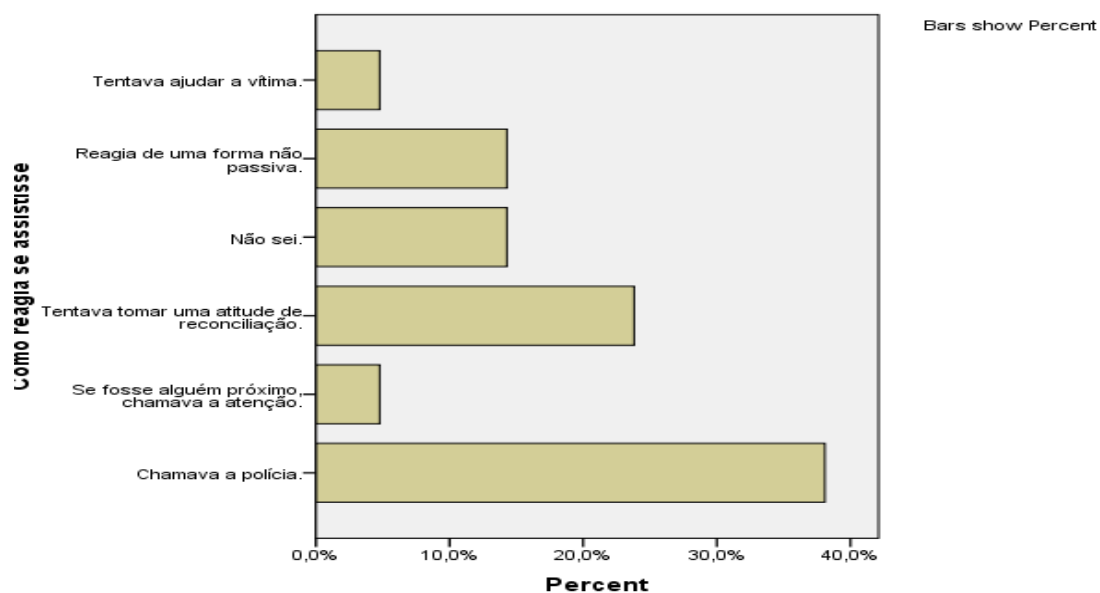


Gráfico 60:

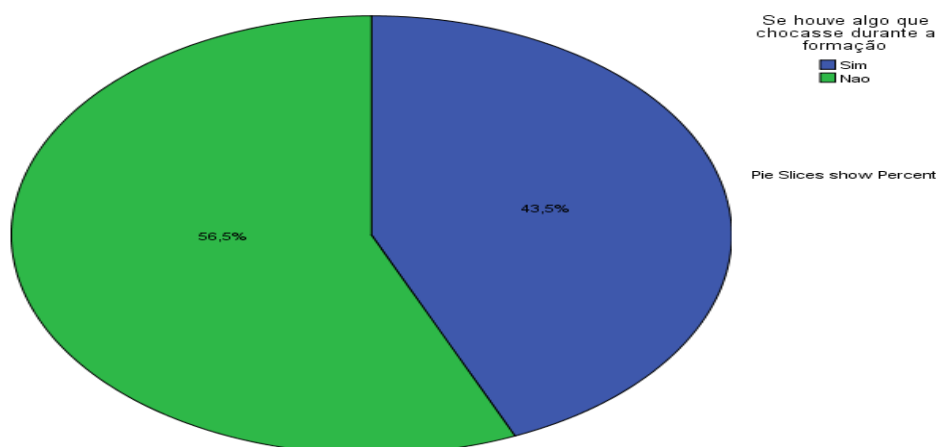


Gráfico 61:

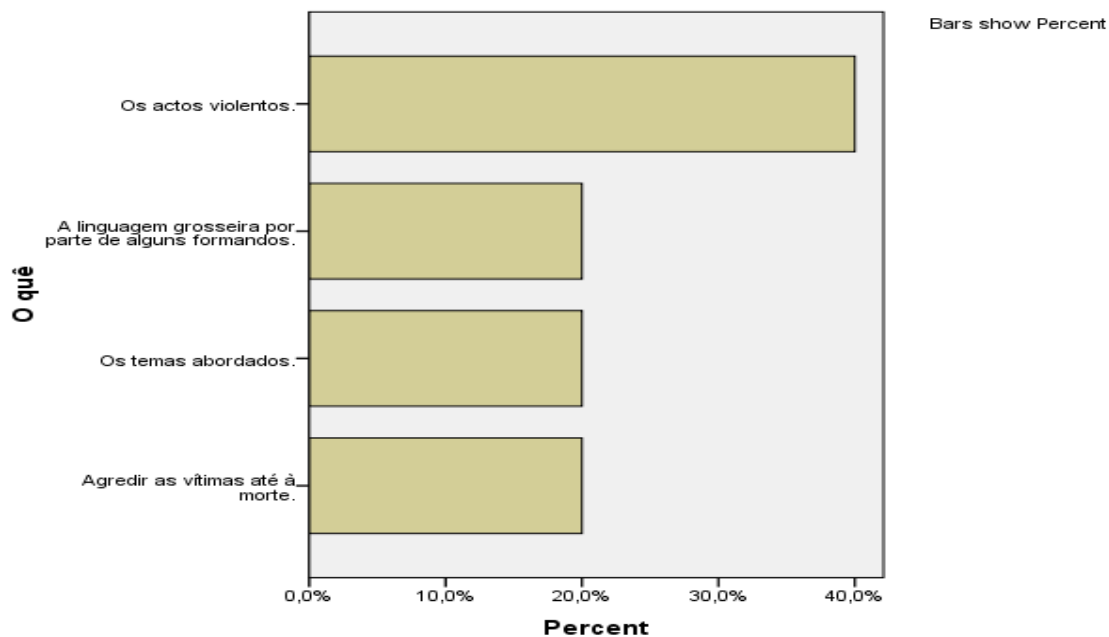


Gráfico 62:

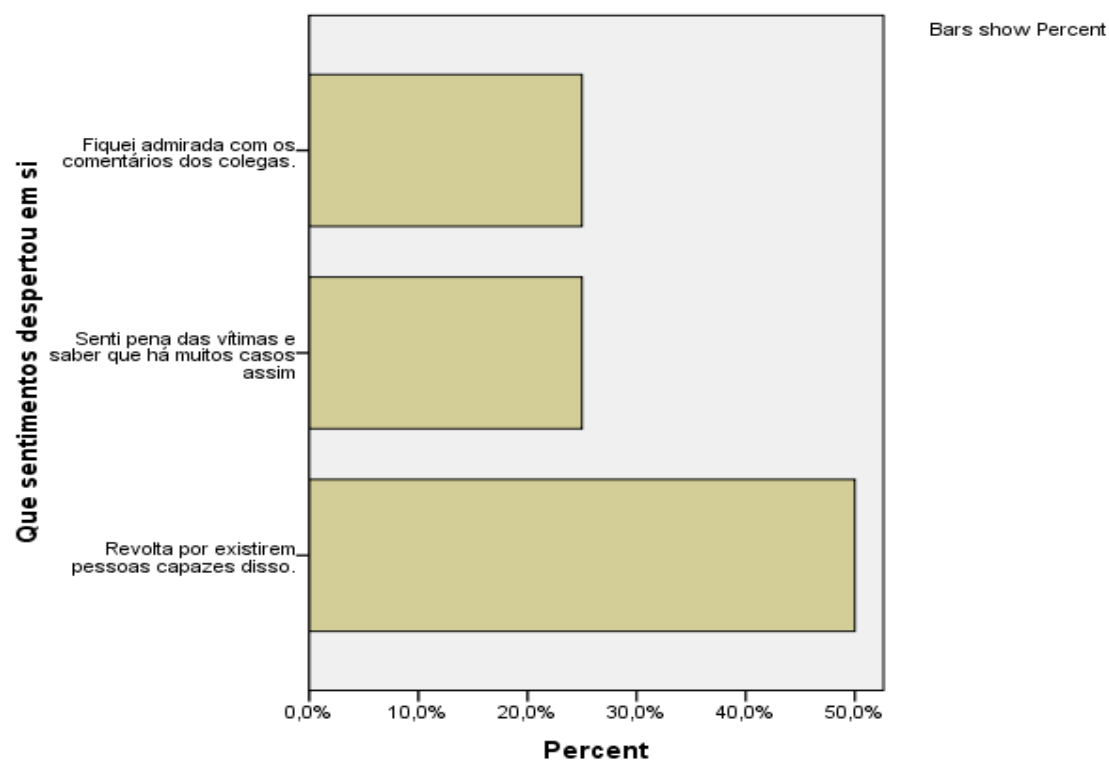


Gráfico 63:

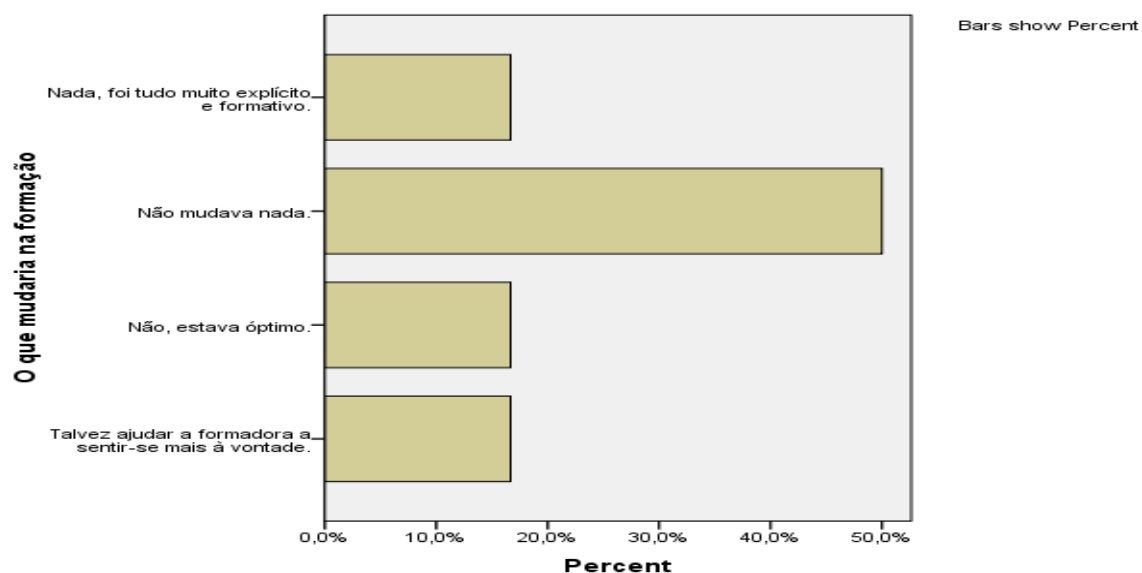
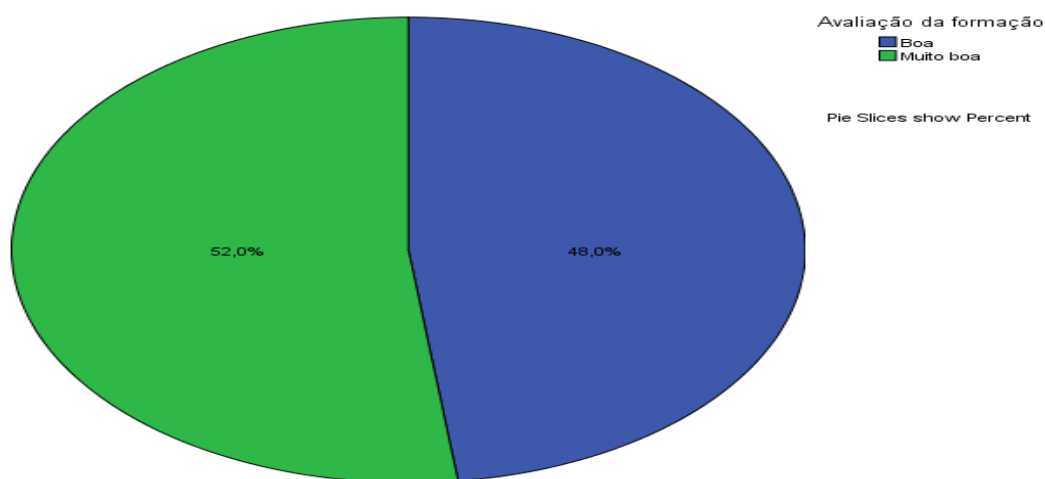


Gráfico 64:



Análise dos inquéritos sobre Bullying

Gráfico 65:

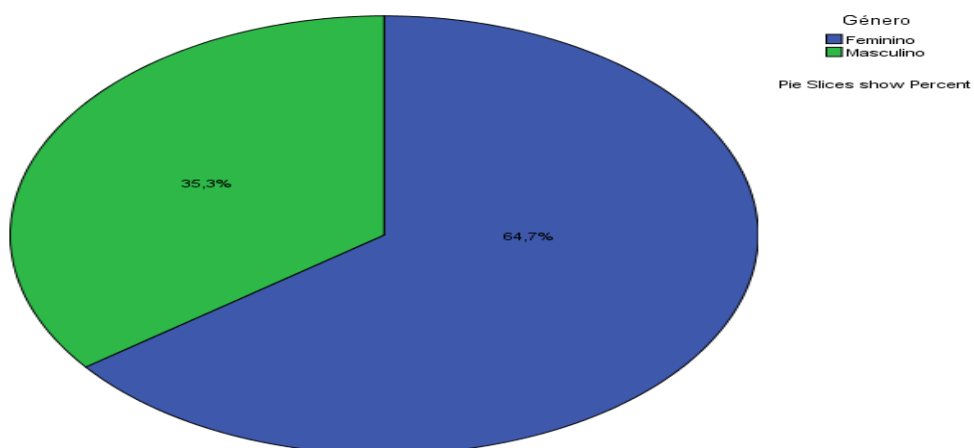


Gráfico 66:

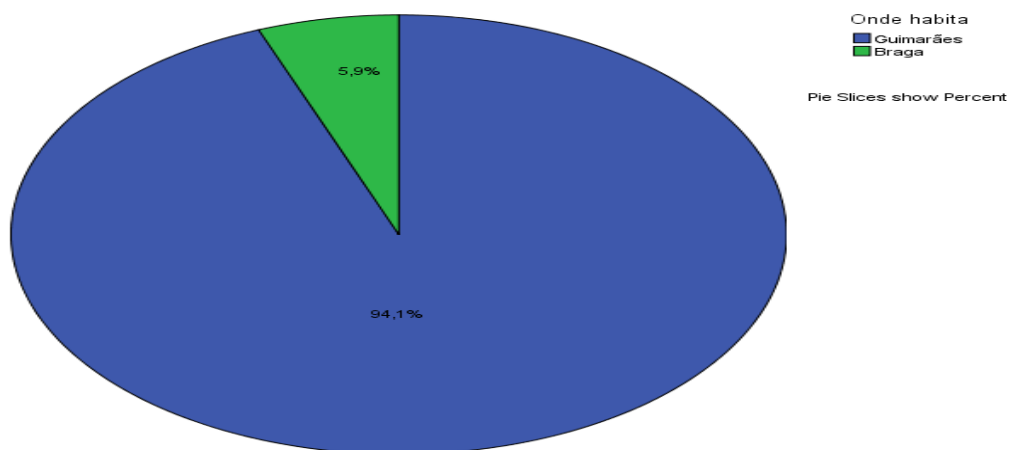


Gráfico 67:

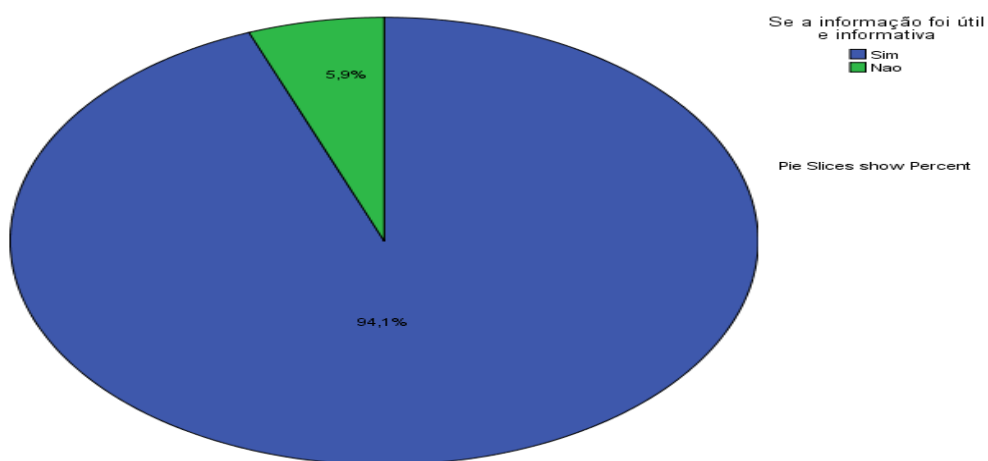


Gráfico 68:

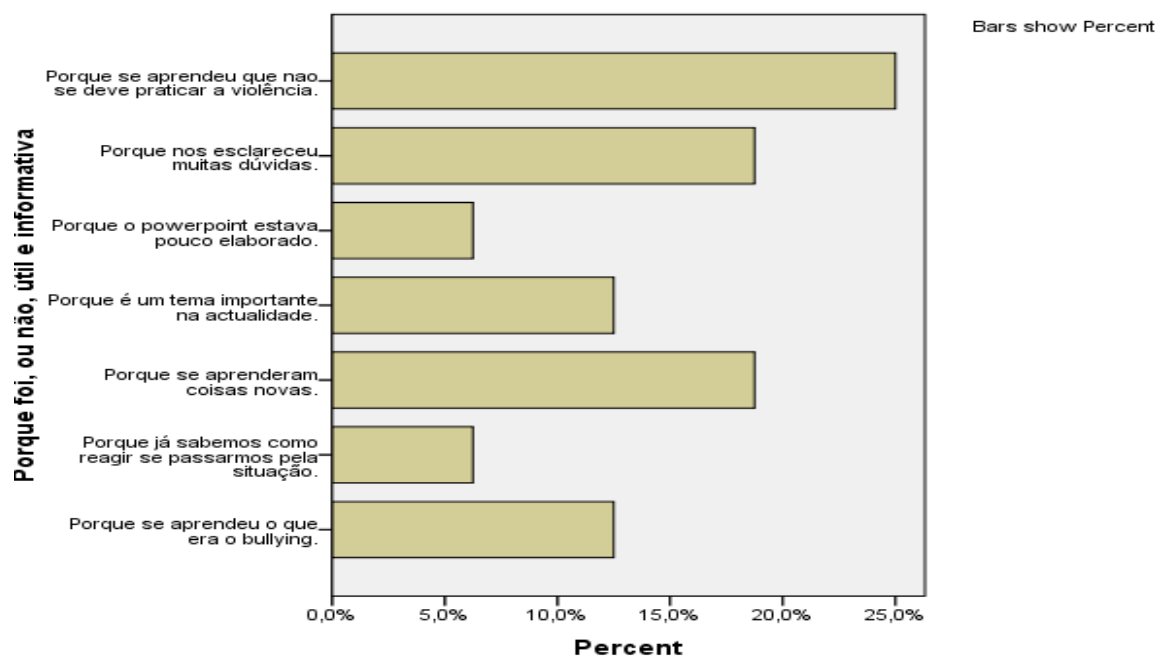


Gráfico 69:

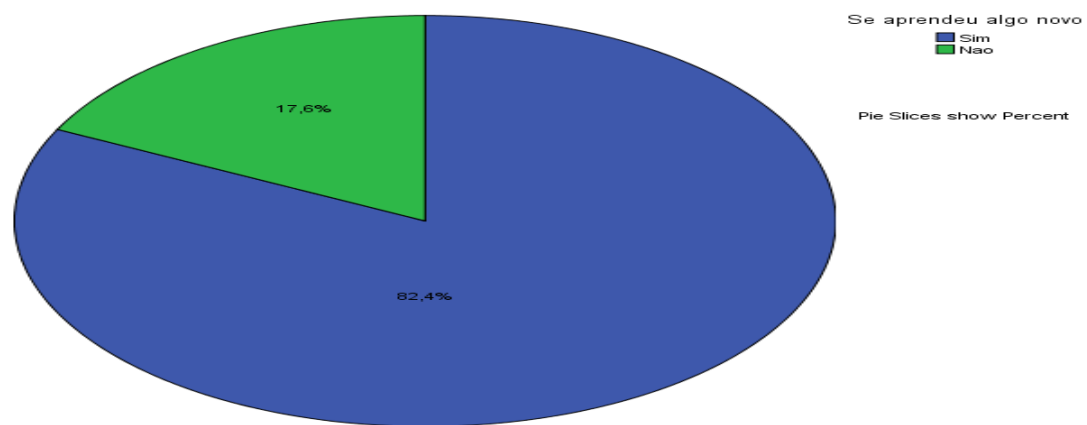


Gráfico 70:

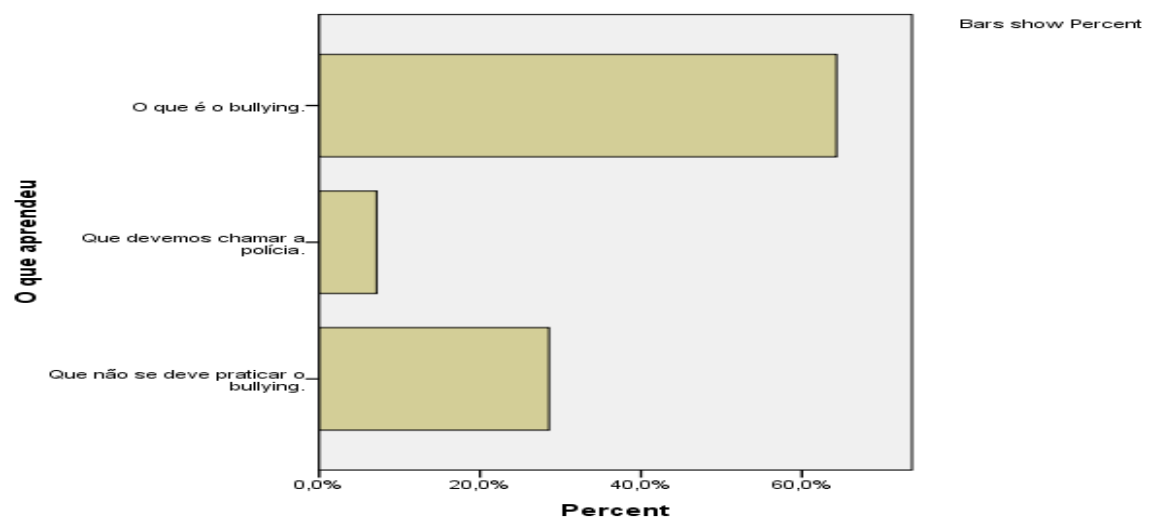
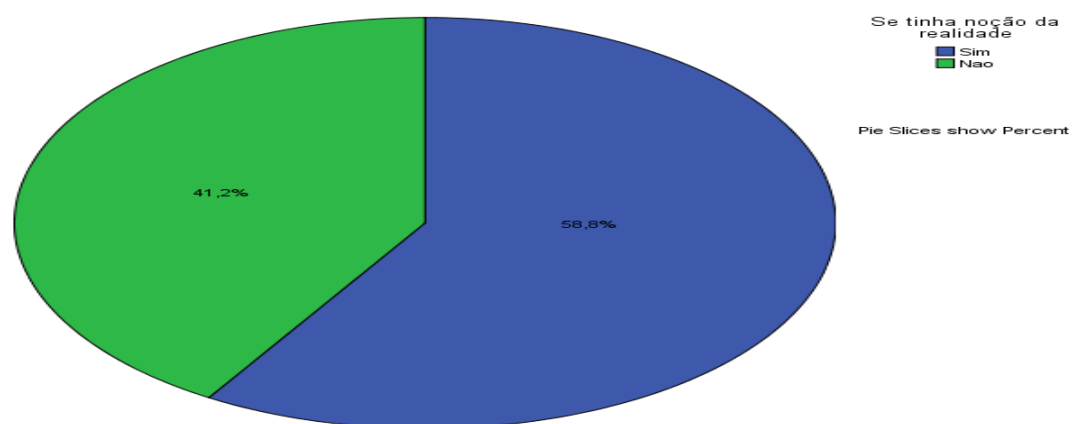


Gráfico 71:



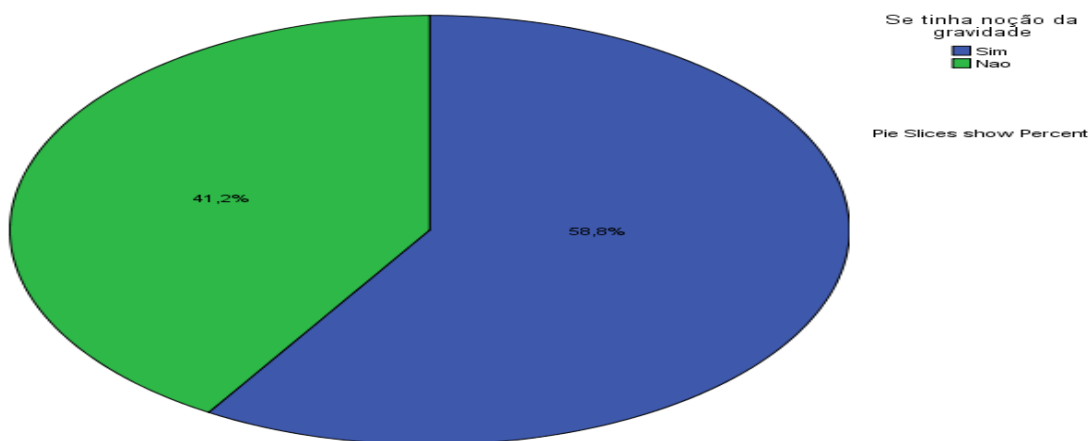


Gráfico 73:

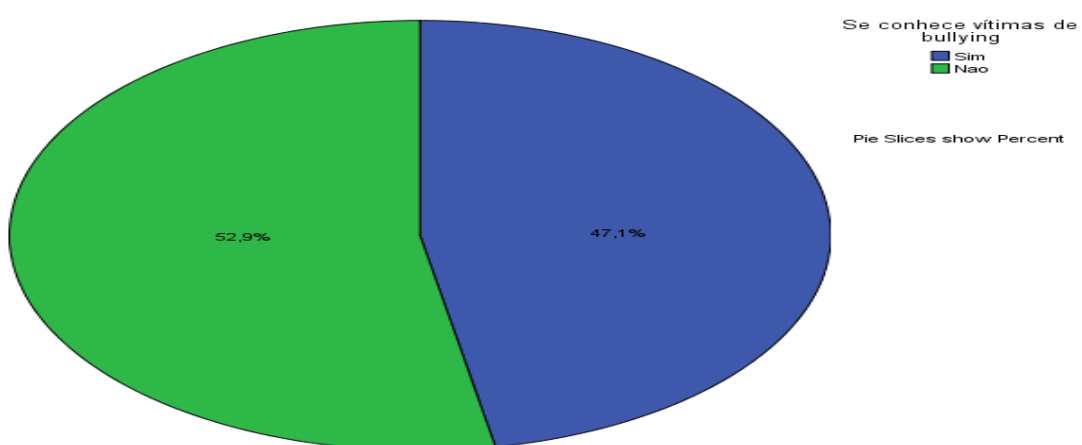
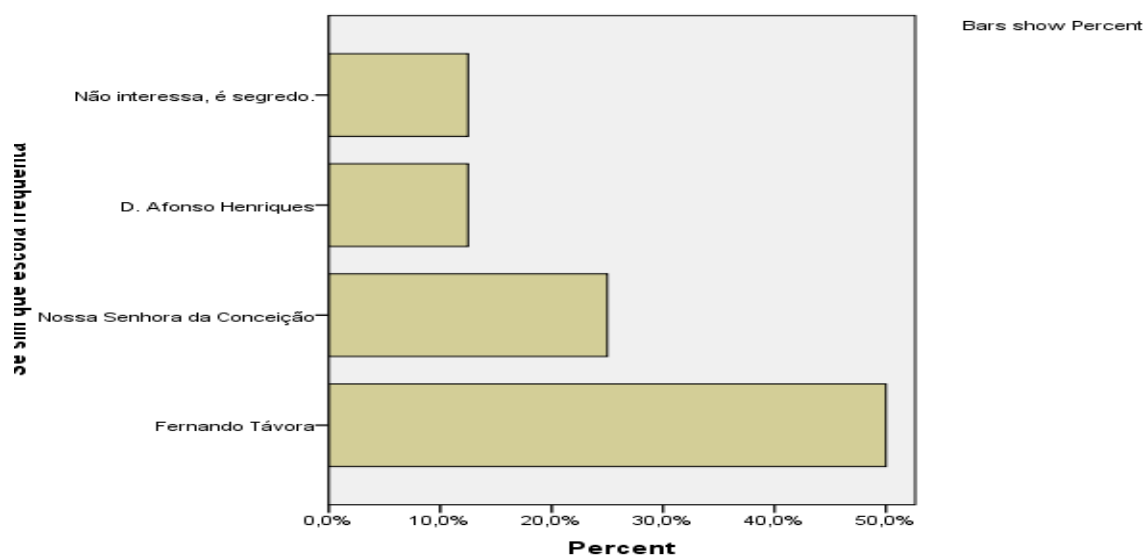


Gráfico 74:



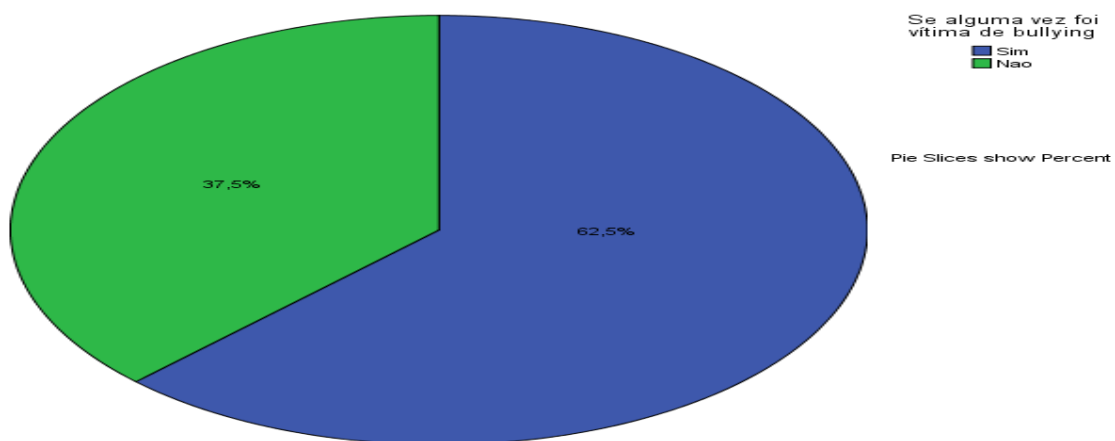


Gráfico 76:

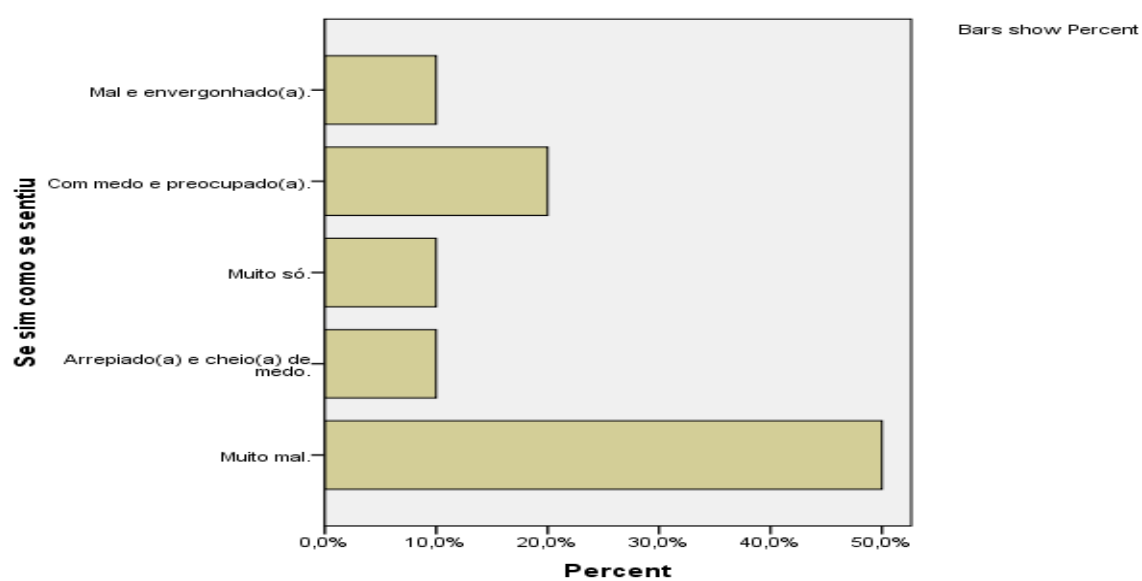
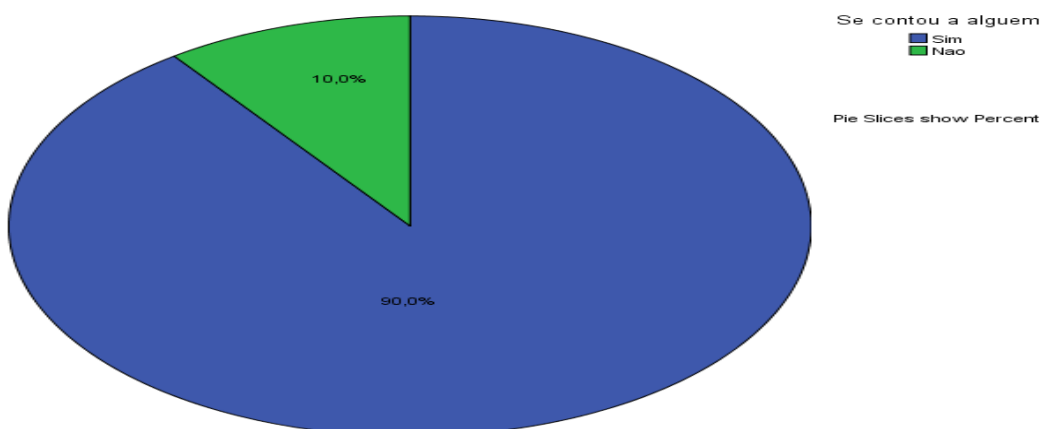


Gráfico 77:



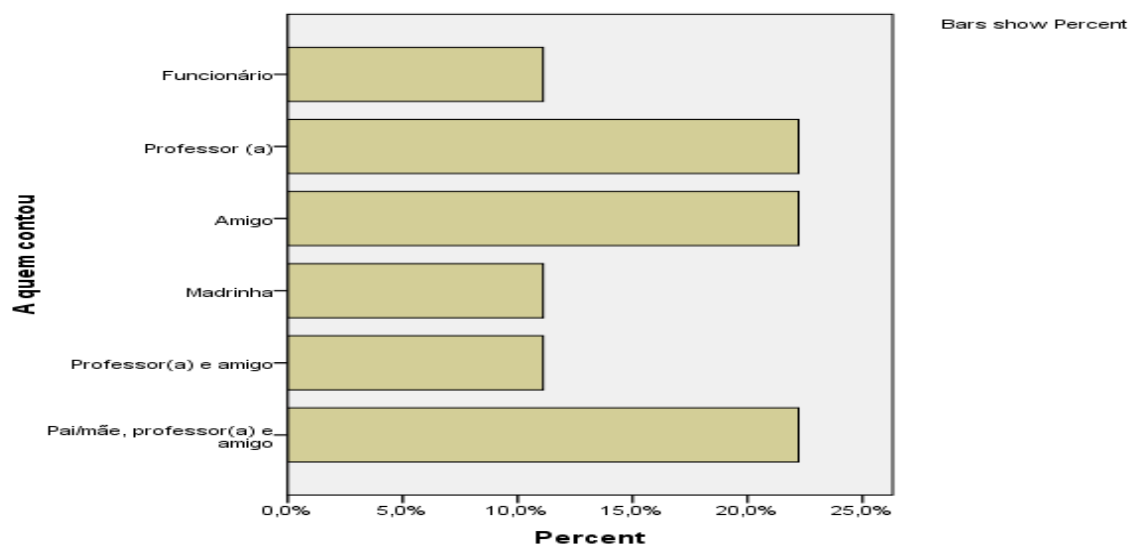


Gráfico 79:

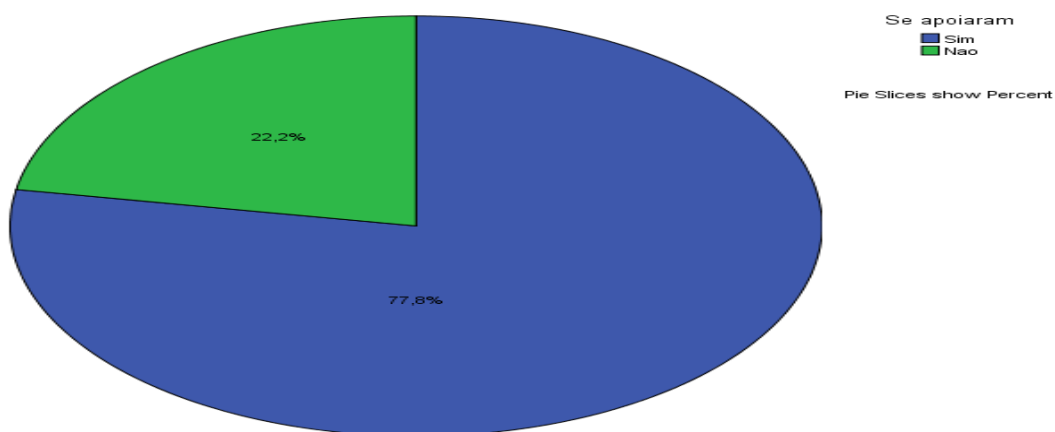


Gráfico 80:

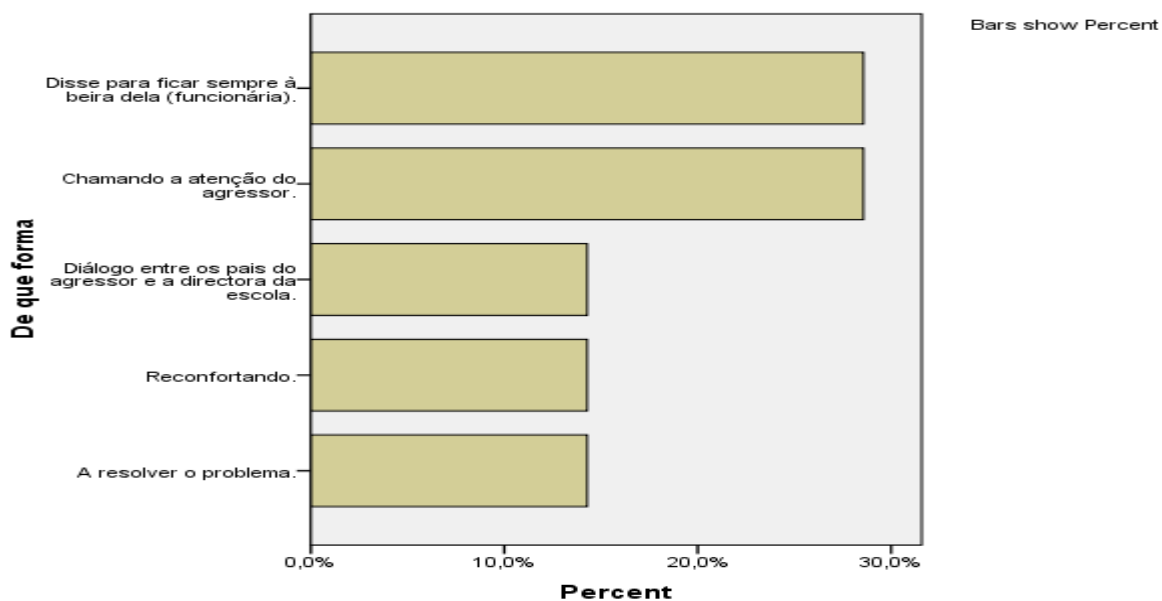


Gráfico 81:

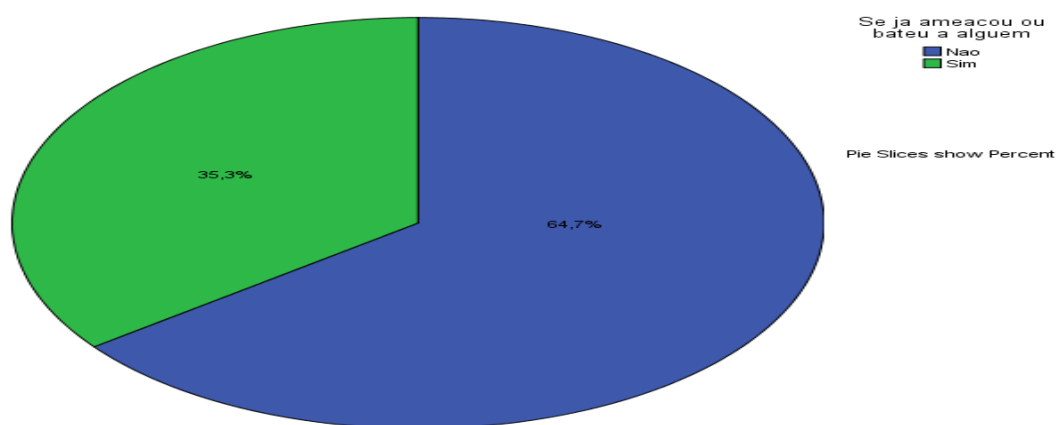


Gráfico 82:

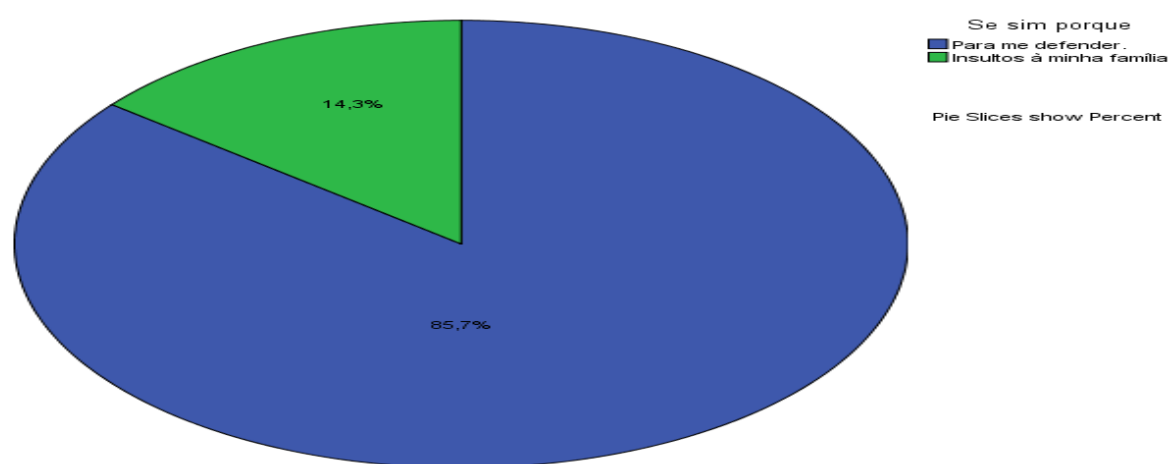


Gráfico 83:

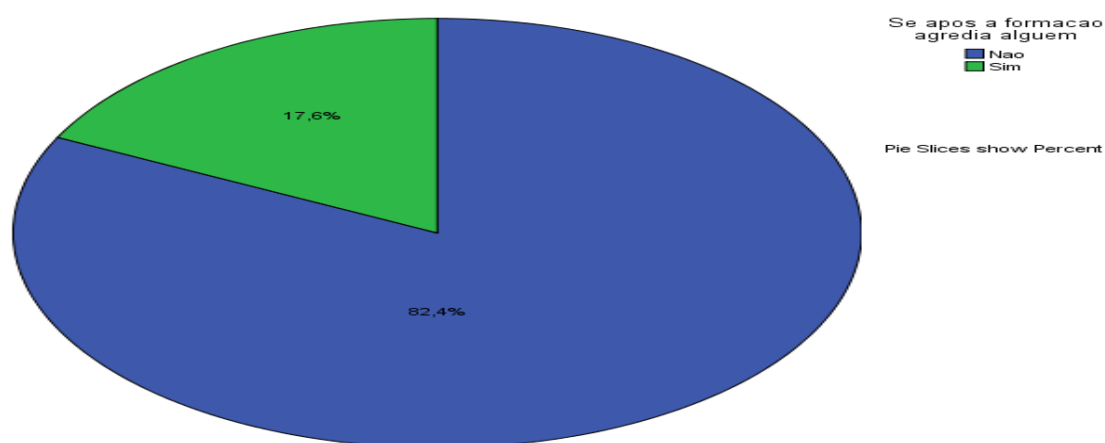


Gráfico 84:

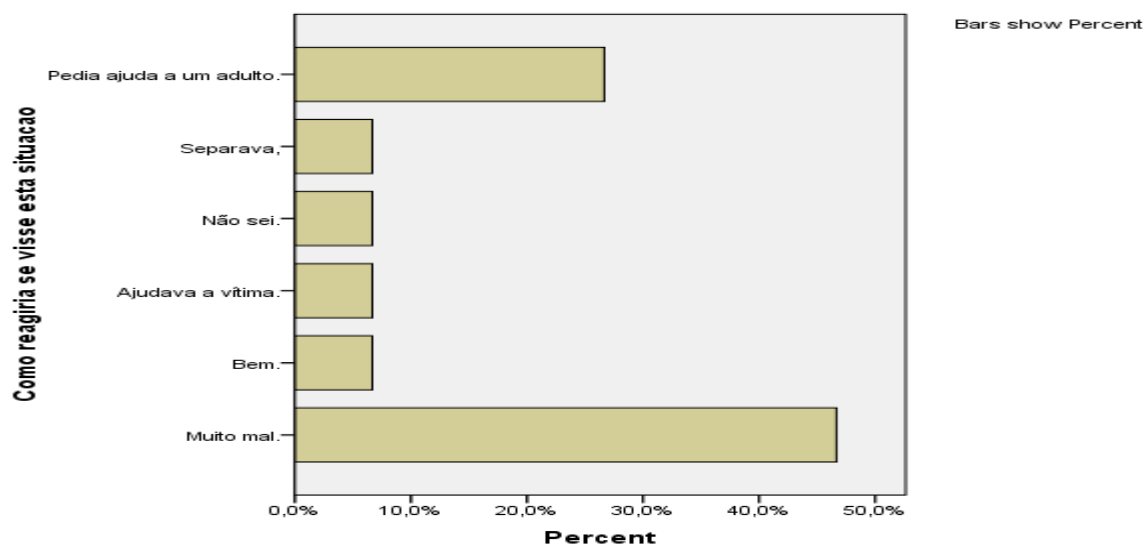


Gráfico 85:

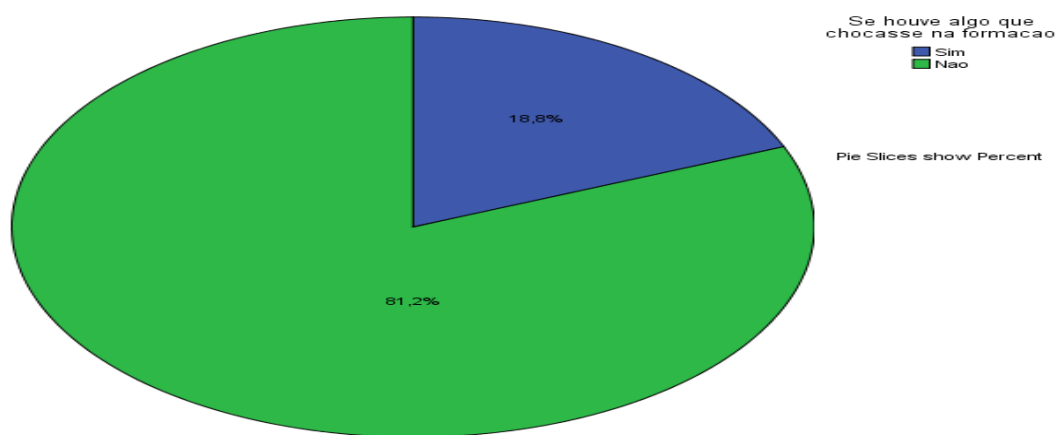


Gráfico 86:

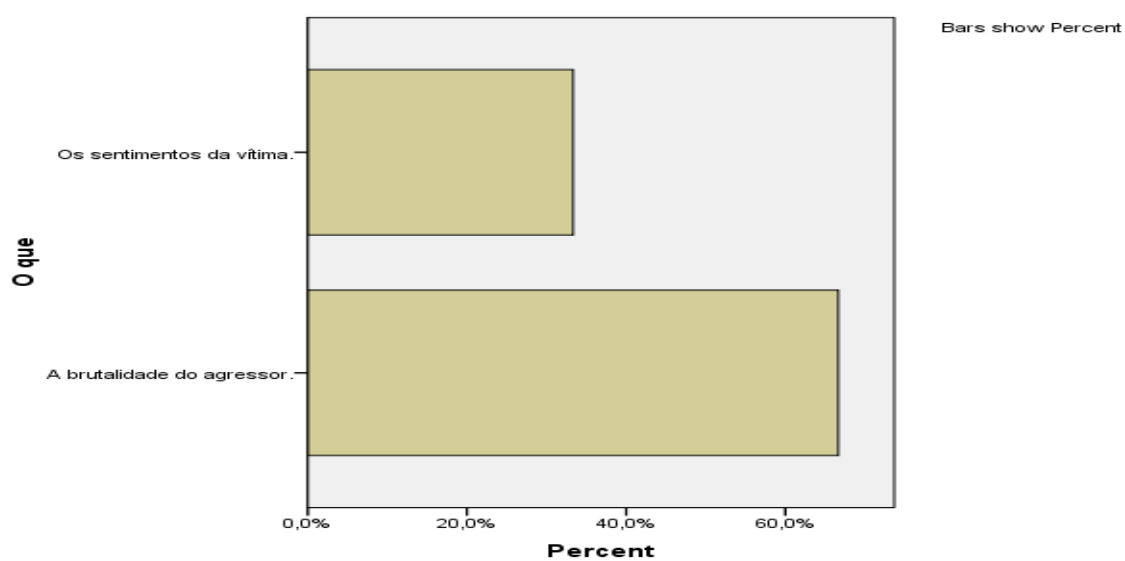


Gráfico 87:

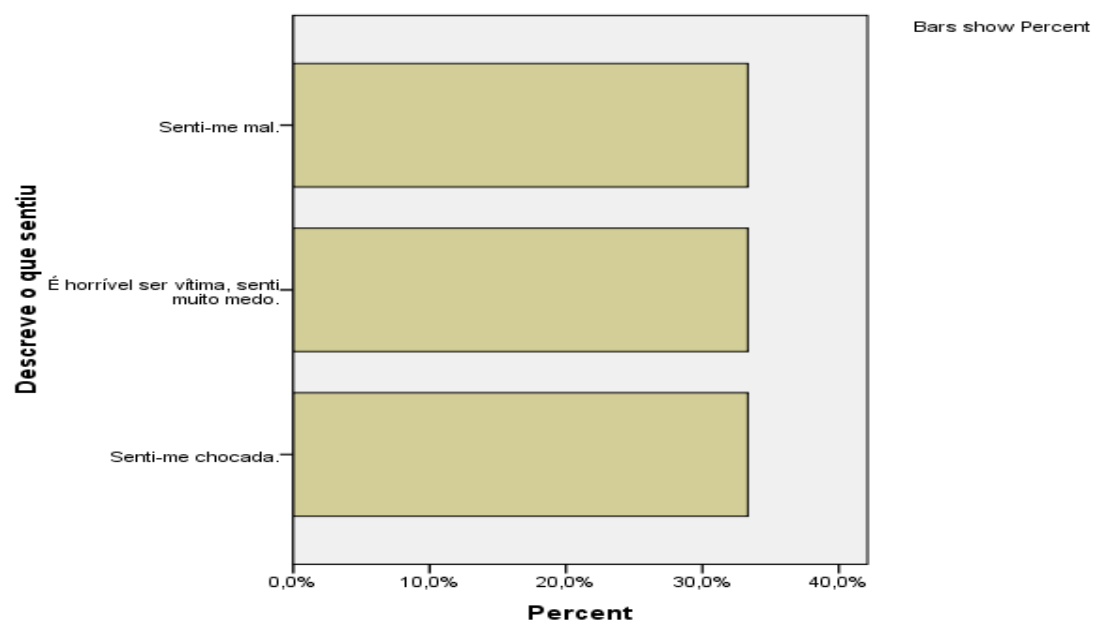


Gráfico 88:

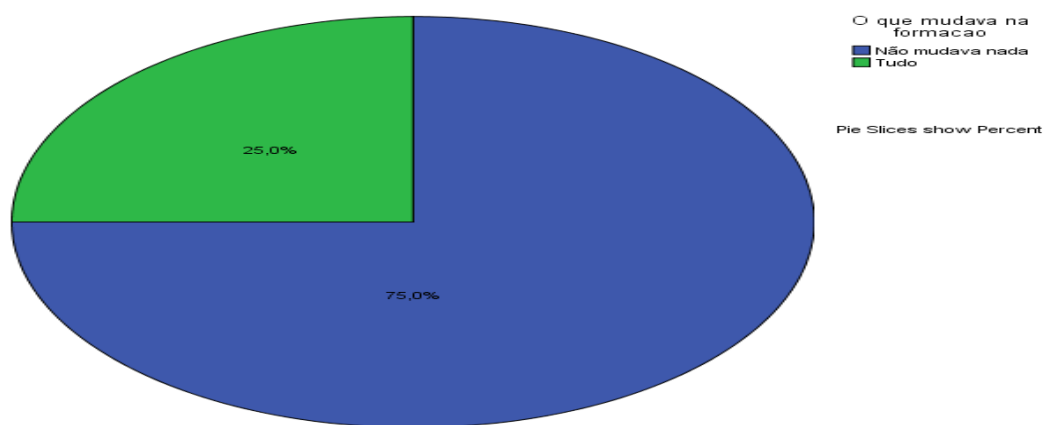
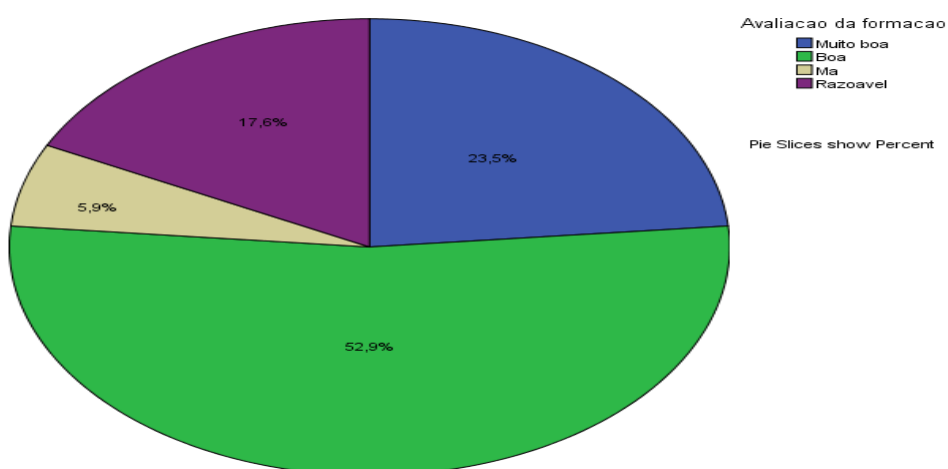


Gráfico 89:



Análise palestra Círculo Arte e Recreio (Violência Doméstica)

Gráfico 90:

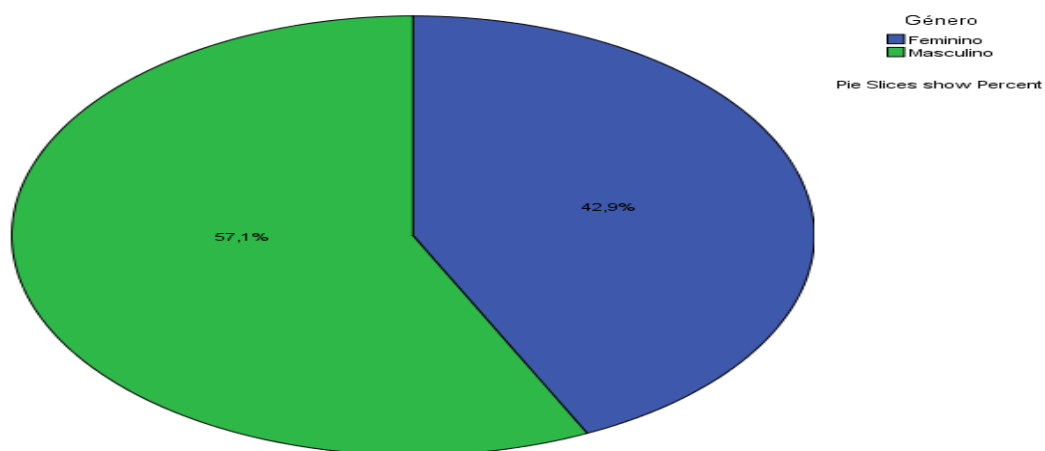


Gráfico 91:

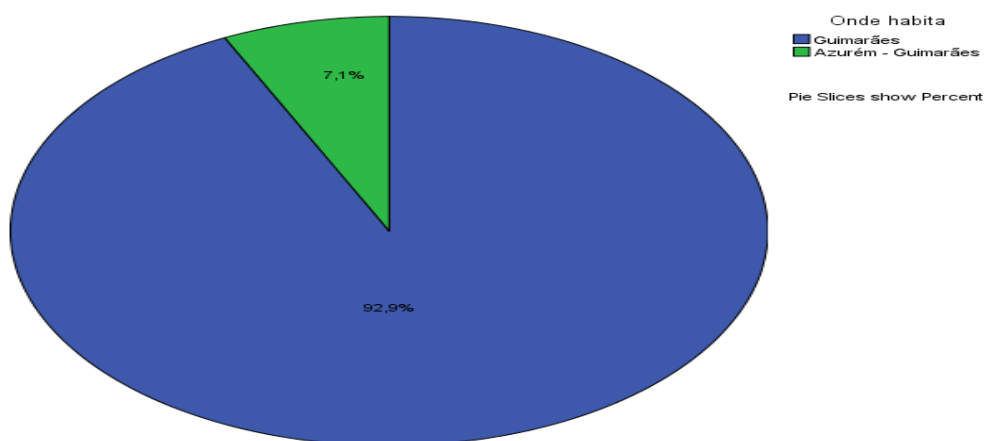


Gráfico 92:

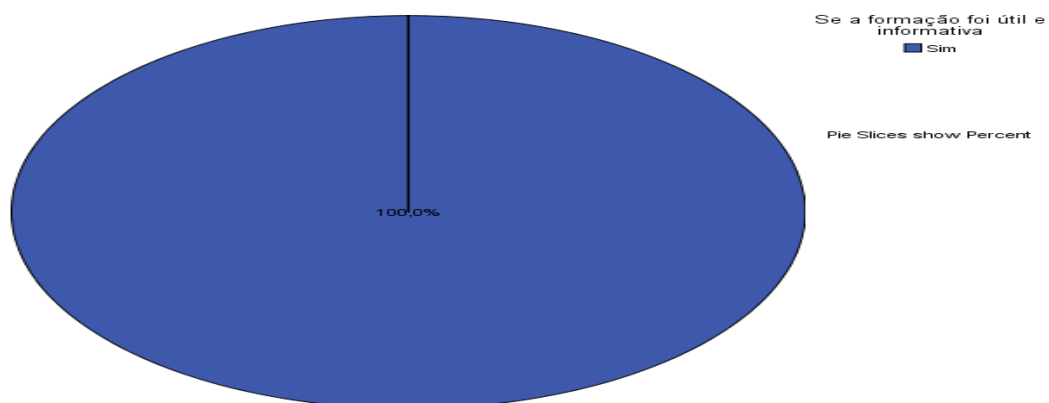


Gráfico 93:

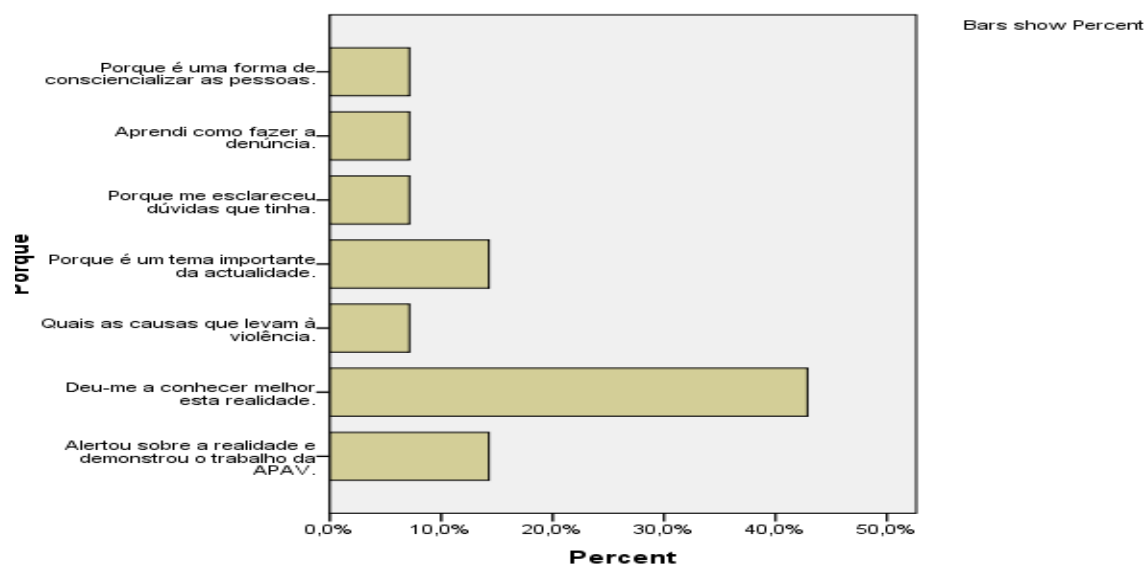


Gráfico 94:

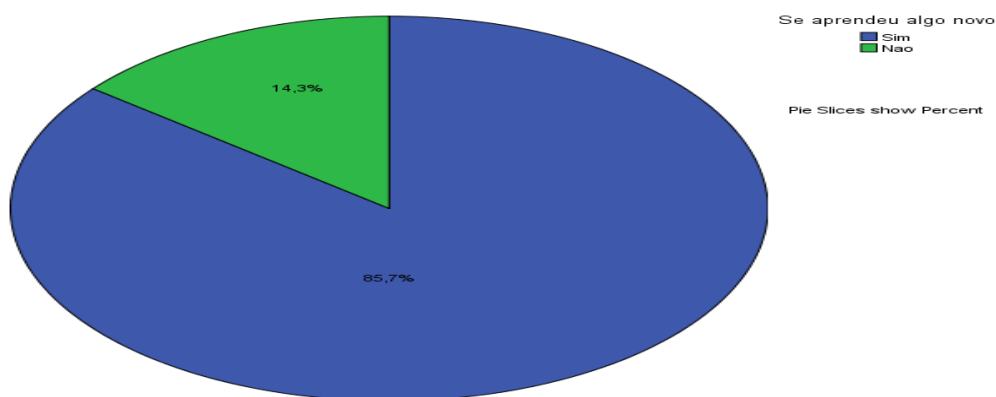


Gráfico 95:

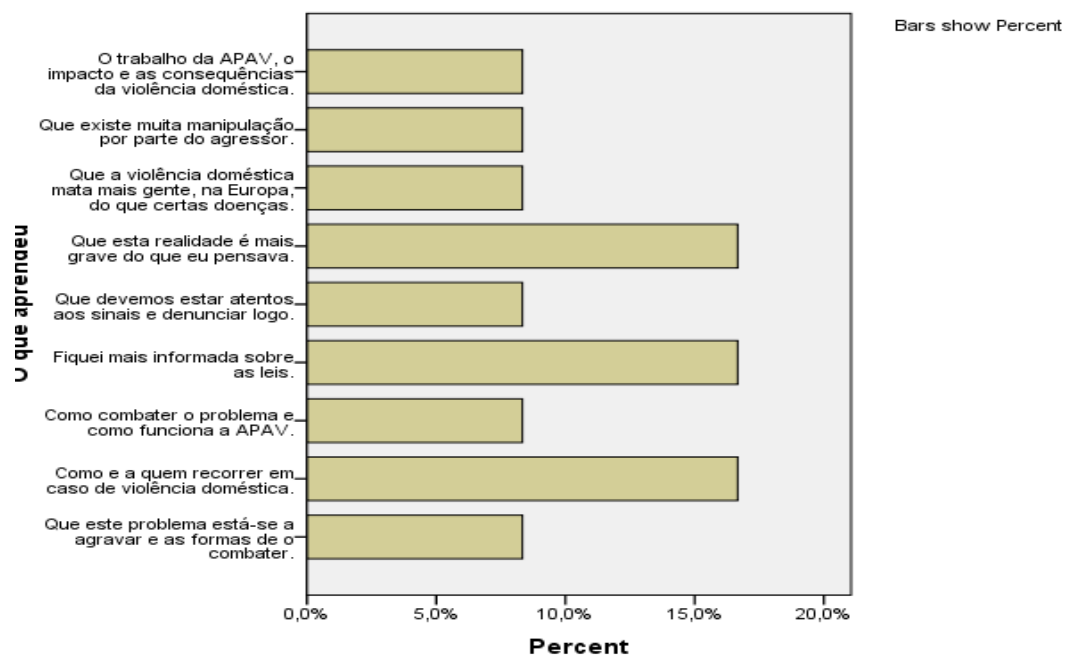


Gráfico 96:

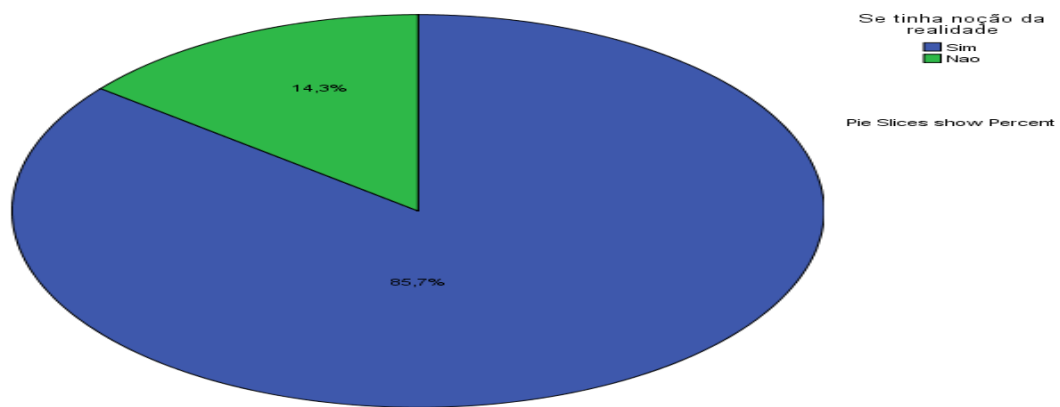


Gráfico 97:

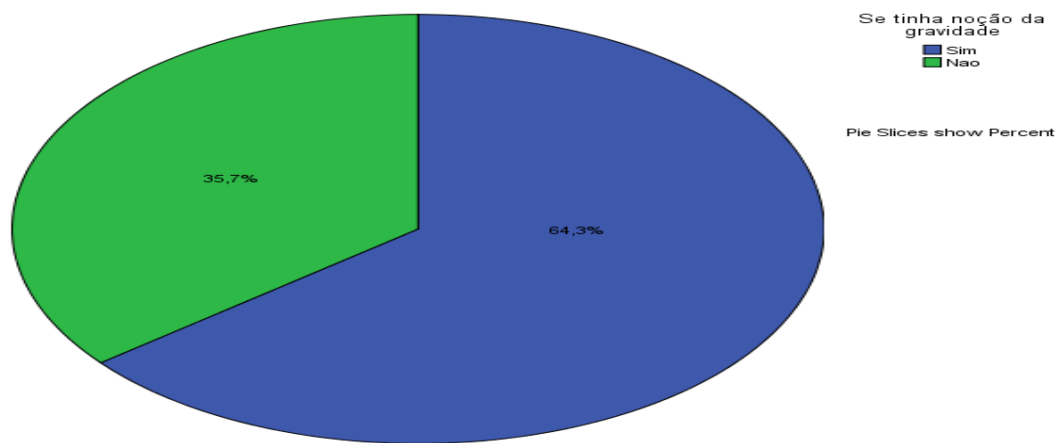


Gráfico 98:

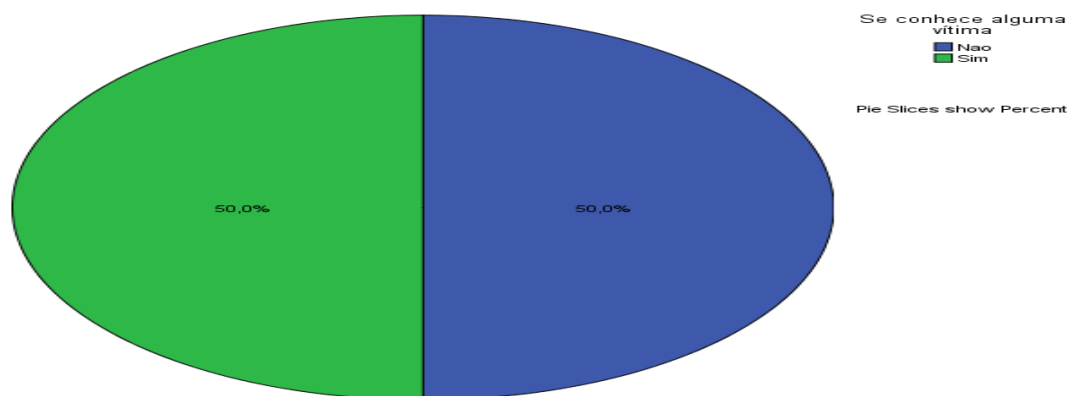


Gráfico 99:

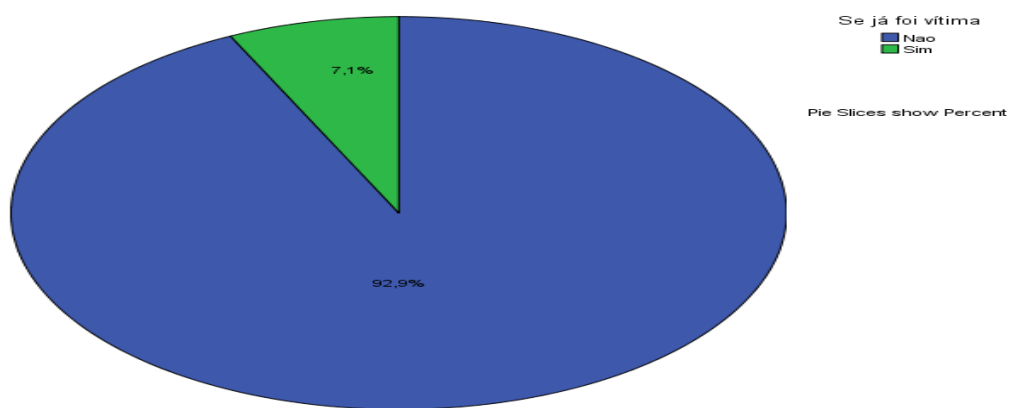


Gráfico 100:

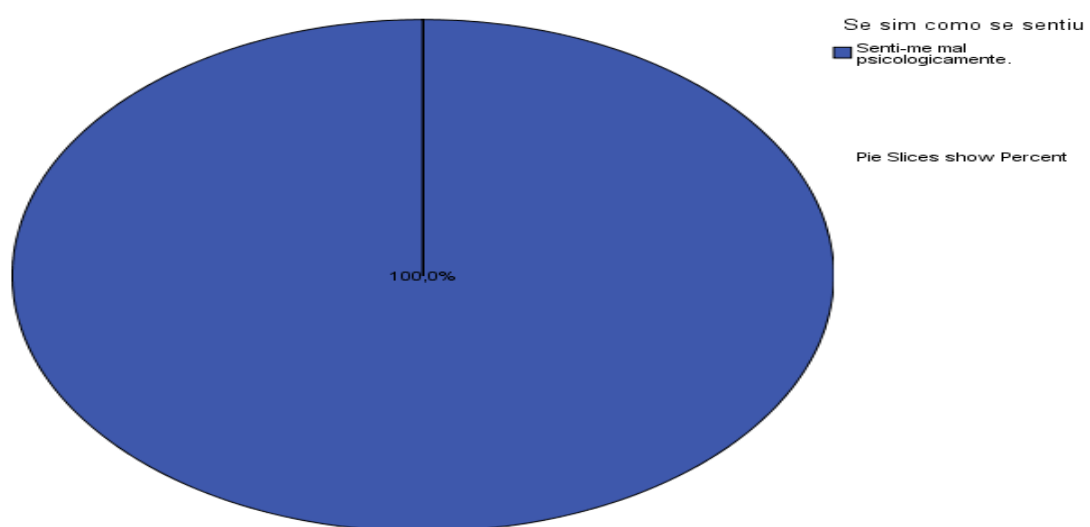
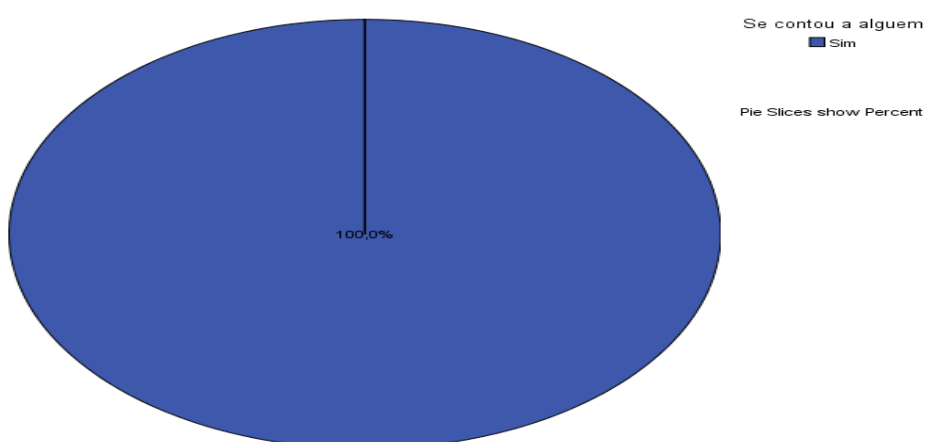


Gráfico 101:



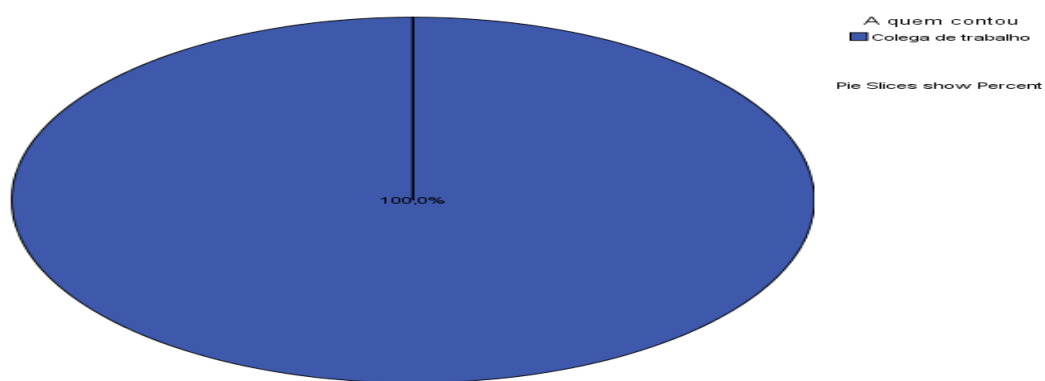


Gráfico 103:

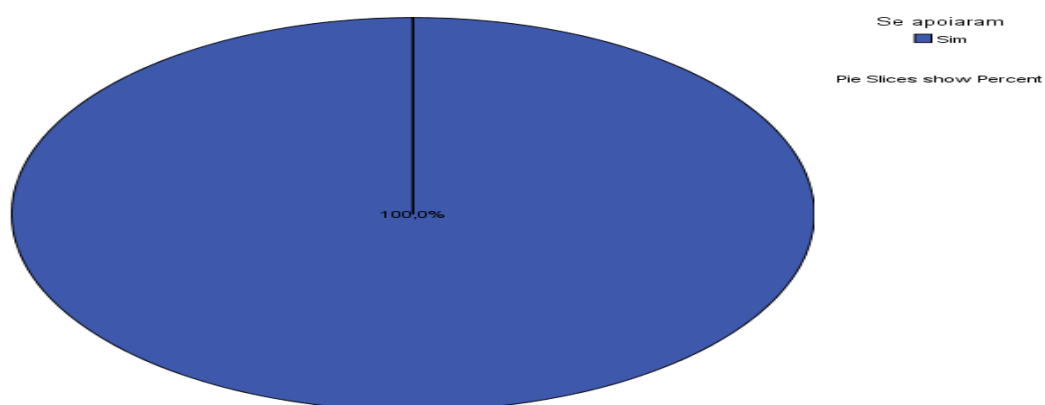
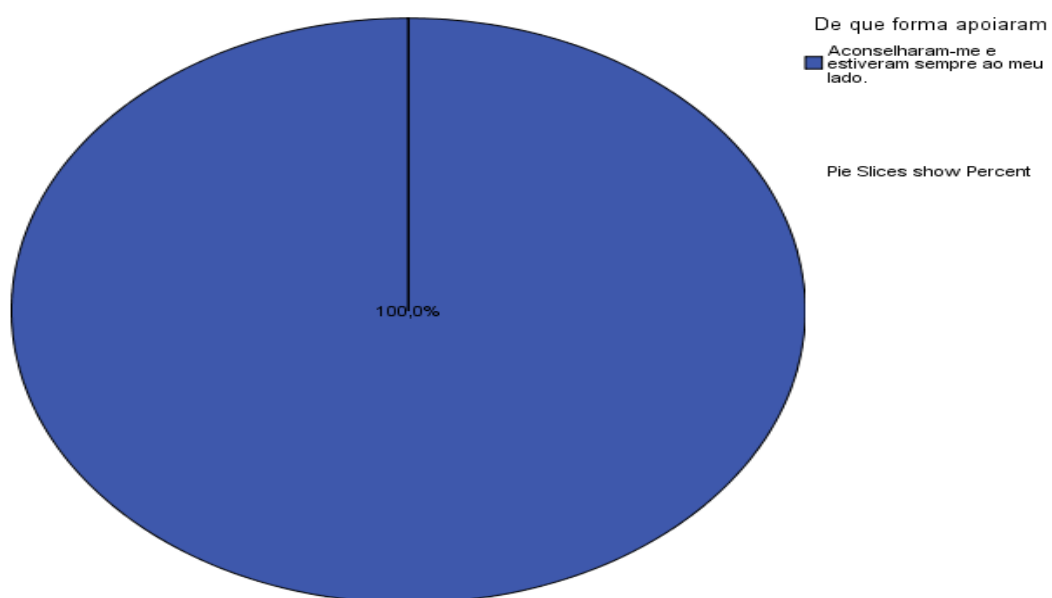


Gráfico 104:



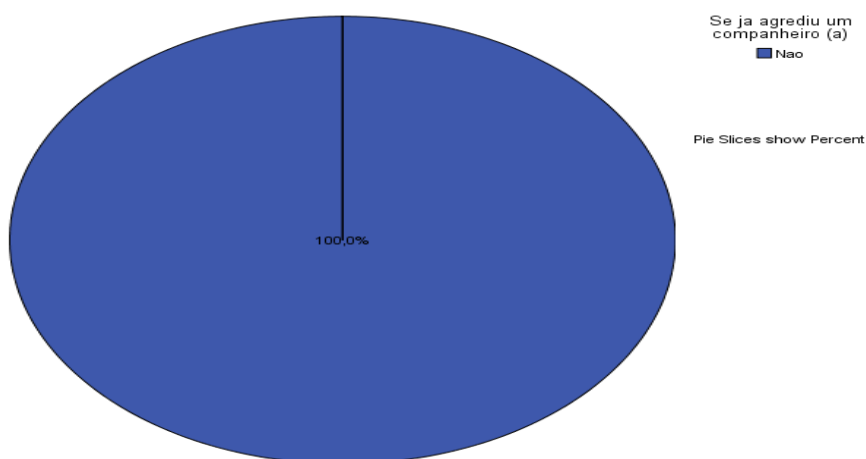


Gráfico 106:

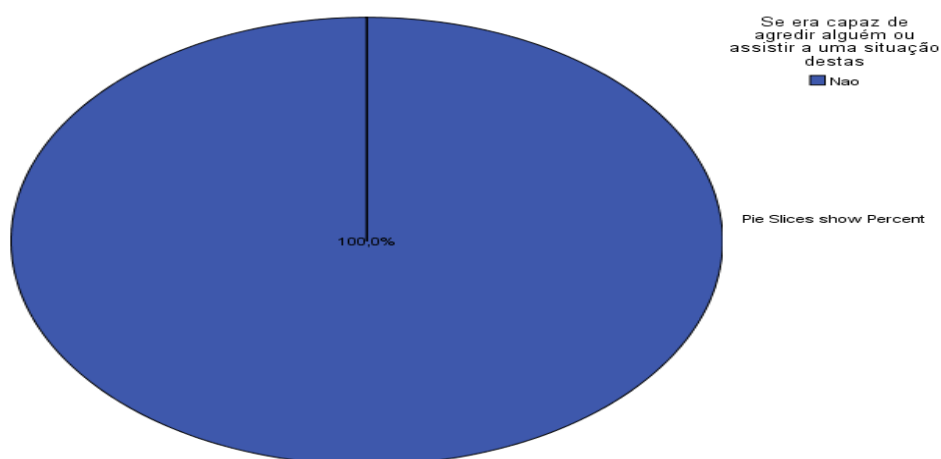


Gráfico 107:

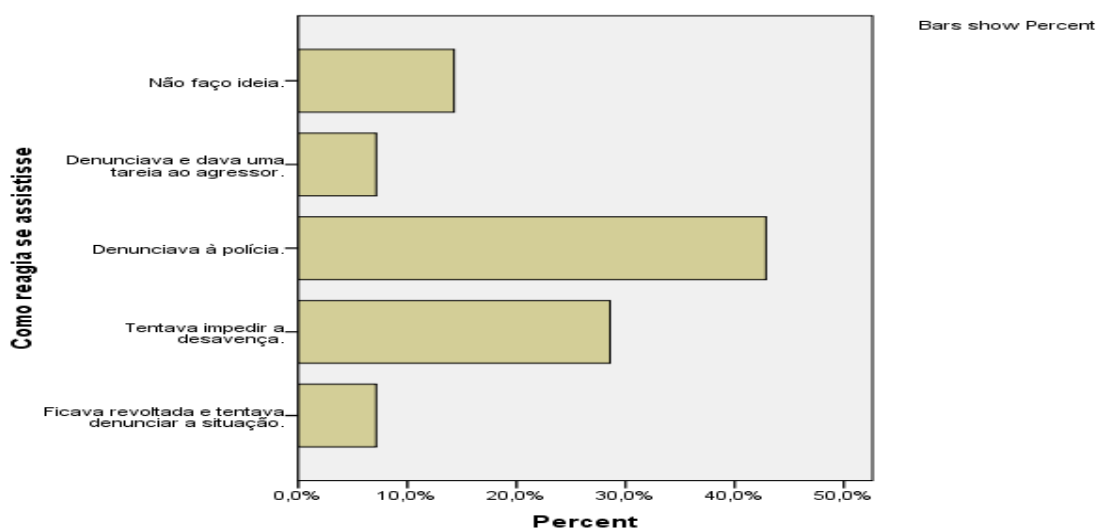


Gráfico 108:

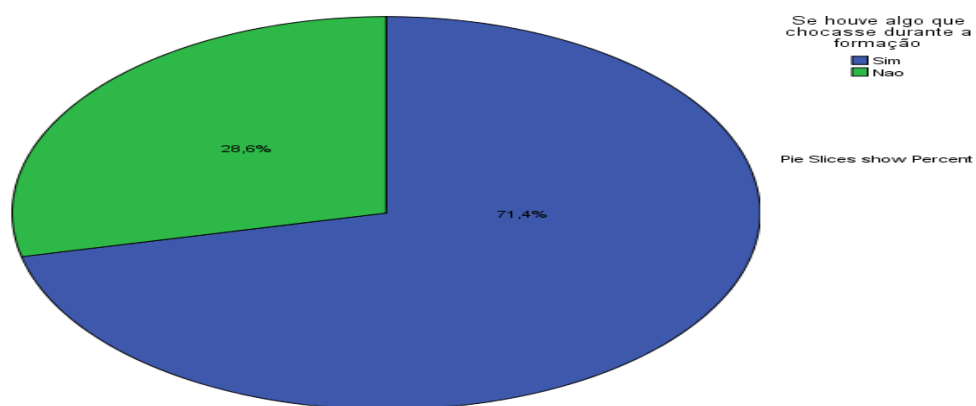


Gráfico 109:

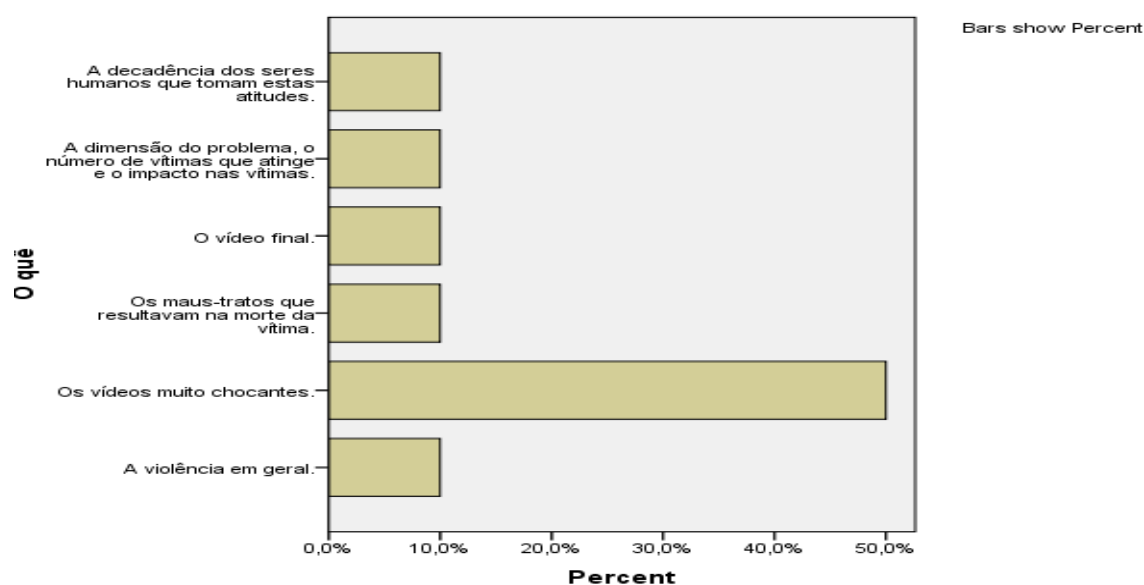


Gráfico 110:

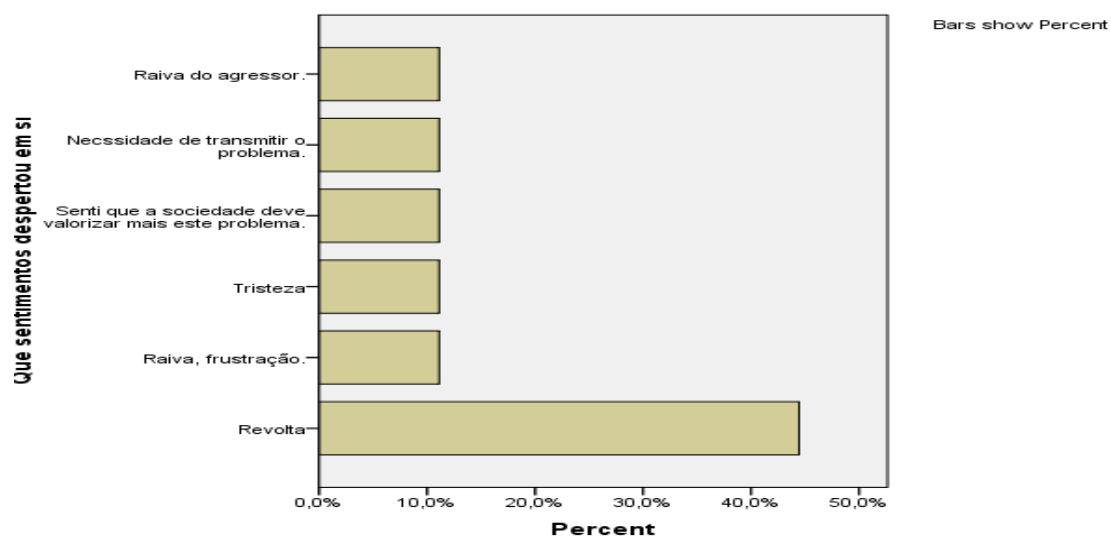


Gráfico 111:

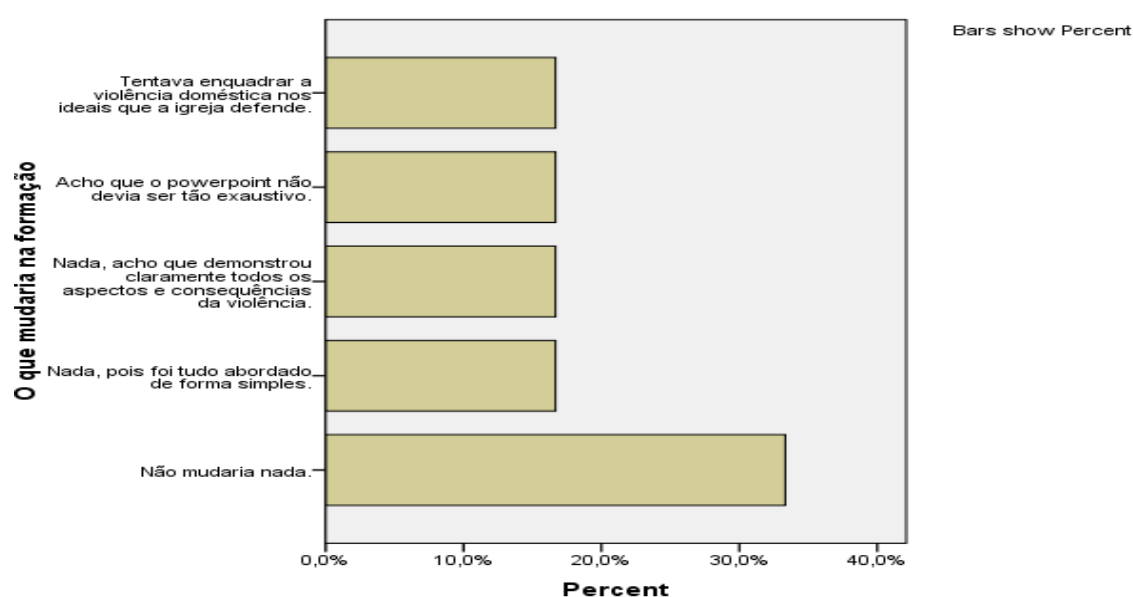
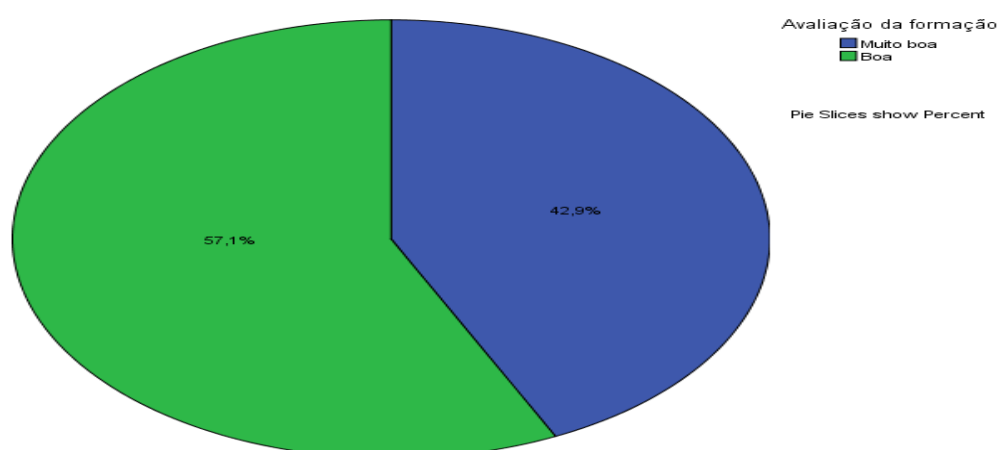


Gráfico 112:



Análise dos inquéritos Fraterna (violência familiar e escolar)

Gráfico 113:

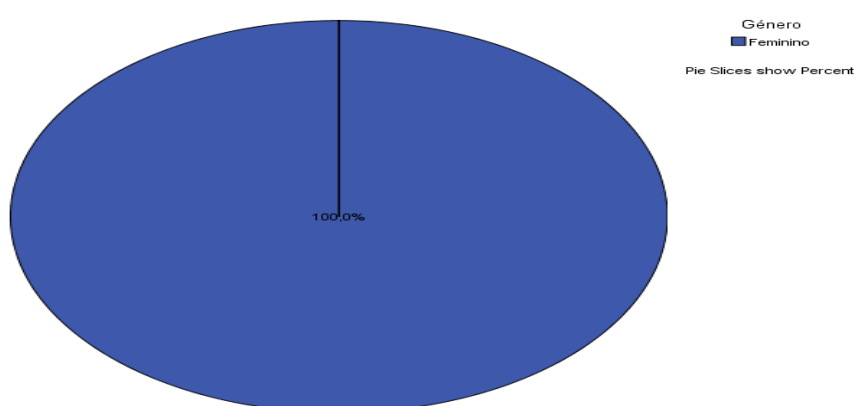


Gráfico 114:

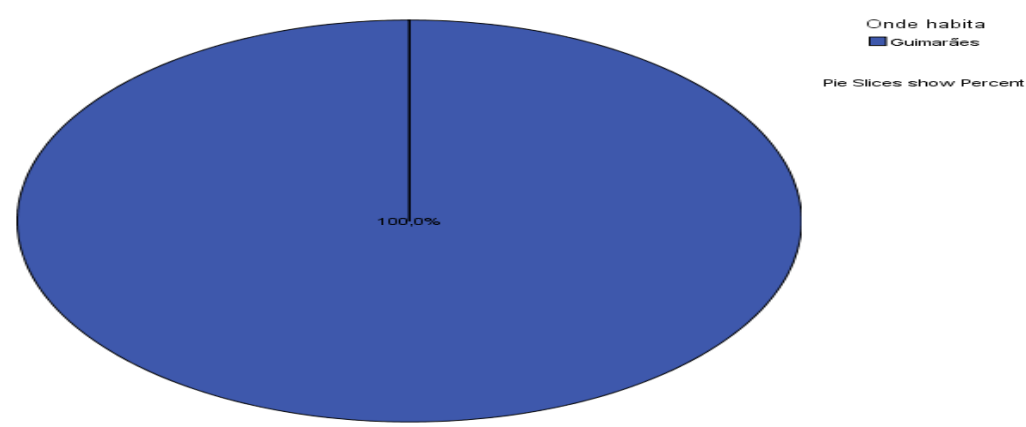


Gráfico 115:

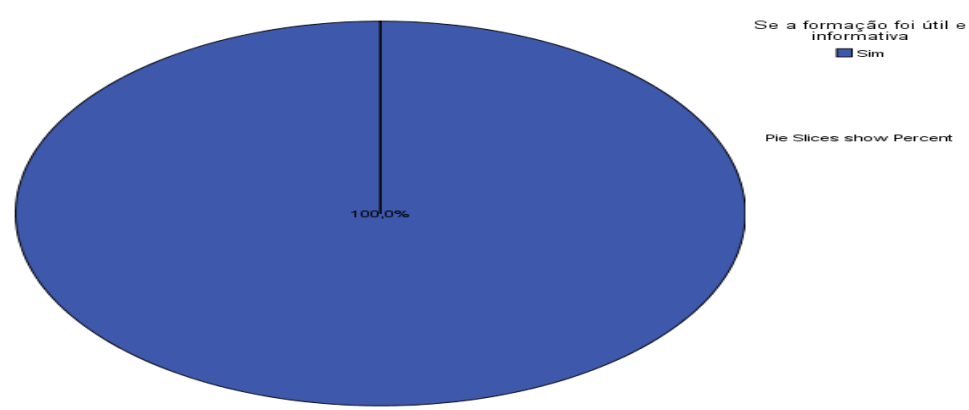


Gráfico 116:

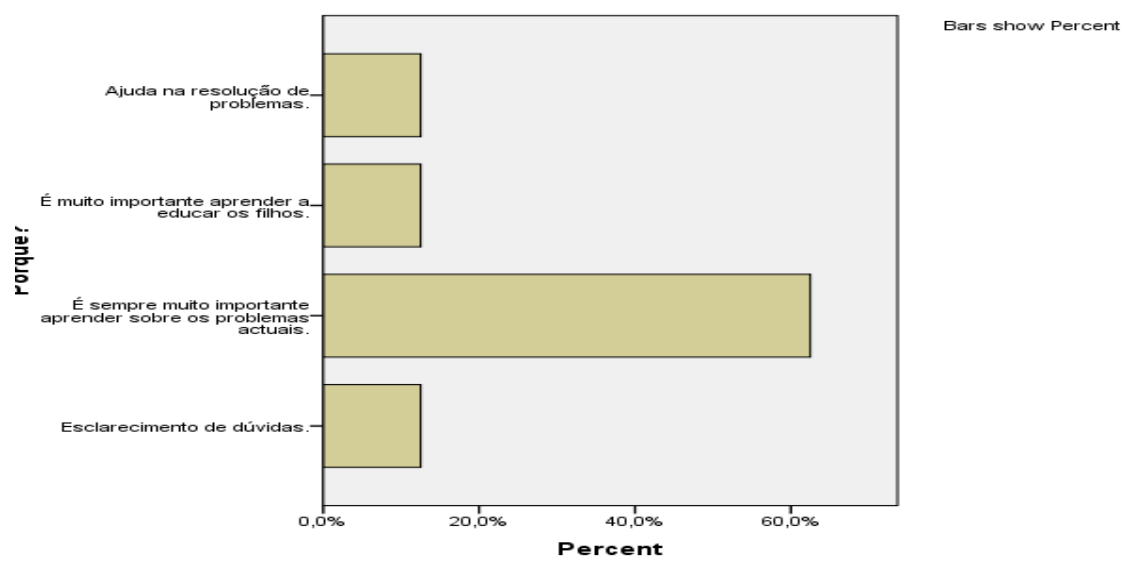


Gráfico 117:

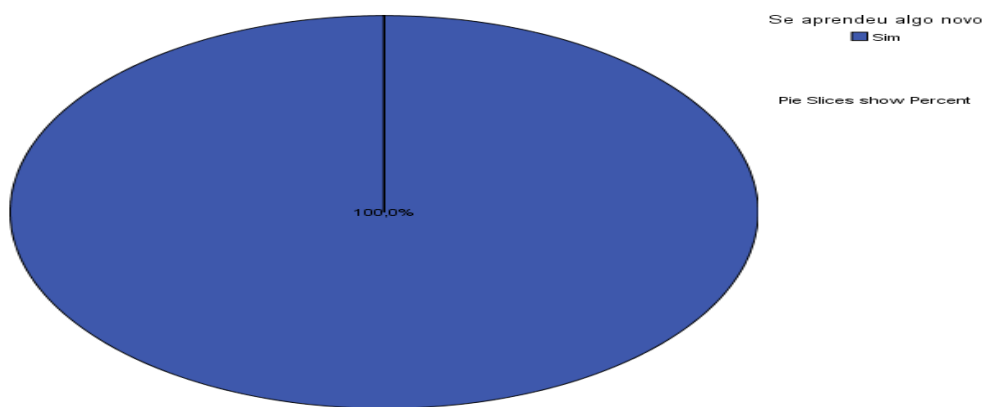


Gráfico 118:

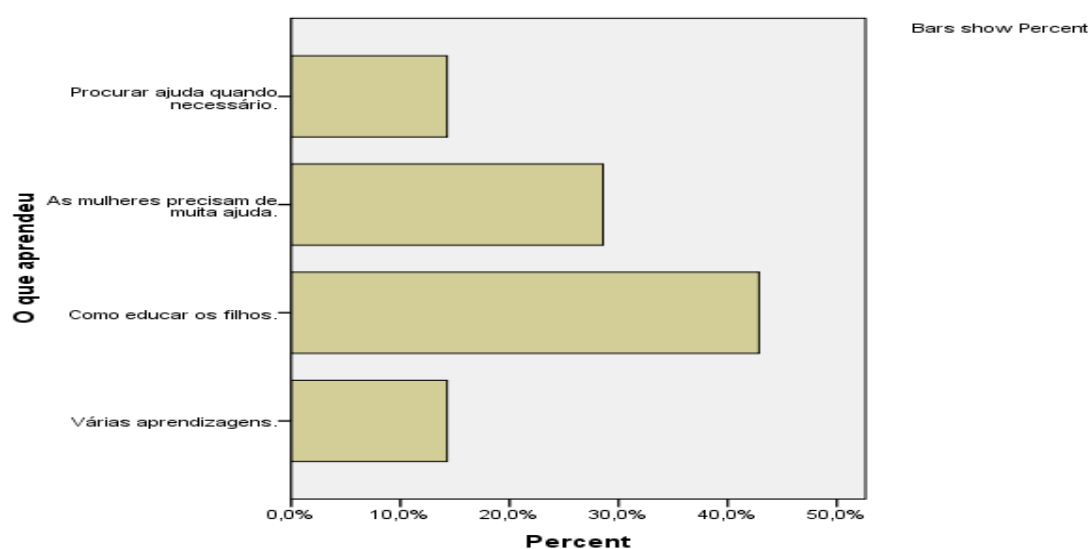


Gráfico 119:

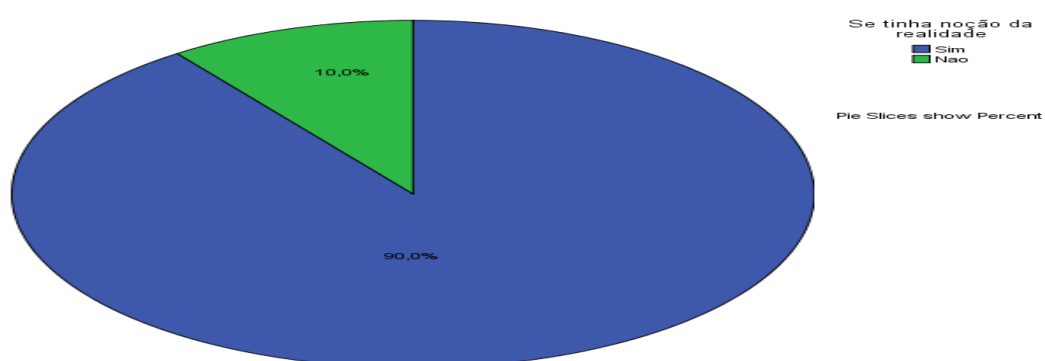


Gráfico 120:

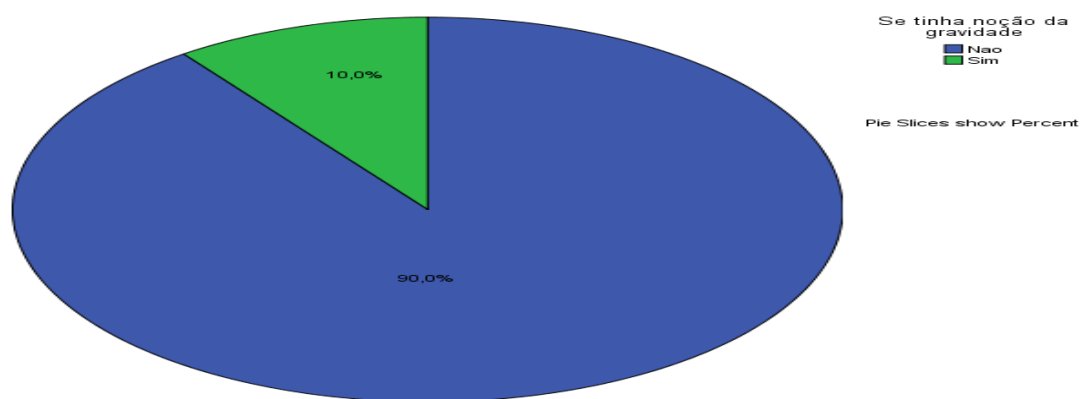
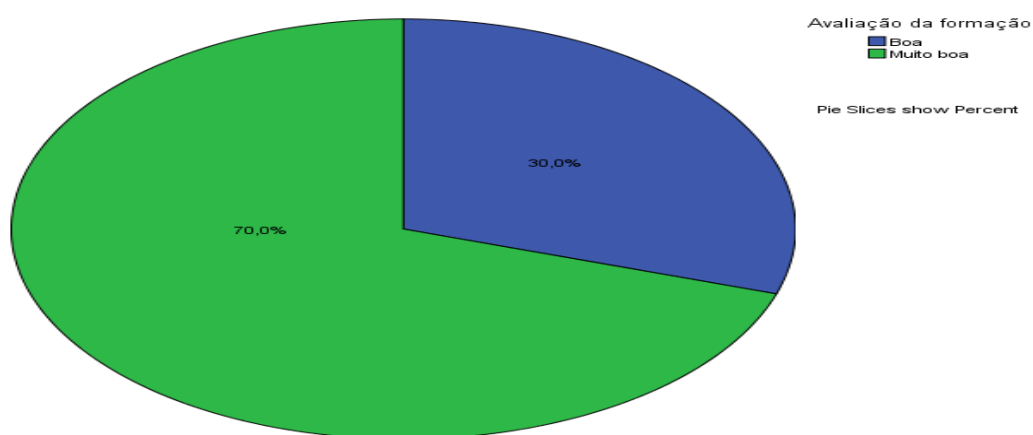


Gráfico 121:



Análise da palestra no CAR (violência familiar e escolar)

Gráfico 122:

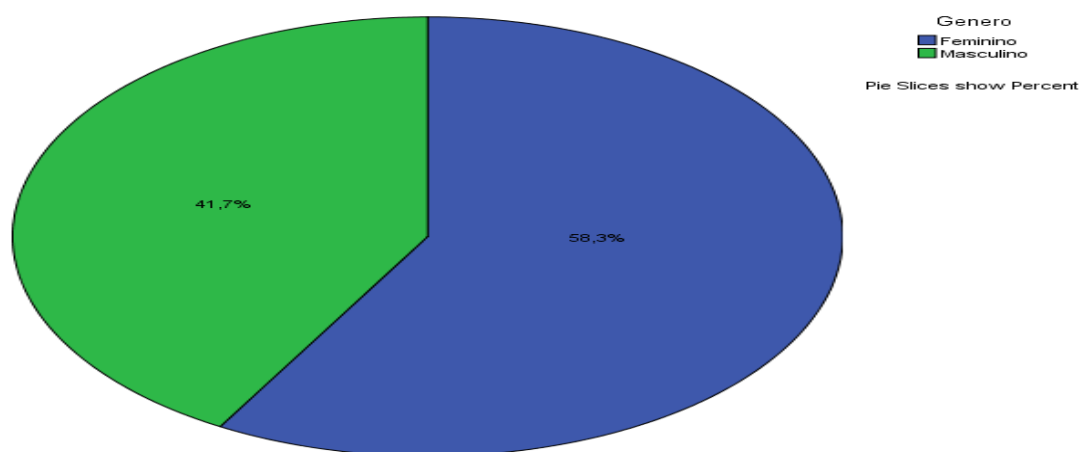


Gráfico 123:

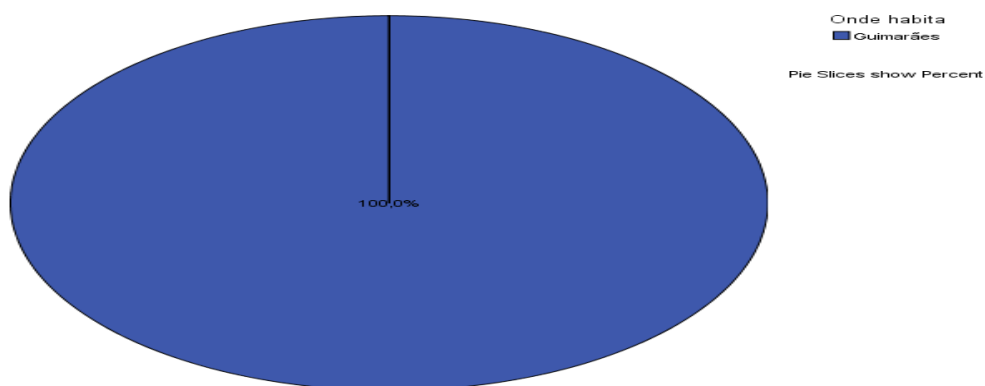


Gráfico 124:

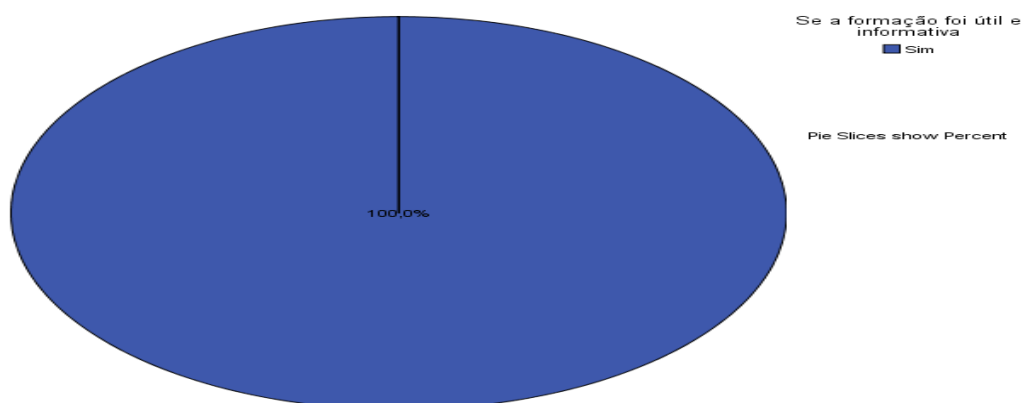


Gráfico 125:

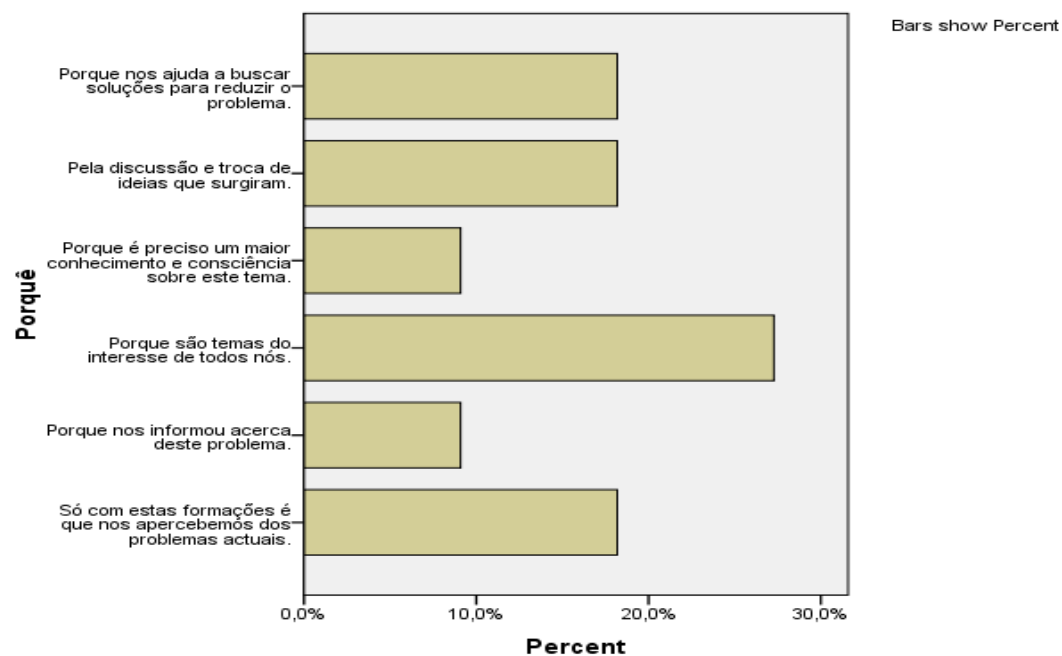


Gráfico 126:

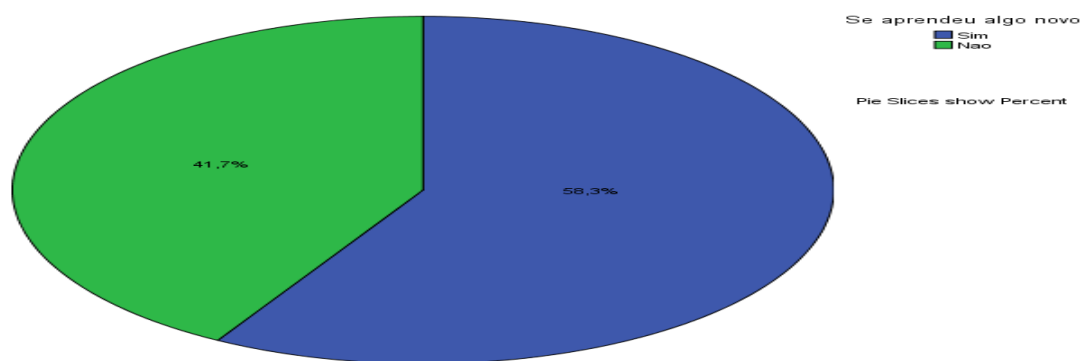


Gráfico 127:

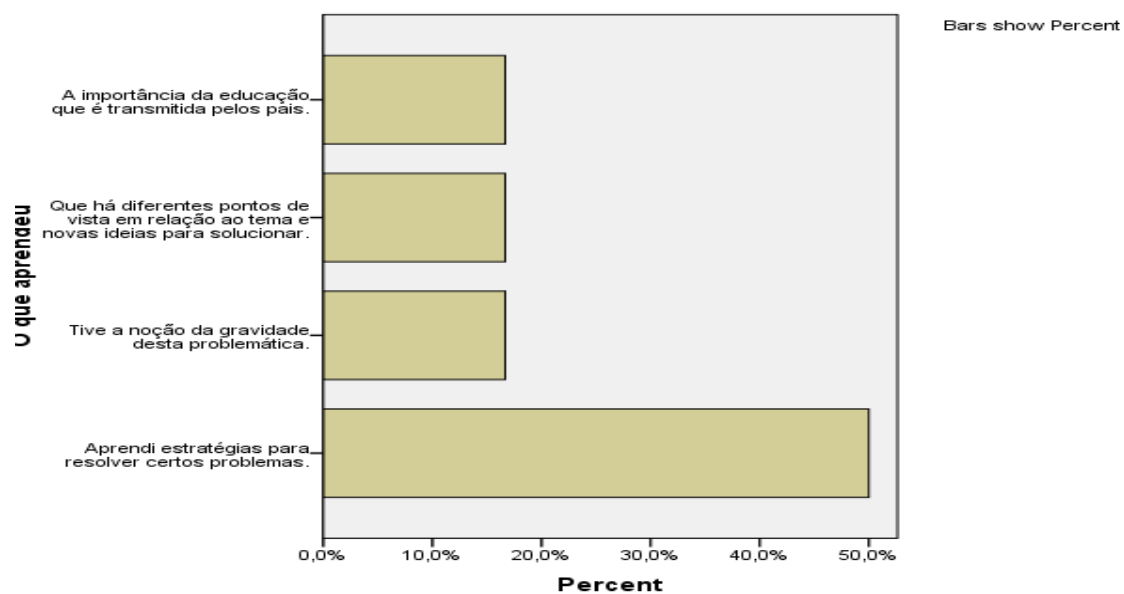


Gráfico 128:

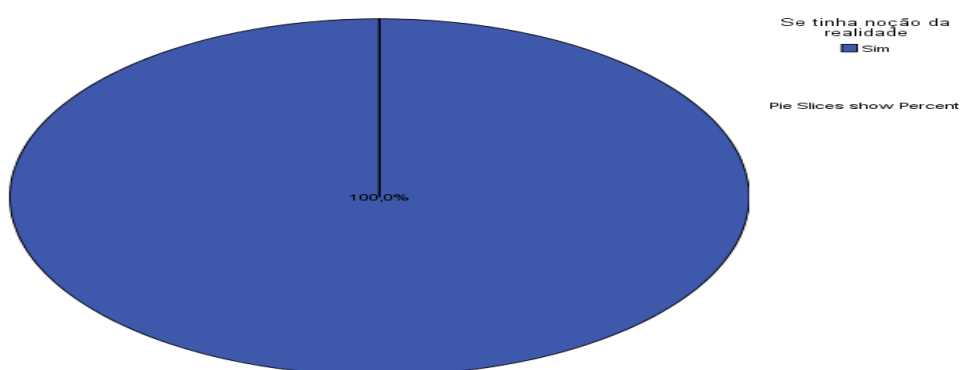


Gráfico 129:

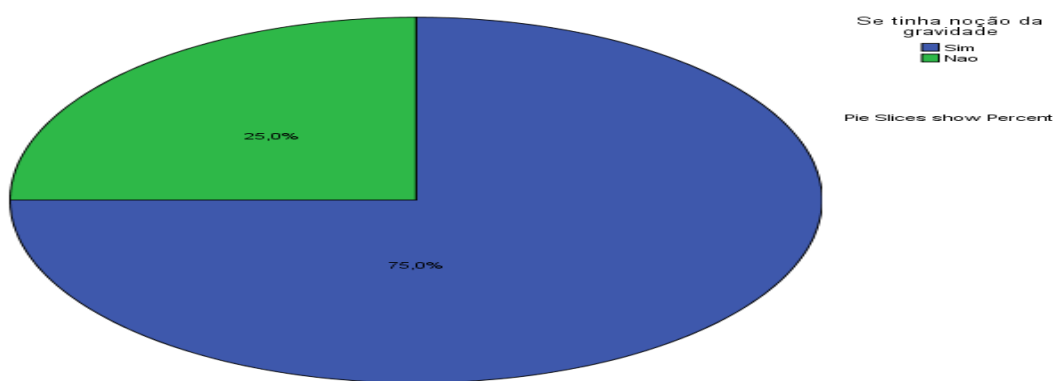


Gráfico 130:

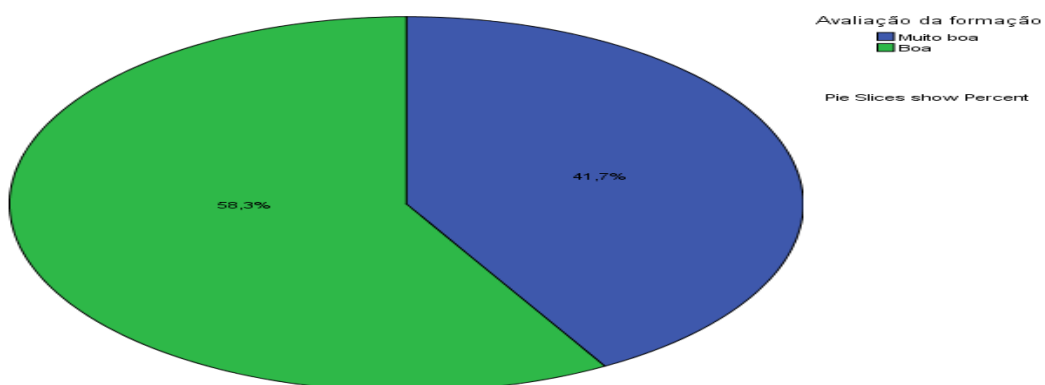
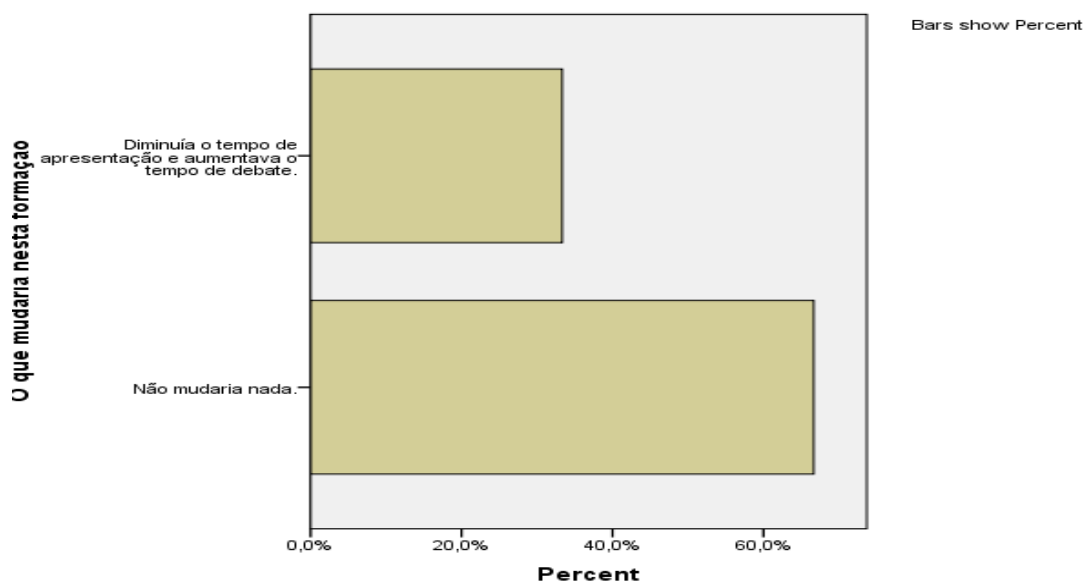


Gráfico 131:



Análise dos inquéritos aplicados na Universidade do Minho

Gráfico 132:

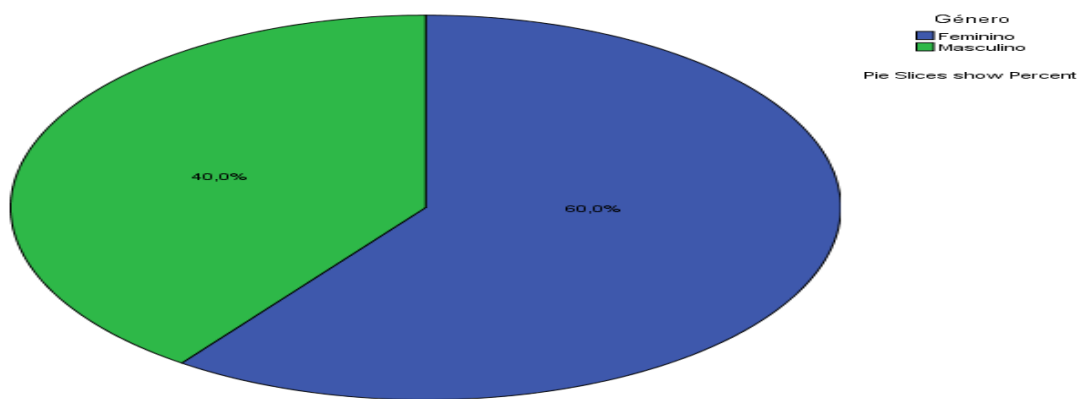


Gráfico 133:

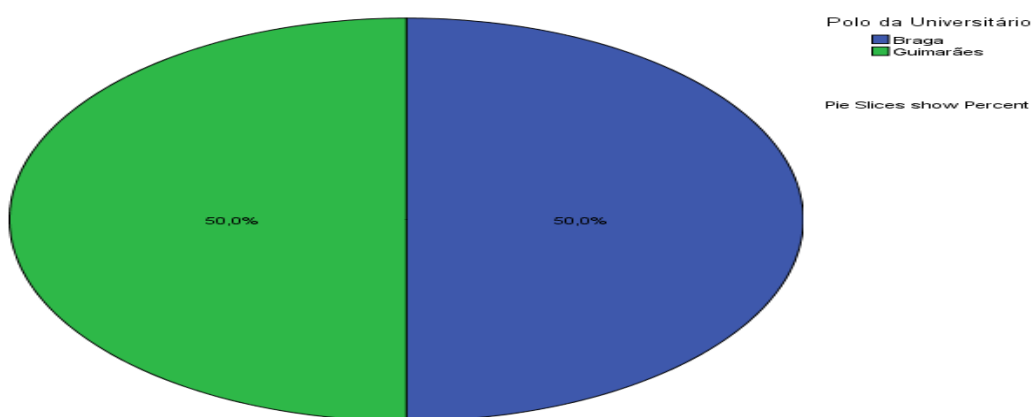


Gráfico 134:

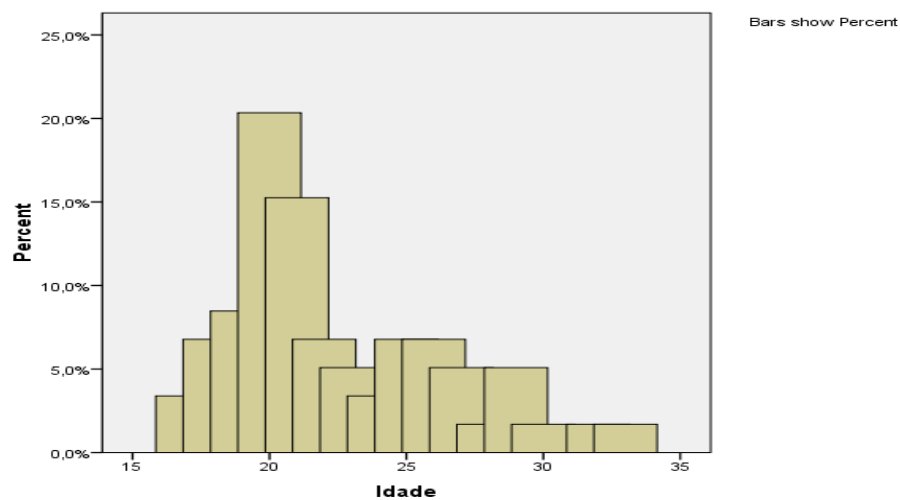


Gráfico 135:

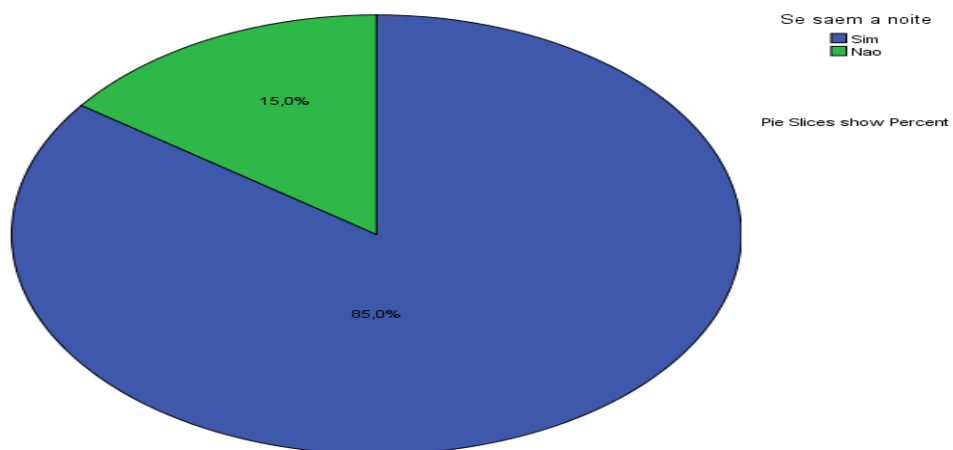


Gráfico 136:

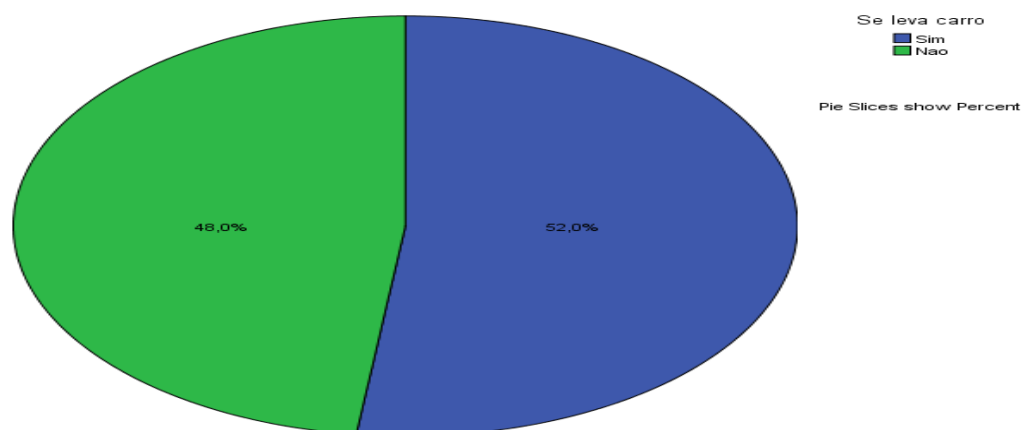


Gráfico 137:

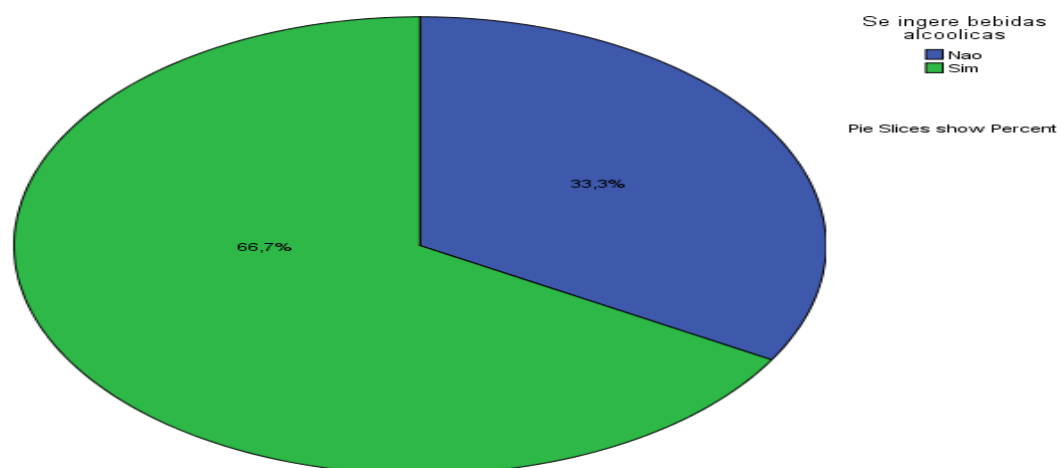


Gráfico 138:

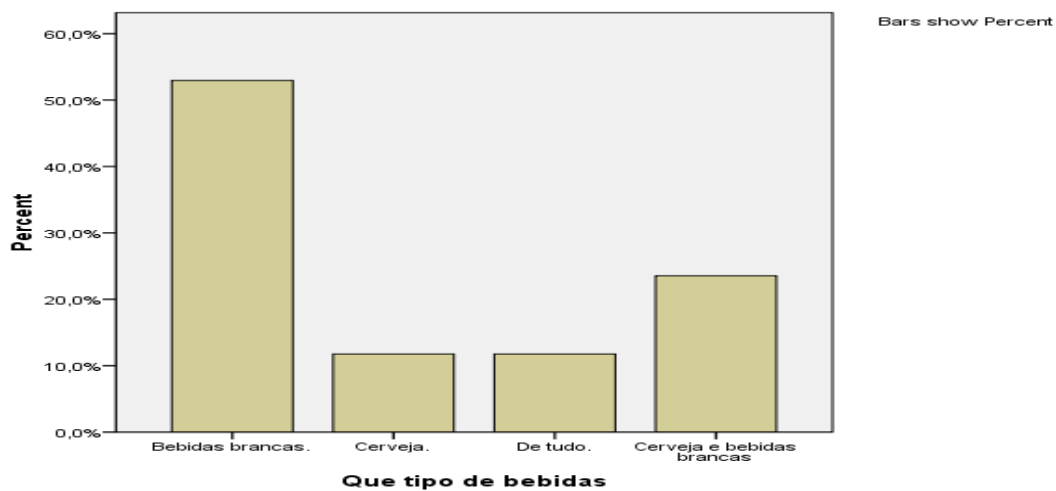


Gráfico 139:

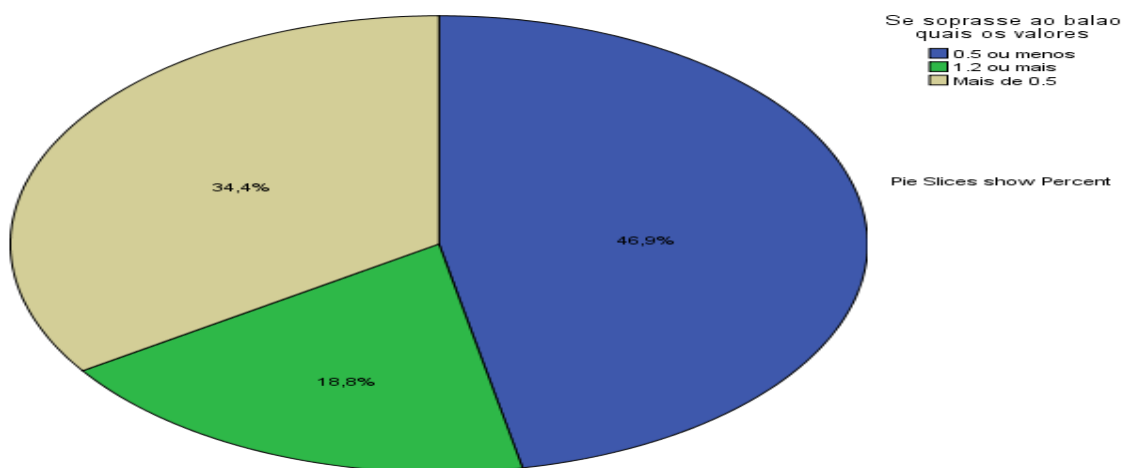


Gráfico 140:

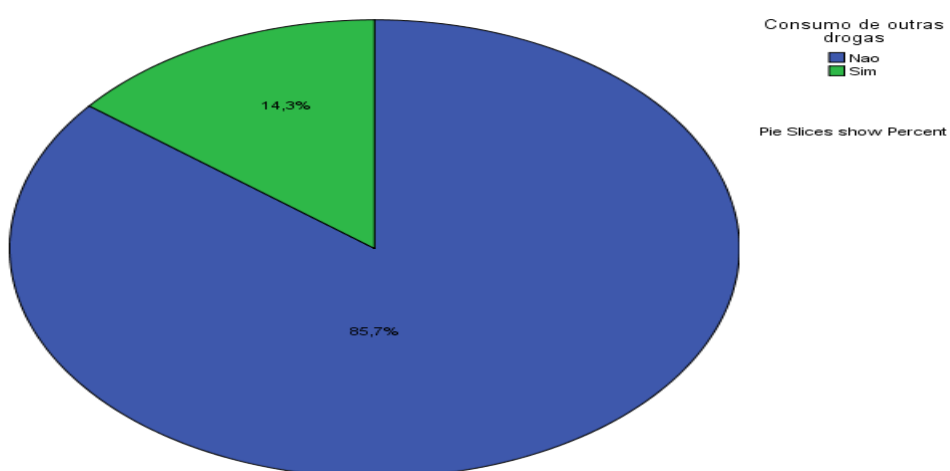


Gráfico 141:

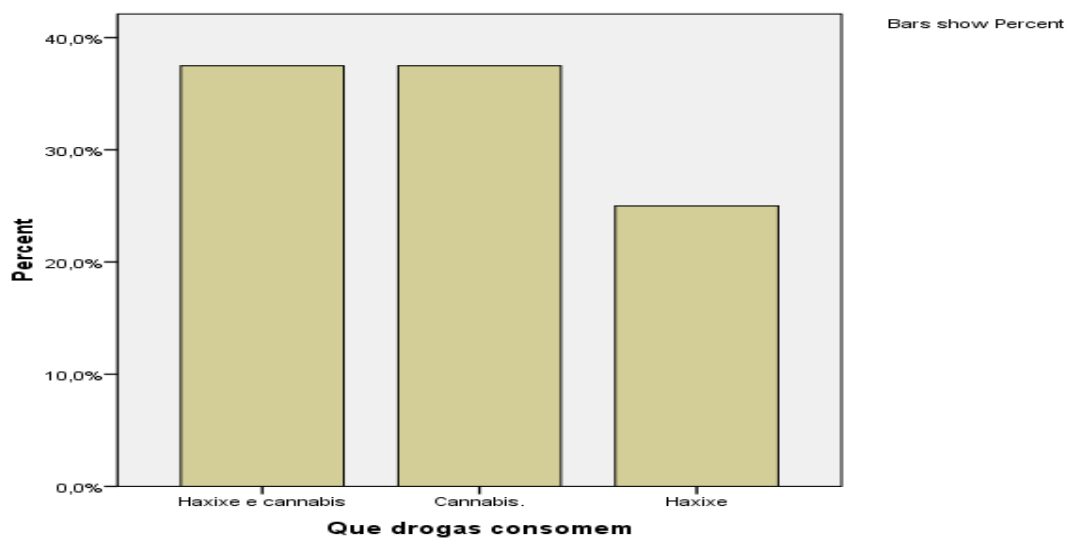


Gráfico 142:

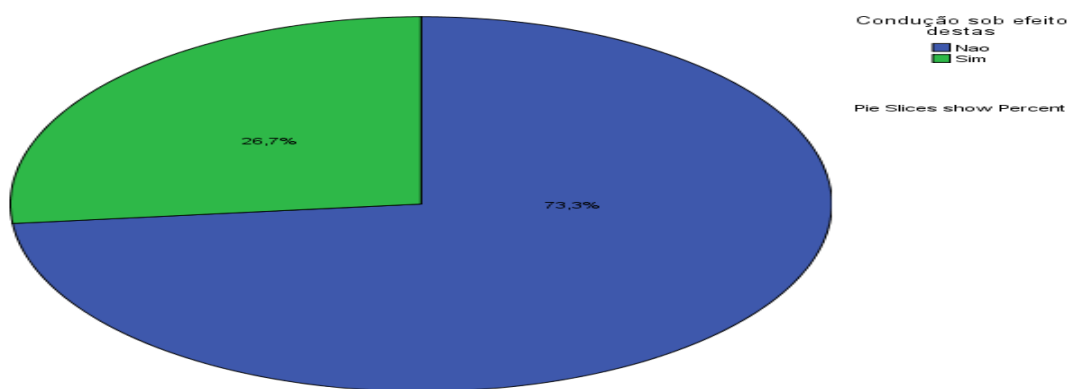


Gráfico 143:

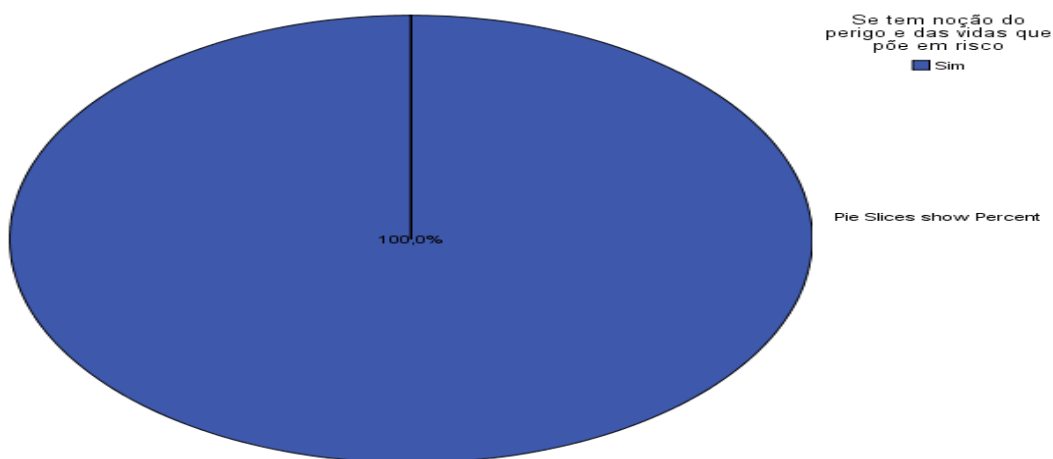
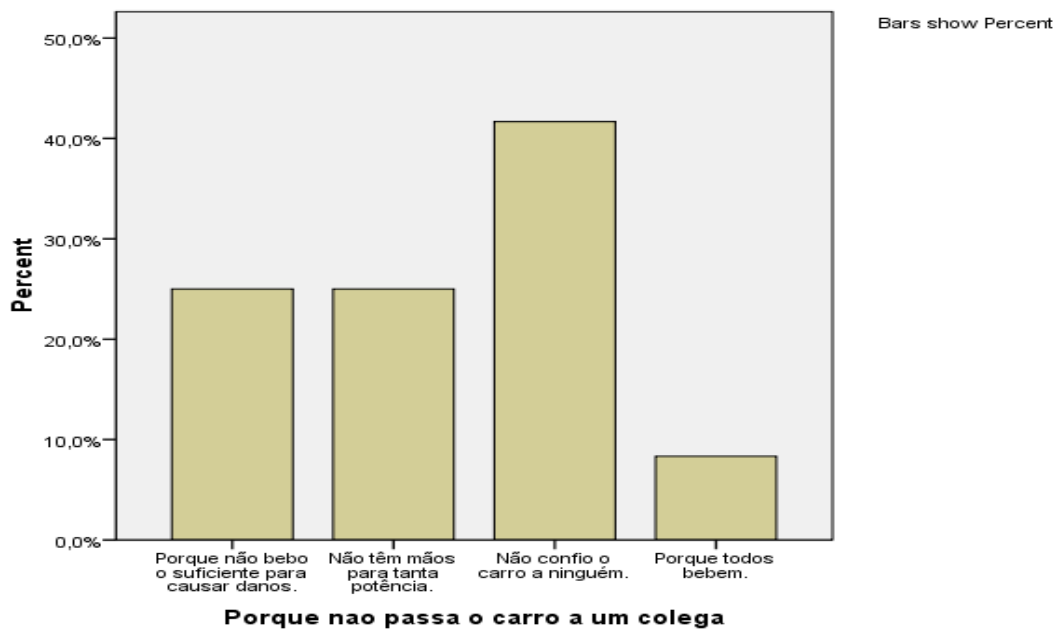


Gráfico 144:



Análise dos inquéritos violência contra idosos

Gráfico 145:

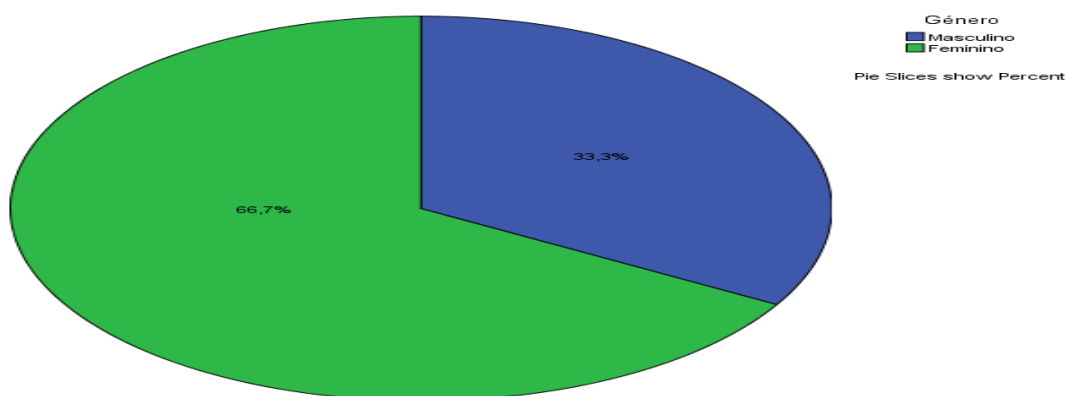


Gráfico 146:

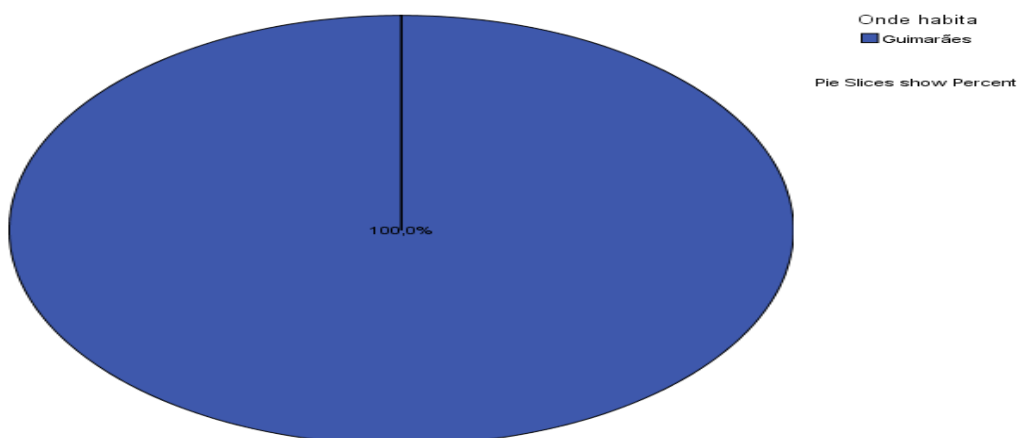


Gráfico 147:

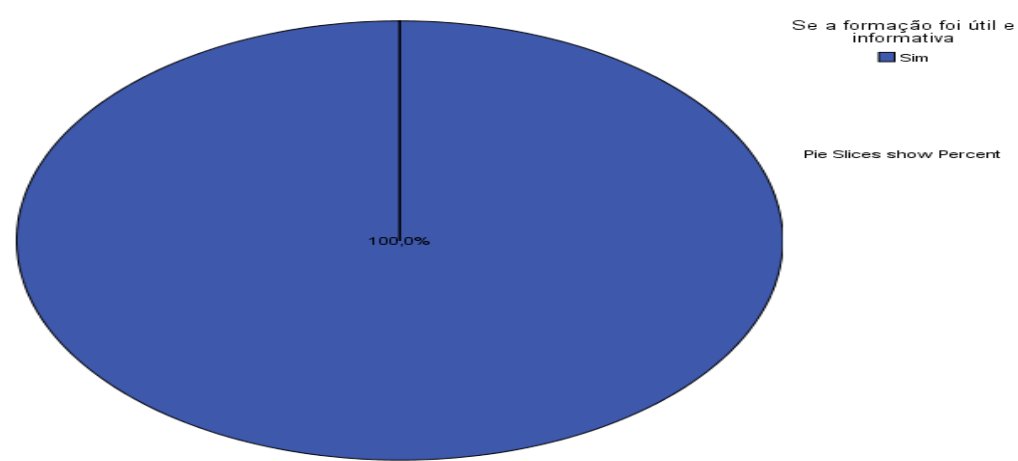


Gráfico 148:

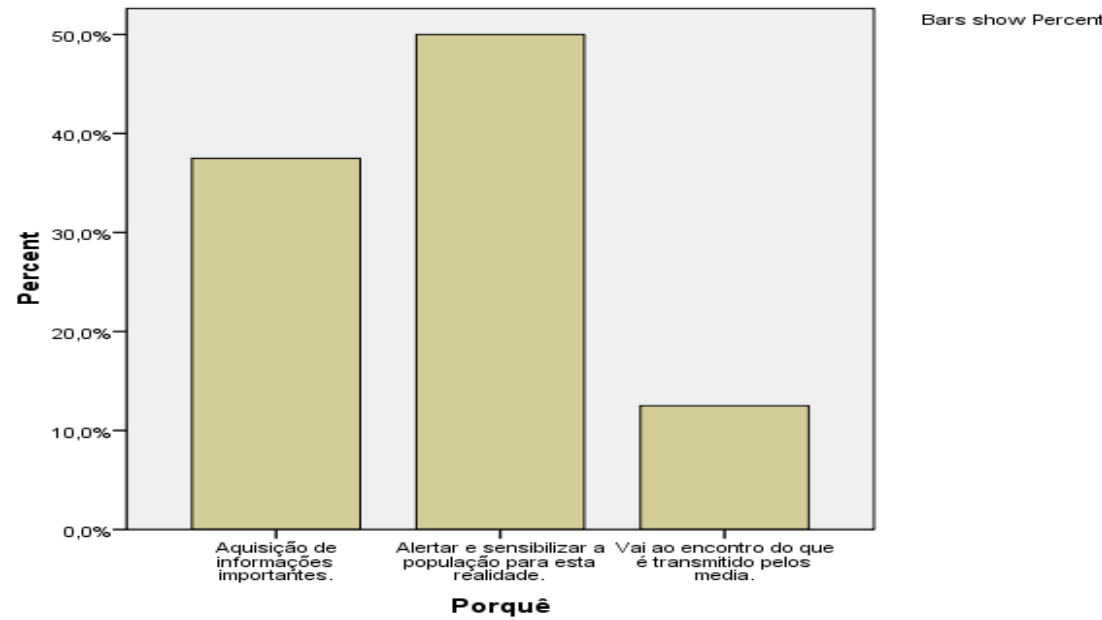


Gráfico 149:

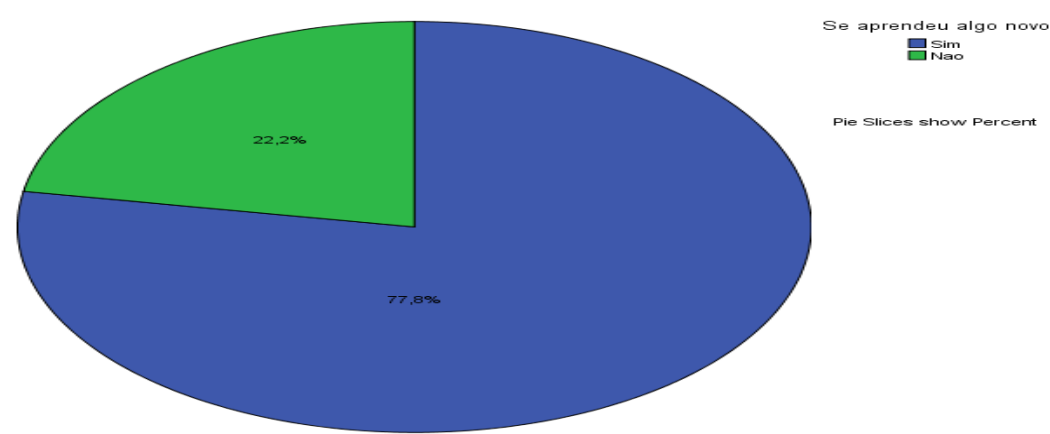


Gráfico 150:

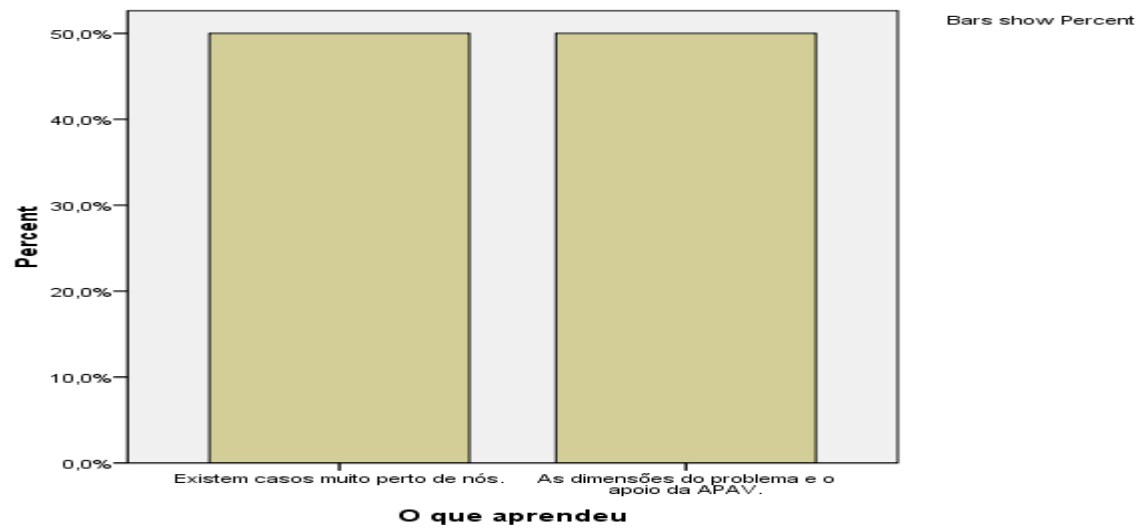


Gráfico 151:

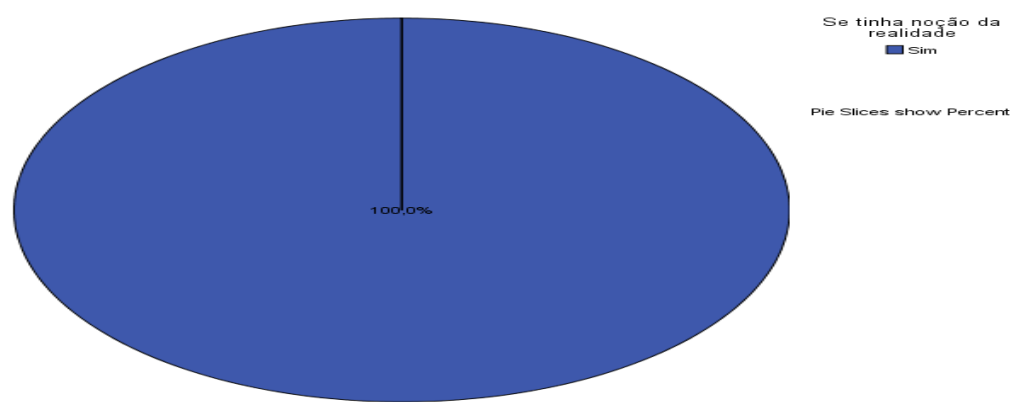


Gráfico 152:

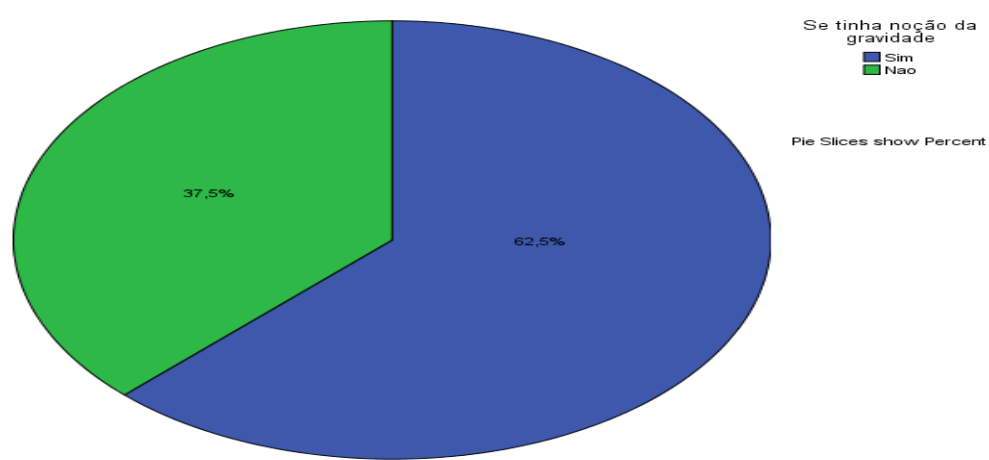


Gráfico 153:

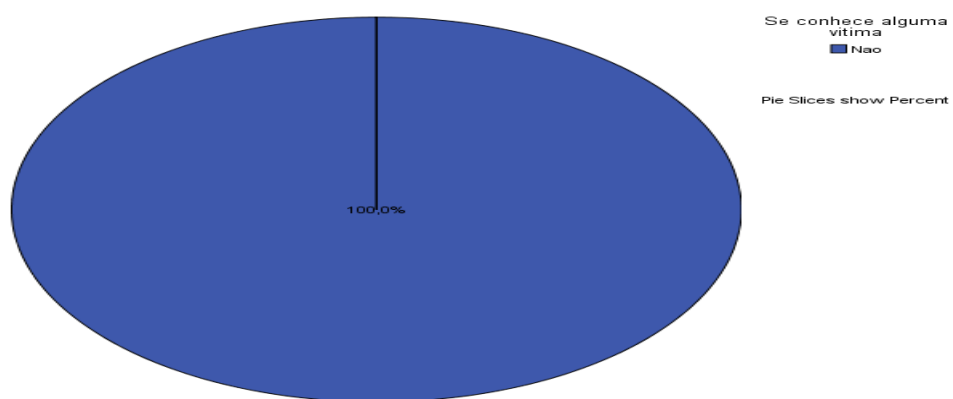


Gráfico 154:

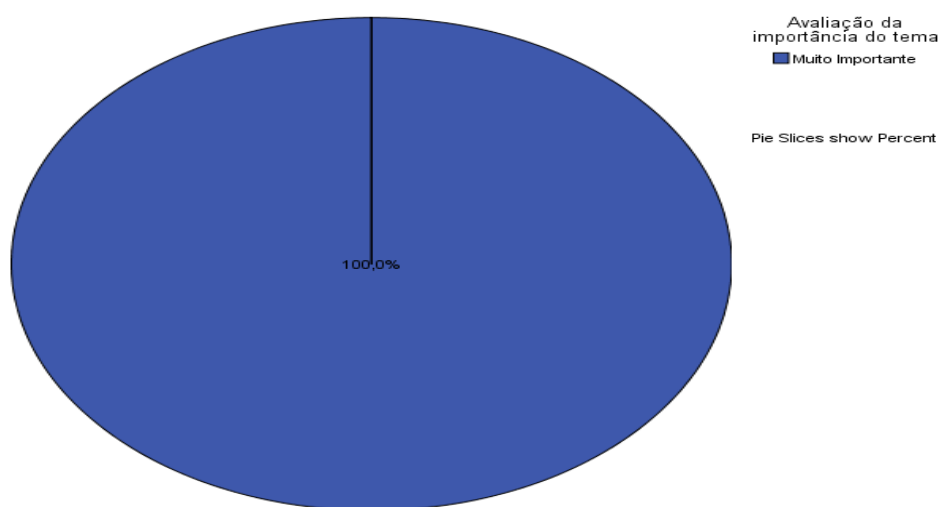


Gráfico 155:

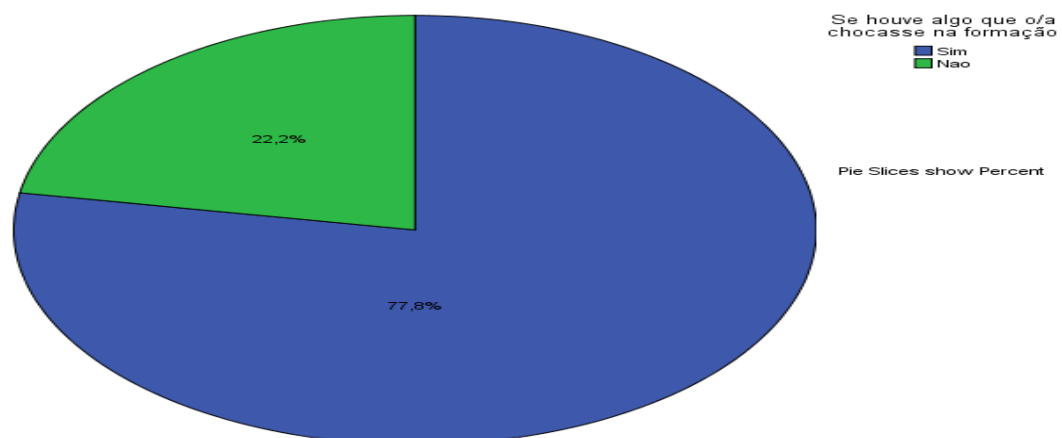


Gráfico 156:

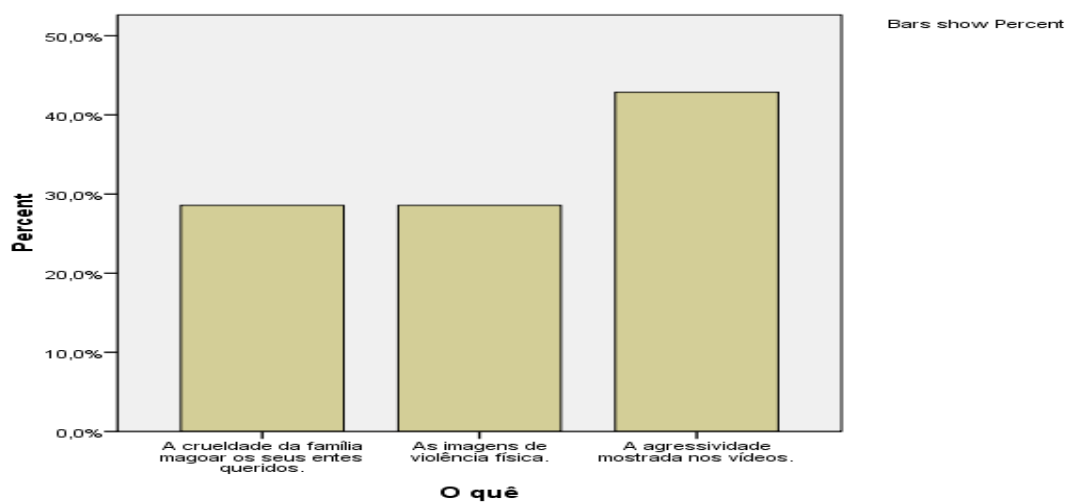


Gráfico 157:

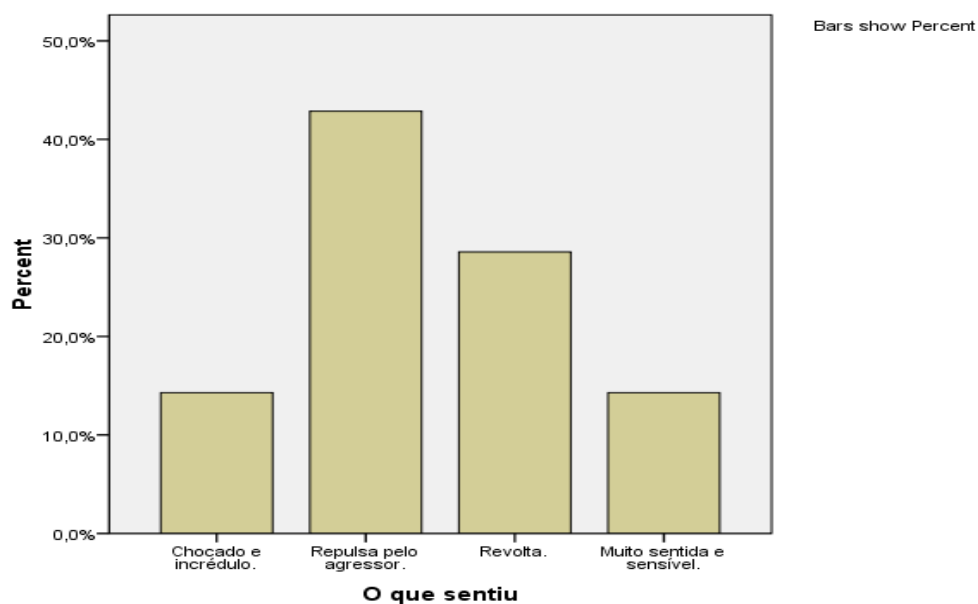


Gráfico 158:

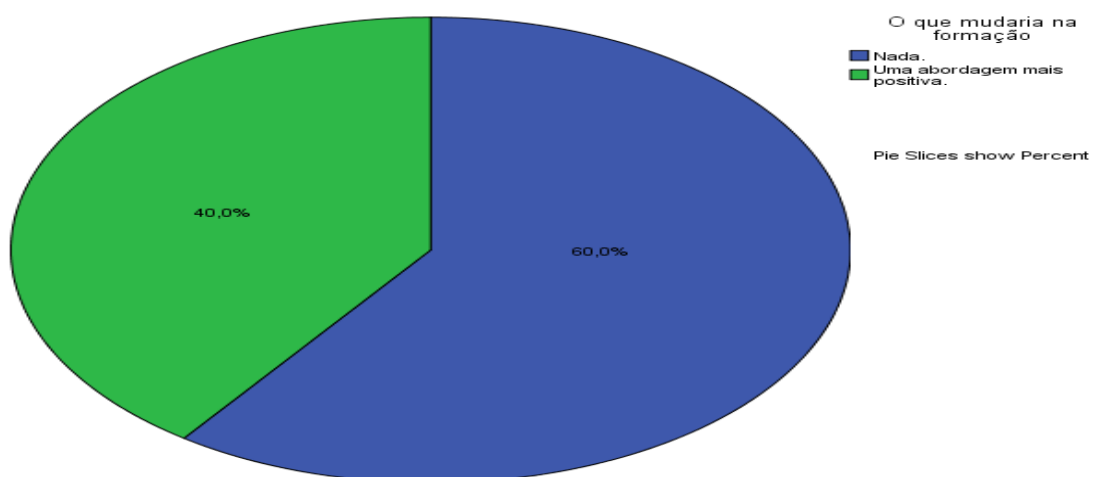


Gráfico 159:

